Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Almerindo Cardoso Simões Junior

Dos armários, fobias, discursos e resistências: cartografia das masculinidades em ambientes digitais

Rio de Janeiro
2022

Almerindo Cardoso Simões Junior

Dos armários, fobias, discursos e resistências: cartografia das masculinidades em ambientes digitais

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S593 Simões Junior, Almerindo Cardoso.
Dos armários, fobias, discursos e resistências: cartografia das masculinidades em ambientes digitais / Almerindo Cardoso Simões Junior. – 2022.
244 f. : il.

Orientador: Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso – Aspectos sociais - Teses. 2. Homossexualidade – Teses. 3. Masculinidade - Teses. 4. Corpo – Aspectos sociológicos – Teses. 5. Redes sociais on-line – Teses. I. Deusdará, Bruno. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Almerindo Cardoso Simões Junior

Dos armários, fobias, discursos e resistências: cartografia das masculinidades em ambientes digitais

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovado em 31 de agosto de 2022.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues (Orientador)

Instituto de Letras – UERJ

_____

Profª. Dra. Poliana Coeli Costa Arantes

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof. Dr. Décio Orlando Soares da Rocha

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof. Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome

Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof. Dr. Atilio Butturi Junior

Universidade Federal de Santa Catarina

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Para minha mãe, porque quando a mente não mais se lembrar permanecerá o amor.

AGRADECIMENTOS

Agradecer nem sempre é um momento fácil, já que acionamos muitas memórias e corremos o risco de ser injustos com algumas pessoas e situações, ou, com o distanciamento do tempo nem sempre as vemos como foram de fato, mas como ficaram registradas na nossa mente. A memória é seletiva e muitas vezes somos influenciados por fatores outros na efetivação desses registros.

Comecemos então: Em primeiro, a tod@s @as deus@s, orixás, guias e cigan@s que cuidam de mim. Inevitável não mencionar toda a energia espiritual que vem me acompanhando no decorrer desses anos e em minhas lutas diárias. Sei que em outro plano há um panteão sempre presente. A todas as egrégoras de luz, gratidão!

Bruno Deusdará foi o cara que topou minhas maluquices e o desafio de me orientar. Desde o primeiro contato se mostrou solícito e prestativo, me dando algo que considero muito importante nesse "casamento" orientador x orientando: liberdade.

Não posso deixar de mencionar os afetos e intervenções oriundas de nosso grupo de pesquisa. Mais do que a troca acadêmica, os acolhimentos em momentos de angústia, as risadas e os cafés na cantina do 11o andar da UERJ: Vocês tornaram o meu processo menos doloroso e mais humano. Em especial, as meninas do *Black Infinity Luxus*: Thatiana Muylaert (Salve, doutora!!) e Juliana Azevedo (qualyphykada e breve doutora) são amores já dos tempos da seleção para o doutorado. A terceira *Black Infinity* é Vivi Roux, doutoranda, escritora e sempre um sucesso - aqui ou em Paris. Aos professores Décio Rocha, Poliana Arantes e Bruno Deusdará (novamente) pelas aulas e questionamentos nas reuniões do grupo, que me faziam sair com angústias, mas me obrigavam a buscar por respostas (que algumas vezes eu encontrava e muitas, não!). Ainda, em relação ao grupo de pesquisa, não posso deixar de mencionar Vivian Pereira e Estevão Freixo, por tantas ajudas tecnológicas, trocas acadêmicas e cafés, no Rio e em Paris.

Mais uma vez agradeço a Thatiana Muylaert e Juliana Rettich, por tão generosamente compartilharem o acesso as suas teses, em um momento em que eu precisava de um pouco de inspiração para continuar escrevendo.

A Professora Sandra Bernardo que me acolheu durante a realização da disciplina obrigatória do departamento de Linguística, e cujo trabalho final de disciplina foi o embrião do segundo capítulo desse trabalho. Agradeço também a Professora Beatriz Polivanov bem

como as alunas e alunos do PPGCOM-UFF pela recepção quando lá cursei a disciplina que gerou o primeiro capítulo dessa tese.

Na banca de qualificação, mais uma vez, Professora Poliana Arantes e Professor Alexandre Cadilhe foram de uma generosidade ímpar nos cuidados com o meu texto, acalmando minhas angústias, apontando o que precisava ser melhorado e me mostrando que eu não estava tão perdido quanto imaginava. Neste momento da defesa, somam-se a el@s, os professores Décio Rocha e Atilio Butturi : a vocês, minha gratidão!

Em minha vida existem três mulheres: minha mãe, Carmen Helena, que mesmo sem entender muito e com pouquíssima instrução, sempre me apontou, com sua pedagogia torta, que a educação era o único caminho que eu teria para uma vida melhor. Aos últimos dois anos de escrita dessa tese se somaram os cuidados com o agravamento do seu quadro demencial. È um processo extremamente difícil e desgastante, física e emocionalmente, mas em nenhum momento voltaria atrás. É uma luta minha, e a abraço como deve ser feito.

Minha irmã Vanessa Simões assumiu múltiplas tarefas para que eu tivesse um pouco mais de tempo para estudar e escrever. Nossa parceria vem de longa data e me ensina que as relações fraternais são mais do que relações de sangue: vem de outros tempos e lugares. Minha sobrinha, Carmen Vitória, a quem dediquei também minha dissertação em 2006, já apresenta os frutos de ser uma mulher negra educada para a diversidade. A ela também dedico esse trabalho como possibilidade de abertura de portas e de construção de uma sociedade mais igualitária, onde negros, negras, bichas, sapatas, travas e trans, indígenas, refugiados e refugiadas, imigrantes, periféricos e periféricas tenham equidade de condições, tratamento e justiça. Orgulho e gratidão!

Reni Nascimento chegou no fim de 2021, para me ajudar a colocar ordem na casa e preparando o melhor purê de batatas da região, a fim de que eu pudesse ter um pouco mais de tempo e equilíbrio para escrever. Muito obrigado!

E por fim, mas não menos importante, meus amores de quatro patas, tod@s resgatad@s das ruas: são exemplos de amor incondicional e me ensinam que as vezes é necessário fazer como vocês – ir tomar um pouco sol, fechar os olhos e abri-los vagarosamente. Vocês me fazem melhor, meus filhotes!

A todas, todos e todes, mais uma vez, obrigado!

There's a place for us
Somewhere a place for us
Peace and quiet and open air
Wait for us
Somewhere
(…)
There's a time for us
Someday, a time for us
Time together with time to spare
Time to learn
Time to care
Somewhere
(…)
We'll find a new way of living
We'll find there's a way of forgiving
Somewhere
There's a place for us
A time and a place for us
Hold my hand and we're halfway there
Hold my hand
And I'll take you there
Somehow
Someday, somewhere

Renato Russo. Somewhere. *The Stonewall Celebration Concert*. Rio de Janeiro, EMI, 1994

Falar e cantar são duas maneiras de se fazer ouvir
A fala cura
Falar estilhaça a máscara do silêncio
Compreender que a minha voz é a voz de tantos
De tantas
Falar estilhaça a máscara do silêncio
Entender que a voz é uma arma
Entender que não é preciso portar armas
É preciso portar voz

Trecho de Elza – O Musical

RESUMO

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso. *Dos armários, fobias, discursos e resistências*: cartografia das masculinidades em ambientes digitais. 2022. 244 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta pesquisa surge, em primeiro, a partir de minhas próprias inquietações e questionamentos em relação às elaborações das masculinidades e homossexualidades nos perfis de usuários de sites e aplicativos voltados, inicialmente, para o público gay. Tomo a liberdade de chamá-los de homens que buscam encontros com homens, já que nem todos se veem como gays. Tendo como ponto de partida os modelos de masculinidades presentes no senso comum das sociedades ocidentais, observo que há uma hierarquia, onde aqueles que não se encaixam em padrões os mais próximos possíveis da masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005, 2013, 2015, 2016) são postos à margem. Raramente são objetos de desejo em um mercado com tantas opções e escolhas. Estar fora de performances consideradas como masculinas (SCHECHNER, 2013) ou ser incapaz de reproduzir atos performativos dentro do que se entende como pertencentes ao macho (BUTLER, 1997, 2003) propiciam o surgimento de "guetos dentro do gueto". Nota-se que esse processo de busca e exclusão é, mais do que uma questão de gosto pessoal, também elaborado graças a aspectos sociais e mercadológicos que valorizam determinadas características em detrimento de outras. Analisando, portanto, os enunciados produzidos pelos usuários desses espaços, entendo que as práticas discursivas são também atravessadas por discursos outros.Com base no conceito de interdiscurso, conforme proposto por Maingueneau (1997, 2005, 2013, 2015), compreendo também que os perfis são espaços de constituição do etos – das imagens de si (MAINGUENEAU, 2008, 2010, 2018), já que o sucesso dos usuários é medido por visualizações, "woofs" e "taps". Graças ao avanço da tecnologia, somos atingidos e influenciados pelo modo como as pessoas se relacionam e buscam por parceiros na era digital (BAYM, 2010), e, com o advento da web 3.0, todos somos capazes de produzir conteúdo – o que acaba por gerar formas outras de exibir a sua imagem ao mundo. Faço uso dos conceitos de rizoma e cartografia (DELEUZE; GUATARRI, 1995; PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015; ROLNIK, 2016) a fim de criar um percurso possível de análise, acabando por gerar 9 leituras de mapas a partir da observação de 54 perfis levando-se em consideração os seus enunciados. Perfazendo uma análise cartográfica do discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), concluo que os enunciados dos usuários desses sites e aplicativos estão entrelaçados a três principais instituições, não físicas, mas fortes o bastante para ditar regras extremamente arraigadas às sociedades ocidentais: o Patriarcado (BADINTER, 1986), o Machismo (CASTAÑEDA, 2006) e a Homofobia (CASTAÑEDA, 2007; BORILLO, 2010). Tais encontros entre instituições e enunciados não só promovem como perpetuam relações de gênero que ditam modelos a serem seguidos–e que excluem, rechaçam e matam corpos biologicamente masculinos que estejam distantes do ideário da masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: Masculinidades. Homossexualidades. Performances. Prática discursiva. Cartografia.

ABSTRACT

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso. *About closets, phobias, discourses and resistances*: cartography of masculinities in digital environments. 2022. 244 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

First, this research arises, from my concerns and questions regarding the elaborations of masculinities and homosexualities in the profiles of men on websites and apps created for the gay public. I take the liberty of calling them men who seek encounters with men, since not all consider themselves gay. As a starting point, I considered the models of masculinities presented in the common sense of Western societies. I observe that there is a hierarchy, where those who do not fit into patterns as close as possible to hegemonic masculinity (CONNELL, 2005, 2013, 2015, 2016) are marginalized. They are not objects of desire in this kind of market with so many options and choices. Since these men are outside of performances considered as masculines (SCHECHNER, 2013) or they are unable to reproduce performative acts which are understood as belonging to the male (BUTLER, 1997, 2003) we can witness the emergence of "ghettos inside the ghetto". It is noticed that this process of search and exclusion is, more than a matter of personal taste, also elaborated thanks to social and marketing aspects that value certain characteristics over others. Analyzing, therefore, the statements produced by men in these websites and apps, I understand that discursive practices are also crossed by other discourses. Based on the concept of interdiscourse, as proposed by Maingueneau (1997, 2005, 2013, 2015), I also understand that these profiles are spaces of the constitution of ethos—or images of the self (MAINGUENEAU, 2008, 2010, 2018), since the success of users is measured by views, "woofs" and "taps". Thanks to the advancement of technology, we are affected and influenced by the manner people relate themselves and search for partners in the digital age (BAYM, 2010). With the advent of web 3.0, all of us can produce content—which ultimately generates other ways of displaying your image to the world. I make use of the concepts of rhizome and cartography (DELEUZE; GUATARRI, 1995; PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015; ROLNIK, 2016) To create a possible path of analysis, eventually generating 9 readings maps from the observation of 54 profiles taking into consideration their statements. Performing a cartographic analysis of the discourse (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), I conclude that these statements, presented in these sites and apps are intertwined with three main institutions, not physical, but strong enough to dictate rules extremely rooted in Western societies: Patriarchy (BADINTER, 1986), Machismo (CASTAÑEDA, 2006) and Homophobia (CASTAÑEDA, 2007; BORILLO, 2010). Such encounters between institutions and statements not only promote but also perpetuate gender relations that dictate models to be followed—and exclude, reject, and kill masculine bodies that are far from the ideology of hegemonic masculinity.

Keywords: Masculinities. Homosexualities. Performances. Discursive practice. Cartography.

RESUMEN

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso. *Sobre armarios, fobias, discursos y resistencias*: cartografía de masculinidades en entornos digitales. 2022. 244 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta investigación surge, en primer lugar, de mis propias inquietudes y cuestionamientos respecto a las elaboraciones de masculinidades y homosexualidades en los perfiles de usuarios de sitios web y aplicaciones móviles dirigidas, inicialmente, al público gay. Me tomo la libertad de llamarlos hombres que buscan citas con hombres, ya que no todos se ven a sí mismos como homosexuales. Tomando como punto de partida los modelos de masculinidades presentes en el sentido común de las sociedades occidentales, observo que existe una jerarquía, donde quienes no encajan en patrones lo más cercanos posible a la masculinidad hegemónica (CONNELL, 2005, 2013, 2015, 2016) quedan al margen. Rara vez son objetos de deseo en un mercado con tantas opciones. Estar fuera de las performances consideradas como masculinas (SCHECHNER, 2013) o no poder reproducir los actos performativos dentro de lo que se entiende como perteneciente a lo masculino (BUTLER, 1997, 2003) conducen a la aparición de "guetos dentro del gueto". Se advierte que este proceso de búsqueda y exclusión, más que una cuestión de gusto personal, también se elabora gracias a aspectos sociales y de marketing que valoran ciertas características en detrimento de otras. Por lo tanto, analizando los enunciados producidos por los usuarios de estos espacios, entiendo que las prácticas discursivas también son atravesadas por otros discursos. Con base en el concepto de interdiscurso, tal como lo propone Maingueneau (1997, 2005, 2013, 2015), entiendo también que los perfiles son espacios para la constitución del ethos – de las autoimágenes (MAINGUENEAU, 2008, 2010, 2018), ya que el éxito de los usuarios se mide por visualizaciones, "woofs" y "taps". Gracias al avance de la tecnología, nos vemos afectados e influenciados por la forma en que las personas se relacionan y buscan citas en la era digital (BAYM, 2010), y con la llegada de la web 3.0, todos somos capaces de producir contenido – lo que acaba generando otras formas de mostrar tu imagen al mundo. Hago uso de los conceptos de rizoma y cartografía (DELEUZE; GUATARRI, 1995; PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015; ROLNIK, 2016) para crear una posible ruta de análisis, generando finalmente 9 lecturas de mapas a partir de la observación de 54 perfiles, teniendo en cuenta sus declaraciones. Realizando un análisis cartográfico del discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), concluyo que los enunciados de los usuarios de estos sitios y aplicaciones móviles se entrelazan con tres instituciones principales, no físicas, pero lo suficientemente fuertes como para dictar reglas sumamente arraigadas en las sociedades occidentales: el Patriarcado (BADINTER, 1986), el Machismo (CASTAÑEDA, 2006) y la Homofobia (CASTAÑEDA, 2007; BORILLO, 2010). Dichos encuentros entre instituciones y enunciados no solo promueven sino que perpetúan relaciones de género que dictan modelos a seguir, y que excluyen, rechazan y matan cuerpos masculinos alejados de los ideales de masculinidad hegemónica.

Palabras clave: Masculinidades. Homosexualidades. Performances. Práctica discursiva. Cartografía.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anúncio do desodorante Old Spice..... 35

Figura 2 - Campanha do exército brasileiro..... 35

Figura 3 - Quadro do exército norte americano..... 35

Figura 4 - Quadro da marinha norte americana..... 36

Figura 5 - Anúncio da festa “Domingo dos Ursos” 47

Figura 6 - Anúncio de cruzeiro gay..... 48

Figura 7 - Anúncio de festa..... 48

Figura 8 - Anúncio da temporada norte americana de Queer Eye..... 53

Figura 9 - Perfil selecionado do app Grindr..... 75

Figura 10 - Perfil selecionado do app Scruff..... 75

Figura 11 - Capa da revista gay francesa Têtu..... 89

Figura 12 - Village People..... 94

Figura 13 - Dzi Croquettes..... 95

Figura 14 - Claudio Tovar vestido para espetáculo do Dzi Croquettes..... 95

Figura 15 - Imagem do Espetáculo Dzi Croquettes em Bandália..... 96

Figura 16 - Revista Veja, edição de abril de 1989 – Cazuza..... 97

Figura 17 - Divisão hierárquica proposta por Fry (1982) 99

Figura 18 - Quadro resumo *Web* 1.0, 2.0 e 3.0..... 114

Figura 19 - Seção Troca-Troca Jornal Lampião da Esquina..... 117

Figura 20 - Anúncio de disque amizade..... 117

Figura 21 - Imagem de página do mIRC..... 117

Figura 22- Imagem de página do MSN Messenger..... 118

Figura 23 - App Grindr..... 122

Figura 24 - App Grindr..... 123
Figura 25 - App Grindr..... 123
Figura 26 - Bea.rs com..... 124
Figura 27 - Bea.rs com..... 125
Figura 28 - Bea.rs com..... 125
Figura 29 - Bea.rs com..... 126
Figura 30 - Bea.rs com..... 127
Figura 31 - Perfil selecionado do app Grindr..... 134
Figura 32 - Perfil selecionado do app Grindr..... 147
Figura 33 - Perfil selecionado do app Grindr..... 149
Figura 34 - Perfil selecionado do app Scruff..... 150
Figura 35 - Perfil selecionado do app Scruff..... 150
Figura 36 - Perfil selecionado do app Grindr..... 152
Figura 37 - Perfil selecionado do app Scruff..... 152
Figura 38 - Perfil selecionado do app Scruff..... 152
Figura 39 - Perfil selecionado do app Grindr..... 153
Figura 40 - Perfil selecionado do app Grindr..... 154
Figura 41 - Perfil selecionado do app Scruff..... 155
Figura 42 - Perfil selecionado do app Scruff..... 157
Figura 43 - Perfil selecionado do app Scruff..... 157
Figura 44- Perfil selecionado do app Scruff..... 158
Figura 45- Perfil selecionado do app Scruff..... 163
Figura 46- Perfil selecionado do app Grindr..... 163
Figura 47 - Perfil selecionado do app Grindr..... 164
Figura 48 - Perfil selecionado do app Grindr..... 164

Figura 49 - Perfil selecionado do app Scruff..... 165
Figura 50 - Perfil selecionado do app Scruff..... 166
Figura 51 - A Redenção de Cam 170
Figura 52 - Cartaz *Destroy this mad brute* 172
Figura 53- Capa da Vogue com Lebron James e Gisele Bündchen..... 173
Figura 54 - Capa da revista Newsweek 174
Figura 55 - Capa da revista H Magazine 176
Figura 56 - Capa da revista H Magazine 176
Figura 57 - Capa da revista G Magazine - Vampeta 177
Figura 58 - Capa da revista G Magazine - Dinei 178
Figura 59 - Capa da revista G Magazine - Alan 178
Figura 60- Capa da revista G Magazine - Reinaldo do Terra Samba..... 179
Figura 61 - Anúncio cigarro eletrônico..... 180
Figura 62 - Perfil selecionado do site Bea.rs..... 183
Figura 63 - Perfil selecionado do app Scruff..... 184
Figura 64 - Perfil selecionado do app Grindr..... 184
Figura 65 - Perfil selecionado do app Scruff..... 185
Figura 66 - Perfil selecionado do app Grindr..... 186
Figura 67- Perfil selecionado do app Grindr..... 187
Figura 68 - Perfil selecionado do app Scruff..... 188
Figura 69 - Perfil selecionado do app Grindr..... 188
Figura 70 - Perfil selecionado do app Scruff..... 189
Figura 71 - Perfil selecionado do app Grindr..... 189
Figura 72 - Perfil selecionado do app Scruff..... 190
Figura 73 - Perfil selecionado do app Grindr..... 192

Figura 74 - Capa da revista H Magazine..... 196
Figura 75 - Capa da revista H Magazine..... 196
Figura 76 - Capa da revista The Advocate – Chaz Bono 198
Figura 77 - Para ser invisível – Revista H Magazine..... 199
Figura 78 - Perfil selecionado do app Scruff 200
Figura 79 - Perfil selecionado do app Scruff 201
Figura 80 - Perfil selecionado do app Scruff..... 201
Figura 81 - Perfil selecionado do app Scruff..... 203
Figura 82 - Perfil selecionado do app Grindr..... 205
Figura 83 - Perfil selecionado do app Grindr..... 206
Figura 84 - Perfil selecionado do app Scruff..... 206
Figura 85 - Perfil selecionado do app Scruff 206
Figura 86 - Perfil selecionado do app Grindr..... 209
Figura 87 - Perfil selecionado do app Grindr..... 209
Figura 88 - Perfil selecionado do app Scruff 210
Figura 89 - Perfil selecionado do app Scruff 211
Figura 90 - Perfil selecionado do app Grindr 212
Figura 91 - Perfil selecionado do app Scruff..... 226

SUMÁRIO

	DOS PRIMEIROS PASSOS DE UMA TESE - ALGUMAS NOTAS E UMA POSSÍVEL INTRODUÇÃO PARA UM PERCURSO DE PESQUISA.....	16
1	**MASCULINIDADES, BIOPODER, PERFORMANCES E PERFORMATIVIDADES – PORQUE HÁ MÚLTIPLAS ESCOLHAS POSSÍVEIS EM NOSSOS ARMÁRIOS**.....	30
1.1	**Palavras iniciais ou de como se constitui um homem**.....	30
1.2	**Do biopoder e regulações**.....	37
1.3	**Sobre performance e performatividade**.....	41
2	**O DISCURSO – UM CONCEITO QUE RESISTE A LIMITAÇÕES**.....	57
2.1	**O que propõe a Gênese dos discursos de Maingueneau**.....	63
2.2	**Tecendo um projeto de análise e os conceitos que mais dialogam com minha pesquisa**.....	68
2.3	**O etos nos anúncios daqueles que se apresentam em sites e *apps* de HEH**.....	71
3	**GÊNERO E CORPO – DOS DIÁLOGOS À PRODUÇÃO DE HIERARQUIAS**.....	75
3.1	**O surgimento do conceito de gênero e sua relação com o corpo**.....	76
3.2	**O corpo – Breve histórico**.....	78
3.2.1	O corpo na concepção grega.....	79
3.2.2	O corpo na Modernidade e Contemporaneidade.....	82
3.2.3	O controle do corpo.....	84
3.3	**Normas contemporâneas de gênero e o corpo**.....	90
3.4	**Corpos masculinos e masculinidades**.....	93
3.5	**O gay padrão e o conceito de masculinidade hegemônica**.....	97
3.6	**O corpo e a masculinidade como *status***.....	107
4	**AS NOVAS RELAÇÕES NO UNIVERSO ON-LINE**.....	109
4.1	**A rede mundial de computadores**.....	110
4.2	**Sobre pesquisa e relações nos ambientes virtuais**.....	115
4.3	**Um breve histórico da busca por parceiros para encontros e das apropriações das relações pelo mercado**.....	116

4.4 **Sobre as escolhas relacionadas à constituição de dados e a relação público x privado nos espaços virtuais**..... 127

5 **POR UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA DOS DISCURSOS DAS MASCULINIDADES**..... 134

5.1 **Cartografia enquanto perspectiva**..... 135

5.2 **No início era o rizoma**..... 138

5.3 **Que imagens de si criam os usuários de sites e *apps* de encontros?** 143

5.4 **Leitura de Mapa 1: No feos.** 147

5.5 **Leitura de Mapa 2: Reiterando o gay-padrão - Sou culto, viajado e visitei 24 países**..... 152

5.6 **Leitura de Mapa 3: Precisamos discutir a questão do homem negro**..... 164

5.7 **Ainda relacionado ao mapa anterior: Sexualidade masculina e o universo do pornô**..... 181

5.8 **Leitura de Mapa 4: Os vacinados e higienizados - Sou viado, mas sou limpinho**..... 183

5.9 **Leitura de Mapa 5: Os posturados**..... 186

5.10 **Leitura de Mapa 6 : As afeminadas - Movimentos de resistência**..... 187

5.11 **Leitura de Mapa 7 : Sobre os corpos gordos ou precisamos falar do universo *bear***..... 192

5.12 **Leitura de Mapa 8 : A questão política**..... 200

5.13 **Leitura de Mapa 9 :O armário digital - Sou discreto e procuro o mesmo**..... 206

5.14 **Com quais discursos os enunciados dos sites e *apps* dialogam? Patriarcado, machismo e homofobia**..... 213

5.14.1 O patriarcado..... 217

5.14.2 O machismo..... 219

5.14.3 A homofobia. 221

5.15 **Para finalizar sem concluir – Linguagem como intervenção, não apenas representação** 225

PALAVRAS FINAIS, MESMO SEM UM FIM – PORQUE OUTROS CAMINHOS PRECISAM SER PERCORRIDOS..... 229

REFERÊNCIAS 235

DOS PRIMEIROS PASSOS DE UMA TESE - ALGUMAS NOTAS E UMA POSSÍVEL INTRODUÇÃO PARA UM PERCURSO DE PESQUISA

J'habite seul avec maman/ Dans um vieil appartement
Rue Sarasate
J'ai, pour me tenir compagnie/ Une tortue, deux canaris
Et une chatte
Pour laisser maman reposer/ Très souvent, je fais le marché
Et la cuisine
Je range, je lave, j'essuie/ A l'occasion, je pique aussi
A la machine
Le travail ne me fait pas peur/ Je suis um peu décorateur
Un peu styliste
Mais mon vrai métier, c'est la nuit/ Je l'exerce travesti
Je suis artiste
J'ai um numéro três spécial/ Qui finit en nu intégral
Après strip-tease
Et dans la salle je vois que/ Les mâles n'en croien pas leurs yeux
Je suis un homo, comme ils disent[1]
AZNAVOUR, Charles (*On se reveillera*, 1972)

Em 1972, no álbum *On se Reveillera*[2], Charles Aznavour interpreta a canção *Comme ils disent*. Inspirado em alguns funcionários e amigos homossexuais, e pelos movimentos pós-maio de 1968, o famoso cantor francês canta uma estória sem sarcasmos ou clichês. Trata-se de um homem que vive só com sua mãe, uma tartaruga, dois canários e uma gata. Dividindo-se entre os afazeres domésticos durante o dia, bem como ser "*um peu decorateur, um peu styliste*", é a noite que ele assume, segundo a letra da canção, a sua verdadeira atividade – uma travesti, uma artista.

Tanto a interpretação belíssima e profunda de Aznavour, como a de Lara Fabian – que regravou a canção no álbum *Em toute intimité*, em 2003 – retratam a vida de um homem dividido entre as alegrias do universo artístico e dos fins de noite num *bar-tabac* com amigos de "*tous les sexes*", bem como uma marcação bem definida entre os gêneros. Ele lava, passa, cozinha, costura à máquina – atividades que seriam consideradas características do feminino,

[1]Moro só com a mamãe em um velho apartamento. Rua Sarasate. Tenho, para me fazer companhia, uma tartaruga, dois canários e uma gata. Para deixar mamãe descansar muitas vezes, eu faço o mercado e a cozinha.
Eu arrumo, lavo, seco, e, às vezes, costuro à máquina.
O trabalho não me assusta. Eu sou um pouco decorador, um pouco estilista.
Mas meu verdadeiro trabalho é à noite. Eu sou travesti. Eu sou um artista
Eu tenho um número muito especial que acaba em pleno nu, depois do *striptease*
E, pelo salão eu vejo que os homens não acreditam em seus olhos
Eu sou um homo, como eles dizem.

[2]A canção foi lançada em dois álbuns. *On se reveillera* foi o disco produzido para comercialização. Para o álbum *Idiote Je t' aime*, de tiragem promocional, ao que parece, foi também gravada em 1972.

ainda mais se levarmos em conta o período de lançamento da música. Outra descrição que merece a atenção dá-se em relação ao seu número musical no trabalho, pois, ao se deparar com o seu número de nu integral no final do espetáculo, os homens – ou os machos, se tomar a tradução literal do francês – não acreditam no que seus olhos veem.

A letra continua com outras situações que marcam a solidão no fim da noite – com a retirada de seus cílios postiços após o fim de seu ato performático (*A l'heure où naît um jour nouveau/ Je rentre retrouver mon lot/ De solitude*[3]) – e o sonho com um homem que, neste momento, dorme na cama de outras mulheres (*Car l'objet de tous mês tourments/ Passe le plus clair de son temps/ Au lit des femmes*[4]). A este homem amado ele não pode revelar seu segredo, já que, dada a sua orientação sexual e ao papel designado a ela no contexto da época, seu amor deveria ser silenciado. Estava à margem. Para além disso, como o enunciador da canção afirma, ter inclinação emocional e afetiva por outros homens era culpa apenas e tão somente da natureza, sendo o determinismo biológico o único responsável por sua condição (*Que c'est bien la Nature qui/ Est seule responsable si/Je suis un homo, comme ils disent*[5]).

Como eles dizem, ele é um homo.

Praticamente cinco décadas de passaram desde Stonewall[6] e a gravação desta canção. Embora atualmente (decorrer de 2022) em meio a ondas de extremo conservadorismo social e religioso permeando vários segmentos da sociedade, o lugar do homossexual não é mais o mesmo circunscrito pela canção. Cuidar de sua mãe, lavar, passar e cozinhar, e atuar como travesti a noite – alimentando uma paixão proibida por um homem que dorme na cama de mulheres é uma das inúmeras – e, diga-se de passagem, para nós, distante – possibilidades do devir (vir a ser) homossexual ou de vivenciar relações homoeróticas[7].

---

[3]Quando nasce um novo dia volto para casa, para reencontrar meu pedaço de solidão.
[4]Pois a razão de todos os meus tormentos passa a maior parte do tempo na cama de mulheres.
[5]Que é mesmo a natureza a única responsável se eu sou um homo, como eles dizem.
[6]"O ano de 1969 pode ser considerado como um dos marcos na história do movimento homossexual mundial que, a partir de então, tomou uma feição mais radical. Na noite de 28 de junho de 1969, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, policiais tentaram mais uma vez fechar o bar *Stonewall Inn*, frequentado por homossexuais, localizado no Greenwich Village, em Nova York. Os policiais usaram como argumento o fato de que o local era propriedade da máfia italiana que se encontrava instalada na cidade. Muitos frequentadores foram agredidos e presos aleatoriamente. A ação policial desta noite, porém, que inicialmente era rotineira, apresentou consequências inesperadas. Os homossexuais atacaram os policiais com pedras e garrafas, gritaram frases de ordem como "Poder Gay", "Eu gosto de rapazes" e "Sou bicha e me orgulho disso". Reforços policiais foram convocados, o que chamou a atenção do bairro e da imprensa. Todos esperavam o desfecho da situação. A batalha durou cinco dias e terminou com a intervenção do prefeito, decretando o fim da intervenção policial. Pouco depois a Frente de Libertação Gay lançou o jornal *Come Out* e decretou-se este evento como o fundador do Dia Internacional do Orgulho Gay (...)" (SIMÕES JR, 2011, p.56-7).
[7]Costa (1992) prefere usar o termo homoerotismo ao invés de homossexual. Para ele, homoerotismo refere-se à possibilidade de certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica e/ou relacionar-se com pessoas do mesmo sexo, independente de assumirem ou não identidade(s) homossexual(ais).

As transformações no mundo se tornaram mais rápidas nas últimas décadas, o que não quer dizer que tais mudanças sejam lineares – são oriundas de tensões e relações de força – e, inseridos nestas muitas e múltiplas mudanças estão os novos modelos de relações sociais e de interação nas mais variadas formas, entre os mais diversos grupos. Da busca de parceiros em festas, saunas e casas de amigos dos anos 70 dos séculos XX – sem esquecer dos anúncios dos balcões sentimentais nos classificados dos jornais - além de maior liberdade sexual, passamos ao advento da AIDS e ao discurso do "câncer *gay*" – uma década de arrefecimento e de encolhimento do "*coming out*[8], e, principalmente, da tentativa de desvinculação de muitos homossexuais à imagem da doença. Datam desta década também o início da discussão das homossexualidades no ambiente universitário, em especial vinculadas ao universo do vírus. Há uma aproximação com os estudos de gênero – não nos esqueçamos de que mulheres começaram a ser infectadas por seus parceiros - e um crescente debate relacionado aos estudos *gays* e lésbicos, em especial nas universidades norte americanas.

Os anos 90 trazem como que um renascimento para a população homossexual, graças ao surgimento dos primeiros medicamentos para tratamento das consequências do vírus. Muitos ainda morriam em decorrência das doenças oportunistas que advinham do enfraquecimento do organismo causado pela doença e grande ainda era o terror causado pelos discursos médico, midiático e da igreja – mas ainda havia uma certa probabilidade de sobrevida com alguma qualidade, e a esperança de que novas drogas fossem testadas com sucesso.

A grande revolução, porém, nas interações entre homossexuais dá-se alguns anos depois, no fim da última década do século XX, com a advento da internet. A começar com as salas de bate papo e em seguida com plataformas de conversação on-line como IRC, MIRC ou o Messenger, além das salas de bate papo, indivíduos poderiam se conectar sem sair de casa, com outros de quaisquer lugares do Brasil ou do mundo e – ainda melhor – de forma anônima. Não era mais necessário, pelo menos num primeiro momento, uma interação face a face. O único instrumento para contato com o outro, neste primeiro momento, era a palavra.

A evolução das salas de bate papo e das plataformas de conversa para os sites e em seguida para os aplicativos – graças a tecnologia dos *smartphones* – foi muito rápida. Em menos de duas décadas, podemos hoje interagir através, não apenas da palavra, mas principalmente através da imagem – e não somente – mas também através de áudio, *webcams*, ou todas estas ferramentas em conjunto, propiciando um encontro quase que real (e até que

[8]Referente ao ato de sair do armário, assumir-se.

ponto não seria) com indivíduos de qualquer lugar do globo. O *sexting*[9] é hoje uma prática – especialmente em tempos de pandemia.

Desta forma, mediados pela tecnologia em quase todos os ambientes em que vivemos, os sitesde relacionamento e aplicativos de encontros são cada vez mais presentes como lugar de socialização. Seja para flertes, namoros, sexo, bate-papo, estes *sites* e aplicativos, – desdobramento das antigas salas de bate papo – surgiram com a promessa de maior possibilidade de encontros e da construção de uma rede de sociabilidade. Mas, será que isso se deu de forma efetiva?

Dada a fluidez das subjetividades nesta segunda década do século XXI, onde a cada ano uma letra é acrescida à sigla referente à população não heteronormativa, seria de se esperar que estes espaços fossem de múltiplas representações da diversidade humana em suas várias formas de ser e de estar no mundo. Mas não é bem isso o que acontece. Em primeiro, é interessante observar que muitos dos usuários não se consideram gays. Inclusive há uma tendência cada vez maior destes usuários se identificarem como homens cisgêneros, sendo essa a denominação que se refere aqueles que se identificam, em todos os aspectos, com seu gênero de nascimento. Me parece, portanto, que só determinado grupo de homens são bem-vindos nestes espaços. Sigamos...

Nos discursos do ciberespaço, entretanto, em especial entre estes homens que buscam encontro com outros homens (HEH)[10], observei algumas constantes em seus textos de apresentação - uma das primeiras formas de exposição, de saída do mundo virtual para o real. Há uma supervalorização do masculino, da juventude e do acesso a determinados bens, conforme veremos em vários dos perfis. Esses sujeitos são veiculadores de enunciados que possibilitam enorme entrecruzamento de informações, reverberando relações de poder.

Refletindo, assim, sobre a enorme possibilidade de canais e recursos na busca de parceiros sexuais, encontros e amizades, algumas considerações e perguntas merecem ser feitas em relação a estas mídias cada vez mais comuns para tantos: que deslocamentos e ressignificações são possíveis e encontrados nos enunciados desses sujeitos, e que relações de poder (sexo, classe, raça) são mantidas ou (re)elaboradas nos enunciados dessas pessoas?

[9]Junção dos termos em inglês *sex* e *texting*, referindo-se à divulgação de conteúdos eróticos – textos, imagens, fotos, vídeos – em especial através do celular.

[10]Para facilitação e fluência da leitura, preferi usar o termo HEH para me referir a Homens que buscam encontros com homens. Não uso o termo HSH (Homens que fazem sexo com homens), já consagrado em alguns estudos, pelo fato de que nem todos os sujeitos usuários de *sites* e aplicativos buscarem sexo, considerando anúncios dos próprios usuários. Também evito o uso de sites gays ou homossexuais, pois nem todos os usuários se veem sob essa categoria, embora seja claro que boa parte destes veículos surgiram com o intuito de socialização entre homens gays, me parece que nem todos se veem debaixo desta categoria.

Entendo que pela linguagem constituímo-nos como sujeitos, e que também somos reflexos de uma sociedade e de uma época. Nossos enunciados estão atrelados a uma memória discursiva e as instituições que regulam um determinado *modus vivendi*. Através dos mecanismos constituídos para análise desses discursos, pode-se verificar de onde esses sujeitos falam e que tensões e relações de poder estão implícitas/inseridas em suas vozes.

Esta pesquisa, surge, em primeiro, a partir de minhas próprias inquietações e questionamentos em relação às elaborações das masculinidades e homossexualidades nos vários discursos. Já em minha dissertação de mestrado, analisei os discursos dos leitores que escreviam para a seção Cartas na Mesa, veiculada no jornal Lampião da Esquina – primeiro jornal *gay* de circulação nacional, vendido nas bancas em plena ditadura militar. Pensar sobre os discursos dos *sites* e, posteriormente dos *apps*, surgiu em um segundo momento, quando aluno do curso de Especialização em Gênero e Sexualidade do CLAM / IMS / UERJ. O projeto permaneceu engavetado por alguns anos, até a oportunidade de apresentá-lo ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UERJ – e desenvolvê-lo a título de tese de doutorado.

Proponho, assim, amparado nos estudos da Análise do Discurso, um novo olhar sobre os enunciados produzidos por sujeitos em sites e aplicativos de homens que buscam encontros com homens, numa tentativa de entender as tensões e relações de poder de uma lógica que, através da palavra, hierarquiza, classifica, domina e exclui, e da possibilidade de compreender os movimentos de resistência e (re)significação das múltiplas masculinidades e homossexualidades.

Em meados dos anos 60 e 70 do século passado jornais como O Snob e o Lampião da Esquina traziam notícias sobre a comunidade gay e abriam espaços para encontros sociais e afetivos através de sua seção de cartas dos leitores. Com a popularização das linhas telefônicas temos o surgimento dos disque papo, disque paquera ou disque amizade. A internet, em fins dos anos 90 e início desse século, abre espaço para os *chats*. Surgem sites especializados na comunidade homossexual e outros com seções exclusivas para esse público. Há desde textos educativos, contos eróticos, roteiros de viagens para grupos específicos, direitos da comunidade, bem como a possibilidade de encontros para sexo casual ou relacionamento sério. Não só os jornais, bares e saunas são espaços que possibilitam encontros. Sites como o par perfeito do Yahoo, Amigos Virtuais do Terra, Zoosk ou Be2 tem entre seu universo de usuários indivíduos que procuram outros com a mesma orientação sexual – ou homens que buscam encontrar outros, mas não se consideram homossexuais. Outros quase que exclusivamente gays são o gaydar, o manhunt, o disponível, o M4M e o

bea.rs. Ainda destaque deve ser dado aos aplicativos, meios de encontro e socialização rápido, num mundo de relações líquidas: grindr, tinder, scruff, hornet e badoo são aplicativos que requerem poucos minutos de instalação, onde usuários se apresentam com poucas palavras e fotos muitas vezes picantes.

Essa enorme variedade de mídias para o público de HEH, porém, nem sempre têm acompanhado as inúmeras possibilidades e oportunidades de variantes identitárias – vinculadas às muitas possibilidades de orientações afetivo e sexuais na atualidade - o que acaba por reforçar questões de hierarquia. Citações em perfis de sites de relacionamentos ou aplicativos como "descarto gordos, negros, velhos e afeminados" ou outras não tão explícitas como "quero alguém que cuide do corpo e da mente", "busco alguém que more na Zona Sul" – no caso da cidade do Rio de Janeiro - ou "busco um igual" são constantes, e reforçam uma forte tendência de reprodução de modelos machistas e de busca de uma masculinidade hegemônica[11], sem falar no preconceito de raça e social. Tal atitude propicia a repetição de velhos clichês contra os quais o movimento homossexual lutou desde seu início: o machismo e a homofobia, além do retorno à abordagem de identidades de gênero próximas do sexo biológico. Essa abordagens de gênero acabam por gerar uma construção ideológica que consiste em uma certa linha de demarcação, que cria como que dois únicos polos possíveis, masculino e feminino em termos de sexualidade–ou, em termos de usuários dos sites e *apps*, os masculinos, joviais e viris e os afeminados, velhos, feios e pobres – e os que estão entre esses dois, movendo-se em direção a um ou outro polo, em busca do status conferido pela masculinidade hegemônica ou oferecendo movimentos de resistência em relação ao *status quo*.

Essa homofobia internalizada, se é que podemos chamá-la assim, acaba por promover o que Borillo (2010) chama de hierarquização das sexualidades. Convém ainda mencionar que, amparados por um forte cunho mercadológico, estas mídias hoje acabam por perpetuar um modelo de masculinidade dentro da comunidade homossexual que "consome" certos produtos ou serviços, "vendendo" uma certa imagem. Esse modelo de homossexual masculino já vem sendo identificado, principalmente no debate veiculado por "*youtubers*" como *gay* padrão ou *gay* padrãozinho.

[11]Faço uso aqui do termo empregado por Connell (2005) para referir-me a um modelo de masculinidade idealizado e legitimado pelo discurso dominante.

Por estranho que possa parecer, as representações homossexuais baseadas no modelo igualitário do "entendido", segundo nos relata Fry[12] (1982), acabam, assim, na contemporaneidade, por rechaçar todo/a aquele/a que não pareça *semelhante*, provocando, portanto, um processo de homogeneização – ou pasteurização - da diversidade.

Esta pasteurização me parece cair novamente na velha divisão binária de gênero – aquela mesma que até o início dos anos 70 do século passado considerava o homossexual como uma caricatura da mulher, sendo sua única maneira possível de existir no mundo aquela descrita na música de Aznavour.

Dentro dessa divisão binária, de sujeitos considerados masculinos/as ou femininos/as, os usuários dos *sites* de relacionamentos *gays* na internet (ou daqueles que buscam interação com outros homens) reagem de forma a rejeitar todos aqueles que não se encaixam num modelo hegemônico, único de masculinidade, chegando a posturas mesmo de aversão em relação àqueles que não são "semelhantes", como observado nos exemplos abaixo[13]apenas a título de ilustração neste momento.

> **Procuro um cara macho como eu.**
> Tenho ,m , kg, anos, saradinho, adoro malhar e atividades esportivas. Nível superior, bem dotado, sou macho de verdade. Adoro uma agarração forte de macho, isso que estou procurando. (DISPONÍVEL, acesso em junho de 2018)

Graças à popularização da internet, não é mais necessário preparar-se e sair de casa para encontrar-se com outros/as. De posse de um computador, pode-se interagir em tempo real com outras pessoas, o que acaba por se tornar mais "real" se os interlocutores estiverem de posse de microfones e câmeras de vídeo, muito destes recursos já embutidos nos smartphones ou iphones. Para sujeitos com desejo homoeróticas que até poucas décadas possuíam poucas opções de lugares possíveis para encontros, a dinâmica da *web* oferece uma ampla possibilidade de interação tanto na busca por "iguais" em especial para aqueles que moram em cidades médias ou pequenas, bem como para aqueles sujeitos que não querem se expôr "fora do armário". A rede, assim, se apresenta como uma nova fonte de socialização e busca de parceiros para os mais diversos fins, exigindo novas formas de textualidade, enunciados outros e cenografias específicas para um ambiente multimodal, que agrega texto,

[12]Segundo Fry, este novo modelo difere do sistema "bicha/bofe" – um com características mais femininas, que é penetrado e segundo o jargão popular seria a mulher da relação, e outro com características mais masculinas, que penetra, que passaria por heterossexual, inclusive podendo ter relações com mulheres - já que postula a possibilidade e a aceitabilidade de relações sexuais-afetivas entre indivíduos *semelhantes* (1982, p.94).

[13]Os exemplos serão reproduzidos em suas formas e grafias originais, inclusive letras maiúsculas, outras marcações gráficas, desvios da norma culta, expressões típicas da linguagem virtual, erros de digitação, dentre outros.

imagem, áudio, dentre outros recursos. Faz-se necessário a elaboração de um etos[14] atraente, capaz de seduzir possíveis parceiros diante da enorme gama de possibilidades. É preciso performar um verdadeiro show do eu, tomando emprestado o título do livro de Paula Sibilia (2008).

Ainda há uma certa lacuna de trabalhos voltados para as questões do ciberespaço, embora estes venham apresentando um crescimento considerável nos últimos anos - A título de exemplo, posso citar pesquisas como as de Parreiras (2008), Nogueira (2012), Bonfante (2015), Miskolci (2013, 2015, 2017), dentre outras. Boa parte delas apresentadas a programas de pós-graduação em antropologia, sociologia ou estudos culturais. Poucas apresentam como referência teórica os estudos linguísticos. Das citadas acima, somente a de Bonfante foi apresentada em um programa de pós-graduação em linguística aplicada.

Ao deparar-se com as realidades chamadas de virtuais e o fato do estar ou não on-line, novas questões podem ser elaboradas e novas dinâmicas exigidas na busca por respostas na tentativa de tomar o ciberespaço "como espaço simbólico de comunicação, interação e sociabilidade" (PARREIRAS, 2008). Ainda, segundo a autora:

> Deste modo, este espaço só ganha significação a partir das práticas e vivências dos usuários, os quais estão durante todo o tempo desenvolvendo entre si (e com o próprio aparato tecnológico) diferentes tipos de relações, algumas delas circunscritas apenas ao virtual e outras que extrapolam os contatos mediados por computador (PARREIRAS, 2008, p.02).

Como meio de interação entre esses sujeitos, observam-se as várias tensões produzidas nos enunciados, reflexo das próprias relações de poder presentes na sociedade. Assim, uma pergunta inicial, que se desdobra em várias outras, me inquieta no percurso desse trabalho: Que sentidos são produzidos por homens que buscam encontros com homens nos sites e aplicativos inicialmente voltados para o público gay?

Outros questionamentos então me vêm à mente, ainda retomando e dialogando com aqueles apresentados no decorrer deste texto: Que imagens discursivas são produzidas sobre as várias masculinidades e homossexualidades nestes sites e aplicativos? Que tensões e relações de poder são constituídas no âmbito da linguagem? Com que outros enunciados dialogam? Que imagens elaboram de si e dos outros? Quais sujeitos são silenciados? Que (des)territorializações e que (re)significações promovem? Que subjetividades constroem?

[14]Sobre a grafia de etos, sem h, de forma aportuguesada, apresentarei maiores detalhes no decorrer do texto. Adianto que a proposta dessa forma de grafar o termo está em consonância com Deusdará, Rocha e Arantes (2019).

E, num aspecto mais específico: estariam os sujeitos participantes destas mídias reforçando enunciados homofóbicos, machistas e mantenedores das hierarquizações de gênero? De um modo geral, estariam os sujeitos desses sites supervalorizando os construtos sociais que são considerados típicos do masculino em detrimento daqueles que são considerados típicos do feminino? Como se dariam as diversas hierarquizações dentro das diversas masculinidades e homossexualidades?

Tomando-se como ponto de partida as construções presentes no senso comum das sociedades ocidentais, que buscam classificar e rotular os indivíduos em trajetórias sociais rígidas e intransponíveis, onde aqueles/as que não se encaixam em padrões pré-estabelecidos são postos à margem e considerados exceções, percebo que tal ideário hoje também permeia os espaços da web2.0, onde a busca por aceitação e a tentativa de minoração da discriminação propicia o surgimento de "guetos dentro do gueto". Nota-se o claro processo de exclusão daqueles não considerados normais, pois, como muitos usuários descrevem em seus perfis, sua busca é por pessoas "normais", ou que se trata de uma questão de gosto pessoal. Faz-se necessário, portanto, refletir sobre o que significa essa "normalidade" ou de como esse gosto pessoal é construído também através de aspectos sociais e mercadológicos que valorizam determinadas características em detrimento de outras. Assim

> Para podermos refletir a respeito desses mecanismos e lidar com eles em situações cotidianas, é preciso reconhecer os discursos e práticas que tomam como naturais ou estritamente pessoais questões que são políticas e sociais, onde estão implicados os direitos humanos das pessoas (CARRARA ET AL,2010, p.27).

A pesquisa então, se encontra numa encruzilhada. Como definir o que é normal e o que não é, já que o normal é construído (SILVA, 2015)? Como estes sujeitos se dizem "discretos e fora do meio", se para se ter conhecimento deste universo dos encontros on-line, faz-se necessário estar inserido em um meio? Afinal, estes sites e aplicativos, graças ao forte cunho mercadológico associado ao *pink money*[15], são anunciados em salas de bate papo, revistas, páginas da internet, voltados para este público. Como conduzir este trabalho em busca de possíveis respostas?

A possibilidade que procuro nesta trajetória é a de praticar o exercício de, em primeiro, avaliar meus afetos. Explicando-me melhor, não caímos de paraquedas sobre a

[15]Literalmente dinheiro rosa. Referência ao alto poder de compra de alguns homossexuais. Alguns, por não se casarem e não terem filhos, teriam renda média maior que a média da população. Para maiores informações sobre os padrões de consumo gays, conferir Nunan (2003).

pesquisa. Somos afetados por ela. Ela sempre nos diz algo. Tem o nosso olhar de pesquisador/a. Carrega um pouco – ou muito – da nossa maneira de ser e estar no mundo. Ela também é afetada por nós. Estamos diante, portanto, de um processo de desterritorialização, já é preciso traçar um novo - ou novos caminhos. Um novo mapa de percurso.

Nesta cartografia do território, busco depreender como se dá a construção do desejo neste universo de HEH e como esta elaboração está atrelada a determinadas instituições. Explicitando melhor: se, para Deleuze, como também explicitado em Rolnik (2016), o movimento do desejo é semiótico, e não há desejo sem que ocorra um agenciamento, que sentidos são produzidos, quais dispositivos aciona e como tais corpos são agenciados? Rolnik (2016, p.37) afirma que "o processo de produção do desejo é o de uma energia semiótica. Agenciamento dos corpos, movimento de criação de sentido para efetuar essa passagem – tudo acontecendo ao mesmo tempo".

Deleuze & Guattari (1995) afirmam que o agenciamento está diretamente ligado a estilos de enunciação, e ao movimento de territorizalização (adentrar um espaço), e desterritorialização (sair deste espaço). Como no ato de entrar em um site ou *app*, descrever-se - dentre as possibilidades que cada site ou *app* oferece em termos de descrição pessoal -, postar fotos ou outras imagens, "navegar"- visitando outros possíveis sujeitos que lhe despertem interesse - e sair dos mesmos, oferecesse aos indivíduos um agenciamento que direciona seus desejos a um outro. Esses múltiplos e vários discursos nos apontam para um modelo de masculinidade valorizado, que desperta desejo em outros homens e também em mulheres – é a dupla supremacia do macho. Este modelo de masculinidade é valorizado não só social, mas também em seu aspecto político e mercadológico.

O desejo assim segue um percurso pré-individual, individual, grupal e/ou de massa (ROLNIK, 2016, p.57), num processo de constituição complexa. Expostos a modelos socialmente valorizados do masculino – em geral exibidos pela mídia -, estes sujeitos direcionam seu desejo para seus pares, seus iguais, gerando um movimento de agenciamento de certos modelos de corpos, certos sentidos e certos *profiles*[16] que tem muito maior visibilidade, ditando os usuários desejados e outros nem tanto. Desta forma, o desejo destes usuários, determina a produção de um real social: Homens que são dignos de serem desejados e outros que não o são, propiciando, dentre as muitas masculinidades possíveis, uma hierarquia.

[16]Perfis de usuários nos sites e aplicativos.

Dessa maneira, podemos pensar em um movimento contínuo e constante onde desejo – sociedade – discurso estão intrinsicamente relacionados, como que se retroalimentando, onde a todo o tempo um se direciona ou se encaminha em direção ao outro, ressignificando territórios e agenciando corpos, traçando novos mapas a serem percorridos por quem se debruça sobre este tema. Rolnik exemplifica muito bem esse processo extremamente interligado quando afirma que

> ...não existe sociedade que não seja feita de investimentos de desejo nesta ou naquela direção, com esta ou aquela estratégia e, reciprocamente, não existem investimentos de desejo que não sejam próprios movimentos de atualização de um certo tipo de prática e discurso, ou seja, atualização de um certo tipo de sociedade. (ROLNIK, 2016, p.58)

Convém mencionar que o ato de cartografar tais movimentos de elaboração do desejo - refletidos no discurso, e que repercutem em certas formas de ser ou estar inserido em uma sociedade – apresenta novas formas de se pesquisar no universo das ciências humanas. Já há documentação do processo de pesquisa cartográfica e de uma maior intervenção⁄ aproximação do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa em Rocha & Aguiar (2003), Passos, Kastrup & Escossia (2009), Rolnik (2016), só para citar alguns. É um processo que se dá, antes de tudo, pela possibilidade de se sentir afetado e afetar seu *corpus* de pesquisa, onde, mais do que uma metodologia, a cartografia é entendida como um processo de prática pragmática de pesquisa (COSTA, 2014).

Sendo assim, o ato cartográfico já se inicia com a escolha dos aparatos teóricos com os quais se pretende trabalhar, das mais variadas fontes, sem qualquer preconceito de linguagem ou estilo, percorrendo um processo de deglutição, de se alimentar e ruminar sobre seu objeto de pesquisa. Não há, necessariamente, uma preocupação com um protocolo a seguir. Para o cartógrafo, o sentido da pesquisa não está apenas e tão somente no resultado, mas, antes de tudo, no processo.

> Se formos entender a cartografia enquanto metodologia, precisamos pensar nas perguntas que ela pode nos ajudar a oferecer. Ao invés de perguntar pela essência das coisas, o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com as coisas durante sua pesquisa. No lugar de o que é isto que vejo? (pergunta que remete ao mundo das essências), um como eu estou compondo com isto que vejo? Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo, entendendo o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa. (COSTA, 2014, p 70)

A perspectiva cartográfica acontece, desta forma, num movimento de variação contínua. O cartógrafo nunca é um ser “de fora”, mas necessita estar completamente inserido

num território, sofrendo os efeitos dos movimentos e dos afetos daquilo que cartografa. E acima de tudo, conscientizar-se de que o ato de cartografar está envolto no processo, já que o ponto de chegada final pode ser outro se o caminho trilhado ou mapeado for diferente, e o fim do percurso não é um fim em si mesmo. É o fim dentro daquele contexto no qual o cartógrafo se dá por satisfeito pelo resultado encontrado, inserido em limites específicos – como tempo, orçamento ou mesmo disposição pessoal. Outro cartógrafo, por uma série de questões, pode considerar que o fim está mais adiante, ou que se faz necessário seguir mais à direita, ou mais à esquerda, conforme seu processo de mapeamento do seu objeto de pesquisa. Destarte, o córpus[17]de pesquisa não se esgota em si mesmo, mas oferece inúmeras possibilidades conforme a ousadia do pesquisador, do seu modo particular de inserção num determinado território e de sua disponibilidade de "sujar-se"

> ...não se pode, em uma pesquisa cartográfica, situar o campo de pesquisa como algo que estaria "lá" e o pesquisador "aqui". A cartografia, neste sentido, é uma prática de pesquisa suja, distante da assepsia e da limpeza que método científico positivista nos propõe. O cartógrafo, ao estar implicado no seu próprio procedimento de pesquisa, não consegue (e não deseja) manter-se neutro e distante – eis o sentido de sujeira aplicado à sua prática. Ele se mistura com o que pesquisa, e isto faz parte de sua cartografia (COSTA, 2014, p.71).

Já que é preciso criar um percurso, um mapeamento, uma cartografia dos desejos, este é o percurso que venho trilhando e que, acredito, apresentará um caminho possível na tentativa de respostas para os questionamentos apresentados.

No primeiro capítulo, procuro discorrer sobre as múltiplas masculinidades, percebendo-as como um construto cultural, mas também inserido em um sistema de controle do Estado sobre os sujeitos. Entendo que, para além do aparato biológico, ser homem também está atrelado a certas expectativas e comportamentos pré-estabelecidos. Assim, somos convidados a desempenhar certas performances, a fim de sermos reconhecidos, aceitos e valorizados socialmente. Concluo o capítulo com a noção de performatividade de Butler (2003), que afirma que as performances sociais são transitórias e efêmeras, e que, certos comportamentos, de tão repetidos e naturalizados, acabam sendo considerados como as únicas formas de ser possíveis.

O segundo capítulo busca interlocução com algumas das fontes dos estudos do discurso, trazendo a quem lê a apresentação dos conceitos de discurso e com as quais desenvolvo esse trabalho. Nessa investigação e construção de um aparato de análise, me

[17]Fiz a opção pelo uso da forma aportuguesada córpus no intuito de reafirmar o uso da palavra com grafia em nosso idioma.

deparo com noções que considero de fundamental importância para a pesquisa que apresento, como as noções de prática discursiva, de interdiscurso, de simulacro e de etos, conforme proposto por Maingueneau e dialogando com o que temos debatido em nosso grupo de pesquisa na UERJ, conforme exposto em Deusdará e Rocha (2021).

Para o terceiro capítulo busco avançar na discussão sobre gênero, retomando alguns conceitos já apresentados no capítulo um, porém proporcionando um novo diálogo, qual seja, a relação do "ser homem" com o corpo e com o capital, além de debater a ideia do gay-padrão, ao que me parece, bastante valorizado no ambiente dos sites e *apps*. Nessa parte também dialogo com o conceito de masculinidade hegemônica conforme proposto pela cientista social australiana Raewyn Connell, além de trazer ao debate uma linha histórica das concepções de corpos valorizadas no ocidente e de como tais noções são potentes no imaginário de homens que buscam encontros com homens nos espaços digitais.

No quarto capítulo procuro refletir sobre a cibercultura e as mudanças que esta vem trazendo às relações, em especial as que são mediadas pela internet, as chamadas relações virtuais. Apresento um panorama da evolução dos contatos entre pessoas nas redes mundiais de computadores, desde a web 1.0 até a web 3.0, onde estamos hoje. Defendo que muitas dessas relações são constituídas com forte viés capitalista e termino discutindo questões éticas na pesquisa em ambientes on-line, bem como a relação público x privado nesses espaços. Amparado em outras pesquisas, concluo que minha pesquisa não fere a individualidade dos sujeitos usuários dos perfis, desde que não sejam divulgados meios de identificá-los e seus textos sejam usados para fins acadêmicos.

Para além, entendo que os perfis de HEH tem, como uma das primeiras necessidades o fato de atrair – seja visualizações, *matches*, ou possíveis parceiros – tornando tais espaços ambientes de espetacularização onde o EU torna-se a grande atração, o desejo se torna objeto de disputa e o maior troféu é estar na galeria dos mais curtidos. Concluo o capítulo apresentando como se dá o preenchimento de perfis nesses espaços: o primeiro em um aplicativo, o segundo em um site.

No quinto capítulo, trago uma reflexão um pouco mais elaborada sobre a cartografia, sendo essa a peça motriz a ser considerada enquanto perspectiva de pesquisa, seguindo com a análise do córpus constituído à luz do arcabouço apresentado nos capítulos anteriores. Como um geógrafo, procurando mapear o que encontro, para que também outras e outros possam percorrem meus caminhos e chegar a novas conclusões, faço um levantamento de nove leituras de mapas, considerando o que mais me chamou a atenção na constituição do córpus desse trabalho – seja pela constância de informações similares em vários perfis, seja pela

possibilidade de diálogo com outras enunciações e instituições, seja pelas marcas linguísticas. Dos 527 perfis inicialmente selecionados, 54 entraram oficialmente como córpus desse texto. Tais leituras de mapas me levam a crer quer os perfis dos homens que buscam encontros com homens em sites e *apps* estão atrelados a três instituições que não são físicas, mas permeiam constantemente nossas vidas e as sociedades em que vivemos: o patriarcado, o machismo e a homofobia.

1 **MASCULINIDADES, BIOPODER, PERFORMANCES E PERFORMATIVIDADES– PORQUE HÁ MÚLTIPLAS ESCOLHAS POSSÍVEIS EM NOSSOS ARMÁRIOS.**

> Reconhecer que nossas vidas estão estruturadas de acordo com os modos de comportamento repetidos e socialmente sancionados levanta a possibilidade de que qualquer atividade humana possa ser considerada como performance (CARLSON, 2010, p. 15).
>
> A performance não está "em" nada, mas "entre" (SCHECHNER, 2013, p.30).

Neste primeiro capítulo, tenho como objetivo discorrer sobre a noção de masculinidade. Entendendo que o controle do Estado também se dá sobre os corpos e a sexualidade, começo minha explanação com Foucault, para, em seguida, dialogar com autores como Badinter e Connell. Baseado nessas estudiosas, compreendo que, para além do aparato biológico, tornar-se homem está atrelado a determinadas expectativas e comportamentos pré-estabelecidos. Desta forma, inseridos, de acordo com o sexo biológico em um complexo dispositivo de controle e regulação, somos compelidos e estimulados a desempenhar certas performances (SCHECHNER, 2013), a fim de se obter reconhecimento, de ser aceito e valorizado socialmente. Concluo com a noção de performatividade de Butler (2003), passando também por uma breve revisão dos estudos ou teoria queer, campo que questiona os modelos heteronormativos de gênero. Butler afirma que as performances sociais tão esperadas, também podem ser transitórias e efêmeras. Observamos, assim, que certos comportamentos, de tão repetidos e reificados, acabam sendo considerados como as únicas formas de existência possíveis e capazes de despertar desejo, estando todas as outras performances condenadas ao ostracismo e a exclusão – ou a mostrar-se, como movimento de resistência.

1.1 **Palavras iniciais ou de como se constitui um homem**

O que faz de um ser humano homem? Aprendemos, desde a mais tenra idade, que a presença de um órgão sexual masculino faz de alguém homem, e, de que a presença de um órgão sexual feminino faz de alguém mulher, o que por si só já desencadeia uma diversidade de dispositivos, jogos de força e relações de sentido. Aliás, com o avanço dos recursos médicos, além do aparato jurídico e comercial – só para citar alguns dos mecanismos de

controle ao qual estamos sujeitos - a construção do masculino ou feminino em relação a um ser dá-se antes do nascimento, já na expectativa dos pais que preparam toda uma estrutura de acordo com o sexo biológico identificado nos exames de ultrassonografia, como a escolha da cor para a arrumação do quarto ou os chás de revelação, muito comuns na atualidade.

A partir do momento em que o/a profissional médico avisa: "É um menino!" ou "É uma menina!", já somos interpelados, desde antes do nascimento, pelos mais variados dispositivos, oriundos de inúmeras instituições (escola, igreja, família, trabalho), em espaços privados e públicos, regidos por saberes que buscam promover corpos dóceis e obedientes – noções que remetem ao disciplinamento do século XIX – e que recuperem e reproduzam normas reguladoras e estejam a serviço da vontade de verdade de nossa época (FOUCAULT, 2003a), sendo esta vontade de verdade aquilo digno de crédito como de fato verdadeiro em determinado período, podendo deixar de sê-lo conforme a cultura, o tempo e o lugar. Como afirma o filósofo

> Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas (...). Ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído. (FOUCAULT, 2003a, p 17)

Ainda Foucault, na História da Sexualidade (2003b), observa que os discursos sobre o sexo sempre estiveram a serviço dos jogos de poder, o que fez com que, já no século XVIII, os discursos sobre a sexualidade se tornassem uma questão de polícia – não apenas no sentido pura e simplesmente repressivo, mas dentro de um sistema estatal, indicando o que e como se poderia falar de e sobre o sexo e o exercício da sexualidade. Uma forma de controle biopolítico

> No século XVIII o sexo se torna uma questão de "polícia". Mas no sentido pleno e forte que se atribuía em relação a essa palavra – não como repressão da desordem e sim como majoração ordenada das forças coletivas e individuais: Fortalecer e aumentar, pela sabedoria dos seus regulamentos, a potência interior do Estado (...). Polícia do sexo: isto é, a necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição. (FOUCAULT, 2003a, p.27-28)

A noção de crescimento populacional como sinônimo para um Estado mais forte, como base para um forte mercado produtor e consumidor, aliado ao discurso da Igreja da necessidade de que as famílias gerem herdeiros – afinal uma religião forte se faz com um grande número de fiéis – fortalece a necessidade do sexo com fins de procriação. Não nos

esqueçamos de que, ainda, num mundo predominantemente agrário, pequenos produtores necessitavam de mão-de-obra – diga-se filhos – para produção de sua agricultura doméstica. Este era o modelo predominante em voga até os anos 1800.

O advento da Revolução Industrial em fins do século XVIII traz a necessidade de um certo controle e refinamento no sentido de regular o crescimento populacional. Embora o quantitativo populacional ainda valesse como sinônimo de poderio, algumas cidades – como Londres e Paris – já apresentavam graves problemas sociais devido ao excesso de indivíduos vivendo em seus territórios.

Nessa época então, além do controle populacional, e auxiliado por um discurso médico higienista, a conduta sexual do indivíduo passa a ser motivo de controle e intervenção – afinal, corpos saudáveis, higiênicos e dóceis produzem mais, consomem mais são mais facilmente controlados, o que Foucault chamava de dispositivo da sexualidade. O capital precisa de seu motor para gerar mais riqueza e de corpos disciplinados que trabalhassem a serviço do poder.

> Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e econômico. Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais – exortações morais e religiosas, medidas fiscais – tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada. (...) Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram (FOUCAULT, 2003b, p.29).

Destarte, controlar o sexo dos cidadãos tornou-se uma política de Estado, amparada, em especial, pela Igreja e pela Medicina. Manter o ato sexual dentro do casamento, numa relação monogâmica e heterossexual, com o objetivo de gerar filhos, seria uma forma plausível e potente de "purificação" das raças – ou de uma sobre as demais – bem como de garantir que a riqueza e os títulos se perpetuassem sempre dentro dos mesmos grupos.

Dentro desta perspectiva, o modo de ser e estar no mundo calcado apenas pela concepção do sexo biológico, dividindo toda a população em dois gêneros, excluía todos os modelos que não se encaixassem nessa dicotomia. Embasados pelas instituições já mencionadas, acrescidas dos sistemas jurídico e educacional, aqueles e aquelas que não se vinculassem aos protótipos de macho e fêmea, e não "educassem" os seus corpos

(parafraseando o título da obra de Guacira Lopes Louro)[18], sofreriam as consequências de suas transgressões – fossem elas o isolamento, o repúdio, o silenciamento, dentre outras. É a emergência de um modelo de biopoder que disciplina, fazendo da sexualidade um dos aspectos mais vigiados e controlados das condutas humanas.

Portanto, a elaboração do que é ser masculino e feminino, seguiria um roteiro já estritamente pré-definido, com comportamentos e posturas já pré-construídos e esperados. Com poucas, quase nulas, possibilidades de desvios, atrelado a um forte dispositivo da sexualidade

Badinter (1993), filósofa francesa, afirma, porém, que o ato de se tornar homem, não é tão natural, evidente e simples como se imagina. Na maioria dos casos, o devir – vir a ser - homem, ação forjada no imperativo - seja homem - não se dá apenas pelo fato de possuir um órgão sexual masculino ou de apresentar os cromossomos XY. Ser homem implica um trabalho e um esforço diferente do ser mulher. É mais comum ouvir de um pai ou outro parente homem para seu filho, ou neto, ou sobrinho a ordem "seja homem", do que ouvir de uma mãe, ou parente mulher para uma filha, neta ou sobrinha o imperativo "seja mulher". A filósofa, portanto, observa que o tornar-se homem constitui-se, tradicionalmente, além de possuir um órgão sexual masculino, em afastar-se da tudo aquilo que seja feminino, ou que represente efeminação. O processo de assujeitamento masculino dá-se em oposição ao processo de assujeitamento feminino

Inseridos em uma sociedade ocidental, machista e patriarcal, onde os corpos devem ser docilizados e educados, crescemos crendo que o processo de ser homem se dá de uma única maneira – sendo essa a natural e aceitável. Ser homem - pelo menos no senso da maioria das pessoas - é ser viril, ter sucesso com as mulheres, não demonstrar fraqueza, ser capaz de ter o maior salário da casa, às vezes ajudar a mulher nos afazeres domésticos e não ter contato muito íntimo com outro homem – pelo menos não a tal ponto de se pôr em questionamento sua masculinidade (BADINTER, 1993).

O surgimento dos estudos das mulheres, e consequentemente dos estudos de gênero – este último em especial nos anos 80 do século XX – apresentou alguns questionamentos em relação aos papéis destinados e maneiras de ser homem e mulher na contemporaneidade, desestabilizando antigas hierarquias e relações de poder. Os estudos culturais passaram, desta

[18]Faço referência a obra *O corpo educado* – pedagogias da sexualidade, organizado por Guacira Lopes Louro e publicado pela Editora Autêntica. 2ª edição. 2007

forma, a problematizar os modelos da masculinidade considerada hegemônica[19], em relação a outras masculinidades consideradas subalternas e feminilidades. Os construtos sociais sobre o tornar-se homem estão tão arraigados em nossa sociedade, que, muitas vezes, grupos oprimidos ou dominados (mulheres, gays) acabam por reconhecer no modelo de masculinidade hegemônica vigente o único digno de reconhecimento social, aquele que assume o topo numa hierarquia de poder, ainda que todos os outros modelos sejam amplamente subjugados por ele.

Segundo os estudos da professora australiana Raewyn Connell, o termo masculinidade hegemônica surge em pesquisas de campo sobre desigualdade social nas escolas australianas e a experiência corporal masculina, bem como o debate sobre o papel dos homens na política sindical naquele país. Este projeto evidenciou a existência de várias hierarquias, entrelaçadas, não só de construção de gênero, mas também de classe.

O surgimento do movimento *gay* nos anos 70 do século XX traz a possibilidade de uma nova análise – a opressão do homem pelo homem. Segundo Connell & Messerschmidt:

> A ideia de uma hierarquia das masculinidades cresceu diretamente a partir da experiência de homens homossexuais com a violência e com o preconceito dos homens heterossexuais. O conceito de homofobia originou-se nos anos 1970 e já estava sendo atribuído ao papel masculino convencional. Teóricos desenvolveram contribuições cada vez mais sofisticadas sobre as relações ambivalentes entre os homens gays e o patriarcado e com a masculinidade convencional (2013, p.244)

Connell assim destaca que se pode notar uma grande cisão hierárquica nas masculinidades – aquele objeto de desejo, valorizada socialmente, normativa e as outras, as subordinadas. Mesmo que não seja adotada por todos os homens, ela é o objeto de desejo, o que a maioria deles quer vir a ser. A que dita as normas e é partir dela que são posicionados os outros homens e as mulheres. A autora ainda afirma que a masculinidade hegemônica não é apenas e tão somente sustentada pela força física ou pela violência - embora possam fazer uso delas para conseguir seus objetivos – mas que essa legitimação e ascensão são justificadas pela cultura e pelas instituições. Embora talvez essa masculinidade não exista 100%, ou seja, nunca possa ser plenamente alcançada, ela é o objetivo a ser perseguido por aqueles que busquem ser bem sucedidos em termos de hierarquias de gênero. As imagens a seguir representariam modelos provavelmente bem próximos do que entendemos como

[19]Modelo de masculinidade construído historicamente, perseguido e compartilhado entre os homens, que Raewyn Connell nomeia masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005). Convém mencionar que nas suas primeiras publicações seu nome é registrado como Richard Connell, inclusive na época de publicação de seu clássico *Masculinities*, em 1995. Após a morte de sua esposa em 1997, Connell inicia o seu processo de transição de gênero.

masculinidade hegemônica. Estes modelos, fortemente veiculados pela mídia, acabam por ditar comportamentos e valores de como homens devem ser. Mas, estarão todos incluídos nesses padrões?

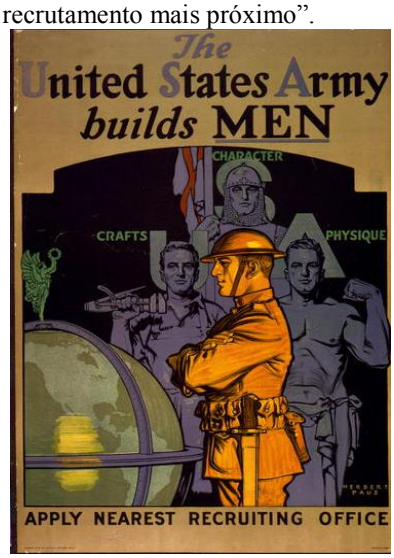
Figura 1 – Anúncio do desodorante Old Spice

Fonte: https://www.blogdoadonis.com.br/. Acesso em: jan. 2020.

Figura 2 – Campanha do exército brasileiro.

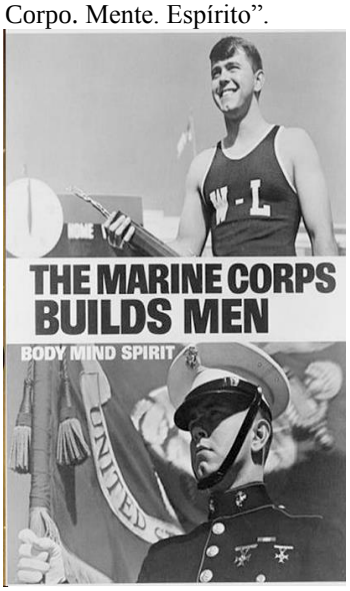
Fonte: https://www.defesa.tv.br/ . Acesso em: jan. 2020.

Figura 3 – Quadro do exército norte americano. “O exército dos Estados Unidos faz homens. Apresente-se no escritório de recrutamento mais próximo”.



Fonte: https://www.travelpostersonline.com/ . Acesso em: jan. 2020.

Figura 4 – Quadro da marinha norte americana. “A marinha faz homens. Corpo. Mente. Espírito”.



Fonte: https://www.invaluable.com/. Acesso em: jan. 2020.

No primeiro exemplo, o ator Malvino Salvador, reconhecido galã de telenovelas da dramaturgia brasileira estampa o anúncio do desodorante *Old Spice*, o desodorante do homem HOMEM, sendo a segunda palavra homem reproduzida em letras garrafais: o homem mais homem que o homem comum, numa posição hierárquica – já que ele é duas vezes homem – em relação ao indivíduo comum. No segundo, o anúncio que homenageia o Dia do Exército Brasileiro (19 de abril), onde há o diálogo com modelos de masculinidade do homem defensor: da pátria, da mulher, da família. Com a arma em punho, ele está pronto a defender o seu território (o território nacional e o seu território privado), afinal ele é o detento do “braço forte”. Não seria veiculado talvez, a imagem de um soldado mulher com a frase “braço forte” ligada à foto. Braço forte é uma característica masculina. O último exemplo é referente ao exército e a marinha americanas e datam de meados do século XX. Sugestivas são as frases de chamada: *O exército dos Estados Unidos faz homens* e *A marinha faz homens*, sinalizando que os homens verdadeiros são aqueles que incorporam as práticas e os valores de uma vida militar, inclusive os modelos corporais, sendo esses os homens “de verdade”, ou segundo o anúncio dos desodorantes, o “Homem homem”, detentor do “braço forte e da mão amiga”. A pergunta que fica é: E aqueles que não partilham destes valores? Provavelmente seriam homens secundários, não privilegiados dentro desta hierarquia das masculinidades.

Cada sociedade tem suas próprias “regras” ou singularidades em termos de relações de gênero, mas em quase todas elas temos a presença da polarização masculino x feminino, ou seja, um só existe em contraste ao outro. Ser masculino – e o mais masculino possível – é

estar distante de tudo aquilo que é tudo como feminino. Ser feminino é estar o mais distante possível de tudo aquilo que é masculino. Mas, afinal, que dita o que é feminino ou masculino? O que determina que a presença de um órgão sexual e de outras características físicas determine que alguém tenha de assumir posturas A ou B?

Uma pista parece se apresentar na busca por respostas: ainda estamos extremamente ligados a velhos modelos de subjetivação e identidade, essencialistas e estagnados, onde X deve ser oposto a Y, negro oposto a branco, homem oposto a mulher.

1.2 **Do biopoder e regulações**

Em 1978, o filósofo Michel Foucault traz para suas análises o conceito de biopoder, delimitando-o como "o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder" (FOUCAULT, 2008, p. 3). As origens desse debate têm seus fundamentos lançados na conferência que Foucault profere em 1974 no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ (FURTADO; CAMILO, 2016). Os autores relatam que

> No contexto dessas comunicações, Foucault, utilizando-se do neologismo "biopolítica", defende a hipótese segundo a qual com o capitalismo assistimos não à privatização da prática médica, mas à crescente presença da medicina nos espaços públicos. Tomado como objeto de sofisticadas tecnologias políticas, o corpo torna-se público, e o público "somatocrático" (FURTADO; CAMILO, 2016, p.36).

Por somatocrático, segundo o filósofo, poderíamos pensar que tal processo se dá no processo de intervenção estatal com o que esse considera o cuidado do corpo e a promoção da saúde corporal, o que acaba por gerar um grande sistema de medicalização. (FOUCAULT, 1985, p. 171). Essa ordem se dá, em especial, graças a quatro momentos ou acontecimentos na trajetória da medicina ocidental. Em primeiro, a criação de uma medicina de Estado e de uma polícia médica, graças a necessidade do Estado de agir sobre a população de modo a garantir seu aperfeiçoamento e a própria melhor gestão do governo. Por segundo, a medicina urbana traz o aumento das medidas de higienização e saneamento, que buscam como resultado uma população mais sadia. passam a ser adotadas junto com as modificações operadas no espaço das cidades, visando à produção de uma população sadia. Em terceiro,

tem-se o reconhecimento do hospital como espaço privilegiado de recuperação terapêutica, sendo este também espaço de disciplina (FOUCAULT, 1985). Por último, mas não menos importante, o último acontecimento relaciona-se à associação da medicina a outros campos do saber, como a estatística. A partir de então é possível mensurar os dados referentes à saúde ou a doença dos povos.

No primeiro volume da História da sexualidade, publicado em 1976, Foucault retoma a problemática do biopoder, conforme nos relatam Furtado e Camilo

> Nessas circunstâncias, o filósofo investiga a configuração nas sociedades ocidentais de um poder que toma a vida como objeto de sua regulação, analisando a transformação pela qual passou esse poder a partir do século XVII. Uma transformação consistente na inclusão de processos biológicos nas operações do poder soberano. Conforme a teoria clássica da soberania, o soberano é aquele cujo poder reside fundamentalmente no direito sobre a vida e a morte dos homens (FURTADO; CAMILO, 2016, p.37)

Porém, a partir do surgimento dos Estados Contemporâneos, Foucault nos informa que o poder assume nova organização. "O direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida e a se ordenar em função dos seus reclames." (FOUCAULT, 2003b, p. 148). Antes inseridos em um princípio segundo o qual era legítimo provocar a morte ou deixar viver, a partir dos novos modelos de Estado, primam por mecanismos de poder que visam produzir a vida e agir sobre ela, buscando seu contínuo e incansável melhoramento. (FOUCAULT, 2003b). Foucault segue em seu raciocínio afirmando que essa transformação em prol do que se pode chamar de política da vida, não eliminou guerras, massacres, genocídios. Eles continuaram existindo e geraram um número de mortes sem precedentes na História (FOUCAULT, 1999), porém, na era do biopoder, a morte de alguns se torna "necessária" para o equilíbrio dos demais, o que chama a atenção de que os contínuos melhoramentos não seriam para todos. O conceito de Biopoder estaria ligado a um processo de purificação, de mecanismos disciplinadores e regulamentadores do poder, onde o Estado, senhor da vida e da morte, premiaria os corpos "adequados" com a prosperidade e a aceitação, enquanto aos corpos "inadequados" caberia a exclusão, o aniquilamento e a morte. (FOUCAULT, 1999).

No curso, e posterior obra, *Em defesa da sociedade*, Foucault explicita que o poder precisa ser entendido em relação - no entre - não existindo fora das relações. Assim, as relações de poder se estabelecem, por exemplo, entre soberano e seus súditos, entre professor e aluno, pai e filho. Ele afirma que "o poder não é uma propriedade, não é uma potência; o poder sempre é apenas uma relação. Portanto não se pode fazer a história dos reis, nem a

história dos povos, mas a história daquilo que constitui, um em face ao outro" (FOUCAULT, 1999, p. 200). E onde há poder sempre haverá resistência, pois que existe uma correlação, como que um duelo de forças. O que podemos evidenciar, por exemplo, nas tensões entre o governo e os movimentos sociais, produzido dentro de relações de poder e resistência.

O poder, assim, faz parte de um conjunto de ações que podem se dar tanto em âmbito vertical como horizontal. Ele age sobre um campo de possibilidades, encontrando sempre maneiras de agir sobre os sujeitos, propiciando relações geralmente instáveis e volantes, sendo apresentada como uma força transitória, que não nasce no indivíduo, mas o atravessa e da qual não se pode escapar. Tal jogo de forças age de forma capilarizada, e não apenas de cima para baixo, como muitos poderiam supor. Ao mesmo tempo que somos coagidos, coagimos também. Não causa estranheza, portanto, perceber já bem no início de minha pesquisa com os usuários de sites e *apps* que, ao sofrer as opressões sociais, estes sujeitos ao mesmo tempo também se aliam as posturas dos opressores, excluindo performances, corpos e falas que não se adequam a certos modelos disciplinados.

Tais processos de exclusão ocorrem todo o tempo e das mais variadas formas. Desde os regimes totalitários, como o stalinismo e o nazi-fascismo, que radicalizam estes mecanismos políticos, mas também através do racismo, da xenofobia, da homofobia, que direta ou indiretamente propagam que uns teriam mais direitos ou deveriam ter mais oportunidades do que outros.

Portanto, na gestão dos Estados contemporâneos, o biopoder é caracterizado pelo surgimento de aparatos policiais para maior controle social; por outras formas de trabalho, sendo este usando também como instrumento de repressão; o controle rígido e disciplinar do tempo e dos espaços, visando adestrar os corpos humanos; entre outros mecanismos (FOUCAULT, 1985). Assim, quanto mais dócil for o corpo, ou mais adequado aos propósitos do Estado, mais ele será valorizado, mais será considerado "adequado" e apto para o funcionamento social. E essa docilidade também se aplica ao que se espera de performances dos corpos, a partir do momento que nascem dotados de um pênis ou de uma vagina. Buscam-se corpos obedientes e medicalizados, que serão punidos se necessário e cuja força produtiva esteja sempre disponível.

No decorrer do século XVII, as técnicas de adestramento dos corpos se articularam a dispositivos que culminam por agir sobre os indivíduos, agora contemplados como "corpo-espécie" (FOUCAULT, 2003a). Foucault denomina esse processo como "biopolítica". A biopolítica tem como seu objeto a população de homens viventes e os fenômenos naturais relacionados a tais processos, regulando e agindo sobre taxas de natalidade, fluxos de

migração, epidemias e longevidade, por exemplo. Não se trata de um poder individualizante, mas de um sistema que massifica os indivíduos a partir de sua realidade biológica e com forte enfoque no controle populacional (FOUCAULT, 2003b). Muito deste dispositivo de controle acaba, portanto, por recair sobre um aspecto fundamental ao nos depararmos com o encontro das vertentes controle e população: a sexualidade, já que esta abarca tanto a noção do indivíduo em sua relação com o corpo bem como atenta para a noção de ser que se reproduz, ampliando a população - a mão de obra disponível para produção. (FOUCAULT, 2003b). A sexualidade torna-se, portanto, objeto privilegiado do biopoder, sendo esse tema um grande gerador e produtor de discursos. A sociedade do biopoder é também uma sociedade do sexo, o qual "tornou-se a chave da individualidade: ao mesmo tempo, o que permite analisá-la e o que torna possível constituí-la" (FOUCAULT, 2003b, p. 159). Se o poder se ocupa da sexualidade, é menos para reprimi-la do que para fomentá-la. Através de sua verbalização o sexo é controlado e mediante sua inserção no discurso, o Estado tem cada vez mais controle sobre os sujeitos.

Preciado (2011) vai um pouco mais além, trazendo a noção de sexopolítica, que se constitui como uma das formas dominantes da ação biopolítica no regime capitalista contemporâneo. Nessa concepção o filósofo espanhol retoma o conceito proposto por Foucault e se propõe a pensar o corpo e as subjetividades dos considerados "anormais" como potência política. Esses corpos e subjetividades fogem de uma divisão em que ao sujeito, de acordo com o órgão genital com que nasce, é conferido um papel que serve, acima de tudo a divisão do trabalho e manutenção do capital.

Desta forma o filósofo afirma que esse poder sobre a sexualidade não se restringe apenas em relação a regulação sobre a reprodução da vida e aos processos biológicos, se manifestando de três formas importantes: 1) a sexualidade implica a territorialização precisa da boca, da vagina, do ânus; 2) a heterossexualidade não é uma prática sexual, mas um regime político. O corpo hétero é o produto de uma relação estrutural entre a produção dos sujeitos e a divisão do trabalho, a partir da qual os órgãos são definidos pela sua função, geralmente reprodutiva; 3) o sexo é correlato do capital, ou seja, a formulação de sexopolítica evidencia o modo como o sexo se impõe nos cálculos de poder.

Para Oliveira (2020), a indústria pornográfica é, por certo, um dos dispositivos sexopolíticos mais evidentes. Enquanto indústria biotecnológica opera como um dos tentáculos do bio-sexo-poder, normaliza e naturaliza a utilização dos órgãos, a relação dos corpos, a temporalização e a espacialização das relações entre os corpos. Nesse sentido a pornografia propõe pedagogias da sexualidade - não representa a realidade do sexo, mas opera

como uma máquina performativa que produz modelos de sexualidade e estabelece uma distinção entre lugares privados e lugares públicos, entre órgãos sexuais e órgãos não sexuais. Trago a pornografia novamente à cena no capítulo em que faço as leituras dos mapas.

1.3 **Sobre performance e performatividade**

John Austin (2018 [1962]) tem no livro *How to do Things with Words* (ou *Como fazer coisas com palavras*) o seu trabalho mais conhecido, sendo publicado postumamente em 1962. Neste livro, são coletadas as palestras que Austin apresentou em 1955 na Universidade de Harvard. A publicação deste livro constitui a culminação de sua teoria dos atos de fala, na qual ele estava trabalhando por várias décadas. Convém relatar que Austin foi professor da disciplina Filosofia Moral na Universidade de Oxford, à época (década de 50 do século XX), uma das cadeiras mais prestigiosas em todo o mundo.

Austin afirma que a linguagem não se limita a proposições que simplesmente descrevem uma ação, ou um estado de coisas. Uma das possibilidades da linguagem seria a de fazer com que alguma coisa acontecesse. Ao serem pronunciadas, possibilitam que algo de concretize, se realize. Assim, tais proposições seriam performativas. Silva (2004) cita como exemplos de proposições performativas "Eu vos declaro marido e mulher" ou "Prometo que te pagarei breve".

No início dos anos 60 do século passado, Austin apresenta a noção de performatividade na linguagem, onde são consideradas proposições performativas aquelas que são necessárias para concretização do resultado que anunciam. Assim, as palavras não são apenas aquelas que representam o mundo, mas também se tornam princípio ativo de produção e intervenção no mundo (ROCHA, 2014).

> não nos resta senão reconhecer que a função da linguagem (...) não pode ser propriamente representar uma certa conformação de mundo, isto é, "contar" o que acontece no mundo, como se primeiramente se produzisse uma ação (não linguageira) qualquer que apenas mais tarde seria reportada por meio das palavras; antes, sua função parece coincidir com a própria produção e invenção desse mundo (ROCHA, 2014, p.627).

Ao nos referirmos às características de um grupo, por exemplo, poderemos simplesmente imaginar que estamos descrevendo um dos seus múltiplos aspectos. Mas

estamos seguindo além. Estarmos contribuindo para a elaboração de uma rede maior de atos linguísticos que contribui para reforçar um (ou mais) aspectos de algo que estaríamos, a princípio, apenas descrevendo. Estamos agindo e intervindo sobre o mundo com uma arma muito potente. Ao nos referirmos a um homem como viado, por exemplo, não estamos apenas nos referindo a alguém que tem inclinação erótico afetiva por alguém do mesmo sexo. Estamos nos inserindo em um sistema linguístico que acaba por aferir juízos de valor, classificando, hierarquizando, mais do que usando um termo que designa um grupo de pessoas.

Graças à tecnologia e às diversas plataformas on-line e redes sociais, somos convocados a novas formas de relação conosco e com o Outro – sendo a palavra um importante, mas não o único, meio para criação de modos de ser e de se apresentar para os outros. A demanda por outras formas de interação possibilita assim a criação de outras imagens de si. O conceito de performance, conforme desenvolvido pelo diretor teatral e professor da New York University Richard Schechner[20] pode ser tomado como um importante elemento a fim de refletirmos sobre as novas relações presentes no universo on-line, permitindo também abarcar um amplo campo de possibilidades e dialogar com muitos saberes.

> Performances occur in many different instances and kinds. Performance must be construed as a "broad spectrum" or "continuum" of human actions ranging from ritual, play, sports, popular entertainments, the performing arts (theatre, dance, music), and everyday life performances to the enactment of social, professional, gender, race, and class roles, and on to healing (from shamanism to surgery), the media, and the internet (SCHECHNER, 2013, p.2)[21]

Talvez num primeiro momento, o termo performance pode nos remeter a uma determinada ideia de desempenho, como por exemplo, poderíamos nos referir ao desempenho de um carro ou ao desempenho de um aluno num curso ou num processo seletivo ou ainda, no universo do teatro ou da TV, da performance de um profissional num espetáculo teatral ou em uma telenovela. Não é este, porém, o conceito de performance que nos interessa nesse texto.

---

[20]O livro base para os conceitos de performance desenvolvidos pelo autor – *Performance studies: anintroduction* – não se encontra traduzido em português. Alguns trechos, porém, foram traduzidos por R. L. Almeida. Dessa forma, caso as referências mencionadas já tiverem tradução em português, serão citadas neste idioma.

[21]"Performances ocorrem em muitas instâncias e de diferentes maneiras. Ela deve ser interpretada como um "amplo espectro" ou "continuum" de ações humanas que vão desde rituais, brincadeiras, esportes, entretenimento popular, artes cênicas (teatro, dança, música), as performances da vida cotidiana até a difusão de papéis sociais, profissionais, de gênero, raça e classe, e além da cura (do xamanismo à cirurgia), a mídia e a internet." Tradução minha

Mas, se a performance não está ligada apenas e tão somente a ter alto desempenho em determinado campo, do que então se trata? E que ligação teria com este estudo e com os HEH em *sites* e aplicativos?

Antes sendo submetidos a modelos onde poucos produziam conteúdo midiático e conhecimento, hoje todos podemos produzir quase tudo. Textos, vídeos, blogs, áudios veiculam em abundância nas redes sociais de forma incontável. Quase tudo hoje é filmado, descrito, fotografado, curtido (ou não) e comentado por quase todos. Vivemos na grande era do Big Brother. E o mais surpreendente: muitas vezes sem sair de casa.

Nancy Baym (2010) relata que as relações on-line trouxeram novos aspectos em termos de contatos com o outro. São diferentes relações de espaço e de tempo e, conjuntamente, a demanda por novas formas de existir, de novas formas identitárias e de subjetivação. Ao mesmo tempo que podemos estar expostos a pessoas mal intencionadas, há também a possibilidade de um número maior de "amigos virtuais", já que as redes nos apresentam sugestões de amizades graças a algoritmos recolhidos de nossas interações, bem como o maior número de amigos dos amigos, o que a autora chama de amizade latentes, mas não ativadas.

Por outro lado, as relações on-line também apresentariam uma outra característica marcante: em um primeiro momento, já não é mais necessário preparar-se, vestir-se e sair de casa para se ter a possibilidade de interação com o outro. Mais um fato é que em diversos sites e aplicativos há uma série de informações a serem preenchidas a fim de que haja um cruzamento de dados entre perfis com potencial de *match*–combinação - o que possibilitaria maior sucesso num futuro encontro e possível relacionamento.

Porém, o anonimato, o fato de estar atrás de uma tela dá a possibilidade de que os indivíduos performem de outras formas que não seriam as mesmas se esse encontro tivesse se dado *in loco*, por exemplo. Não há, de primeiro momento, contato físico. Na maioria dos casos, o que se tem é a palavra e fotos e/ou algumas imagens. Evidentemente, quando alguém escolhe uma foto para colocar em um perfil de relacionamento ou até mesmo nas redes sociais, vai escolher as suas melhores fotos. Bem como escrever um texto que, em conjunto com as imagens exibidas, provoque certa reação em quem vê. Fazem parte de uma performance.

Schechner afirma que a vida cotidiana envolve anos de treino e prática e que o aprendizado de como se comportar requer a descoberta e a percepção de como exercer as ações do dia a dia dentro das mais diversas circunstâncias pessoais e sociais. Para estarmos no mundo, aprendemos, das mais variadas fontes, determinados comportamentos, entremeados

pela cultura. As inúmeras atividades da vida social, públicas e privadas, visíveis e mascaradas, são performadas. Inclusas nestas performances estão os comportamentos esperados de indivíduos detentores de pênis e indivíduos detentores de vagina. Mesmo entre os biologicamente homens e biologicamente mulheres há hierarquias, como se certos comportamentos fizessem indivíduos mais homens ou mais mulheres que os demais.

Embora ações possam, em vários aspectos, ser novas ou originais, estas constituem-se partes de comportamentos de certa forma já vividos, aprendidos de algum lugar. Os chamados comportamentos restaurados - estes constituídos de várias ações, sejam físicas, verbais ou virtuais que são, ainda que de forma inconsciente, preparadas ou ensaiadas. Embora possamos estar praticando-as pela primeira vez, essa "primeira vez" é ilusória já que tal ação foi anteriormente experienciada e vivenciada pela cultura.

Estamos, portanto, diante de um paradoxo. Como as performances podem ser feitas a partir de comportamentos restaurados e ao mesmo tempo serem inéditas? Afinal de contas, vários de nós já viveu situações pela primeira vez em sua vida, exibindo as mais variadas reações - e, diga-se de passagem, se as mesmas situações ocorressem em outras situações, mediadas por outro tempo-espaço, apresentaríamos reações diferentes.

Aí estão postas, portanto, as possibilidades de variações no universo performático. Os comportamentos podem ser combinados e recombinados em um infinito número de variações, o que faz com que nenhum evento copie exatamente outro evento. Desde as nuances de humor, como o tom de voz, a linguagem corporal, dentre outros, conferem a cada evento o fato de ser único, ainda que copiado de algum lugar. Mesmo no universo on-line, cada contato entre perfis de usuários é um contato diferente, ainda que tenham se contatado anteriormente. O sujeito está em outro momento, exposto a novas vivências e mesmo acessando o site ou aplicativo de outra referência geográfica – levemos em consideração de que aplicativos que usam o sistema de localização alteram a dinâmica de perfis visíveis conforme o lugar de onde são acessados e iniciam a exibição dos perfis mais próximos para os mais distantes. Em muitos destes aplicativos, há um número limitado de perfis passíveis de visualização para não assinantes. O número de perfis possíveis de serem visualizados e, principalmente, contatados aumenta se o usuário for assinante. Em outros casos o fato de ser ou não assinante aumenta a quantidade de mensagens que podem ser enviadas ou lidas por dia, ou em outro, é possível só visualizar perfis, mas não mandar mensagens, ou mandá-las e não ler as respostas. Portanto, o acesso a diferentes usuários e recursos dos sites e aplicativos também é atravessado por um viés capitalista e mercadológico.

Por conseguinte, voltando à discussão sobre o ineditismo e restauração dos comportamentos em performances, o contexto de cada produção e recepção faz com que cada ocasião seja nova e diferente, já que os processos de interação entre os sujeitos são constantes e contínuos. "A raridade de um evento não depende apenas de sua materialidade, mas também de sua interatividade – e interatividade está sempre em fluxo" (SCHECHNER, 2013, p.30). Desta maneira, embora muitos eventos e comportamentos só aconteçam uma vez, sendo, portanto, inéditos, estes estão referendados pela experiência cultural. Para além disso: Se tomamos uma obra de arte, por exemplo, mesmo que filmada ou digitalizada, sendo a mesma obra exibida, a cada exibição ela se torna diferente – o contexto de exibição torna-se diferente graças à variadas instâncias. Desta maneira, a particularidade de um evento está para além da ação em si, mas da interação que propicia com outros eventos.

Para além de um ato ou de um comportamento em si, as performances do masculino e do feminino permeiam nossos hábitos, rotinas de vida, rituais. Embora, em um primeiro momento as fontes originais de determinadas posturas ou comportamentos sejam desconhecidas ou ignoradas, elas são parte intrínseca de modos de ser da nossa sociedade, já que concorrem para estabelecer como cada um deve ser ou se portar no ambiente em que vive e na sociedade como um todo. Alguns podem chamar de regras sociais, outros de tradição. Mas a verdade é que várias instituições – igreja, família, mídia, escolas, medicina, governos, só para citar algumas – são agentes reguladores dos modelos "possíveis de ser", fazendo com que, ao realizarmos nossos atos performáticos cotidianos, reiteremos posturas dentro do "que aprendemos" ou do que "nos é dito para fazer", inclusive dentro daquilo que se espera de seres humanos dotados de órgãos genitais masculinos e de órgãos genitais femininos.

O fato está além do "menino veste azul, menina veste rosa". Há uma perpetuação do *status quo* e das relações de poder que privilegiam o patriarcado e o machismo, difundido, reproduzido e veiculado – inclusive por muitos grupos subalternos, hierarquicamente – fazendo com que esse modelo onde o masculino é valorizado e tudo o que não é masculino (o seu outro) seja inferiorizado se naturalize. Buscando inspiração em modelos oriundos da masculinidade hegemônica, os sujeitos usuários dos sites e aplicativos de HEH buscam por parceiros ligados ao imagéticos dos homens como os das imagens exibidas nos anúncios algumas páginas atrás. É a oportunidade de circular por um espaço "seguro", onde há pouca possibilidade de variações – pelo menos perante a sociedade – pisando num terreno onde as performances em termos de gênero seriam como que previsíveis, não muito diferentes do que as instituições esperam de um homem, aquele nascido biologicamente com um pênis.

Dialogando com o conceito de performance e com os estudos de gênero, além da teoria dos atos da fala de Austin, Butler pensa que as noções de gêneros apresentadas na atualidade são também e não somente performáticas (no sentido do que é), mas estão em um constante movimento de performatividade (no sentido de vir a ser) – processo este que é um ato contínuo de desconstruir e reconstruir fronteiras - amplamente apropriadas pelos estudos queer.

Surgida como uma disciplina de entremeio, justamente procurando analisar aquilo do qual os estudos gays e lésbicos não davam conta – ou do espaço do "entre" – é que passa a ganhar força, no início dos anos 90 do último século, este campo do conhecimento. Justamente por tratar de assunto tão delicado e tabu na civilização ocidental, é que seus próprios teóricos ainda não entraram em acordo em relação a determinados tópicos – o que é comum a muitas outras áreas do conhecimento (JAGOSE, 1996).

Escolhendo justamente como campo de pesquisa a travessia entre as fronteiras de gênero, os estudos *queer* questionam o nosso assujeitamento a um sexo biológico ditado desde o nosso nascimento, e que nos condiciona a determinados comportamentos restaurados e por conseguinte, performances pertinentes a uma única forma de desejo, ou a uma forma de desejo que seja "condizente" com seu sexo biológico.

É justamente na subversão desta ordem que surge um campo fértil para essa área de estudos. Faz parte de seu campo a análise da transgressão e a reorganização desse panorama após uma ruptura de um modelo que resiste por boa parte da história da civilização humana no ocidente. Seus pecados, desvios e confrontos são os lugares onde se instauram os novos devires. Evidenciam o caráter transitório e instável das identidades. Representam, de forma significativa e concreta variações nas identidades de gênero e sexualidades. Oferecem a possibilidade de novas e outras performances.

Butler reitera que a divisão sexo/gênero parte da ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído e reproduz, segundo a filósofa, um modelo binário que em muito se assemelha ao par significante/significado de Saussure. A autora retira da noção de gênero a ideia de que ele decorreria do sexo e discute em que medida essa distinção sexo/ gênero é arbitrária, assim como a constituição do signo linguístico. "Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma" (BUTLER, 2003, p. 25).

A crítica em relação ao sistema sexo⁄ gênero – que, diga-se de passagem, já vinha sendo discutido pela antropóloga Gayle Rubin (1975) – é a de que esta dicotomia serviria como forte dispositivo de controle e organização social, validando a subordinação das

mulheres aos homens, dos homossexuais aos heterossexuais, fortalecendo a manutenção de uma sociedade machista, patriarcal e heteronormativa. Aquelas e aqueles que não se enquadrassem nesse sistema, não só na forma como a sociedade os veria, mas também em relação aos seus desejos e práticas sexuais, seriam deixados à margem.

A heteronormatividade compulsória, portanto, conclama homens a, praticamente todos os dias e em inúmeros momentos afirmares suas práticas e desejos, afirmando seus papéis de homens: Seja através do uso do desodorante do homem-HOMEM, seja através das brincadeiras machistas com as colegas de trabalho, seja a piada homofóbica em relação a outro homem com características culturalmente tidas como menos masculinas. Ao que parece, como participante de desejos e práticas sexuais desvalorizadas socialmente – resta ao homem usuários de sites e aplicativos de HEH, ao menos, performar atitudes másculas e viris a fim de alcançar e manter certa hierarquia no âmbito das masculinidades. Se o objeto de seu desejo ou afeto for outro tão másculo ou mais másculo do que ele, aí tem-se um quase topo no *podium* desta hierarquia, desde que suas performances sejam condizentes com as reconhecidamente valorizadas para indivíduos biologicamente pertencentes ao sexo masculino. Como exemplo disso, vejamos alguns anúncios abaixo, veiculados para homens gays:

Figura 5 – Anúncio da festa “Domingo dos Ursos”.

Fonte: https://pt-br.bea.rs/. Acesso em: dez. 2019.

Figura 6 – Anúncio de cruzeiro gay.

Fonte: https://atlantisevents.com. Acesso em: fev. 2018.

Figura 7 – Anúncio de festa.

Fonte: https://xlsiorfestival.com. Acesso em: fev 2018.

Ao compararmos as imagens dos anúncios acima com os apresentados anteriormente nesse capítulo, observamos que não há diferenças tão marcadas em termos dos modelos de masculinidade que temos apresentados em ambos os grupos de anúncios, exceto pelo fato de, no segundo grupo, os anúncios apresentarem performances que exaltem mais a sensualidade – todos os modelos estão com o torso nu – há uma valorização de determinado construto

corporal (nos dois últimos anúncios do segundo grupo os modelos estão dentro da categoria dos sarados⁄ malhados), além de, ainda no segundo anúncio do segundo grupo, termos um forte componente racial inserido – trata-se de um anúncio em inglês, de um cruzeiro *gay* pelo Caribe saindo de Porto Rico, onde todos os modelos retratados no anúncio são negros. Direcionado, muito provavelmente a um público da América do Norte, temos a imagem do Caribe como um destino exótico, habitado por homens negros sempre dispostos a atender e satisfazer os mais variados desejos dos turistas – máquinas insaciáveis de sexo.

Acima de tudo, o motivo de apresentar estes anúncios é observar que, independente de orientação sexual, e isto se aplica nos sites e aplicativos dos HEH, todos parecem beber da mesma fonte, ou seja, todos constroem suas performances a partir de modelos ditados da masculinidade hegemônica.

Butler retoma o debate da relação entre gênero e performance. Para ela, tanto o gênero quanto as várias ações sociais, fazem parte de uma performance repetida – o que Schechner chama de comportamento restaurado. Em consonância com Schechner, ela problematiza essa relação

> Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa "ação" é uma ação pública. Essas ações tem dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito (BUTLER, 2003, p.200).

Desta forma a autora traz ao debate a noção de performatividade. Ainda que bem próxima e muitas vezes confundida com a noção de performance, a ideia de Butler é ir um pouco mais além, já que para ela a noção de gênero não é tão estável como poderia parecer. Vejamos: para a estudiosa, o gênero faz parte de uma identidade tenuamente construída, instituída graças à uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produziria pela estilização do corpo, e deveria ser entendido como a forma corriqueira pelo qual gestos, movimentos e estilos corporais constituem a ação de um *eu*. Destarte, o gênero sairia do ato de modelo puramente fixo e seria instituído a partir de uma temporalidade social, repleta de atos internamente descontínuos. As identidades e subjetividades seriam elaboradas através de uma "aparência de substância" – uma realização performativa na qual acreditamos, quase como se fosse uma crença. O gênero é estruturado assim, em atos repetidos que buscam de aproximar de um modelo ideal – no nosso debate, a masculinidade hegemônica, sendo ela

também histórica e socialmente construída – mas que não é reproduzido de forma perfeita, mas de forma descontínua, repleto de suturas, de rupturas. Daí ser nas rupturas, nas suturas, no entre destes atos que se encontra a possibilidade de transformação e de subversão. Não há um terreno plano em termos de gênero e performances. Ele está repleto de rachaduras.

É interessante mencionar que, embora associada à teoria *queer* e aos estudos de gênero, ou erroneamente definida como a criadora da ideologia de gênero, este não o tema principal dos estudos da filósofa Judith Butler. Sua primeira obra, *Excitable Speech*, publicado em 1997 e sem tradução para o português, tem como foco os discursos de ódio e no método político de grupos extremistas, dentro da análise da sociedade norte-americana. A força da violência verbal, da injúria, das palavras que agridem e ofendem são o foco deste trabalho inicial. É a partir da reflexão sobre tais discursos e palavras de ódio, que aviltam o outro é que a autora desenvolve em Problemas de gênero a noção de biopoder da linguagem o que possibilita a subversão das identidades. É pela performatividade que Butler se vale para argumentar que nossos corpos fazem, produzem, e operam aquilo que somos, ainda que essa performatividade não seja organizada a partir de uma dimensão de pura decisão individual. Butler postula tal conceito de para descrever o modo através do qual certo tipo de comportamento é repetido reiteradamente até cristalizar e virar substância, isto é, até ter a aparência falsa de que esteve o tempo todo lá.

Butler desconstrói a distinção sexo/gênero para argumentar que não há sexo que não seja desde sempre gênero. Nossos corpos são "generificados" desde o começo de nossa existência social - e não há existência que não seja social. Isto significa que não há "corpo natural" que preexista à sua inscrição cultural o que aponta para a conclusão de que gênero não é algo que somos, é algo que fazemos. Ela desenvolve sua teoria em seu livro *Problemas de gênero*.

> O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos constitutivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social (BUTLER, 2003, p. 33).

O gênero não é apenas um processo, mas um tipo muito particular de processo -um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido- segundo Butler. Sara Salih, (2012) professora de inglês da Universidade de Kent, faz uma interessante analogia ao exemplificar a noção de quadro regulatório – na analogia do guarda roupa, a

professora menciona que, embora tenhamos múltiplas combinações possíveis, esse número não é ilimitado. Vai depender da quantidade de roupas que temos. Da mesma forma, não somos totalmente livres para escolher os nossos *scripts* em termos de gênero. Há limitações impostas pela cultura que irão definir que combinações serão possíveis de serem adotadas. Ainda assim, para Butler, o gênero é sempre constituinte de um devir – do que pretende ser, do que simula ser. Para ela, portanto, não existiriam "identidades de gênero", mas "expressões de gênero" (2003, p. 25). O gênero é sempre um fazer. Não existiria um sujeito por detrás do gênero, mas este se constituiria no fazer – daí a importância da performance, que para Butler vai um pouco além – seria performatividade.

Para Butler o elemento performativo é aquilo que perturba as associações binárias e aponta para o caráter imitativo de todo gênero. Performance, assim, aponta para uma "contingência radical" (2003, p.196) em relação ao gênero e ao sexo, para uma desnaturalização e para o caráter de fabricação de toda identidade sexual. A dimensão contingente do gênero como performance sugere a necessidade de repetição – ainda que em uma nova situação - daquilo que um dia foi aprendido, de um comportamento restaurado, relacionado a um conjunto de significados já estabelecidos socialmente. O que não quer dizer que outras possibilidades possam ser elaboradas, mas dentro de um certo número de possibilidades, dentro do que temos em determinada cultura. Todas as possibilidades, tanto de masculinidade como de feminilidade, tanto as valorizadas como as subalternas, são constituídas socialmente e pela cultura, atendendo a determinados quadros regulatórios. Diria eu: altamente ligadas ao biopoder e a manutenção de determinadas relações sociais, em especial que privilegiem a manutenção da heterossexualidade compulsória e da masculinidade hegemônica.

> O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003, p.201).

Algumas ideias que dão forma ao conceito de performatividade desenvolvido por Butler são tomados de outros autores e, a partir daí desenvolvidos. Já mencionei a relação entre performance e performatividade, e de como essas concepções como que se entrelaçam, faltando citar que Butler também bebe muito da fonte de Austin.

Butler considera a linguagem espaço privilegiado para desestabilização das hierarquias. Nas fissuras do entre (entre discursos, entre performances), ela percebe que o mesmo sistema de repetição que garante a eficácia do ato performativo e o reforço de identidades, é o que pode também desconstruí-las, promovendo a interrupção das identidades hegemônicas. As repetições podem ser questionadas e contestadas. Ter seu processo interrompido e "des-viado" para a produção de novos sentidos e novas identidades, sendo a língua e o discurso espaços privilegiados para tal. Ela sugere que há, ao nos apropriarmos de termos usados para nos insultar, um poder performativo que "esvazia" o termo de seu sentido pejorativo e o converte numa afirmação. Ao mesmo tempo em que Butler continua insistindo nas possibilidades subversivas da apropriação, observamos que ela não esquece a importância dos usos sedimentados do signo, isto é, os significados que os signos possam ter adquirido e o peso desses usos prévios ainda são importantes na constituição das identidades tanto sociais quanto culturais. Entretanto, ela também afirma que termos usados como ultraje e ofensa podem readquirir uma pureza inesperada. Enfatizando a mutabilidade produtiva dos atos de fala, os quais podem ser recontextualizados de forma que venham a assumir significados inesperados, Butler menciona "a promessa política do performativo, uma perspectiva que coloca o performativo no centro de uma política de hegemonia que propicia um futuro político imprevisto para o pensamento desconstrutivo" (1997)

Não por acaso, é o que a academia norte americana fez com a noção de *queer*, elegendo a palavra como nome para um campo de estudos. Tendo seus primeiros registros datados das décadas de 10 e 20 do século XX (SIMÕES JR, 2005), era (e ainda é) usado como um termo que descreve o homossexual masculino de maneira pejorativa – no original significa estranho, diferente, ou usado com o sentido de "bichinha" no português do Brasil – e hoje vem nomeando um campo dos estudos de gênero, sendo Teresa de Lauretis a primeira estudiosa a promover a desestabilização da palavra numa conferência em 1990.

Figura 8 – Anúncio da temporada norte americana de Queer Eye.

Fonte: https://www.tvmaze.com/. Acesso em: jan. 2020.

Na chamada do lançamento na Rede de Streaming Netflix, na página anterior, por exemplo, observamos a chamada da nova temporada da série *Queer Eye*, que poderíamos traduzir literalmente como "olhar gay". A série é inspirada em outra exibida no canal ade TV a cabo norte americano Bravo. de 2003 a 2007 – *Queer eye for a straight guy* – algo como "olhar *gay* sobre um cara hetero". A ideia tanto da série original como a da produzida pela Netflix é a de que cinco homens gays (*The five fabulous*) possam interagir e dar conselhos sobre comportamento, cultura, moda, estilo e bem estar, comida e bebida e cuidados com a casa a um selecionado ou selecionada por semana (sim, na série da Netflix mulheres também são atendidas pelos consultores). Tal exemplo vem corroborar com a subversão do uso da palavra *queer* para além do campo acadêmico. Poderia escrever sobre outros exemplos (como

da clássica série *Queer as Folk* – Os Assumidos - dos anos 90) mas considero esse já de bom tamanho e por ser relacionado a uma série ainda em exibição nos dias de hoje[22].

De início inserido no campo dos estudos feministas, a partir das décadas de 80 e 90 do século passado, a teoria *queer* (ou estudos *queer*) torna-se a resposta que a academia norte-americana deu a necessidade de um enfoque maior e mais específico para os estudos *gays* e lésbicos. Trata-se também da procura de uma não vinculação ao modelo binário de sexualidade, em especial o feminino. Procuram aprofundar "as relações possíveis entre as identidades gays e lésbicas e a cultura construída em torno de conceitos como natural e normal, isto é, busca[m] problematizar e desconstruir as relações entre o centro e as margens, compreendidas como as identidades homossexuais" (LUGARINHO, 2002). Os estudos *queer*, assim, reconhecem que as identidades são potencialmente reinventadas, que assumem caráter performático, sendo mais importantes as posturas assumidas em determinados momentos (fazer e o mostrar-se fazendo dos estudos das performances) que o próprio fato de quem se é. A ideologia e o contexto social nos incitam a assumir papéis, a exibir performances, a nos travestir enquanto masculino ou feminino de acordo com as identidades que assumimos, dentro dos modelos de existência possíveis ou subvertendo-os.

Jagose (1996) nos aponta que o termo *queer* já era usado nos Estados Unidos por volta dos anos 10 e 20 do século XX, antecedendo o uso da palavra *gay*. Outro fato interessante é que era usado pelos próprios homossexuais para definir aqueles que tinham interesse por outros homens, independentemente de serem efeminados ou não.

Queer é um termo que teve seu sentido transformado, em especial pela visibilidade que os estudos de gênero, aí inseridos os estudos *gays* e lésbicos, vem tendo no meio acadêmico. A postura teórica das⁄os estudiosas⁄os é predominantemente a aposta de uma nova construção em termos de identidades sexuais), apoiada em muitos de seus aportes nas teorias foucaultianas. A ênfase do filósofo francês em mostrar que a sexualidade não é apenas um atributo pessoal, mas uma construção cultural – perpassada por efeitos de poder – tem sido crucial para novas concepções e o desenvolvimento dos estudos gays e lésbicos. Além de Butler, mencionada no corpo deste texto, poderíamos citar como outras expoentes neste campo a própria Teresa de Lauretis (professora de História da Consciência – Universidade da Califórnia em Santa Cruz) – que primeiro usou o termo no intuito de desconstruí-lo, além de

[22] A versão norte-americana da série está, no momento de finalização desse texto, em sua 6ª temporada na plataforma de Streaming Netflix. Poucos dias antes de defesa dessa tese estreou na plataforma a versão brasileira do programa.

Eve Kosofsky Sedwick, teórica dos estudos de gênero e autora da obra de referência *Epistemology of the closet*;

De fato, Butler e Sedgwick são consideradas as pioneiras no que se refere a obras teóricas em relação aos estudos queer. *Gender trouble* (em português "Problemas de Gênero", lançado pela Civilização Brasileira em 2003) e *Epistemology of the closet* (sem tradução em português), ainda que publicados quando a teoria não havia sequer sido formulada, são as obras que ocuparam a lacuna de obras teóricas iniciais e fundamentais para ocupar o espaço que os estudos queer evocavam.

Porém, embora a proposta dos estudos queer seja abarcar as diversidades, entendendo-as como múltiplas e plurais, me parece que não é o que ocorre, ou pelo menos não ocorre com frequência no ambiente dos sites e *apps* de encontros. Por muitas vezes há a reprodução de parâmetros heterossexuais nestes espaços que, teoricamente, seriam voltados para atender o público gay conforme veremos em vários momentos das leituras dos mapas, no capítulo 5. Mais uma vez a ideologia dominante determina modelos de conduta e especifica quem deve e não deve ser aceito socialmente, quem deve estar no centro e quem deve permanecer à margem. Essa relação centro versus margem se torna mais latente quando nos referimos à sexualidade humana, já que convivemos com imagens construídas socialmente e na linguagem e, através delas, aferimos valores às pessoas. Graças a esses valores, nos isolamos na tentativa de nos defender do outro, do estranho, do diferente. O outro representa a ameaça, aquilo que contraria as normas pré-estabelecidas

Inicialmente expostos a um modelo religioso, onde o que fugisse à norma seria castigado por Deus, através da Igreja – sua representante na Terra –, o século XIX nos inseriu em moldes biológicos, onde a sexualidade é ditada pela classificação masculino/feminino, devendo estar nosso comportamento e nossa subjetividade condicionados à nossa anatomia. A instauração de um processo que determina o percurso de certo rumo ou direção começa já a partir do nosso nascimento, compreendendo determinadas decisões e definições em relação ao corpo e ao sujeito, inaugurando um percurso de masculinização ou feminização – assujeitando nosso desejo a nosso sexo biológico.

Judith Butler (2003) argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de fazer desse um corpo masculino ou feminino. Um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribuem significados culturais. Arriscar-se em uma postura que fuja dessa dicotomia seria, portanto, como que sair das expectativas de performances esperadas de acordo com seu sexo biológico e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado. É receber o rótulo de anormal - o/a sujeito que foge à construção

social da normalidade, que causa danos à vida social, e, por fugir do controle imposto ao seu corpo, deve ser deixado à margem. Aqueles que subvertem as normas são os alvos das punições, das tentativas de recuperação a todo custo e das mais variadas formas de exclusão, inclusive a exclusão estatal, já que o Estado determina quais espaços podem ser ocupados por determinados corpos, quais corpos serão silenciados e/ou mortos, quais corpos tem direito a educação, saúde e moradia e quais não.

De forma simplista, já que este não é um trabalho sobre teoria ou estudos queer, um dos maiores esforços desse campo do conhecimento reside na crítica ao que se convencionou chamar de heteronormatividade, defendida por aqueles que veem o modelo heterossexual como o único correto e saudável. Diante disso, os primeiros trabalhos dos teóricos queer apontavam que este foi um modelo foi construído para normatizar as relações sexuais. Desta forma, pesquisadoras, pesquisadores e ativistas pretendem desconstruir o argumento de que sexualidade segue um curso natural.

Na atualidade, outros nomes surgiram em relação aos estudos queer. Na Europa temos o filósofo espanhol radicado na França Paul Preciado, transexual, autor de Manifesto Contra-Sexual. No Brasil, os destaques em termos de publicação de artigos e livros vão para a professora da UFRGS, do departamento de Educação, Guacira Lopes Louro, como uma das grandes divulgadoras e tradutoras de material sobre este campo de estudos no Brasil. Além dela os sociólogos Richard Miskolci (UFSCAR), Berenice Bento (UFRN) e a antropóloga Larissa Pelúcio (UNESP). Na UFBA temos o professor Leandro Colling, coordenador do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS), além de muites outres pesquisadores que se debruçam sobre a temática.

2 **O DISCURSO – UM CONCEITO QUE RESISTE A LIMITAÇÕES**

> O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2003a, p.10)

> Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. E esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2017, p. 55).

Neste capítulo, busco delimitar um (ou mais) conceito(s) possível(veis) para a noção de discurso, já que essa definição é extremamente importante para o tipo de pesquisa que me proponho desenvolver. Recuperando os conceitos de discurso e Análise do discurso (AD), procuro investigar como Dominique Maingueneau (1997, 2005, 2010, 2013, 2015) interpreta tal conceito. Devido à dificuldade de colocar a noção de discurso em uma camisa de força acadêmica, proponho, de início, uma reflexão sobre o que não é considerado discurso segundo a concepção de Maingueneau. Em seguida, amparado nos estudos que o autor desenvolve em sua obra Gênese dos discursos, refaço seu percurso, mostrando que características um discurso deveria ter. Retomo conceitos que considero relevantes para minha proposta de pesquisa, como a prática discursiva, o primado do interdiscurso, o simulacro, e a noção de etos[23]. Na tessitura desses diálogos busco relacionar os conceitos apresentados pelo linguista francês com o que temos debatido em nosso grupo de pesquisa na UERJ e vem sendo apresentado em artigos como o de Deusdará, Rocha e Arantes (2019) ou em obras como a de Deusdará e Rocha (2021), além de dissertações e teses defendidas no programa.

A área do conhecimento conhecida hoje como análise do discurso, ou AD, é um campo que tem como principal foco de sua análise as reflexões sobre a linguagem. Embora por muitos autores seja ainda entendida como parte ou um ramo da linguística, podemos nos referir a este campo como um ponto de encontro entre as Ciências Humanas, dialogando com as questões do sentido oriundas da relação entre sujeito, linguagem e história.

[23]Aproprio-me do conceito apresentado por Souza-e-Silva e Rocha (2012) em relação à ortografia da palavra, na "tentativa de conciliar, por um lado, a tradição dos estudos sobre o tema, na qual se consagrou a grafia ethos, e, por outro lado, a recente incorporação de etos em dicionários da língua portuguesa". (p.45). Deusdará, Rocha e Arantes trazem, mais uma vez, o tema ao debate em 2019. Os autores afirmam que a preferência pela língua estrangeira estaria atrelada a um modelo colonial do saber, implicando, "de forma indireta a identificação de quem tem direito de teorizar sobre o conceito" (p.3), ou seja, o direito à produção do conhecimento caberia sempre a uma voz vinda do estrangeiro.

Voltando um pouco na História, a fim de melhor contextualização, retomo Michel Pêcheux (1997), filósofo, um dos grandes estudiosos e precursor do que entendemos hoje como AD, que já nos anos 60 do século passado apresenta um contraponto aos que concebiam da língua como um processo "natural" e que descartavam ou consideravam imperfeita qualquer concepção que estivesse fora de um modelo lógico de produção da linguagem. Para Pêcheux (1997), é justamente nas "imperfeições" da linguagem, no embate entre o ideológico e o político que se produz o material mais rico para o analista. Para ele, portanto, mais do que uma visão da língua como objeto que é valorizado enquanto estruturado, cristalino e uníssono, interessa o processo discursivo enquanto elemento diferenciado, portador de múltiplas vozes, com toda a sua ambiguidade e entendido enquanto resultado dos processos ideológicos e históricos que os determinam. O artigo *L'Analyse du discours* de Bonnafous e Krieg-Planque nos dá uma ideia das áreas de interesse e das relações com outras ciências deste campo do conhecimento

> L'analyse du discours s'intéresse aux formes et aux modalités d'expression des messages médiatiques, politiques, publics, organisationnels, etc. en rapport avec des cadres sociaux (le contexte historique, le média, le parti politique, le gouvernement, l'entreprise, etc.). Il s'agit d'une démarche fondée sur la linguistique, mais qui insiste sur le lien entre le discours et le social, entre le verbal et l'institutionnel, entre les mots, les figures, les arguments et ceux qui les énoncent et les interprètent.
> Par la nature de cette articulation entre les sciences du langage et les autres sciences humaines (histoire, science politique, sociologie, etc.), l'analyse du discours se différencie d'autres disciplines du discours, comme les théories de l'argumentation, la grammaire des textes, les études conversationnelles. (...) Biensûr, l'analyse du discours peut mobiliser les ressources de ces disciplines, mais ele s'en distingue par l'intérêt qui la gouverne, à savoir une préoccupation pour l'intrication entre un texte et un lieu social, à travers un dispositif d'énonciation spécifique (2013, p.1).[24]

Evidentemente não se descartam completamente as bases estruturais da língua – estruturas fonológicas, sintáticas, morfológicas – mas busca-se uma dupla apropriação onde a língua é percebida sob dois aspectos: o textual e o social. Daí sua proximidade também com

[24]"A análise do discurso se interessa pelas formas e modalidades de expressão da mídia, mensagens políticas, públicas, organizacionais, etc., em relação aos contextos sociais (contexto histórico, mídia, partido político, governo, empresas, etc.). É uma abordagem baseada na linguística, mas que insiste na ligação entre o discurso e o social, entre o verbal e o institucional, entre palavras, figuras, argumentos e aqueles que os enunciam e os interpretam.
Pela natureza desta articulação entre as ciências da linguagem e outras ciências humanas (história, ciência política, sociologia, etc.), a análise do discurso difere de outras disciplinas do discurso, tais como teorias da argumentação, gramática de texto, estudos de conversação. (...) É claro que a análise do discurso pode mobilizar os recursos destas disciplinas, mas difere delas pelo interesse que a governa, ou seja, uma preocupação com o enredamento entre um texto e um lugar social, através de um dispositivo específico de enunciação". Tradução minha.

outras Ciências Humanas e o surgimento de tantas ramificações da Linguística, já que essa, enquanto encarada apenas pelo seu aspecto estrutural, não dava mais respostas satisfatórias às questões colocadas pelos pesquisadores da linguagem. Maingueneau (2015) aposta também em um movimento da AD que, de certa forma, seria uma resposta a um modelo de produção de saber compartimentado e cada vez mais especializado, com pouco ou nenhum diálogo entre as disciplinas. Numa forma de empreendimento transdisciplinar e pós-disciplinar, a AD acabou por acompanhar e buscar respostas para as rápidas mudanças sociais, histórias e tecnológicas.

A AD, portanto, como próprio reflexo da velocidade de informação e de produção das sociedades modernas fluidas e instáveis, é, ela mesma, dotada de boa dose de instabilidade, o que faz com que hoje não se fale de uma única análise do discurso, mas de análises do discurso, conforme o referencial teórico ao qual quem pesquisa se filia. De fato, não há um grande nome, ou um "pai" da análise do discurso, mas temos autores fundantes para o que se entende hoje como AD e correntes teóricas às quais nos filiamos, de acordo com os centros de pesquisa aos quais estamos vinculados e o desenvolvimento das nossas pesquisas.

Maingueneau (2015) faz menção a autores cujas ideias foram fundadoras para a elaboração do campo do saber que hoje conhecemos como AD: Goffman, Wittgenstein, Foucault, Bakhtin, só para citar alguns. Embora suas contribuições não deem conta deste campo como um todo, suas abordagens percorram áreas deste campo do saber do qual me utilizo atualmente no desenvolvimento desta pesquisa.

A instabilidade em relação ao campo de análise do discurso se faz presente na própria estruturação ou definição do que seria discurso. Maingueneau (2015) nos lembra de que discurso pode ter dois sentidos principais, já que referências ao termo podem ser feitas de formas diferentes, se o consideramos como substantivo incontável, o que lhe dá um sentido mais genérico – O discurso do governo, o discurso da direita ou da esquerda – ou se o consideramos como substantivo contável, o que dá um sentido de conjuntos textuais – os discursos da mídia, os discursos pelos quais somos atravessados.

> Tal polivalência permite que "discurso" funcione, ao mesmo tempo, como referindo objetos empíricos ("há discursos") e como algo que transcende todo ato de comunicação particular ("o homem é submetido ao discurso"). Isto favorece uma dupla apropriação da noção; por teorias de ordem filosófica e por pesquisas empíricas sobre o funcionamento dos textos. (MAINGUENEAU, 2015, p. 23)

Em seu processo de dissociação de outras áreas do saber para se firmar enquanto ciência, a AD rompe assim com certas áreas da Linguística e com certos conceitos

tradicionais ou noções pré-concebidas de discurso, se o pensarmos em termos puramente linguísticos. Maingueneau, portanto, procura, esclarecer algumas confusões que podem surgir em relação ao termo discurso, ou o que não é discurso dentro de sua abordagem:

Desta forma, o discurso está para além do texto, ou para a mera interpretação do texto. Não é um encadeamento de frases e não é língua – já que não está apenas atrelado a aspectos morfológicos, fonológicos e sintáticos.

Mas, se Maingueneau expõe o que não é discurso dentro da concepção que interessa a AD, como defini-lo? O que é então discurso, de acordo com esta perspectiva?

Árdua tarefa!

Entendo a AD como um campo de estudos trans e pós-disciplinar, e influenciada pelas mais variadas correntes e autores das ciências humanas, Maingueneau (2015) não nos oferece uma definição, mas nos apresenta um certo conjunto do que chama de "ideias-força", que podem nortear nosso raciocínio e aclarar um pouco nossas angústias. Tracemos então um percurso que possa nos oferecer algumas possíveis respostas:

i) O discurso está além da frase, pois este mobiliza estruturas de outra ordem. São atravessados por, pelo menos, dois níveis: as regras que governam os gêneros do discurso (bula de remédio, textos acadêmicos, romances, perfis em aplicativos, etc.) e as regras que governam um diálogo, relato, explicação;

ii) O discurso é uma forma de ação, já que falar é uma forma de ação sobre o outro, e não apenas uma representação do mundo (Maingueneau, 2015);

iii) O discurso é interativo, já que envolve dois ou mais parceiros. No ambiente dos sites e aplicativos, córpus de minha pesquisa, quem escreve tem por objetivo comunicar-se com alguém e neste caso num âmbito muito maior do que a conversa presencial;

iv) O discurso é contextualizado, pois fora de um contexto não se pode atribuir um sentido a um enunciado;

v) O discurso é assumido por um sujeito, necessitando estar relacionado a um sujeito, um eu, que se torna, assim fonte de referências pessoais, temporais e espaciais, indicando qual é a atitude que ele adota em relação ao que diz e a seu destinatário[25];

vi) O discurso é regido por normas, tanto num nível elementar quanto mais elaborado. Uma simples pergunta pressupõe que o locutor não saiba a resposta. Os gêneros discursivos,

[25]Entendo, partindo do referencial teórico dos estudos do discurso que o receptor ou destinatário não recebe a mensagem passivamente, mas constrói o processo comunicativo em conjunto com aquele que enuncia. Assim, prefiro usar o temo coenunciador.

por exemplo, estão regidos por conjuntos de normas que suscitam expectativas a partir do momento em que nos deparamos com eles;

vii) O discurso só adquire sentido no interior do interdiscurso, fazendo-se necessário relacioná-lo a outros tipos de enunciado. Classificar um discurso em um gênero textual, por exemplo, significa compará-lo com outros, a fim de inseri-lo ou não em determinado grupo. Vem daí o fato de que tanto Maingueneau como outros estudiosos, como Bakhtin, Lacan, Althusser e Pêcheux considerarem a importância dessa relação interdiscursiva, pensando o enunciado num constante movimento dialógico, nunca fechado, nunca "nascendo" ou "morrendo" em si mesmo, mas aberto a enunciados externos, anteriores e com influência sobre os que virão a seguir. Partindo desta premissa, tem-se um conceito que é um tanto unificador dos teóricos e estudiosos da AD, independentemente de suas divergências: O discurso não nasce em nós. Somos atravessados por ele;

viii) O discurso constrói socialmente o sentido, e neste aspecto, não podemos dizer que este sentido é estável, diretamente acessível, algo que está passivamente esperando para ser acessado, analisado. Ele é elaborado, construído e reconstruído constantemente no interior das práticas sociais. O discurso depende sim dos indivíduos, mas estes indivíduos não surgem do nada. Estão inseridos em contextos históricos, ideológicos e sociais dos mais diversos níveis.

Embora estejamos presenciando uma grande profusão do termo "discurso", evidenciando a amplitude de seu campo de atuação nestas primeiras décadas do século XXI, o seu espaço ainda é incerto, ora lutando para não ser reconhecido pelo apenas e estritamente linguístico, mas por outro lado também não buscando ser reconhecido "apenas" pelo cunho social. Sua proposta é a da promoção do diálogo entre várias disciplinas, não se limitando a um espaço circunscrito, mas buscando a elaboração de uma abordagem crítica considerável.

Deusdará e Rocha (2021) nos lembram que, no campo dos estudos do discurso, as condições de produção acabam por se tornar elemento definidor nesse processo e que não devem ser consideradas apenas como algo que se movimento de fora para dentro, mas também do e no interior. Assim, o discurso faz parte de um jogo de forças, que se movimenta nas mais variadas direções.

Outro fato que merece menção é o fato de crermos que os discursos nascem em nós, de que em determinado momento são formulados a partir de nossas próprias ideias. Deusdará e Rocha retomam o caso da estudante do Paraná, cujo discurso viralizou ao defender a ocupação das escolas[26]. Ao afirmar que nunca havia feito um discurso antes, Ana Júlia não se

[26] https://brasil.elpais.com/brasil, acesso em julho de 2022.

dava conta de que esse é um processo de construção coletiva, feito com os embates de forças de muitas vozes (2021, p. 65). Da mesma forma, o que enunciam os usuários nos sites e aplicativos de relacionamento não são discursos que nascem tão somente deles, mas que são construídos através do vínculo com outros textos e instituições – daí o primado do interdiscurso sobre o discurso.

Assim, pistas importantes nos são dadas: o discurso está intrinsecamente ligado às suas condições de produção e é um processo de construção coletiva – de muitas vozes, de muitos enunciados – o que nos leva ao interdiscurso.

Mas, o que interessaria ou chamaria a atenção para quem faz ou trabalha com AD? Voltando a Maingueneau (2015), analistas do discurso se interessam pela

> ...maneira pela qual, em uma sociedade determinada, a ordem social se constrói por meio da comunicação. Eles se esforçam para manter um equilíbrio entre a reflexão sobre o funcionamento do discurso e a compreensão de fenômenos de ordem sócio-histórica ou psicológica.(...) Sua pesquisa pode visar esclarecer uma questão estritamente discursiva (,,,) mas pode também ter como propósito responder a problemas sociais (...) ou de questionar outros campos do saber. (MAINGUENEAU, 2015, p.33)

Desta maneira, o autor propõe que os textos sejam colocados em relação com a conjuntura histórica, com o objetivo de verificar como os mesmos traços semânticos operam em domínios outros

> É forçoso, pois, definir unidades semânticas, separar um interior de um exterior, mas também admitir que esse dentro é de fato um fora. Em dois sentidos: porque, no espaço enunciativo, o Mesmo se constitui no Outro, o fora investindo o dentro, pelo próprio gesto de expulsá-lo; e porque, através de seu sistema de restrições, o discurso se encontra engajado em uma reversibilidade essencial com grupos, instituições, e, igualmente com outros campos. (MAINGUENEAU, 2005, p.189)

Enfim, propõe um caminho possível para se constituir uma Análise do Discurso. Apropriando-se dos estudos de Michel Foucault e de Michel Pêcheux – e levemos em conta que, para Pêcheux, a relação com os fatores históricos é um elemento primordial – Maingueneau acrescenta outros aspectos que afetam o discurso, além de sua relação direta entre língua e história. Possenti, no texto de abertura do livro Gênese dos discursos traz algumas observações enriquecedoras sobre a proposta do trabalho de Maingueneau e de sua abordagem de AD

> Certas características desse modo de fazer análise do discurso colocam sua proposta em lugar específico nesse campo. Merece destaque o tratamento do discurso a partir de uma semântica global. Ela explica as práticas dos adeptos de um discurso, seu ethos, a organização das comunidades discursivas; além disso, permite compreender práticas intersemióticas; e, especialmente torna inteligível porque a polêmica

> implica a leitura do Outro na forma do simulacro. Em segundo lugar, no cerne de todo o trabalho, está a rigorosa implementação da ideia de que o interdiscurso precede o discurso (MAINGUENEAU, 2005, p.9)

2.1 **O que propõe a Gênese dos discursos de Maingueneau**

Maingueneau, buscando amparo em debate propiciado por Bakthin, propõe um olhar que busca contemplar o interdiscurso como tendo precedência sobre o discurso (2005, p.21). Bakhtin afirma que os enunciados formam como que elos na cadeia da comunicação discursiva (2011, p.299), estabelecendo, por meio destes vínculos, relações como que de concordância, afastamento, neutralidade, entre outros. Maingueneau, portanto, leva em consideração dois itens considerados fundamentais pelo autor: a gênese dos discursos e sua relação com o interdiscurso. Ele afirma que tratar do discurso não é somente um estudo do vocabulário ou de sentenças, mas que "depende de fato de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais" (2005, p.18).

A valorização do interdiscurso, como proposta por Maingueneau, também chama a atenção pela possibilidade de valorização de uma voz que vem "de fora", ou seja, desse movimento de valorização – ou de reconhecimento – do Outro. Ou da percepção de que este funcionamento não se dá de uma forma única, mas justamente pelo encontro das diferentes vozes. De fato, o meu espaço de fala só é constituído no encontro com a voz do Outro, e das múltiplas potencialidades que este "encontro" propicia.

Estas múltiplas vozes e construções, entretanto, não "dialogam" de forma aleatória. Elas estão inseridas em um sistema de regras, "uma rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso [e que] coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro" (MAINGUENEAU, 2005, p.38). Esse sistema de regras, ou sistema de restrições semânticas é apresentado na obra Gênese dos discursos, publicada originalmente em 1984 e no Brasil em 2005. O linguista afirma que o funcionamento das formações discursivas funcionaria como um "filtro", determinando certos critérios que distinguiriam certos textos do conjunto de textos possíveis (MAINGUENEAU, 2005, p.49). A partir desta reflexão, o autor apresenta a noção de semântica global, afirmando que o discurso deve ser analisado a partir da integração de todos os seus planos, tanto na ordem do enunciado como no da enunciação (MAINGUENEAU, 2005, p.79). Neste espaço os falantes estão sujeitos a determinadas regras e sanções, caso fujam ao que foi pré-estabelecido (MAINGUENEAU,

2013, p.78-79). Por outro lado, porém, ainda que sujeito a regras, o discurso não pode ser concebido enquanto elemento estático ou enquanto um sistema de ideias arquitetural

> Ele [o discurso] não é um sistema de "ideias", nem uma totalidade estratificada que poderíamos decompor mecanicamente, nem uma dispersão de ruínas passível de levantamentos topográficos, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação. (MAINGUENEAU, 2005, p.19)

Esse sistema de regras são os pilares, portanto, da análise do discurso proposta dentro do modelo de uma coerência global proposta por Maingueneau.

Em primeiro, o autor propõe que mais importante que o discurso, é o espaço de troca entre vários discursos, o chamado primado do interdiscurso. Em se falando de gênese, pode-se afirmar que os discursos não nascem independentes uns dos outros e em seguida são comparados e analisados, mas se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso, num espaço de trocas, não de identidade fechada. Desta forma, o interdiscurso torna-se espaço privilegiado de investigação, sendo o discurso construído na sua relação com o outro, embora ao mesmo tempo este outro não esteja num espaço delimitado ou marcado. Aposta-se assim numa descentralização do sujeito, onde o Outro também está inserido no espaço do Eu-Sujeito, colado a si. Seu próprio avesso, onde os processos de assujeitamento se definem pela alteridade, por um constante efeito de deslocamento e (re)estabelecimento de fronteiras.

> O Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. (MAINGUENEAU, 2005, p.39)

Em segundo, Maingueneau (2005) afirma que o discurso se estabelece na oposição entre dois conjuntos de categorias semânticas, constituindo uma relação interdiscursiva: as consideradas positivas – valorizadas, oriundas de relações intertextuais com o intuito de se firmar – e as negativas, recusadas, desvalorizadas – oriundas de relações que se contrapõem aos semas considerados positivos. Faz parte, portanto, da constituição do discurso esse eterno jogo entre o Eu e o Outro – esse adversário ou avesso, já que quando uma formação discursiva permite a entrada do Outro em seu interior ela está "traduzindo" esse Outro, "interpretando-o através de suas próprias categorias" (MAINGUENEAU, 1997, p.120). Esta entrada do Outro não é permitida sem regras, de qualquer modo. É a chamada interincompreensão regrada

> cada discurso traduz os outros em seus próprios termos, transformando-os a ponto de sua presença não passar de um "simulacro" que ele constrói deles. Tal tradução corresponde a uma interincompreensão regida por regras (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2009, p.7)

Desta forma, a relação Eu-Outro se torna fundamental neste processo de constituição do processo enunciativo, já que o mesmo só existe graças a esta alteridade e a "leitura" que eu elaboro do diferente de mim. Embora possa parecer estranho, Maingueneau considera que essa relação com o Outro é deveras importante para a construção da estabilidade do discurso, para sua sobrevivência, sendo constitutiva do próprio. É graças a essa polêmica e nessa relação com o Outro que o discurso se mostra em relação a sua superioridade, que se constitui enquanto "verdade" para determinado grupo social, em determinada época. Essa tradução do outro em seus próprios termos é inerente ao discurso, tal como a interdiscursividade.

> O discurso não tem razão a não ser na medida em que crê que pode ser ameaçado, isto é, que é de fato o Outro que ele destrói, e não seu simulacro. Cada refutação bem sucedida é uma vitória do verdadeiro sobre o falso e esse combate ritual legitima e conforta a crença. É necessário pensar que o discurso é vencedor. (...) Necessidade que não é um segredo inconfessável guardado por alguns mistificadores interessados, mas a condição mesma da discursividade (MAINGUENEAU, 2005, p. 118)

Desta maneira, faz-se importante destacar, como já explicitado anteriormente, que o conflito não se dá de qualquer maneira, já que a 'incompreensão", resultante do malogro e do mal entendido ocasionais, se transforma em "interincompreensão", pois que obedece a regras e estas são as mesmas que definem a identidade das formações discursivas consideradas (MAINGUENEAU, 1997, p.120).

> Esta interação entre dois discursos em posição de delimitação recíproca pode ser compreendida como um processo de "tradução" generalizada, ligada a uma "interincompreensão". Tradução de um tipo bem particular, entretanto, pois ela opera, não de uma língua natural para outra, mas de uma formação discursiva à outra, isto é, entre zonas da mesma língua (MAINGUENEAU, 1997, p.120).

Pode-se depreender então, que o ato de avaliar o discurso do Outro trata da "tradução" que se faz do que ele diz a partir dos parâmetros do Eu. Mais do que reafirmar a validade dos registros do Eu como positivos e o do Outro como negativos, o que está em jogo é o simulacro do discurso do Outro. A imagem que o Eu constrói dele a partir de sua formação discursiva.

A seguir, Maingueneau, dentro dos pilares constitutivos do discurso, propõe em sua terceira hipótese que este é regido por uma semântica global. Para o autor, a semântica que rege o discurso é caracterizada pela existência de traços semânticos que determinam um

sistema de restrições, estabelecendo os enunciados que podem ou não ser ditos pelo enunciador. Há a busca pela integração dos chamados "planos" do discurso, sem o privilégio de um ou outro campo, mas buscando integrá-los todos, tanto na ordem do enunciado quanto da enunciação.

Ao postular o conceito da semântica global, Maingueneau chama a atenção para o fato de que, para se pensar a complexidade discursiva, faz-se necessário um sistema que busque reger todas as dimensões do discurso, onde as restrições têm um aspecto chave

> As restrições da semântica global não são somente destinadas a analisar "ideias". Elas especificam o funcionamento discursivo que, em graus diversos, investiu o vivido dos sujeitos. (...) O sistema de restrições define tanto uma relação com o corpo, com o outro...quanto com ideias, é o direito e o avesso do discurso, toda uma relação imaginária com o mundo. (MAINGUENEAU, 2005, p.101)

Estes planos do discurso, apresentados por Maingueneau na obra Gênese dos Discursos, encontra-se em ordem arbitrária. Um não é mais importante do que o outro, ou, não deve ter a primazia em termos de procedimento de análise. Para se compreender a dinâmica da discursividade, devem ser considerados conjuntamente, em todos os seus níveis. São eles: a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão.

Não entrarei na explanação de item por item, já que a descrição de cada um deles pode ser encontrada tanto na obra Gênese dos Discursos como em artigos e textos relacionados. Me deterei naqueles que considero mais importantes para o desenvolvimento de minha pesquisa.

Em primeiro, a intertextualidade. Maingueneau afirma que "Todo campo discursivo define uma certa maneira de citar os discursos anteriores do mesmo campo" (2005, p.81). O autor cita por exemplo, o fato de que o modo como a física moderna se reporta a Galileu ou a Newton não é o mesmo pelo qual um discurso católico se reporta à produção de São Paulo. Cada discurso apresenta um passado particular para si, filiando-se a alguns e recusando outros. Da mesma forma os discursos de homens que buscam encontros com homens filiam-se a discursos outros, tanto no campo da política, na forma de exercer a sexualidade, na construção de um modelo corporal considerado aceito pelo meio, na elaboração de sua própria masculinidade, na forma de se mostrar aos outros.

Um segundo fator que considero importante em minha pesquisa é o vocabulário. Não há um conjunto de palavras específico de um ou outro discurso, como se cada discurso possuísse um léxico próprio. "De fato, o mais frequente é que haja explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais por diferentes discursos"

(MAINGUENEAU,2005, p.83). Outrossim, para além do seu valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir e reforçar o estatuto de signos de pertencimento. Entre os vários vocábulos existentes, os enunciadores tendem a buscar aqueles que marcam determinada posição no campo discursivo.

Ao falar de vocabulário é importante destacar que o discurso não é considerado apenas como um conjunto de textos – já que, como explicado anteriormente, discurso não é texto, mas como uma prática discursiva (MAINGUENEAU, 2005, p.23). O termo vem da definição de Foucault - "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa" (FOUCAULT, 2017, p.144). Parte-se do movimento de pensar o sistema de restrições semânticas além do enunciado e da enunciação, o que faz tais discursos "comensuráveis com a rede institucional de um grupo, aquele que a enunciação discursiva ao mesmo tempo supõe e torna possível" (MAINGUENEAU, 2005, p.23).

Assim, precisamos pensar as condições do exercício dos enunciados, já que o discurso é parte integrante desse sistema. Não se pode considerar apenas o surgimento discursivo, mas também o seu modo de difusão. Os modos de surgimento e difusão seguem como que "de mãos dadas", abarcando, por conseguinte, o modo de consumo dos discursos – como eles são lidos e manipulados dentro de determinado contexto histórico e social (MAINGUENEAU, 2005, p.141).

A prática discursiva funciona como uma prática intersemiótica, que engloba elementos verbais e não verbais. Uma imbricação que regula a prática intersemiótica, que integra produções que interagem com outros domínios (imagéticos, musicais, só para citar alguns). Para Maingueneau, esta "extensão torna-se necessária pelo fato de que o sistema de restrições que funda a existência do discurso pode ser igualmente pertinente para esses outros domínios" (2005, p.23).

Desta forma, o autor propõe que o discurso não é válido apenas no domínio do verbal, mas que a validade do seu sistema de restrições semânticas pode integrar variados domínios semióticos (MAINGUENEAU, 2005, p.146).

> a coexistência de textos que pertencem a domínios semióticos diferentes não é, entretanto, livre no interior de uma formação discursiva determinada. Não é qualquer domínio que pode figurar com qualquer outro, e essas restrições são função ao mesmo tempo do gênero de práticas discursivas concernidas e do conteúdo próprio de cada uma (MAINGUENEAU, 2005, p. 147).

2.2 **Tecendo um projeto de análise e os conceitos que mais dialogam com minha pesquisa**

Diante de inúmeros usos e referências ao termo discurso, há que se refletir sobre prática discursiva interessa para minha análise, embora a própria concepção do termo não seja algo estável. Usado, em inúmeras situações de maneira indiscriminada - é comum termos referências ao "discurso de A" ou "discurso de B"- ou ainda em uma situação em que alguém profere um discurso, sendo este o ato de se posicionar frente a uma plateia e falar por algum tempo, como o discurso de um presidente ou de um congressista, por exemplo. Estes, porém, não são os conceitos de discurso com o qual este trabalho dialoga.

Desta forma, a análise do discurso se distingue de outras disciplinas por, justamente, se apresentar no espaço do entremeio, dialogando com as várias dimensões das ciências referidas anteriormente, num processo além do ato de designar coisas. É neste espaço muitas vezes incerto que acaba por desconstruir algumas certezas tão "bem fundadas" entre as palavras e os sentidos que as permeiam.

A concepção de discurso, portanto, com a qual este texto dialoga, e, cuja análise procuro fazer, se interessa "pela maneira pela qual, em uma sociedade determinada, a ordem social se constrói por meio da comunicação". É objetivo desta, ainda, se esforçar "para manter um equilíbrio entre a reflexão sobre o funcionamento do discurso e a compreensão de fenômenos de ordem sócio-histórica ou psicológica" (MAINGUENEAU, 2015).

Maingueneau (2005) entende que os discursos estão submetidos a um conjunto de regras que regem as suas dimensões e funcionam como uma rede de restrições, vinculados a certos posicionamentos discursivos – lugares de produção dos quais derivam identidades enunciativas. Afastando-se de modelos que contemplem os discursos como apenas vinculados aos signos ou sentenças, Maingueneau procura contemplá-los como inseridos em contextos históricos-políticos-sociais, dialogando e sendo (re)significados através dos contatos com as mais variadas instituições. Afastando-se de modelos que o entendem como apenas e tão somente representação do que um sujeito enuncia em determinado momento e do que um outro ouve, tem-se uma visão da língua enquanto manifestação material e manipulável, a ponto de quase ser tocada. Para os⁄as analistas do discurso, portanto, não interessa unicamente a descrição de um enunciado, mas a que posição social, histórica, política a fala de tal sujeito está atrelada.

Ao analisar o que está registrado nos perfis em aplicativos e sites de HEH, observo os mais variados discursos – sendo estes, geralmente junto de fotos, uma das primeiras (ou seria a primeira?!) formas de apresentação do usuário perante o mundo. Já que não é possível, ao menos neste primeiro momento, o encontro presencial, é graças à imagem (ou ausência dela) e ao texto (ou ausência dele) que se constitui, num primeiro momento, o etos do usuário – processo este onde o destinatário é levado a construir uma imagem do locutor a partir da forma como este se apresenta – se feita uma definição de forma simplista.

Entendendo que estas construções estão amplamente atreladas a modelos sociais valorizados, faz-se mister relacionar os textos dos perfis ao que se veicula e se tem no imaginário social sobre homens que buscam relações erótico afetivas com outros. Embora tenhamos no senso comum a concepção de que todo homem que busca relações afetivo-sexuais com outro seja homossexual, muitos destes usuários de aplicativos não se veem dessa forma, haja vista a diversidade de nomenclaturas que tenta denominar os diferentes sujeitos de acordo com suas inclinações afetivas e práticas sexuais.

Porém, essa própria rejeição da nomenclatura ou do rótulo de homossexual dá a tônica de como, no universo dos discursos sobre a sexualidade, as práticas e desejos são hierarquizados, notando-se claramente a valorização de determinadas posturas e práticas em relação à outras. Numa hierarquia de valorização, ser homossexual talvez esteja só acima de ser transgênero ou travesti. No topo dessas práticas estariam os bissexuais, ou, mais recentemente, os G0ys[27].

Maingueneau aponta como uma das hipóteses de sua Semântica Global a hipótese do Primado do Interdiscurso, valorizando a heterogeneidade através de uma visão do interdiscurso como anterior e constitutivo do discurso. Assim, os discursos não existem previamente, sendo depois colocados em relação - de aliança ou polêmica, por exemplo - com outros. Eles nascem justamente nas brechas dessa rede interdiscursiva. O discurso não nasce apenas e tão somente em si mesmo, mas constitui-se em relação com outros discursos. Estudiosos como Bakhtin e Authiez-Revus já concebiam o discurso a partir de sua relação com o outro. Desta forma, o próprio Maingueneau afirma o primado do interdiscurso sobre o

[27]Segundo sites voltados para este público "Um g0y tem menos a ver com orientação e tem mais relação com condição, com postura e com comportamento sexual masculino". Geralmente são homens que não praticam penetração entre si, mas brincadeiras sexuais e troca de afeto são permitidas. Segundo seus praticantes, sua postura remonta as praticadas por homens na Grécia Antiga. Há uma busca pelo distanciamento com os gays. "NÃO NOS IDENTIFICAMOS com estereótipos que são promovidos pela comunidade GLBT e amar outros homens não tem nada a ver com jogar o papel feminino para o parceiro." Disponível em: https://heterogoy.webnode.com/sera-que-sou-um-g0y-/, Acesso em: 24 jun. 2019.

discurso, ao escrever que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre discursos convenientemente escolhidos (2005).

Destarte, a partir do primado do interdiscurso, algumas perguntas tornam-se pertinentes. Estas seriam: Já que temos a imagem discursiva no senso comum de que homens que se relacionam com outros homens são gays, como os discursos institucionalizados sobre a(s) homossexualidade(s) e masculinidade(s) interferem ou dialogam com os textos nos perfis destes usuários nos sites e aplicativos? A partir de que (quais) lugar(es) tais discursos são proferidos e que sentidos desnaturalizam ou reproduzem?

Outro conceito pertinente para este trabalho, também apresentado no livro Gênese dos discursos é o que está explanado no capítulo A polêmica como interincompreensão. Nele temos a concepção de simulacro, que seria uma "tradução" do enunciador em relação ao seu coenunciador, da forma como o Eu lê e "traduz" a enunciação do Outro, sendo este processo constante. Esta "tradução" não acontece de maneira aleatória, mas segue norteamentos propostos por formações discursivas. O discurso só é capaz de compreender o outro através de "simulacros", isto é, de traduções dos valores do outro em suas próprias categorias de análise. Cada discurso trata de induzir o outro no seu fechamento, o que acaba por um "falar" do outro através do ponto de vista de quem enuncia, partindo da formação discursiva[28]do enunciador.

Assim, os modelos de masculinidade que aparecem representados nos textos de apresentação de muitos homens nos sites e aplicativos estão intrinsicamente ligados a certos padrões comportamentais e modelos de consumo, a uma "normalização", ligada não apenas a um modo de ser, mas também atrelada ao capitalismo e ao consumo de bens (NAZE, 2017). Atos como "curtir a vida", "se cuidar", além de interesses em gastronomia, viagens, academia, esportes, mundo geek ou nerd estão atrelados a masculinidades valorizadas socialmente, acionando determinadas memórias discursivas no momento de se apresentar ao mundo, e, ao dialogar com elas, acabam por estabelecer relações hierarquizantes.

Atrelados ao que hoje vem sendo chamado de gay-padrão ou gay-padrãozinho, textos dos usuários que criam seus perfis em sites e aplicativos apresentam características típicas dos ambientes multimodais, com textos muitas vezes rápidos, curtos e com frases diretas,

[28]Por formação discursiva busco apoio teórico em Pêcheux que a concebe como aquilo que pode ser dito a partir de determinado lugar, de uma posição específica e de uma conjuntura dada. Maingueneau (2015) vai um pouco mais além, entendendo que a FD é articulada por meio de gêneros, sendo necessário tomar a relação entre a posição de luta de classes por um lado e a natureza dos gêneros do discurso de outro. Um pouco mais sobre a concepção de FD em Foucault será exposto nas próximas páginas.

construindo imagens de si vinculadas a modelos de masculinidade e a padrões de consumo valorizados socialmente.

2.3 **O etos nos anúncios daqueles que se apresentam em sites e *apps* de HEH**

Embora já referenciado desde a Antiguidade Clássica, O conceito de etos é recuperado e ampliado pela AD a partir das discussões de Maingueneau (1997, 2008, 2010, 2013, 2018), pois diferentemente do conceito aristotélico – no qual estava baseado em situações de eloquência judiciária ou em enunciados orais - a concepção discursiva do etos, aqui, apresenta situações discursivas diversas que se estendem aos enunciados orais ou escritos, na modalidade verbal, visual, ou verbo-visual, representando uma pessoa ou até mesmo uma ou várias instituições. Retomando a ideia aristotélica de que o etos é construído na instância do discurso, Maingueneau (2018) afirma que não existe um etos preestabelecido, mas sim que este é construído no âmbito da atividade discursiva. Nesta perspectiva, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa e se mostra através de seu discurso. Maingueneau traz à luz a concepção de Barthes que define a construção da imagem como

> os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar (...). O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: eu sou isso e não aquilo (2013, p.107)

Desta forma, o etos liga-se ao orador pelas escolhas linguísticas feitas por ele, escolhas que revelam pistas acerca da imagem do próprio orador, durante o processo discursivo.

Esta construção do etos, conforme Maingueneau vem apresentando mais recentemente, engloba o etos dito e o etos mostrado. O primeiro é criado através das referências diretas do enunciador; enquanto o mostrado está no domínio do não explícito, da imagem que não está diretamente representada no texto, mas é construída pelas pistas que o enunciador oferece ao coenunciador, no momento discursivo. Dessa forma, os etos dito e o mostrado relacionam-se mutuamente já que não há uma linha clara de separação entre o explicitado e o não explicitado. Na base do esquema estão os estereótipos, através dos quais o coenunciador utiliza-se de representações culturais fixas, de modelos pré-construídos para atribuir características ao enunciador. Os estereótipos podem nos levar a pensar, por

exemplo, a acionar um imaginário já pré-concebido socialmente ao nos depararmos com anúncios num site ou aplicativo de relacionamentos.

Deusdará, Rocha e Arantes (2019), porém, propõem uma revisão conceitual desta noção que apresenta múltiplas categorias de etos, o que poderia causar confusão ou ambiguidade. Os autores preferem retomar a noção de etos em seu aspecto monossêmico, conforme encontrados nos primeiros escritos de Maingueneau

> O que se percebe na teorização do autor em seus primeiros escritos é, com efeito, um único sentido para etos: uma certa compleição que o enunciador mostra de si sem o dizer explicitamente, apenas pelo modo como enuncia. Ou seja, o etos coincide com o que veio a ser chamado de etos mostrado, designação que, aliás, é bastante esclarecedora do fenômeno em questão – o enunciador mostra o que é por intermédio de seu modo de enunciar (DEUSDARÁ, ROCHA e ARANTES, 2019, p.4-5)

Assim, procuram estabelecer uma relação que se apoie sobre o etos mostrado, onde mais importante do que aquilo que o enunciador fala de si mesmo, é a forma como este indivíduo se constitui sujeito no enunciado.

> O etos nada tinha a ver com o que o enunciador dizia explicitamente de si próprio, e sim com o modo pelo qual era capaz de enunciar. O que se chamou (indevidamente) de etos dito corresponde a fenômenos inscritos na materialidade da língua que podem, com toda a propriedade, ser abordados por uma outra "entrada" oferecida pela semântica global de Maingueneau: o vocabulário (DEUSDARÁ, ROCHA e ARANTES, 2019, p.5)

O mostrar-se, o vender a aparência com o valor de essência é um jogo discursivo que, além das abstrações das ideologias, necessita de um corpo, físico ou imaginário, instrumento que obedecerá às ordens enunciativas. Para Maingueneau (1997), a fala do enunciador é incorporada e a maneira de dizer atesta, de alguma forma, a legitimidade do que é dito, conferindo autoridade ao enunciador.

Ainda o autor, na Gênese dos discursos (2005), procura, através do conceito da semântica global, explicar o ponto de vista de que o enunciador geralmente confere a si e a seu destinatário um certo status – positivo ou negativo – que legitima o seu dizer. Ao encarnar uma voz que dará sustentáculo ao texto, o enunciador, independente da veracidade do que diz, mostra uma atitude, uma performance, já que, sendo verdade ou não, o sujeito da enunciação deverá convencer o coenunciador através de uma autoridade demonstrada em um caráter performático.

Em relação aos HEH, ao entrar em aplicativos ou sites, preencher (ou não) seus dados pessoais e escrever frases onde se apresenta, relatando o que espera encontrar em um outro, duas ações se inscrevem: o ato de se construir uma imagem de si e a do outro, do

coenunciador. Paralelamente, ao ler os diversos perfis dos aplicativos, o destinatário "é necessariamente levado a construir uma representação do locutor, que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável" (MAINGUENEAU, 2010, p.79). Evidentemente este controle está também veiculado ao gênero do discurso ao qual essa construção está atrelada.

Os aplicativos são caracterizados por espaços onde os sujeitos entram a partir de anúncios veiculados em outros aplicativos ou sites direcionados a um público específico, ou noticiados em revistas ou jornais com certos nichos mercadológicos. Estes aplicativos e *sites* também coletam dados dos usuários, acabando por oferecer anúncios ou serviços que, teoricamente, chamariam a atenção dos usuários de acordo com seus gostos ou interesses. Convém ressaltar, também, que entre a comunidade homossexual, a indicação direta, ou o famoso boca-a-boca ainda é um dos maiores processos de divulgação de notícias e serviços. Outro destaque dá-se para canais no youtube[29], que são verdadeiros
veiculadores em massa de novas tendências e comportamentos.

Ao entrar nesses espaços, geralmente pede-se a aceitação dos termos de serviço, o aviso de que podem ser encontradas imagens ou textos considerados ofensivos para algumas pessoas e a confirmação de que o usuário deve ter mais de 18 anos. Aceitos estes termos, graças a alguns cliques, chega-se à fase de preenchimento dos detalhes do perfil de usuário. A ordem pode alternar-se e haver pequenas variações de *app*[30] para *app*, mas geralmente pede-se uma frase inicial, um breve texto de apresentação, descrições como idade, altura, peso, características físicas, orientação sexual, postura sexual. Em alguns casos pede-se também a cidade em que o usuário mora, a fim de facilitar a localização e a distância de contato com outros usuários, embora boa parte dos *apps* já faça uso da geolocalização, a fim de facilitar contatos onde quer que o usuário esteja.

Inicia-se, desta maneira, o processo de construção do etos, através das estratégias de construção de si. O processo de elaboração destes textos passa, assim, pelo processo de fazer uma apresentação valorizada de si mesmo[31]. Maingueneau afirma que nesta situação o etos discursivo exerce um papel essencial. "Para além do enunciado, é com um sujeito apreendido em seu movimento, em seu estilo pessoal, que o público deve entrar em contato" (2018, p.81).

[29]Inegável a grande capacidade de divulgação de fatos e informações, a promoção de debates e a influência que os youtubers exercem na atualidade, o que não é diferente em relação aos canais voltados para a temática LGBTQIAP+. Dentre os maiores com número de inscritos, segundo acesso em julho de 2019 estão: Diva Depressão (2,2 milhões), Mandy Candy (1,8 milhão), Põe na Roda (1 milhão), Paratudo (660 mil), Fmastrandea (623 mil), Louie Ponto (529 mil), dentre outros.

[30]Abreviatura em inglês para aplicativo.

[31]Algumas imagens sobre o processo de construção de um perfil em um site e em um aplicativo são apresentadas no cap 4.

Após apresentar alguns conceitos propostos por Maingueneau que dialogam com minha pesquisa, retomo a proposta de AD de nosso grupo de pesquisa na UERJ, que não objetiva "construir muros ou realinhar fronteiras disciplinares" (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p.114), mas, nas palavras dos autores, propõe a construção de atravessamentos produtivos, entendendo que esses atravessamentos nos atingem e nos constituem enquanto sujeitos.

Assim, a posição que pretendemos ocupar enquanto discursivistas, para além da necessidade de se alinhar a um autor ou outro, está atrelada a um paradigma ético, estético e político. Ético no sentido de assumir um compromisso de potência de vida. Estético pelo processo de criação, no mundo e para o mundo. Político, porque no âmbito do embate de forças e dos devires possíveis, escolhas precisam ser feitas na tessitura da pesquisa. Desta forma, a AD que fazemos também é constitutiva de uma proposta de mundo onde queremos viver.

Acredito que o processo de fazer pesquisa, no campo dos discursos, é acima de tudo coletivo, já que a constituição daquilo que entendemos como discurso se dá através de muitas vozes. Nesse sentido, estou em concordância com Menezes (2021) ao afirmar que o processo de fazer análise do discurso está ligado a compartilhamentos de experiências que são ramificadas às experiências dos outros, em um movimento de rupturas e ligamentos que se dá na elaboração e na tessitura da escrita de uma dissertação ou tese. Dito isso, me alinho a uma perspectiva cartográfica do discurso, conforme apresentada em alguns momentos da introdução desse texto e discutida com maiores detalhes no capítulo 5.

3 **GÊNERO E CORPO – DOS DIÁLOGOS À PRODUÇÃO DE HIERARQUIAS.**

> Definir alguém como homem ou mulher, como sujeito de gênero e sexualidade significa, pois, necessariamente, nomeá-lo segundo as marcas distintas de uma cultura – com todas as consequências que esse gesto acarreta: a atribuição de direitos ou deveres, privilégios ou desvantagens. Nomeados e classificados no interior de uma cultura, os corpos se fazem históricos e situados. Os corpos são "datados", ganham um valor que é sempre transitório e circunstancial. A significação que se lhes atribui é arbitrária, relacional e é, também, disputada (Louro, 2004, p.89).

Figura 9 - Perfil selecionado do app Grindr

Fonte: https://www.grindr.com. Acesso em: jan. 2020.

Figura 10 - Perfil selecionado do app Scruff

Fonte: https://www.scruff.com. Acesso em: jan. 2020.

Diante dos discursos que vêm sendo observados na constituição do meu córpus de pesquisa, me chamou a atenção a proliferação de termos como "sarado", "malhado" ou "em forma", o que me apontou a necessidade de refletir um pouco mais sobre a constituição social do corpo bem como as tensões que o permeiam. Outro quesito apresentado para parecer atrativo para possíveis parceiros é não ser afeminado (bem como as variantes não dar pinta, ser discreto, ser *brother*) – em sua maioria - embora alguns homens procurem por parceiros trans / femininos – o que parece recair sobre o binarismo masculino/ feminino e a reprodução de um modelo macho – dominante – protetor – o que penetra x fêmea – dominado – protegido – o que é penetrado. Para além do biológico, podemos entender o corpo como uma construção histórica e social, fortemente atravessada por questões de gênero. Outrossim, há a necessidade de buscar refletir, com um pouco mais de profundidade como o conceito de gênero e suas hierarquias de poder são tratados em nossa sociedade, bem como se apresentam e são categorizadas as múltiplas masculinidades.

Dessa forma, nesse capítulo busco seguir na discussão sobre gênero, onde retomo conceitos apresentados no primeiro capítulo. Destaco o fato de que "ser homem" também está atrelado a possuir determinado corpo e a certo viés capitalista. Trago à cena a ideia do gay-padrão, bastante valorizado no ambiente dos sites e *apps*. Dialogo também com o conceito de masculinidade hegemônica conforme proposto pela cientista social australiana Raewyn Connell. Por fim, apresento uma linha histórica das concepções de corpos valorizadas no ocidente e de como tais noções são potentes no imaginário de homens que buscam encontros com homens nos espaços digitais.

3.1 **O surgimento do conceito de gênero e sua relação com o corpo**

Ao pensarmos inicialmente sobre o conceito de gênero, poderíamos, de uma forma simplista, chegar à conclusão de que existem homens e mulheres, sendo os primeiros masculinos e as últimas femininas. Simples assim. Será?

Grosso modo, a sociedade encara gênero como algo dado e naturalizado. Mais recentemente, circula no senso comum a concepção de gênero enquanto "ideologia", ligado a "malévolos grupos da esquerda comunista que tramam noite e dia para cooptar criancinhas e destruir a família". Sua tarefa mais ardilosa é ensinar meninos de três anos a beijar na boca de outros meninos. Realmente, é necessária muita imaginação e tempo livre para elucubrar tantas teorias.

Desde a mais tenra idade somos acostumados a representar certas performances, requeridas pela sociedade como traços de bom comportamento. Aprende-se, caso você seja biologicamente mulher, que não é de bom tom sentar-se com as pernas abertas, que não é bem-visto beber sozinha sentada em um boteco ou que, se você usa roupa muito curta e for assediada ou estuprada, a culpa é sua, já que você "deu mole" – afinal, com esta roupa, e andando sozinha tarde da noite, queria o quê? Como afirmou o jornalista Rodrigo Constantino sobre o caso Mariana Ferrer, "existe mulher decente e piranha".[32]

[32]Caso que repercutiu na mídia, após o vazamento da audiência com a blogueira Mariana Ferrer. Estuprada em uma festa pelo empresário André de Camargo Aranha, o veredito do caso foi "estupro culposo" - estupro sem a intenção de estuprar. Causou também grande escândalo os ataques do advogado de Aranha à honra da vítima, bem como a omissão do juiz. Rodrigo Constantino, jornalista da Rede Jovem Pan, foi demitido deste e de outros canais com os quais mantinha vínculos, após anunciar em uma *live*, que, se fosse com a sua filha a "poria de castigo", além de outras "pérolas" como a citação acima referida.

Se você é detentor de um órgão sexual masculino, deve ser assertivo, direto, não fugir do embate, estar pronto para defender sua família e sempre alerta para atuar como um predador sexual. "Sou homem, acontece." Foi o que respondeu um massagista de 53 anos em Magé, cidade do Grande Rio, após ser acusado de assediar uma cliente em uma clínica de estética. A mulher afirmou que procurou seus serviços por conta de fortes dores na coluna.[33]

Esses arranjos e formas de encarar o mundo são tão familiares que acabam por se tornar naturalizadas, o que faz com que certos grupos se escandalizem com sujeitos que não se enquadram em determinados modelos esperados socialmente. Assim, tudo aquilo que foge do padrão heterossexual homem- mulher é considerado impróprio, abjeto, não natural. Mas até que ponto esta relação sexo x gênero é determinada pela natureza?

> Se fazer sexo com outra mulher ou outro homem não é natural, porém, por que temos leis que proíbem essa prática? Não temos punições ou penalidades para quem viola a terceira lei da termodinâmica. As decisões jurídicas antigay em cidades estadunidenses, o assédio sofrido por homens gays pela polícia do Senegal, a criminalização do adultério feminino na Charia (lei religiosa islâmica), a prisão de mulheres transexuais por violarem a ordem pública – essas ações só fazem sentido porque as questões que elas envolvem não são determinadas pela natureza. (CONNELL E PEARSE, 2015, p.37).

Sentidos sobre o que é adequado ou não a cada gênero circulam constantemente nos mais variados espaços e instituições. Desde legisladores até religiosos, pais e mães, professoras e professores, médicas e médicos, até estrelas de tv e, na modernidade, influenciadores digitais (os famosos *youtubers*) encontram-se direta ou indiretamente responsáveis por criar esse modelo que se apoia na divisão binária de gênero.

Desta forma, concordando e ampliando a dimensão da célebre frase de Simone de Beauvoir (1980), ser homem ou mulher não é parte de um estado pronto ou acabado, mas um devir. Um tornar-se. Não se trata de experiências fixadas pela natureza, mas que são fortemente influenciadas por expectativas em relação a comportamentos esperados, sejam impostos pela cultura ou pelas autoridades – já que em muitos países não corresponder aos papéis de gênero esperados significa ir para a prisão ou a condenação à morte.

Tal processo está inserido naquilo que poderíamos chamar de desenvolvimento de um assujeitamento de gênero, o que serve para suprir certa necessidade de pertencimento a uma categoria. Este processo de assujeitar-se a um determinado gênero supriria, assim, de certa

[33]<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/11/04/suspeito-de-assediar-mulher-durante-massagem-e-preso-sou-homem-acontece.htm>; <https://jornaldebrasilia.com.br/nahorah/policia-prende-massagista-suspeito-de-assediar-cliente/>, acessos em novembro de 2020.

forma, a necessidade que boa parte das pessoas tem de reconhecimento, e, como vivemos em uma sociedade predominantemente binária em termos de sexualidade, ainda há forte investimento e esforço na busca de pertencimento e performances as mais próximas possíveis do que se pode considerar masculino ou feminino. Até porque estar próximo do mais masculino possível – quando se é biologicamente homem – ou do mais feminino possível – quando se é mulher, eleva tal sujeito a uma posição bastante privilegiada. Ser um homem masculino ou uma mulher feminina conferem aos sujeitos status.

Esta construção do que é considerado masculino e feminino é fortemente atravessada pela cultura e, evidentemente, é influenciada por questões como, por exemplo, a divisão social do trabalho, os papéis sociais desempenhados por cada um dos sexos e o consumo. Temos, por exemplo, o fato de que a mulher tem a dupla ou tripla jornada de trabalho (o que está em fase de mudanças, já que muitos homens "ajudam" em casa), a realidade de que mulheres ganham menos do que homens e estão em menor número na maioria dos cargos governamentais e executivos, além da constatação da erotização da mulher em muitos comerciais veiculados nas mais diferentes mídias.

Atravessados, portanto, por padrões culturais e sociais, o corpo torna-se um elemento de importância no processo de construção desses modelos valorizados de masculinidade e feminilidade. Possuir - e por que não comprar - um corpo valorizado dentro do que se entende como belo dentro do masculino e feminino é, sem sombra de dúvidas, um facilitador. Um passaporte que abre portas para posições de superioridade nas relações de poder dentro de nossa sociedade.

3.2 **O corpo – Breve histórico**

Diante, portanto, da dimensão de valorização do corpo presente nos espaços on-line de homens que buscam encontros com homens, além de percebê-lo como forte marcador de gênero, sinto a necessidade de avançar um pouco mais sobre as questões históricas, culturais e sociais relacionadas a esta primeira embalagem com a qual nos apresentamos ao mundo.

O culto ao corpo, como fenômeno psico-social – pelo menos na contemporaneidade - aparentemente está relacionado com as mudanças no campo do trabalho produtivo ocorridas no final do século XX, a saber, desde que a distinção entre produção e reprodução social perdeu nitidez, confundindo-se o tempo vital com o tempo de trabalho. Desde então, em

muitas profissões e ocupações a aparência corporal e o vigor físico passaram a ser uma espécie de segunda força produtiva ao lado da força de trabalho propriamente dita, com o tempo livre tendendo a se tornar um segundo turno do trabalho produtivo.

Por outro lado, na sociedade pós-moderna há uma grande sedução por parte das constantes propostas de mercado, interessadas na eterna insatisfação e na renovação. Somos a todo o tempo bombardeados por fotos e imagens de artistas e influenciadores que ditam padrões sociais e corporais. Copiar seus modos de ser e de viver é a garantia de sucesso e de muitos *likes* nas redes sociais.

Na cultura ocidental há um grande investimento na autoimagem. O corpo belo é considerado uma mercadoria poderosa e cara. O olhar passa a ocupar lugar central – é o mundo das imagens, das aparências. O ter passa a ser sinônimo de reconhecimento do sujeito pelos outros. Na era pós-moderna, sujeito perde-se em sua própria imagem, não dando conta das suas relações com o outro, pois relacionar-se implica em sacrificar um fragmento de seu narcisismo. Ser amado implica em ser visto e apreciado.

Visto que em nossa sociedade o culto ao corpo encontra-se em grande evidência, é esse espaço – o corpo – um campo fértil para que tal processo narcísico aflore. Vivendo em um tempo que os objetivos de vida são pautados pelas exigências da sociedade de consumo, que promove a ilusão da liberdade individual irrestrita, o mal-estar assume muitas vezes formas de apatia, vazio interior, solidão e fracasso. Para esses sujeitos sempre insatisfeitos existe o "eu" ideal e o "eu" real, que se encontram, geralmente, distantes um do outro. Parte-se, então, em busca desse corpo idealizado.

3.2.1 O corpo na concepção grega

No processo de construção da sociedade ocidental, por várias vezes, o corpo foi fragmentado e transformado em conformidade com os objetivos de manipulá-lo com maior facilidade. A base da filosofia ocidental foi construída a partir da Grécia Antiga, e alguns filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles refletiram a concepção de corpo que permeava a sociedade grega. Sócrates acreditava que a saúde era o bem mais precioso do homem, juntamente com a beleza contida no corpo. E, através da medicina e da arte, elaborou o conhecimento acerca da saúde humana. A educação, defendida por ele, está expressa na

Paidéia[34](CARMO JUNIOR, 2005), que tinha por objetivo desenvolver o indivíduo por completo, de forma integral. Esse filósofo defendia a ideia da livre expressão do pensamento e do exercício do diálogo, alcançando, assim, a verdade sobre as coisas. Para Sócrates não haveria a separação entre o corpo e a alma, e uma de suas maiores preocupações era cultivar a harmonia entre o intelecto e a beleza física, tanto que, além de praticar exercícios ao lado de seus discípulos, conversava com eles sobre a melhor dieta para manter a boa forma. Toda a filosofia socrática manifestava-se contra qualquer modo de pensar que separasse o corpo da alma, ou a filosofia da pessoa.

Platão talvez tenha sido o discípulo mais importante e o mais influenciado pelas ideias de Sócrates. Foi um filósofo de grande prestígio, principalmente por ter fundado a Academia de Atenas. Essa academia tinha a função de formar jovens influentes na vida política da sociedade grega. A Matemática, a Astronomia, a Retórica, a Ginástica e a Medicina, todas as disciplinas ensinadas por ele dentro da academia estavam relacionadas à formação de um 'novo homem':

> Todo conteúdo dessas disciplinas estaria vinculado à educação e à formação de uma nova ordem cultural para o mundo e um novo ser para a existência. Poderíamos afirmar que na Academia foi instituído um tipo superior de ensinamento para um tipo superior de homem, aquele que supera a carne e alcança o político, supera definitivamente a religião como critério de pensamento e adota a Ciência (CARMO JUNIOR, 2005, p.34).

Através do Mito da Caverna que se faz presente em A República, Platão expressou sua visão acerca do mundo, destacando duas realidades diferentes: o mundo sensível e o mundo inteligível.

a) O mundo sensível

Era o mundo acessível aos sentidos, mundo da fragilidade, do movimento e do ilusório, representava a sombra do verdadeiro conhecimento. É comparado com uma caverna, na qual estariam presos homens desde crianças com o olhar voltado para a parede da caverna. Nessa caverna havia um pequeno feixe de luz, que permitia aos homens enxergarem apenas as sombras das pessoas que passavam conversando do lado de fora. A caverna então

[34]A *Paidéia* estava relacionada a um tipo de educação empregada na Grécia Antiga e tinha como objetivo desenvolver todas as potencialidades do indivíduo, dando-lhe possibilidades de intervir na vida política da sociedade.

representava o mundo sensível, pois impossibilitava os prisioneiros de conhecer o mundo exterior, e a pequena luz representava as ideias, ou seja, a verdade, alcançável apenas através do uso da razão (ARANHA; MARTINS, 1996).

b) O mundo inteligível

Superior ao mundo sensível estaria o mundo das ideias, da universalização, das essências imutáveis que só se alcança a partir da libertação dos enganos dos sentidos. O mundo das ideias é perfeito e eterno, nele não há variação, é a verdade única de todas as coisas (ARANHA; MARTINS, 1996.). De acordo com Platão, a sociedade deveria ser organizada segundo a distinção entre mundo sensível e mundo inteligível (MOREIRA, 2006). Nessa perspectiva, ele definiu três tipos de alma, duas fragilizadas por fazerem parte da sensibilidade do corpo, e uma de natureza superior por ser ligada ao mundo inteligível. Os indivíduos com alma de bronze teriam uma sensibilidade elevada, devendo, portanto, dedicar-se à agricultura, ao artesanato e ao comércio. Aqueles que possuíssem alma de prata teriam a coragem, a valentia e seriam soldados encarregados de proteger a cidade e o estado. E, por último, estavam aqueles que possuíam alma de ouro, ou seja, os sábios, que através da arte de dialogar e da ciência política, exerceriam o poder e guiariam a sociedade (ARANHA; MARTINS, 1996). A própria educação, na Grécia Antiga, era organizada seguindo esse ponto de vista apresentado por Platão: a primeira disciplina a ser ministrada na fase infantil era a Ginástica, logo a seguir eram ensinados conhecimentos relacionados à Música e, posteriormente, à Dança. Esse tipo educação era comum a todas as pessoas até os 30 anos de idade. A partir desse momento, somente aqueles com personalidade racional desenvolvida é que estudariam os conhecimentos filosóficos e dialéticos, e após os 50 anos se tornariam juízes e governantes (MOREIRA, 2006). A dicotomia entre corpo e alma era bastante explícita na concepção de Platão. É nesse sentido que o corpo foi tido como um empecilho para a alma. A dor e, principalmente, a morte contida no corpo explicavam a superioridade da alma (CARVALHO; RUBIO, 2001). Aristóteles, por sua vez, concordava com a ideia de que o conhecimento sensível era fragilizado, porém, recusava a atribuição ao intelecto de uma existência superior. Ele acreditava que o pensar, o agir e a movimentação dos músculos seriam ações recíprocas, todas num processo contínuo de realização. Carmo Junior menciona esse fato da seguinte forma:

> O corpo e a alma são componentes do princípio vital que anima os homens. A alma é a forma do corpo natural, orgânico e biológico anunciado pelo logos; em resposta, há o corpo que se move, sente e articula-se com o mundo, e dessa articulação surge a lógica do ser (CARMO JUNIOR, 2005, p.41).

De acordo com concepção aristotélica, o corpo só alcança seu sentido se for considerado em comunhão com a alma que o anima. Assim, um precisa do outro para interagir com o mundo. Segundo Moreira (2006), o próprio Platão, por mais dicotômico que tenha sido, preocupava-se com a saúde e praticava ginástica a fim de alcançar a saúde perfeita. Na Grécia, o condicionamento físico era importante para algumas das principais atividades gregas, tais como as guerras, as lutas, a ginástica e os jogos olímpicos. Segundo Santin (2003), os gregos sempre cultivaram as ações relacionadas à Estética e às práticas que fortaleciam o intelecto, como a Metafísica, a Política e a Ética. A ginástica era utilizada com o objetivo de proporcionar força e beleza para o cidadão grego. Um grande exemplo disso são as esculturas que mostram a graciosidade do corpo forte. Por sua vez, a Música e a Poesia tinham a função de trabalhar o intelecto, proporcionando um desenvolvimento integral do homem grego. Assim, por mais que houvesse divergências entre os principais filósofos sobre a compreensão de corpo presente na sociedade, os gregos valorizavam a harmonia entre o corpo e a alma.

3.2.2 O corpo na Modernidade e Contemporaneidade

Durante a Idade Média, o corpo foi alvo de repúdio e condenação por parte da Igreja, mas a partir do século XVII, com a consolidação da Modernidade, passou a ter um novo papel social e na História. Um movimento ocorrido na Europa, conhecido como Renascimento, possibilitou a transição do modo de pensar medieval para uma nova abordagem do homem, iniciando a libertação das amarras da Igreja.

> A ideia de ser humanodesperto para o tato, a visão, a audição, o olfato, o sabor, o movimento, como um contato natural até então expropriado do ser, escapa da vigilância da Igreja. As cores, os sons e as formas rompem o estigmado corpo encarcerado pela motivação religiosa (CARMO JUNIOR, 2005, p.68).

As regras que regularizavam o convívio em sociedade pouco a pouco se diferenciaram daquelas ligadas à Igreja. O homem passou a cultuar a si próprio. As leis sobre o funcionamento da sociedade agora eram ditadas pela razão, e questões como os sentimentos,

as emoções, a sexualidade, que durante a Idade Média eram tidos como ações pecaminosas, foram incorporados pela nova sociedade (FOUCAULT, 1985).

O florescimento científico do século XVII não foi importante apenas do ponto de vista da libertação do corpo em relação aos interesses da Igreja, mas fomentou uma maior liberdade para as atividades comerciais da burguesia, já que tais ações eram limitadas no período medieval. Todo esse processo favoreceu o surgimento de um novo modo de produção: o Capitalismo. Nesse sentido, a sociedade passou, então, a ser organizada de acordo com a ordem burguesa (ARANHA e MARTINS, 1996). É nesse período que o Capitalismo começa a dar sinais de crescimento e avanço, preparando-se para o grande salto apresentado na Revolução Industrial do século XIX.

Levando em consideração que a sociedade moderna foi caracterizada e controlada pela Razão, o corpo como elemento social, também não fugiu desse controle. O fato de ser considerado pelas Ciências Biológicas no final do século XVII, como uma máquina cheia de engrenagens reflete a visão mecanicista, baseada na visão cartesiana (ARANHA e MARTINS, 1996). O fazer, o agir e o ato de se movimentar eram ações primeiramente pensadas, esquematizadas e depois realizadas (MOREIRA, 2006). Portanto, a Modernidade se configurou como a época em que prevaleceu a competitividade e o individualismo. O mundo passou a ser explicado segundo as leis da Física, da Matemática, da Biologia, que criaram nas pessoas um novo modo de pensar e de se organizar socialmente. Nesse período a manutenção da sociedade ficou a cargo da classe burguesa, que manipulou o corpo com o intuito de gerar lucro, desenvolver as indústrias e a consolidar o Capitalismo.

O corpo humano passou a ter um papel importante dentro da sociedade contemporânea. Ao longo do século XX, ganhou evidência por meio das novas tecnologias e, principalmente, através do marketing de produtos e de estilos de vida, e o desejo de obter a perfeição física exigida pelos padrões da Contemporaneidade. Daolio (1995) afirma que o controle sobre o corpo se faz necessário para a existência da cultura, apesar de ser variável entre as sociedades ao longo do tempo. Se a sociedade atual valoriza determinado padrão corporal, mesmo assim os corpos se diferenciam uns dos outros em consequência de símbolos e valores colocados pela mesma sociedade. A partir do século XX, o corpo passou a ser, de fato, um produto comercializado, e virou o desejo de consumo das mais diferentes camadas sociais. Padrões de beleza diferentes estiveram sempre expostos nas sociedades. No século XVIII, as mulheres usavam corpete por baixo dos longos vestidos para afinar a cintura, mostrar o decote e os quadris, pois era uma maneira de ficarem bonitas para os padrões exigidos na época. Estudos mostram que as diferentes sociedades, ao longo da História,

sempre ostentaram um padrão de corpo e de beleza próprio, bem como, na Contemporaneidade, há uma explícita tendência à supervalorização da aparência, o que leva as pessoas a buscarem formas corporais consideradas ideais para que sejam aceitas e admiradas na sociedade.

Santaella (2008) afirma que, atualmente, a mídia é um dos maiores meios de difusão e capitalização do culto ao corpo, consolidando tendências de comportamento. Outro fator decisivo, levantado por essa autora, é a indústria da beleza que, através do *marketing* influencia as atitudes das pessoas, fazendo com que elas busquem esse padrão de beleza vigente a qualquer custo. Todas as novidades relacionadas ao corpo resultam do fascínio da sociedade em busca dos feitos e tendências que dizem respeito à prática de atividade física, às dietas exóticas, às cirurgias plásticas, ao uso de produtos e cosméticos que prometem um corpo com aparências ideais.

A sedução narcísica também tem se consolidado dentro da contemporaneidade. A busca excessiva pela satisfação do próprio corpo, principalmente através da aparência, faz com que as pessoas se dediquem a um ideal de beleza impossível ou, até mesmo, perigoso para a própria saúde. Percebe-se que o corpo está ligado ao sistema capitalista, ao comércio da beleza propagado através das grandes mídias. Utiliza-se do corpo para aumentar o consumismo que vai de um simples cosmético a opções oferecidas pela medicina estética. Antes usando atraentes fotos de homens e mulheres nos comerciais em anúncios veiculados em inúmeros veículos e em anúncios de TV, agora é nas redes sociais, *sites* e aplicativos que se vendem uma infinidade de produtos e se criam imagens padronizadas de corpos que, por conseguinte, devem ser imitados e admirados pelo grande público. Os modelos de corpos exigidos na sociedade contemporânea não são construções pessoais, mas uma imposição do consumismo e de uma sociedade narcísica, que propaga uma ideia padronizada de beleza. Nesse sentido, nega-se a própria concepção de beleza, ou seja, para ser incluído em determinado grupo ou tribo, é necessário negar suas próprias escolhas e, quando isso não acontece, corre-se o risco de ser excluído.

3.2.3 O controle do corpo

A valorização contemporânea da imagem de corpo formatada por padrões de beleza que idealizam concepções de corpos excessivamente magros ou musculosos, acaba por ser

grandemente responsável pelo aumento da incidência de distúrbios relacionados à autoimagem. Sintomas visíveis no contexto atual podem ser descritos pelo aumento exagerado do número de cirurgias plásticas com fins estéticos e pelo acréscimo do número de casos de anorexia e bulimia. Refletir sobre as noções do corpo concebidas pela civilização ocidental ao longo da história parece informar sobre a construção de nossos modelos estéticos contemporâneos.

Desde os primórdios da humanidade, a força física e domínio corporal foram aspectos fundamentais e requeridos como atributo necessário à sobrevivência da raça. O homem primitivo precisava de intenso domínio corporal, essencialmente pelo predomínio da linguagem gestual como principal meio de expressão, e de força física por conta de sua interação com a natureza. Os fenômenos naturais determinaram as relações sociais do homem primitivo. Nesse contexto o domínio da natureza se inseriu como base da organização social.

Não obstante, vale ressaltar que a importância corporal não era somente concebida como instrumento de sobrevivência. O esteticamente belo, a perfeição e a simetria eram consideradas atributos essenciais ao corpo. Até mesmo "as relações sociais eram construídas e consolidadas pelo corpo" (GONÇALVES, 1994). Nesse sentido, o povo grego como expoente civilizador de sua época instituiu as competições esportivas como meio da celebração das qualidades corporais. A presença corporal doutrinava o exercício do poder: o êxito nos torneios esportivos exercia um enorme fascínio social, chegando a determinar o resultado de guerras e disputas territoriais. A esse respeito Gonçalves comenta:

> Nessas sociedades eram valorizadas as qualidades corporais como força, destreza e agilidade, não somente em torneios e competições, também eram importantes para a vida militar e política. Vencer uma competição significava não somente a compreensão de uma superioridade física, mas muito mais: o reconhecimento do vencedor como um elemento superior daquela sociedade (GONÇALVES, 1994, p.18).

As transformações que a estrutura social sofreu nessa fase da história humana assinalaram a alternância do enaltecimento da guerra e dos valores coletivos para a valorização do trabalho e do pensamento individual. A nova ordem social provocou a desintegração dos laços familiares e a desvalorização das qualidades físicas guerreiras, agora suplantada pela habilitação para o trabalho individual.

> (...) o coletivismo, coragem, amizade, respeito aos familiares e a terra, tornaram-se sentimentos que não mais respondiam a nova forma de ser social, corporalmente, a força, destreza, habilidade com as armas e cavalos, tornaram-se adjetivos que não eram mais concretizados pelas novas sociedades (HEROLD, 1997, p. 8).

No início do século III a.C. as percepções sobre o corpo reveladas através da escultura demonstraram a preocupação com a mobilidade corporal. As representações artísticas adquiriram maior dramaticidade, buscando o contraste entre o nu e o vestido, a vida e a morte, a força e a debilidade física. Todavia, quando a dominação política do Império Romano se impôs, a construção do pensamento filosófico, e por consequência, as acepções corporais instituídas por ele foram alteradas. Embora tenha sido atribuído ao culto do corpo um valor pagão, sendo até mesmo abolidas as Olimpíadas (pelo imperador Teodósio - séc. IV), a arte romana manteve-se orientada pela expressão do ideal de beleza grego-helenística, adotando também referenciais etruscos (registros de manifestações do cotidiano). Nos períodos posteriores, as representações do corpo adquiriram outras dimensões, subjugando-o a temas que potencializaram as questões místicas e religiosas (GOMBRICH, 1999).

Na Idade Média o corpo serviu, mais uma vez, como instrumento de consolidação das relações sociais. A característica essencialmente agrária da sociedade feudal, justificava o poder da presença corporal sobre a vida cotidiana. Características físicas como altura, cor de pele e peso corporal, associadas ao vínculo que o indivíduo mantinha com a terra eram determinantes na distribuição das funções sociais. Os homens eram submetidos a ordens rígidas e ao sistema de castas que impossibilitava qualquer tipo de ascensão social, sendo extremamente contido. Seus impulsos individuais eram proibidos, já que seu corpo era controlado pelo senhor feudal ou pelo rei, e especialmente pela Igreja. A presença da instituição religiosa restringia qualquer manifestação mais criativa. A moral cristã tolhia qualquer tipo de prática corporal que visasse o culto do corpo. A concepção dualística do homem foi retomada e reacendeu a visão do corpo corrupto e pecaminoso, considerada empecilho ao desenvolvimento da alma. Nas artes plásticas, como destacou Gombrich (1999), ficava evidente a projeção do "corpo coberto", aparentemente exaurido de preocupações estéticas.

No entanto, o crescimento e aperfeiçoamento da produção agrícola e dos meios de transporte da sociedade feudal e o consequente acúmulo do excedente produzido geraram a necessidade de ampliação do comércio entre os feudos, dando origem a importantes feiras ou centros comerciais que mais tarde originaram as cidades medievais. Essas modificações provocadas pelo acréscimo da produtividade agrícola aliado à expansão comercial, promoveram algumas das condições necessárias para o desenvolvimento e instalação da indústria moderna. Esse fenômeno somado a outras modificações sociais, segundo o historiador Georges Duby (1992), marcou uma série de transformações que desembocaram no

surgimento do sistema capitalista. Os costumes e tradições foram substituídos pelo mercado e pela busca de lucros monetários, sobretudo no que tange a determinação da divisão e execução das tarefas produtivas e da disponibilização das oportunidades de trabalho.

Na Renascença, as ações humanas passaram a ser guiadas pelo método científico. O avanço técnico - científico produziu nos indivíduos do período moderno um apreço sobre o uso da razão científica como única forma de conhecimento. O corpo, agora sob um olhar "cientificista", serviu de objeto de estudos e experiências. A disciplina e o controle corporais eram preceitos básicos. Todas as atividades físicas eram prescritas por um sistema de regras rígidas, visando à saúde corpórea.

A obtenção do corpo sadio circundava a dominação do indivíduo: a prática física domava a vontade, contribuindo para tornar o praticante subserviente ao Estado. O dualismo corpo - alma norteava a concepção corporal do período, demonstrando a influência das concepções da antiguidade clássica. Gallo explicita que segundo o filósofo moderno Descartes o homem constituía-se de duas substâncias: "uma pensante, a alma, razão de sua existência e a outra material o corpo", visto como algo completamente distinto da alma (2000, p. 64).

A forma de produção do sistema capitalista, a partir do século XVII, causou uma mudança drástica nas relações trabalhistas. O trabalho assumiu o valor de mercadoria. Perdendo a importância qualitativa, se preconizava a quantidade. Essa relação se mostrou ainda mais óbvia, com o início da revolução industrial: a divisão técnica do trabalho acabou por cancelar o vínculo afetivo entre operário e produto. A "força muscular do trabalhador sua energia e resistência passaram a ser objeto de exploração capitalista", reduzindo o trabalho a simples ação fisiológica, desprovida de criatividade (GONÇALVES, 1994).

Na lógica de produção capitalista o corpo mostrou-se tanto oprimido, quanto manipulável. Era percebido como uma "máquina" de acúmulo de capital. Deste modo, os movimentos corporais passaram a ser regidos por uma nova forma de poder: o poder disciplinar ou biopoder. Esta manifestação de poder se instalou nas principais instituições sociais. Michel Foucault, na Microfísica do Poder, mostra como essa forma específica de controle, que surgiu a partir do século XVII, agia nas mais diversas instituições sociais – escolas, hospitais, prisões, fábricas, quartéis, dentre outros, com o objetivo de submeter o corpo, de exercer um controle sobre ele, atuando de forma coercitiva sobre o espaço, o tempo, e a articulação dos movimentos corporais.

Homens, mulheres e seus corpos eram vistos apenas na perspectiva do ganho econômico. Tal poder disciplinar, ao mesmo tempo em que promovia a utilização máxima da força de trabalho, domesticava e impossibilitava a resistência político-social de trabalhadores.

Cabe lembrar que os ideais iluministas (século XVIII) acabaram por acentuar a depreciação do corpo, dissociando-o da alma, retomando a antiga dicotomia arquitetada na antiguidade clássica. O pensamento iluminista negou a vivência sensorial corpórea, atribuindo ao corpo um plano inferior. As necessidades de manipulação e domínio do corpo, paralelamente, concorreram para a delimitação dos sujeitos como moldáveis e passíveis de exploração.

A expansão do capitalismo, no século XIX, propagou a forma de produção industrial em que a instrumentalização do corpo se fazia necessária. A padronização dos gestos e movimentos instaurou-se nas manifestações corporais. As novas tecnologias de produção em massa desencadearam um processo de homogeneização de gestos e hábitos que se estendeu a outras esferas sociais, entre elas a educação do corpo, que passou a identificar-se não só com as técnicas, mas também com os interesses da produção (HOBSBAWM, 1996).

A evolução da sociedade industrial propiciou um elevado desenvolvimento técnico-científico. As novas possibilidades propiciaram à elite burguesa moderna um incremento de técnicas e práticas sobre o corpo. O aumento da expectativa de vida, as novas formas de locomoção e comunicação expandiram as formas de interação e realização de atividades corporais. O fácil acesso à informação trouxe infinitas possibilidades ao conhecimento. Contudo, a padronização dos conceitos de beleza, fundadas no corpo magro ou musculoso, ancorados pela necessidade de consumo criada pelo progresso e homogeneizada pela lógica da produção, foi responsável por uma diminuição significativa na quantidade e na qualidade das vivências corporais de sujeitos contemporâneos.

No final do século XX e início do século XXI, a superexposição de modelos corporais nos meios de comunicação e redes sociais contribuíram, fundamentalmente, para a divulgação de uma ótica corpórea estereotipada e determinada pelas relações de mercado. A mídia contemporânea vincula somente corpos que se encaixam em um padrão estético "aceitável", mediado pelos interesses da indústria de consumo. Modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, em todos os formatos de mídia, num jogo de sedução e imagens – o que não é diferente nas redes sociais e *sites* de encontros. Trata-se de vincular à representação da beleza estética ideais de saúde, magreza e cuidado. Configura-se como objeto de desejo um corpo bonito, jovem, "malhado" e que consuma determinados produtos, bens e serviços, o que diferenciaria o corpo exitoso do corpo medíocre. Esse conjunto de fatores acabou por criar no

imaginário social uma associação entre corpo ideal e sucesso, medido, nas redes sociais e sites e *apps* de encontros, pela quantidade de *likes* recebidos.

Figura 11- Capa da famosa revista gay francesa Têtu – A construção do imaginário do homem gay brasileiro pela chamada de capa (Brasil – O país dos deuses).

Fonte: https://fr.shopping.rakuten.com/,acesso em nov de 20.

Nos meios publicitários, as considerações supracitadas se revelam explicitamente. Visivelmente, trabalha-se com o desejo alheio, não um desejo inerente, mas um desejo construído segundo os moldes do consumo. Desse modo, a propaganda apodera-se da subjetividade de cada indivíduo, incitando-o a recriar-se, segundo o modo ou estilo de vida que ela propaga. Guattari assinala esse modo de ação publicitária por meio das seguintes palavras:

> (...)as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio de suas memórias, de sua inteligência, mas também de sua sensibilidade, dos seus afetos, de seus fantasmas inconscientes (GUATTARI, 1992, p.14)

A criação de estereótipos publicitários é também precursora do ideário de corpo como objeto de desejo e de consumo, procurando criar uma associação entre o produto consumido e um estilo de vida idealizado. Assim, a diversidade de produtos e seus respectivos padrões

estéticos agregados sempre seguem uma fórmula semelhante: a transformação ou a modificação da vida pela compra de alguma coisa.

Essa lógica mercadológica atua com mecanismos semelhantes em nossas carências mais profundas. O horror à morte, o medo da velhice e da impotência aparentemente sempre podem ser combatidos ou amenizados com novos produtos ou técnicas estéticas que são infinitamente renováveis em sua aparência, mas que permanecem as mesmas em seu conteúdo.

A repercussão social desse espectro ideal desencadeia vários distúrbios psicossociais que giram em torno de anseios mercadológicos. A necessidade humana de encaixar-se nesse padrão ou identidade estética ocasiona um aumento crescente do número de cirurgias plásticas, do uso de substâncias químicas relacionadas a "boa" forma física e da quantidade de pessoas afligidas por comportamentos compulsivos para corresponder a este padrão corporal.

> A insatisfação com o próprio corpo implicou a incorporação da prática do exercício físico com fins estéticos no nosso cotidiano. Criou-se a "malhação", expressão que assume dois sentidos: "a ação de dar pancada com malho ou martelo e o ato de zombar ou fazer escárnio. A ambos o ser humano se subjuga, malha para não ser malhado" (SILVA, 2001, p. 101).

As academias contemporâneas, adaptadas às novas exigências do mercado, apresentam-se cada vez mais sofisticadas. Foram incorporados a sua estrutura física, além do espaço destinado à prática do exercício físico, lojas, bares e clínicas estéticas, formando verdadeiros centros de culto a estética. O trabalho corporal desenvolvido pela academia obedece à lógica da máquina: a cronometrização e mecanicidade são os princípios orientadores das práticas corporais. Mais uma vez, vale lembrar Silva, quando a autora afirma que a lógica da máquina "impõe a obediência dos seres humanos à organização mecânica, ignorando o indivíduo e sua condição de sujeito" (2001, p. 102). Desse modo, cria-se mais um mecanismo de fuga da realidade, de compensação diante da frustração e impotência cotidiana de não reação à barbárie provocada pelas diferenças sociais e econômicas.

3.3 **Normas contemporâneas de gênero e o corpo**

O que estes ideais corporais simbolizam, como estão relacionados às construções de gênero e como corroboram para manutenção de determinados papéis sociais? Ainda vivemos

expectativas de certa forma polarizadas para o comportamento de fêmeas e machos, que refletem nos ideais de imagens corporais estereotipadas no trato das diferenças entre mulheres e homens, tais como a capacidade das mulheres para o cuidado, a procriação e a sua necessidade "natural" de serem protegidas, gerando um corpo mais longilíneo, em contraste com a maior força física dos homens, já que este é o provedor e protetor – e deve lutar com outros machos para defender a sua prole. Outrossim, a construção e elaboração corporal deveria estar diretamente relacionada aos papéis culturais e sociais que se esperam de cada sexo, e cada sujeito deveria buscar estar "à altura" dos papéis ideais associados a seu gênero.

Desta forma, não se conformar com os papéis de gênero, ou não buscar a construção deste corpo, implica correr o risco de ser socialmente rejeitado por se assumir um comportamento não-normativo. Embora os papéis de gênero possam parecer, de início, complementares e adequados às diferenças biológicas de homens e mulheres, há, acima de tudo, uma dimensão de poder associada a essas funções. Os papéis dos homens são associados com a agência necessária para a política, a economia e posições de liderança. Embora, em relação às mulheres o acesso a papéis de alto status venha aumentando, ainda é verdade que poucas ocupam lugar de liderança no ambiente político ou como líderes em grandes empresas, e é uma realidade que a maioria delas ganham salários menores. Assim, maior acesso masculino a recursos políticos e poder econômico nas sociedades patriarcais e industriais significa que mulheres têm menos controle sobre suas vidas. Além disso, a interdependência heterossexual das mulheres e homens na sociedade significa que os papéis de gênero são romantizados e o sucesso heterossexual foi moldado para ser dependente das prescrições sociais de gênero, onde tudo o que fuja a tais normas deva ser rechaçado.

> This heterosexual script's messages are bolstered by gendered body ideals. Men as the dominant sexual actors are consumed with sexual thoughts and cannot help but to objectify women. A man's physical strength and other dominance markers such as wealth can be used to attract women in the scripted scenario. The woman's role in this script is more passive except in her ability to use her sexualized body to attract men. Thus, the ideal body is magnified in importance by the heterosexual script that frames the interactions between women and men in the mass media culture (MURNER E DON, 2012, p.130).[35]

[35]"As mensagens deste roteiro heterossexual são reforçadas por ideais corporais de gênero. Os homens, como atores sexuais dominantes, são consumidos por pensamentos sexuais e não podem deixar de desejar as mulheres. A força física do homem, além de outros marcadores de dominância, tais como a riqueza, podem ser usados para atrair mulheres num cenário roteirizado. O papel da mulher neste roteiro é mais passivo, exceto em sua capacidade para usar seu corpo sexualizado para atrair homens. Assim, o corpo ideal é ampliado em importância pelo roteiro heterossexual que enquadra as interações entre mulheres e homens na cultura de massa". Tradução minha.

Pode parecer surpreendente que os papéis de gênero modernos pareçam assim, tão tradicionais, dado que houve mudanças nos papéis das mulheres na sociedade, como um maior número delas em empregos que seriam tradicionalmente considerados como masculinos. Porém, mesmo com avanços, não parece haver diminuído o foco na aparência das mulheres. Na verdade, segundo Murner e Don, o foco pode ter aumentado como um tipo de "reação" às conquistas das mulheres, onde aquelas que não se encaixam dentro dos padrões de cuidado com a aparência e magreza seriam menos mulheres que as outras. Tais posturas são reproduzidas por homens e muitas mulheres. Basta lembrarmos de falas, como a da atual ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos (!!??), Damares Alves, que afirmou, num culto evangélico, antes de ocupar o cargo no governo que "Sabem por que elas (feministas) não gostam de homens? Porque são feias e nós somos lindas"[36] Penso que agora é possível vislumbrar melhor a que tipo de beleza e feiura se refere a ministra, além de estabelecer claramente uma divisão hierárquica entre o nós e elas. Aquelas que estão em conformidade com as relações de poder e aquelas que estão à margem.

Finalmente, dados os modelos sociais nos quais vivemos, é importante reconhecer que o sistema capitalista tem muito a ganhar por mulheres e homens que se sintam insatisfeitos com seu corpo e invistam em tratamentos e produtos que os ajudem a sentir-se inseridos e a tentar satisfazer os ideais corpóreos da sociedade. Esses corpos ideais são atravessados, segundo Murner e Don por três "lentes de gênero" que ajudam a enquadrar nossa compreensão desse tema em uma cultura patriarcal. Primeiro, nós tendemos a polarizar os gêneros, enfatizando sempre suas diferenças, seja na estrutura corpórea, nos papéis definidos, ou em termos, como sexo oposto, por exemplo. Em segundo, temos um modelo de sociedade androcêntrica, onde há mais probabilidade de valorizar o que é masculino. No âmbito da imagem corporal, tanto os ideais do corpo feminino quanto o masculino apoiam uma estrutura patriarcal. Os homens são estereotipados como musculosos e dominantes, e as mulheres são sexualmente subordinadas a eles, simbolizadas pela magreza e sexualização.

A terceira "lente" que procuramos para entender o gênero é o uso de explicações biológicas para essencializar as diferenças de gênero. Tais explanações argumentam, por exemplo, que homens terão atração física por mulheres que apresentem sinais de boa saúde reprodutiva, enquanto as mulheres procurariam homens fortes e em posição de liderança, com acesso a recursos para apoiar a descendência. Assim, o homem masculino, forte e protetor,

[36]'Feministas não gostam de homens porque são feias', diz Ministra Damares Alves em vídeo - Diário Online - Portal de Notícias. Disponível em 'Feministas não gostam de homens porque são feias', diz Ministra Damares Alves em vídeo - Diário Online - Portal de Notícias (diarioonline.com.br), acesso em janeiro de 21

bem como a mulher feminina, capaz de gerar filhos saudáveis e sexualizada encontram forte apelo no universo comercial e na cultura de massa.

3.4 **Corpos masculinos e masculinidades**

Estamos em um processo de ascensão na produção de artigos e trabalhos que debatam a relação entre homens, corpo, a construção de masculinidades e os papéis de gênero, já que interessantes publicações vieram à luz nos últimos anos. Posso citar, no Brasil, livros como os de Louro (2004), Goldenberg (2007), ou, mais recentemente, a coletânea organizada por Rodrigues, Monzeli e Ferreira (2016), que trazem importantes debates sobre a elaboração da cultura do corpo na sociedade carioca, no caso de Goldenberg, bem como as relações entre corpo, gênero e sexualidade, referindo-me a primeira e ao último. Ainda é importante destacar o trabalho de Silva (2015), que tem como foco as representações sociais de corpos gays através de fotografias.

Tradicionalmente havia no ideário popular (e, de certa forma, ainda há) a visão de que os homens não deveriam se concentrar demais no corpo, o que poderia fazer com que fossem vistos como femininos (e/ou gays). Geralmente, as preocupações com o corpo masculino deveriam ser expressas dentro dos limites de se concentrar no corpo como um instrumento de ação e que, consequentemente projetasse uma aparência particular: Um corpo forte e atlético notabilizaria uma imagem de dominância, o que corresponderia a certas expectativas esperadas do masculino – a autoridade, a competição e a vitória.

Murner e Don (2012) afirmam que a construção corporal de muitos desses homens passam ou iniciam-se com a prática de esportes, em especial daqueles que propiciem o desenvolvimento de um corpo musculoso, maior, enquanto nas mulheres há o interesse por deixar o corpo mais curvilíneo.

O cenário ideal de masculinidade está relacionado à importância de ter sucesso no esporte desde a mais tenra idade. A participação bem-sucedida nesse tipo de atividade é entendida como uma forma de os meninos cumprirem muitos dos ideais de gênero, tais como serem dominantes, duros, poderosos e autoritários. É muito comum, em muitas famílias, que desde bem pequenos meninos sejam matriculados nas escolinhas de futebol, onde, observados pelos pais, que vibram como se estivessem numa final de campeonato, aprendem as condutas, posturas e vocabulário esperados dos homens.

Os anos 90 do século XX, porém, trazem uma certa quebra de paradigma no que se refere as representações e imagens corporais do homem. Surge o metrossexual. Um homem que se preocupa com a aparência e está disposto a comprar produtos para o cuidado do cabelo e da pele, bem como roupas para representar uma determinada imagem. Ser metrossexual está associado a vivência nas cidades e possuir recursos financeiros que propiciem o foco em uma aparência bem cuidada e um estilo de vida luxuoso, estando atrelado ao pertencimento à classe média ou alta, ou ao menos parecer que pertence. Celebridades como David Beckham, Cristiano Ronaldo e Neymar exemplificam este papel, coincidentemente, todos famosos jogadores de futebol. O homem metrossexual não é necessariamente musculoso, mas provavelmente trabalha para manter um nível moderado de musculatura e pouca gordura corporal, apresentando um corpo mais magro.

Em sua tese e posterior livro, Silva (2015) afirma que a nossa atual glorificação da forma física em relação ao corpo masculino vem influenciada por modelos de culto ao corpo norte americano, de meados do século XIX, chegando por aqui no início do século XX, muito calcada na utopia de progresso presente na virada do século. Antes de mais nada, manter um corpo forte e em forma era uma medida de higiene e de combate aos vícios e maus hábitos da juventude. Tratava-se de uma pedagogia calcada na disciplina e no controle corporal, além de realçar atributos relacionados ao que se esperava de homens e mulheres em termos de comportamento.

Figura 12 - Village People – Referência no imaginário do *Gay Power* dos anos 70 do século passado.

Fonte: http://gaycultureland.blogspot.com/. Acesso em: jan. 2021.

Os anos 70 do século passado, que trazem a liberação sexual, o crescimento dos movimentos negro e feminista, bem como do movimento gay, também nos oferecem reflexões sobre as concepções de corpo e masculinidades. O gay power adota o que poderíamos chamar de hipermasculinidade, muito calcado no modelo do gay macho americano (SIMÕES JR, 2006). Rompendo com a imagem construída até então do

homossexual afeminado, vai-se para o extremo oposto, buscando-se referências em modelos hipermasculinizados de operários e cowboys. Basta lembrarmos do iconográfico visual do Grupo *Village People*. Segundo Silva

> Com a emergência do movimento de liberação gay, ativistas rejeitaram o comportamento do gay associado à efeminação. Queixaram-se, por isso, de que esse comportamento era sintomático da homofobia internalizada baseada na cultura dominante que via a homossexualidade como desviante e imoral. O homem que amava outros homens era um homem real, cuja presença e estilo poderiam ser demonstrados por meio de traços que tinham conformidade com as normas tradicionais de masculinidade (2015, p,187).

Embora alguns transitassem entre posturas consideradas masculinas e femininas, como que brincando com a mistura de gêneros – e temos como caso clássico no Brasil o Grupo DziCroquettes – uma outra parcela foi optando por um "visual carregado de símbolos masculinos e projetava sexualidade em signos verbais e visuais de um 'erotismo macho'" (SILVA, 2015, p,187).

Figura 13 – Dzi Croquettes.

Fonte: http⁄⁄cabareincoerente.com. Acesso em: jan. 2021.

Figura 14 - O ator e bailarino Claudio Tovar vestido para espetáculo do Dzi Croquettes

Fonte: https://centermixmovie.wordpress.com/. Acesso em: jan. 2021.

Figura 15 - Imagem do Espetáculo Dzi Croquettes em Bandália – Um musical eletrônico, de 2012

Fonte: https://merosespectadores.wordpress.com/. Acesso em: jan. 2021..

A valorização dos músculos e de um corpo grande e forte fez das academias a nova meca, bem como o ato de adotar novos estilos em termos de indumentária e aparência. Agora era preciso, além de ter um corpo com músculos à mostra, usar barba, bigode, além do uso de roupas que valorizassem traços masculinos e marcassem os bíceps, peitoral ou mais recentemente, as pernas. Trata-se de marcas que universalizam e padronizam, onde a aceitação e a beleza passam pela frequência de certos espaços – vide as academias – e o uso do mesmo estilo de roupas. O gay agora passa a pertencer ao *mainstream*, passa a ser mais visível, copia modelos de padrões heterossexuais, e, mais recentemente, deseja o casamento e a adoção de filhos. Desta forma

> O gay acaba sendo visto com os olhos do dominante, aqueles da masculinidade hegemônica. (....) a adoração pelo músculo hipertrofiado representa a impossibilidade de conceber uma visão homossexual da homossexualidade. Nesse processo de cultivo à forma, é a pessoa quem vai prestar contas ao olhar crítico e hierarquizante dos seus pares, além de se submeter ao constante escrutínio da fita métrica e do espelho. (SILVA, 2015, p. 188-189)

Não se pode deixar de mencionar que o advento da AIDS nos anos 80 do século XX também influenciou grandemente neste modelo de construção de corpos, em especial dos corpos de homens gays. Inicialmente chamado de "câncer gay", e considerado o castigo de Deus para as práticas "libidinosas" e "promíscuas" dos homossexuais, naquela época, portar o vírus HIV era praticamente uma sentença de morte anunciada. A icônica capa publicada pela Revista Veja em 26 de abril de 1989 com a imagem do cantor Cazuza, já bastante magro e debilitado pelo vírus mostrava quão avassaladora a doença poderia ser e quanto a imagem dos

doentes poderia ser explorada pela mídia. No imaginário popular, o corpo doente era fruto do castigo divino imputado aqueles que tinham práticas sexuais desviantes.

Figura 16 - Revista Veja, edição de abril de 1989.

Fonte: https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/. Acesso em: jan. 2021..

Destarte, ter um corpo sarado seria sinônimo de um corpo não doente e da dissociação da imagem do homossexual. Representava a possibilidade de um retorno ao *mainstream*, deixando bem marcadas as posições de nós - os saudáveis, os sarados, detentores de práticas sexuais lícitas socialmente – e dos outros – os doentes, viciados, promíscuos – enfim, os aidéticos.

3.5 **O gay padrão e o conceito de masculinidade hegemônica**

Carlinhos Maia é um *youtuber* que começou a fazer sucesso postando vídeos onde retratava o seu dia a dia. Com situações cômicas do cotidiano, o jovem do interior de Alagoas alcançou destaque nacional entre os seguidores de influenciadores digitais, em um processo

de ascensão meteórico (NEVES, 2018). No 1º semestre de 2019 chegou a ser considerado o brasileiro mais visto no Instagram, com 2 bilhões de visualizações nos *stories* – o 2º *Stories* mais visualizado do mundo, atingindo também 18 milhões de seguidores nas redes sociais[37]. o mesmo ano, em fevereiro, o digital influencer anunciou que se casaria com Lucas Guimarães, também influencer, com quem mantinha um relacionamento desde 2009. Uma das declarações de Maia causou bastante indignação entre a comunidade LGBTQIA+, ao afirmar, em entrevista à Rede TV, que seria o "casamento de dois caras, não um casamento gay"[38].

Por que tamanha necessidade de se afastar do enunciado "casamento gay"?

Para isso precisamos retomar uma discussão em relação as hierarquias de gênero, que têm seu início nos anos 80 do século passado, a qual também foi apresentada em minha dissertação de mestrado (SIMÕES JR, 2006), e que reverbera tanto na fala de Carlinhos Maia como em inúmeras colocações que usuários de HEH fazem em seus perfis considerando a busca de possíveis parceiros.

É importante que algumas considerações sejam feitas ao se observar um enunciado como o de Carlinhos Maia. Acima de tudo, deve-se ter em mente que, quando falamos de homossexuais, não estamos falando de um grupo homogêneo. Em relação a própria fala de Maia, atrelado a categoria casamento, temos dois qualificadores: o casamento dos caras e o casamento gay. Propõem-se então nesse discurso dois lugares de enunciação: o dos caras, que tem legitimado pela hierarquia de gênero o seu direito ao lugar de fala, pois os caras apresentam posturas aceitas socialmente; e o do gay, que teria o seu direito ao lugar de fala cassado, já que apresenta comportamento desviante em relação ao que se espera dos papéis de gênero. Evidencia-se a reprodução do discurso da masculinidade hegemônica.

Para melhor compreensão dessa hierarquia de poder dentro do discurso das masculinidades, a fim de, em momento específico, analisarmos os perfis de HEH nos sites e aplicativos, faz-se necessário retomar alguns aspectos já analisados no que chamávamos de estudos gays e lésbicos já nas décadas de 70 e 80 do século passado.

Fry e MacRae consideram que a noção de homossexualidade se dá "através de relações sociais construídas historicamente no interior das sociedades complexas" (1984, p.10). Dessa forma, cada época e cada sociedade encaram os construtos de masculinidades e feminilidades de formas diferentes. Um fato, porém, não pode ser esquecido: historicamente

[37]Carlinhos Maia tem segundo Stories mais visualizado no mundo!. *UOL*. 2 de ago de 2018. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/tv/carlinhos-maia-tem-segundo-stories-mais-visualizado-no-mundo.phtml>; <https://www.bing.com/search?q=CARLINHOS+Maia+tem+segundo+Stories+mais+visualizado+no+mundo!&cvid=495ae93527444117af35c861f9f64078&pglt=43&FORM=ANNTA1&PC=U531>, acesso em21 de jun de 2020.

[38]https://www.redetv.uol.com.br/tvfama/, acesso em abril de 2019.

sempre houve a dominação de um gênero sobre outro, em especial do masculino sobre o feminino. Essa reprodução da divisão binária heterossexual também encontra espaço no meio homossexual, baseada num "discurso masculino, ou precisando melhor, o discurso da dominação masculina" (LEVY, 2004, p. 189). Em suma, há uma reprodução no meio homossexual de posturas contra as quais muitos homossexuais sempre lutaram por transformar. Repetem-se os mesmos discursos de preconceito e normalidade que tanto subjugaram a homossexualidade em relação à heterossexualidade, e que, ainda que com o acréscimo de cada vez mais letras a este segmento que foge do modelo da heterossexualidade compulsória, não dá conta de impedir a violência e a discriminação que essa população enfrenta no dia a dia.

Fry (1982) relaciona este sistema hierárquico com setores tradicionais da cultura brasileira, onde a hierarquia é um fator importante de organização social e onde o papel predominante cabe ao homem. Sobre este sistema hierárquico, ele seria bastante generalizado no Brasil, em especial no interior e nas camadas mais populares. De acordo com o esquema elaborado pelo autor, poderíamos dividir os homens, ou machos (sexo fisiológico) em duas categorias: homens e bichas.

Figura 17 – Divisão hierárquica proposta por Fry (1982)

Conceito	sexo fisiológico	papel de gênero	comportamento sexual	orientação sexual
homem	macho	Masculino	ativo	heterossexual e homossexual
bicha	macho	Feminino	passivo	homossexual

Fonte: FRY, Peter. *Para inglês ver*: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Chama-se esse sistema de hierárquico porque a relação sexual se dá entre não iguais: o *homem* penetra e domina a *bicha*, que é passiva, dominada. O ser que penetra é o masculino, dominante, enquanto o ser penetrado é efeminado, dominado, inferior. O *homem* pode ter relações com *bichas* sem perder seu status de *homem*. O que diferencia ambos é o papel masculino ou feminino, ativo ou passivo. Tem-se, assim, na relação homossexual, uma reprodução do modelo da relação heterossexual tradicional, onde existiria – centrado no poder do falo - um dominador e um dominado, um superior e um inferior. Mesmo que tais modelos tenham evoluído no decorrer das últimas décadas, não é incomum o encontro de textos de usuários que buscam relações pautadas neste paradigma.

Enquanto definida em sua forma ativa, a homossexualidade seria considerada pelo homem como um meio de afirmar seu poder, de reforçar sua condição de macho dominante, daquele que tem o poder de penetrar na cama e na vida, de determinar os valores e as regras sociais; sob sua forma passiva, ela seria, ao contrário, um símbolo de decadência, a abdicação do poder naturalmente conferido aos representantes do sexo forte. Ele se torna inferior à mulher, pois, hipoteticamente, ela não teria como escapar de sua condição *subalterna* determinada pelo sexo biológico, mas o homossexual passivo estaria abrindo mão de sua posição de homem para ser penetrado por outro homem. Dessa forma, o ideário que se tinha estava centrado no fato de que

> A passividade sexual da bicha atribui-lhe a posição social inferior da mulher, e enquanto o homem passivo é estigmatizado e considerado socialmente desprezível, aquele que assume o papel ativo não o é (...) O homem que é penetrado (...) perde sua masculinidade, visto que o problema é ser passivo (perder a virilidade), não ser homossexual. Outros autores explicam esse fenômeno afirmando que o homem passivo ameaça a ordem social, visto que abdica do poder e prestígio associados ao sexo masculino. Dito de outra forma, em determinados setores da sociedade brasileira, o papel sexual é muito mais importante do que o parceiro sexual. A bicha atua como um indicador que diferencia seu comportamento "desviado" do comportamento masculino "normal" de um homem "verdadeiro". Pela sua oposição à norma, o estereótipo do homem passivo e efeminado define o homem ativo e viril (NUNAN, 2003, p.134-135).

O fim do século XX e início do XXI, porém, trazem algumas novas concepções em relação a dicotomia ativo x passivo. Com o advento da internet e das novas Tecnologias da Informação e Comunicação, as chamadas TICs, houve uma proliferação muito grande do uso da imagem. Antes de se perguntar o nome de um possível contato em um *site* ou *app*, pede-se uma foto, caso não haja nenhuma disponível no perfil. Quando o usuário expões fotos, esse é o primeiro contato, o seu cartão de visitas para o mundo exterior. No universo da imagem do século XXI, mais importante que a posição sexual é a elaboração de um etos que corresponda ao modelo de masculinidade heterossexual.

Há alguns anos tem surgido entre alguns *youtubers* (e há que se considerar os⁄as youtubers como formadores de opinião, visto o alcance que muitas destes comunicadores atingem) o termo gay padrão ou gay padrãozinho, o que me faz lembrar do termo o gueto dentro do gueto, já mencionado no jornal Lampião da Esquina, meu objeto de pesquisa no mestrado. Na França, o filósofo Alain Naze, tem pesquisado o que ele chama de normalização gay. Uma das críticas do estudioso dá-se ao que chamamos de busca da igualdade, o que significa mais uma homogeneização na aparência do que igualdade de diretos. Há uma forte relação, na contemporaneidade, a um assujeitamento homossexual ligado a determinadas

concepções de corpo, de vestimentas, de modo de ser e estar no mundo, e estas atitudes garantiriam um pertencimento, um selo de garantia LGBTQIA+.

> C'est par tout um discours que son corps, ses vêtements, ses atitudes signifient l' identification LGBT, qui constitue une des forms de l'occidentalisation/ /américanisation du monde[39] (NAZE, 2017, p.92).

Naze, profundo estudioso de Pasolini[40], retoma estudos do autor, do início da década de 70 do século passado, a respeito de uma "uniformização consumista em marcha", onde determinados grupos ressignificavam certos códigos de vestuário ou de aparência, no intuito de "pertencerem" a determinado grupo ou classe e apagar um passado obscuro de rejeição e não pertencimento. Naze toma, como exemplo, a observação de Pasolini sobre jovens iranianos que, no início dos anos de 1970, passaram a usar os cabelos longos, num processo de apagamento de seus grupos sociais de origem, num processo que Pasolini chama de "homologation consumériste", algo como uma certificação consumista ou aprovação consumista. E, o que rejeitavam estes jovens?

> Que disaient-ils donc leurs cheveux? Ils disaient-ils: "Nous ne faisons pas partie de ces crève-la-faim, de ces misérables sous-développés qui em sont restés à l'âge des barbares! Nous, nous sommes employés de banque, étudiants, fils de gens enrichis dans les sociétés pétrolières; nous sommes allés em Europe, nous avons lu! Nous sommes des bourgeois; et nos cheveux long témoignent de notre modernité internationale de privilégiés!"[41] (NAZE, 2017, p.93)

Essa mudança de representação das homossexualidades, onde sobressaia uma mais valorizada socialmente foi observada por mim durante a pesquisa para escrever a dissertação de mestrado. A advento do gay macho americano, observado na análise do jornal Lampião da esquina[42], e logo reverberada no Brasil, procurava dissociar a imagem do homossexual masculino a uma "caricatura da mulher". No Brasil, a apropriação de termos como gay, vindo dos EUA, e entendido, que se torna popular a partir dos anos 80, procura uma dissociação com a "boneca", termo largamente usado para se referir ao homossexual masculino e

---

[39] "É, acima de tudo, um discurso onde seus corpos, suas roupas, suas atitudes significam a identificação LGBT, que constitui uma das formas de ocidentalização/americanização do mundo". Tradução minha.

[40] Pier Paolo Pasolini (Bolonha, 5 de março de 1922 — Óstia, 2 de novembro de 1975) foi um cineasta, poeta e escritor italiano. Em seus trabalhos, Pasolini demonstrou uma versatilidade cultural única e extraordinária, que serviu para transformá-lo numa figura controversa. Embora seu trabalho continue a gerar polêmica e controvérsia até hoje, enquanto era vivo, seus trabalhos foram tidos como obras de arte segundo muitos pensadores da cultura italiana.

[41] "O que eles disseram sobre seus cabelos? Eles diziam: "Não somos um daqueles miseráveis famintos e subdesenvolvidos que permaneceram na era dos bárbaros! Somos bancários, estudantes, filhos de pessoas ricas das empresas petrolíferas; estivemos na Europa, nós lemos! Somos burgueses; e nossos longos cabelos são um testemunho de nossa modernidade internacional e de nossos privilégios!" Tradução minha.

[42] Primeiro jornal gay de circulação nacional, publicado no fim da ditadura militar (1978-1981), chegando à tiragem de 20 mil exemplares ao mês. Conferir Simões Jr (2006).

amplamente representado, inclusive nos veículos de comunicação dirigido à comunidade até os anos 60 do século XX.

Esse modelo, portanto, de masculinidade que é altamente vinculado a imagem do macho heterossexual, a determinados padrões de cultura e comportamento e a busca por aceitação e pertencimento dentro do panorama hierárquico social está atrelada à busca pela masculinidade hegemônica.

Ao fazer referência a masculinidade hegemônica, atento para o fato de que, desde a mais tenra idade, as crianças são educadas dentro da noção, ainda que muitas vezes sutil, de que existe uma masculinidade superior às demais. Essa é uma masculinidade construída pelo patriarcado e que permanece forte e influente na sociedade ocidental capitalista. No topo desta hierarquia está o homem cisgênero, branco, heterossexual, jovem, pertencente as classes médias ou alta, com acesso a determinado capital cultural e com corpo que denote destreza, força e capacidade de proteção da fêmea e da prole. O termo cisgênero vem da junção do prefixo grego *cis* que significa em conformidade com, mais a palavra gênero, ou seja, seria a pessoa que se encontra bem "ajustada" a identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital (macho ou fêmea). Indivíduos cisgêneros estão de acordo, e normalmente se sentem confortáveis com os códigos de conduta, culturais, vestuário e papéis sociais atribuídos ao gênero a que pertencem. Em contraponto, pessoas transgêneras se sentem desajustadas em relação aos rótulos de gênero que originalmente receberam ao nascer. Assim, tudo que foge a uma ou mais dessas características componentes da masculinidade hegemônica seriam masculinidades outras, subordinadas, à margem.

Umas das principais estudiosas das masculinidades é a cientista social Raewyn Connell. Segundo a professora australiana, a masculinidade hegemônica é uma configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres (CONNELL, 2005). Antes de prosseguir, convém relatar a própria trajetória de vida de Connell, que passou pelo processo de transição de gênero após os 50 anos. Com uma consolidada carreira acadêmica na Austrália, passando também por Harvard e Universidade da Califórnia – Santa Cruz, e após a morte da esposa por câncer, Connell reeditou alguns de seus artigos e livros, abandonando o nome masculino de Robert (ou Bob, como também era conhecido) e assumindo o nome de Raewyn.

Para Connell, a masculinidade por si só é dita como um conceito que se entende majoritariamente por atributos como: dominação, força, competição, controle, segurança, proteção, determinação, dentre outros. A masculinidade hegemônica pertence a uma ideologia

que privilegia alguns e desfavorece quem não se adequa a suas categorias, estabelecendo uma hierarquia entre essas e as subordinadas. Ela não se assume normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais "honrada" de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Segundo Connell (2016) homens e meninos são, de maneiras significativas, os que controlam o acesso da igualdade de gêneros. "Uma pergunta estratégica é: eles estão dispostos a abrir as portas?" (CONNELL, 2016, p. 91). Para a autora, as masculinidades são padrões socialmente construídos de práticas de gênero. "E esses padrões são criados por intermédio de um processo histórico com dimensões globais" (2016, p.94). No cotidiano se encontram ferramentas que reforçam as ordens binárias de gênero, como por exemplo, nos livros sobre criação de meninos, que Connell analisa em sua obra Gênero em termos reais (2016). Estes livros propagam discursos com base em perspectivas estereotipadas de masculinidade. A autora questiona bastante as perspectivas essencialistas e estereotipadas da masculinidade, pois nem todo homem é agressivo, machista, pratica estupro ou tem um pênis.

Connell afirma que nem todas as sociedades têm o mesmo conceito de masculinidade e que este conceito é relacional. Nas sociedades ocidentais, a concepção de masculino foi construída em contraste com o feminino e, ainda, dentro destes dois grupos, várias hierarquias foram estabelecidas no decorrer da História. Em relação a masculinidade, uma forma sempre foi exaltada em relação as demais. Masculinidade hegemônica, portanto

> Can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women. (CONNELL, 2005, p. 77)[43]

Isso não quer dizer que os representantes da masculinidade hegemônica sejam os mais poderosos, mais ricos ou mais fortes fisicamente. Há um conjunto de fatores culturais, sociais, políticos e econômicos que elegem estes representantes, tais como personagens em um filme, o que coloca este padrão de masculinidade mais como um modelo idealizado que real, mas para o qual muitos homens se dirigem, ou se espelham, com o intuito de garantir status e reconhecimento social. No entanto, é provável que a hegemonia só seja estabelecida se houver

[43]"Pode ser definida como a configuração da prática de gênero que incorpora e atualmente legitima o patriarcado, que garante (ou é dada como garantia) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres". Tradução minha.

alguma correspondência entre o ideal cultural e o poder institucional, num movimento mais coletivo do que individual. Assim, o ambiente de negócios, dos militares e dos altos cargos no governo fornecem uma demonstração corporativa bastante convincente de masculinidade, que parece ser pouco abalada por representações feministas ou outras masculinidades – o que não quer dizer que não possa ser. É a reivindicação bem sucedida à autoridade, mais do que a violência direta, que é a marca dessa hegemonia - embora a violência, muitas vezes, dê suporte a esse modelo representacional

> I stress that hegemonic masculinity embodies a currently accepted strategy. When conditions for the defence of patriarchy change, the bases for the dominance of a particular masculinity are eroded. New groups may challenge old solutions and construct a new hegemony. The dominance of any group of men may be challenged by women. Hegemony, then, is a historically mobile relation[44](CONNELL, 2005, p.77).

A hegemonia diz respeito ao domínio cultural na sociedade como um todo. Dentro desse quadro global, há relações específicas de gênero de dominação e subordinação entre grupos de homens. O caso que mais salta aos olhos na sociedade contemporânea é o domínio dos homens heterossexuais em relação aos homens homossexuais. Tal dominação está além de uma estigmatização cultural da homossexualidade ou identidade gay. Homens gays são subordinados a homens heterossexuais por uma série de práticas materiais e imateriais. Incluem exclusão política e cultural, abuso cultural, violência legal, violência nas ruas, discriminação econômica e boicotes pessoais. (CONNELL, 2005, p.78). Na linguagem, vemos desde o uso de apelidos, passando pelo uso de linguagem pejorativa e depreciativa. Caso clássico é da expressão "vai tomar no cú", que não só representa ofensa ou xingamento em si, mas acima de tudo o ato de ser "dominado" ou "subordinado" ao "verdadeiro" homem, abrindo mão da posição de poder "naturalmente" concedida pela biologia.

A opressão posiciona as masculinidades homossexuais no fundo de uma hierarquia de gênero entre os homens. A homossexualidade, na ideologia patriarcal, é o repositório do que é simbolicamente expulso da masculinidade hegemônica - desde o gosto exigente na decoração de casa, para alguns, até prazer anal receptivo. Desta forma, do ponto de vista da masculinidade hegemônica, a homossexualidade é facilmente assimilada à feminilidade. E, por isso, na visão de alguns teóricos *gays*, a ferocidade dos ataques homofóbicos.

---

[44]"Ressalto que a masculinidade hegemônica incorpora uma estratégia atualmente aceita. Quando as condições para a defesa do patriarcado mudam, as bases para o domínio de uma masculinidade particular são corroídas. Novos grupos podem desafiar soluções antigas e construir uma nova hegemonia. O domínio de qualquer grupo de homens pode ser desafiado pelas mulheres. Hegemonia, então, é uma relação historicamente móvel". Tradução minha.

A masculinidade gay é a mais evidente, mas não é a única masculinidade subordinada. Alguns homens e meninos heterossexuais também são expulsos do círculo de legitimidade. O processo é afirmado desde o uso de um vocabulário de abuso – afirmando, por exemplo, que alguém se comporta com mulherzinha — bem como o cunho de atitudes que reforçam tal hierarquia. Atitudes como o excesso de competitividade, ser bem sucedido financeiramente e ter um corpo forte e considerado viril são caraterísticas que muitos homens buscam alcançar para pertencer a este seleto grupo. Fugir de um corpo, profissão, relacionamentos e vida medíocres são alvos propagados pelos *coaches* de alto desempenho em seus canais na internet e publicações para homens considerados vencedores. Aqui também o borrão simbólico com a feminilidade é óbvio.

Desta forma, a masculinidade hegemônica, variável conforme a sociedade, a época e o lugar, deprecia e exclui aqueles que estão distantes de seu modelo idealizado. Quanto mais próximo desse padrão, mais valorizado socialmente, mais próximo do status quo. Quanto mais distante, mais desvalorizado e passível de perseguições e exclusão. Assim mulheres, gays, travestis, transexuais, dentre outros fora desse sistema sexo-gênero acabam por sofrer as consequências dessa hierarquia que normaliza e cristaliza as relações a favor do patriarcado branco, heterossexual, cristão, jovem e de classe média.

Em termos das masculinidades, assim, aquelas que estão mais distantes da hegemônica são passíveis de toda sorte de rechaço. Ao nos referirmos a homossexualidade, há uma certa aceitação na atualidade, desde que dentro de um modelo representacional o mais próximo possível da masculinidade hegemônica. Na segunda década do século XXI, mais do que a dicotomia ativo x passivo sobre a qual debatiam Fry (1982) e Fry e MacRae (1984), está em jogo estar o mais próximo possível do topo da pirâmide na hierarquia das masculinidades.

Essa hierarquia das masculinidades é aprendida de forma muito sutil desde a infância, demarcando o lugar de meninos e meninas na sociedade e mostrando o que meninos devem fazer ou como devem se comportar a fim de serem homens de verdade. Num processo de iniciação, geralmente facilitado por meninos ou homens mais velhos, esses jovens são inseridos no processo do que é ser um homem de verdade. Paralelamente, aprendem também que aqueles que não se adequam ou se rebelam contra esse modelo serão passíveis de punições e terão de arcar com as consequências de sua rebeldia.

O processo de tornar-se homem, é, justamente, construído através do reafirmar de sua masculinidade e em oposição ao não homem. A homofobia, desta forma, surge justamente ao longo deste processo, iniciando-se com a repulsa – e ao mesmo tempo, o medo – dos homens

que não se encaixam nesse ideário de masculinidade parece ser sempre uma sombra, especialmente entre homens que sentem desejo por outros homens.

> A homofobia passou a caracterizar como uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquia entre as sexualidades e os gêneros, na qual a heterossexualidade foi elevada a um status superior, natural e normal (...) A homossexualidade é tratada como sinônimo de inversão, pederastia (...) Além disso, a desproporção linguística aparece em expressões como sapatão, bichinha, afeminado, ou em forma de insultos como "vai tomar no cu" (...) tais expressões criam realidades comprometidas pelo falocentrismo e pelo machismo e transmitem valores reducionistas que podem demarcar uma identidade para quem os recebe. (...) O comportamento heterossexual, dessa forma, funciona como modelo social que não reproduz a questão biológica das espécies necessariamente, mas sim, a reprodução de uma ordem social. Vale ressaltar que a prática homofóbica não está restrita apenas a homossexuais, mas àqueles e aquelas que não aderem à ordem clássica dos sexos e dos gêneros, tais como travestis, transexuais, bissexuais, transgêneros, intersexos e mesmo mulheres e homens heterossexuais que não respondem aos comportamentos esperados para cada gênero (ANDRÊO, PERES ET AL, 2016, p.57).

A construção da masculinidade homofóbica está arraigada na manutenção da ordem social e é parte constituinte da constituição da subjetividade de muitos homens e mulheres. Ser homossexual (Ou ter postura homossexual) acaba sendo causa de temor por muitas pessoas e instituições, sendo tolerada, desde que ocupe seu lugar à margem. A homossexualidade torna-se desestabilizadora, ameaçadora quando rompe com o lugar a ela designado. Quando ousa atravessar a fronteira, desestabilizando a ordem pré-estabelecida.

> A igualdade dos direitos para gays e lésbicas é considerada, por conseguinte, uma ameaça para a essencial divisão dos sexos; além disso, em nome dessa divisão é que as uniões homossexuais devem ser deixadas à margem do direito da família. (...) muito mais que um papel ou uma característica do indivíduo, a dicotomia masculino/feminino é um mecanismo pelo qual determinada situação social contribui para a reprodução da estrutura social (BORILLO, 2010, p. 74-75).

Sendo assim, de certa forma, uma detentora da moral, a homofobia torna-se como que uma vigilante de gênero, já que aponta e culpa qualquer deslize, qualquer afastamento dos padrões esperados dentro das hierarquias, da adequação ao gênero. Qualquer deslize, quando praticado, deve ser severamente punido. A pessoa traidora, a desertora de seu gênero de origem será apontada com palavras depreciativas, muitas vezes pela família ou membros do seu grupo social (escola, igreja, trabalho) e, no universo dos *sites* e aplicativos de encontros, será rechaçado pela ausência de curtidas ou *likes*, bem como pelo não recebimento ou o recebimento de mensagens grosseiras ao interagir com outros usuários.

Outrossim, quando Carlinhos Maia afirma que o casamento dele se dá entre dois caras e não é um casamento *gay*, temos, não apenas uma fala isolada, mas o retrato de um modelo social pautado na hierarquia de gênero. Dentro dessa primeira, uma segunda, das

masculinidades, o que faz com que muito homossexuais reproduzam a estigmatização das quais eles mesmos são vítimas. O espaço de encontros on-line acaba por se apresentar como palco desses embates através dos discursos de seus usuários. É a chamada homofobia internalizada. Ou o gueto dentro do gueto.

> Efetivamente, um número importante de homossexuais integram – na maior parte das vezes, inconscientemente – as características e as atitudes predeterminadas pelo discurso heterossexista; ou, dito por outras palavras, a maneira como os⁄as homossexuais são rotulados⁄as pelo olhar dos dominantes modela a maneira como gays e as lésbicas se percebem a sim mesmos⁄as. (BORILLO, 2010, p.100)

3.6 **O corpo e a masculinidade como *status***

O corpo traz em si as marcas sociais de sua época e da sociedade na qual está inserido. Há uma preocupação de se fazer registrar neste corpo, fisicamente, as marcas que o fazem ser valorizado no mercado da masculinidade e da feminilidade.

> As pessoas não perdem oportunidade de lançar mão desses recursos, para se aproximarem do ideal de estética corporal que a sociedade define. Para destacarem, dissimularem ou atenuarem particularidades de sua aparência, submetem-se a dietas especiais, praticam exercícios físicos, pintam-se ou sujeitam-se a operações complicadas em mesas cirúrgicas – porque creem que, agindo assim, estarão visibilizando sua constituição orgânica e social. (...) A origem dessas práticas é social: são signos de pertinência do grupo e de concordância com os seus princípios. (SILVA, 2015, p.35)

Desta maneira, o corpo torna-se objeto de *status* e poder, sendo também portador de mensagens e altamente codificado, enredado em um complexo sistema de informações, ainda que não usemos da palavra e que enunciadores e coenunciadores não estejam, em todos os momentos, conscientes deste processo.

Marcado, assim, por inúmeras categorizações, o corpo é também atravessado por uma linguagem que, no caso do corpo biologicamente masculino poderia ser traduzida por termos como “sarado”, “malhado”, “em forma” ou “másculo”. São codificações sociais, culturais e econômicas que encontram amplo espaço entre aqueles sujeitos que, para fugir do preconceito, da discriminação e de serem identificados como viados, querem ser reconhecidos como detentores dessa construção corporal valorizada socialmente. Estar fora destes modelos de corpo ou não estar inserido em um modelo binário de gênero significaria ser “marginal” – estar à margem de ser valorizado⁄a no disputado mercado do corpo. Tanto mais distante destes modelos desejados, tanto mais em desvantagem e fora dos privilégios sociais este corpo

estaria. Porém, ao mesmo tempo, é em relação a estes modelos valorizados que surge o espaço da transgressão.

> Por certo os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos. O processo, contudo, não é feito ao acaso ou ao sabor de sua vontade. Embora participantes ativos dessa construção, os sujeitos não a exercitam livres de constrangimentos. Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem. (LOURO, 2004, p.17).

Da mesma forma, o corpo pode ser instrumento de resistência no que concerne as masculinidades hegemônicas. Novos modelos corporais, com outros acessórios e indumentárias podem romper com a matriz heterossexual e apontar padrões outros, fornecendo novas pautas, possibilitando outros caminhos, subvertendo as regras e hierarquias.

4 **AS NOVAS RELAÇÕES NO UNIVERSO ON-LINE**

And now you see another me, I've been reloaded[45]*, yeah (...)*
I'm like a dream within a dream that's been decoded (...)
I'm not the one you knew
I'm now and then combined
And I'm asking you to have an open mind
I'm not the same this time around[46]
ABBA. Don't shut me down. (Universal International Music, 2021)

Em 2020 foi anunciado no meio musical e na mídia internacional a produção de um novo álbum do grupo sueco ABBA, 38 anos após a sua dissolução. Fenômeno mundial desde que ganhou o Festival Eurovisão (ou Europeu) da Canção em 1974, o quarteto com 500 milhões de álbuns vendidos em todo o mundo encerrou suas atividades em conjunto em 1982, com o lançamento de canção *The day before you came*. No 2º semestre de 2021, o lançamento dos singles *Don't shut me down* e *I still have faith in you*, divulgadas em várias mídias de notícias e voltadas para o universo da música causou alvoroço entre os fãs. Lançadas em 02 de setembro de 2021 na plataforma *YouTube*, a primeira canção atingiu 1,4 milhões de visualizações e a segunda, 4,4 milhões de visualizações, levando os vídeos do grupo a serem o primeiro e o terceiro mais acessados, nesse dia, em 12 países (HALL, 2021).

Para divulgação do álbum *Voyage*, previsto para novembro de 2021, com 10 canções, está sendo preparado um grande show de divulgação, transmitido a partir de Londres. Há algumas décadas, tal situação causaria extrema estranheza, já que os componentes do grupo são hoje senhores e senhoras na faixa dos 70-75 anos, com cabelos brancos e as limitações impostas pela idade. Com o avanço da tecnologia, porém, toda a gravação das canções e produção do espetáculo foi realizada em um estúdio com uma equipe de 150 profissionais. Os ABBAtares serão os protagonistas de um show virtual, exibido por meio de versões digitais dos cantores, previsto para estreia em maio de 2022, com transmissão a partir do Parque Olímpico de Londres (BEAUMONT-THOMAS e BRAUM, 2021).

---

[45]O verbo *reload* geralmente é traduzido como recarregar. Transitando entre os avanços tecnológicos do ser humano máquina e do eu lírico, que se afirma como uma mulher, preferi traduzir a primeira estrofe como "eu fui renovada", já que ao nos referirmos a uma pessoa tal tradução me parece mais natural do que "eu fui recarregada".

[46]E agora você vê um outro eu, eu fui renovada, sim (...)
Sou como um sonho dentro de um sonho que foi decodificado (...)
Não sou aquela que você conheceu
Eu sou o agora e o depois juntos
Estou te pedindo para ter uma mente aberta
Não sou mais a mesma

O avanço da tecnologia é uma realidade inegável que influencia na forma como vivemos, trabalhamos, estudamos, nos divertimos e construímos nossas relações. Há décadas seria impensável que tivéssemos um show com cantores em uma apresentação virtual, toda criada em estúdio e com a aparência física que tinham há 40 anos. Da mesma forma que seria impossível pensar nas aulas online, nas visitas virtuais a museus de qualquer lugar do mundo, nas plataformas de *streaming* ou nos encontros de amigos ou reuniões de trabalho em plataformas como *Zoom* ou *Google Meet*.

No que essas mudanças influenciaram ou alteraram os encontros para fins de relacionamento ou sexuais? Como o avanço da tecnologia vem transformando as nossas relações? Estariam ligadas a manutenção de determinados interesses ou relações de poder? Quais? E, para além, no caso dos sites a aplicativos para encontros gays, como se dá a dinâmica entre as noções de público e privado? São algumas das questões que me guiam na escrita deste capítulo.

Para além dos questionamentos procuro, no final do capítulo, apresentar um debate pertinente em relação a esse trabalho. Como essa não é uma pesquisa baseada em entrevistas e, como quem pesquisa entra nas plataformas para observar os perfis, mais uma vez se torna importante a discussão sobre até que ponto expor um perfil em um site de encontros não torna o sujeito de certa forma público, ainda que em um ambiente supostamente privado. Tal movimento faz parte de uma discussão que, ainda hoje, tem mais interrogações que respostas. Convido, assim, quem me lê, a acompanhar meu processo de investigação, a fim de conduzir essa pesquisa de maneira ética.

4.1 **A rede mundial de computadores**

Uma grande transformação na comunicação digital iniciou-se nos anos 90 do século passado. Naquela época, um grupo de físicos liderados por Sir Tim Berners-Lee, do laboratório de física da CERN (*Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire* ou Organização Europeia para a pesquisa nuclear), localizado na Suíça, desenvolveu a *World Wide Web*. Isso foi o prenúncio de uma grande mudança nas possibilidades de comunicação que antes, eram baseadas no uso, predominantemente, do texto escrito, em um modelo unilateral e assíncrono de interlocução. O avanço da *World Wide Web* deu origem a tantas novas formas de interação mediada que seria quase impossível citá-las todas neste texto.

Algumas destas incluem *web boards*, *blogs*, *wikis*, *sites* de redes sociais, *sites* de vídeo e *protosharing*, além de jogos que criam mundos virtuais com riqueza de detalhes gráficos.

Uma dessas novidades, os *blogs* (BAYM, 2010), surgem como facilitadores da interação assíncrona e do contato entre determinados grupos com interesses comuns. Esses espaços, de autoria de indivíduos ou construções coletivas, são *sites* que possibilitavam atualizações e criavam uma certa cronologia das mensagens. Seu conteúdo podia ser pessoal, político ou sobre quaisquer outros assuntos, e seu público podia ser composto desde um número bem reduzido de usuários a milhões. Nos anos 90, a criação de conteúdo passava por um processo bem experimental e quase que artesanal. A chamada *Web*1.0 ainda demandava especialistas para criação de conteúdo. No decorrer desta década, o surgimento gradativo de novos recursos possibilitou que usuários criassem, gradativamente e de forma limitada, a sua própria experiência na rede. Era ainda um momento em que alguns poucos criavam conteúdo e um número razoável, mas ainda não tão numeroso se comparado em termos de população global, consumia. Alguns recursos, como os *hyperlinks* possibilitam conexões com outros *sites*. Grupos de usuários poderiam ler uns aos outros e comentar nos espaços uns dos outros, criando comunidades de sujeitos com os mesmos ideais e propiciando a ampliação de movimentos sociais e de base.

Também durante este tempo, *sites* como o *Active Worlds,* criado em 1995 como uma plataforma de distribuição de conteúdo em 3D em tempo real, começaram a desenvolver projetos de criação de jogos *on-line* através dos chamados mundos virtuais. Os chamados *Role Playing Games* ou RPGs são um tipo de jogo em que os participantes assumem papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente. O progresso de um jogo se dá de acordo com um sistema de regras predeterminado, dentro das quais os usuários podem improvisar livremente. As escolhas dos jogadores determinam a direção que o jogo irá tomar.

Segundo Baym (2010), o início dos anos 2000 trouxe à cena os jogos de *role-playing on-line* em massa, ou os *Massive Multiplayer Online Role-Playing Game* (MMORPGs - um acrônimo, curiosamente, pronunciado como *more pigs*, "mais porcos" em português), como *World of Warcraft* (criado em 2004), *League of Legends* (este do fim da década de 2000), e espaços simuladores da vida real como o *Second Life*, criado em 2003. São espaços online que suportam uma quantidade muito grande de participantes simultâneos, podendo chegar a milhões, e que promove um ambiente de interação em estado permanente. Isso significa que todos esses jogadores interagirão com o ambiente virtual do jogo ao mesmo tempo e em tempo real, e que esse mesmo ambiente continua funcionando mesmo se o

jogador estiver ausente. Esse gênero permite aos usuários a criação de personagens em um mundo virtual dinâmico (MESSNER, 2017).

Assim, a *Web* 2.0, surgida no início dos anos 2000 tem como algumas de suas marcas a maior interação entre os usuários e a maior possibilidade de produção de conteúdo. A *Web* 1.0 também apresentava produção material por usuários, dentre os mais famosos estão os *Wikis* – dentre eles a Wikipédia – mas como já mencionado, essa produção se dava de forma mais limitada. Retomando os *Wikis*, são *sites* de autoria coletiva de enciclopédia, nos quais as pessoas podem colaborar para produzir entradas informativas. Por trás de cada conteúdo, estão as colaborações de muitos, talvez dezenas ou centenas de usuários, interconectados e com a possibilidade de acessos a outros textos.

Ainda na primeira década deste milênio, os sites de redes sociais (SNSs, ou *Social Network Services*), como o *Facebook*, trouxeram ainda mais possibilidades nas ramificações de contatos e produção de conteúdo na contemporaneidade. Nestes espaços, os indivíduos têm perfis onde podem carregar muitas mídias diversas (fotos, vídeos, *links* e muito mais) e conectar seus perfis com outros através de "amigos" e "amigos de amigos", criando um cenário quase que automático e fluido, onde a popularidade é contada por *likes* a partir das publicações e a vida é pautada pelas respostas aos comentários, fotos e vídeos postados. boyd[47] e Ellison (2007) localizam as origens dos *SNSs* no surgimento da rede social *SixDegrees.com* que durou de 1997 a 2000, seguido por redes sociais como *Asian Avenue* (criado em 1999 com foco na comunidade asiático americana e ainda existente), *Black Planet* (criado também em 1999 com foco na comunidade afroamericana e dos mesmos criadores do *Asian Avenue*) e *Mi Gente* (na mesma situação dos anteriores, criado em 2000 e com foco na comunidade latina). Ainda em 1999 temos o surgimento do *LiveJournal*[48] e *Cyworld*[49] e, em 2000, do *LunarStorm*[50]. O *MySpace*[51] começou em 2003, e o *Facebook* em 2005, seguindo no

[47]dana m. boyd é socióloga, professora da Universidade de Nova York e pesquisadora da *Microsoft*. Suas pesquisas têm como foco as mídias sociais. Por questões pessoais, a autora prefere ter seu nome grafado em letras minúsculas.

[48]*LiveJournal* é um serviço de rede social, onde os usuários da Internet podem manter um *blog*, um jornal ou um diário. Cada usuário tem um perfil com o qual pode interagir com comunidades e outros usuários. O serviço padrão é gratuito, mas há também a possibilidade de atualizar para conta premium. Criado em 1999. Fonte : <www.livejournal.com>, acesso em abril de 2022.

[49]*Cyworld* é um site sul-coreano de relacionamento virtual, mantido pela *SK Communications*, uma empresa pertencente à *South Korea Telecom*, a maior operadora de telefonia móvel da Coreia do Sul. Fonte: www.cyworld.com

[50]*LunarStorm*, muitas vezes abreviado para Lunar, foi um site de redes sociais sueco voltado para adolescentes, que também estava disponível no Reino Unido antes de 2007. " Era operado por uma empresa chamada *LunarWorks*. De acordo com as estatísticas oficiais da empresa, o site tinha 1,2 milhão de membros em 2007, dos quais cerca de 70% tinham entre 12 e 17 anos. O site caiu drasticamente em popularidade e foi cancelado em agosto de 2010 graças a queda em suas atividades. Fonte: <https://www.wikipedia.org>, acesso em abril de 2022.

sucesso produzido pela ascensão do Orkut (2004-2014). Em 2003 temos o surgimento de uma rede social profissional, o *LinkedIn*, que busca conectar profissionais com instituições e oportunidades de trabalho. *Sites* de vídeos e compartilhamento de fotos como *Instagram* (de propriedade do *Facebook*), *YouTube* (de propriedade do *Google*) e *Flickr* (de propriedade do *Yahoo*) podem são consideradas redes sociais e de grande alcance na atualidade. Outras plataformas populares e mais especializadas que poderiam ser consideradas *SNSs* incluem *Tumblr* - considerada uma plataforma de *blogging*, onde usuários podem postar textos, imagens, vídeos, citações, áudios - e o *Spotify*, onde internautas podem criam *playlists* e seguir pessoas que tenham os mesmos interesses musicais. São espaços onde as pessoas podem criar contas pessoais, carregar seus próprios materiais e compartilhá-los com outros publicamente ou apenas entre os destinatários selecionados. As redes sociais são únicas na combinação de múltiplos modos de comunicação e, portanto, na amplitude e no controle sobre os acessos dos usuários.

Em meados da primeira década dos anos 2000 surge a *Web* 3.0, reconhecida como a terceira onda da Internet, e que propõe estruturar todo o conteúdo disponível na rede mundial de computadores dentro dos conceitos de *Web Semântica*, ou também chamada *Web* Inteligente. Esse conceito surge em 2001, quando Tim Berners-Lee, James Hendler e Ora Lassila publicaram, na revista *Scientific American*, o artigo *The Semantic Web – A new form of Web content that is meaningful to computers will unleash a revolution of new possibilities* (A *web* semântica – Uma nova forma de conteúdo significativa na *web* vai desencadear uma revolução de possibilidades). Segundo os autores, esta forma de web é uma extensão da *World Wide Web* que propicia um trabalho de cooperação entre humanos e computadores, propiciando a atribuição de significados tantos por pessoas como por máquinas (BERNERS-LEE, HENDLER, LASSILA, 2001).

Desta forma, a *Web* 3.0 está focada em um uso múltiplo e multidirecional, onde interagem, concomitantemente processos de inteligência artificial e usuários. Pesquisa-se a convergência de várias tecnologias que já existem e que serão usadas ao mesmo tempo, num grande e coletivo esforço. Banda larga, acesso móvel à internet e a tecnologia de rede semântica, todos utilizados juntos e de maneira inteligente ao mesmo tempo.

Assim, se passaria da *World Wide Web* - rede mundial- para *World Wide Database* - base de dados mundial- de um número incontável de documentos para um número

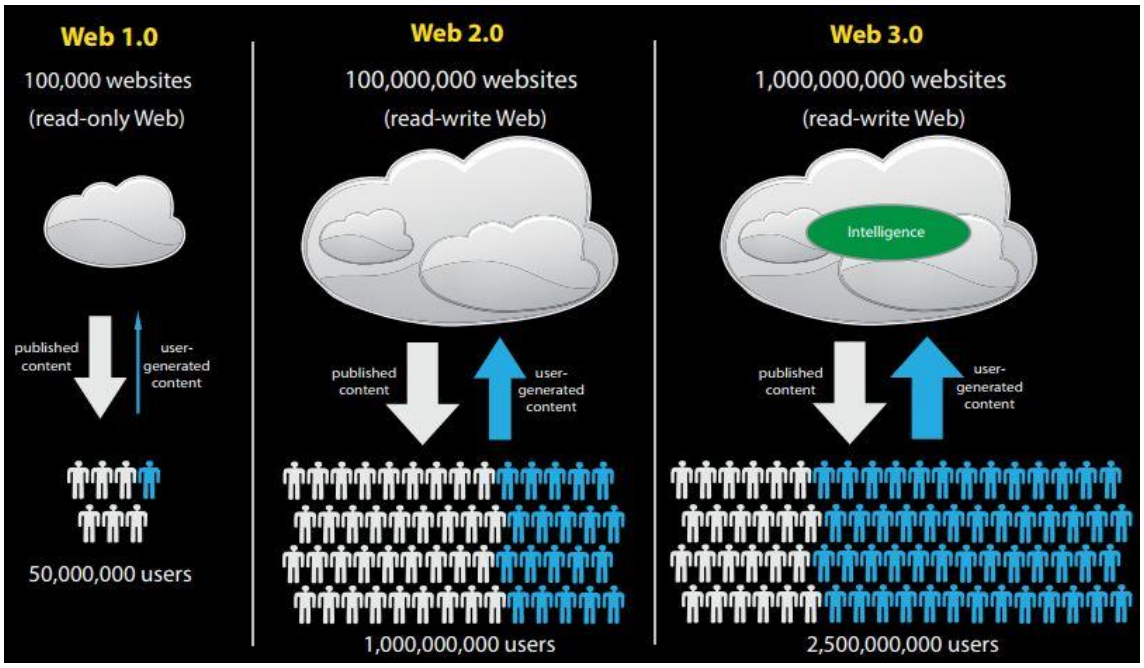
[51]*MySpace* é uma rede social americana que oferece uma rede interativa de amigos, perfis pessoais, *blogs*, grupos, fotos, músicas e vídeos enviados por usuários. Foi criada em 2003. Inclui um sistema interno de e-mail, fóruns e grupos. Fonte:< www.myspace.com>, acesso em abril de 2022.

incomensurável de dados, que serão entrecruzados via inteligência artificial, gerando não só uma possibilidade sem fim de informações, mas informações direcionadas de acordo com os acessos, gostos e buscas dos indivíduos (NATIONS, 2021).

De forma resumida, portanto, segue um breve resumo e um quadro sintético onde os conceitos de *web* 1.0, 2.0 e 3.0 são revistos:

Web 1.0: *Sites* com conteúdos estáticos, produzidos maioritariamente por empresas e instituições, com pouca interatividade entre os internautas. Como exemplos temos Altavista, *Geocities*, *Yahoo*, Cadê, *Hotmail*;
Web 2.0: Conteúdos produzidos pelos próprios internautas, com maior interatividade *online* através de *blogs* e *sites* como o *Youtube*, *Flick*, dentre outros;
Web 3.0: Esta nova geração da web prevê que os conteúdos online estejam organizados de forma semântica, muito mais personalizados para cada internauta, com sites e aplicativos inteligentes e publicidade baseada nas pesquisas e nos comportamentos dos usuários.

Figura 18 - Quadro resumo *Web* 1.0, 2.0 e 3.0.



Fonte: https://researchhubs.com/post/computing/. Acesso em: set. 2021.

Nos últimos anos já se fala da *Web* 4.0. Ainda muito vinculada à indústria, tem como como foco a "tecnologia da nuvem", voltada para a automação, mais eficiência e

produtividade. Por ser um conceito ainda em formação, acredito que o debate relacionado a ele pode ser deixado para futuros trabalhos.

4.2 **Sobre pesquisa e relações nos ambientes virtuais**

Etnografia da internet, etnografia virtual, on-line ou do ciberespaço, assim como netnografia, são terminologias que vem buscando nomear o processo de estudos das relações construídas na dinâmica do on e off-line. A proliferação de termos já indica, por si só, as dificuldades de trabalho com um campo de estudos recente, ainda em construção. Por outro lado, por se tratar de uma área do saber relativamente nova, maior a nossa possibilidade de ousar e de propor diálogos com outros campos do conhecimento e outros domínios do saber.

Nos anos 90 do século passado, estudiosos como Arturo Escobar e Pierry Lévy desenvolveram noções como as de cibercultura e ciberespaço. Para o antropólogo colombiano, radicado no EUA, Arturo Escobar, a cibercultura "refere-se especificamente a novas tecnologias em duas áreas: inteligência artificial (particularmente tecnologias de computação e informação) e biotecnologia" (ESCOBAR, 1994, p. 214). A difusão destas novas tecnologias traz à luz dois regimes de sociabilidade: a tecnosociabilidade e a biosociabilidade que "encarnam a consciência de que cada vez mais vivemos e nos fazemos em meios tecnobioculturais estruturados por novas formas de ciência e tecnologia" (ESCOBAR, 1994, p. 214). Já o conceito de ciberespaço "refere-se às redes e sistemas crescentes de meio-ambientes mediados por computador. Enquanto uma rede espacializada, mediada por computador, o ciberespaço é visto como capacitador da copresença e da interação de múltiplos usuários, propiciando situações de realidades reais e virtuais, controle e coleta de dados à distância, integração e intercomunicação totais com um espectro completo de produtos inteligentes.” (ESCOBAR, 1994, p. 216). Já para Levy, a definição de cibercultura é correlacionada a definição de ciberespaço. O ciberespaço, que também pode ser entendido como “rede”, é o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Assim como outros meios de comunicação, o ciberespaço deve ser concebido não apenas como uma infraestrutura material ou suporte tecnológico, mas como um conjunto de informações e de usuários que habitam esse espaço e o alimentam com informações. A cibercultura pode assim ser definida como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente

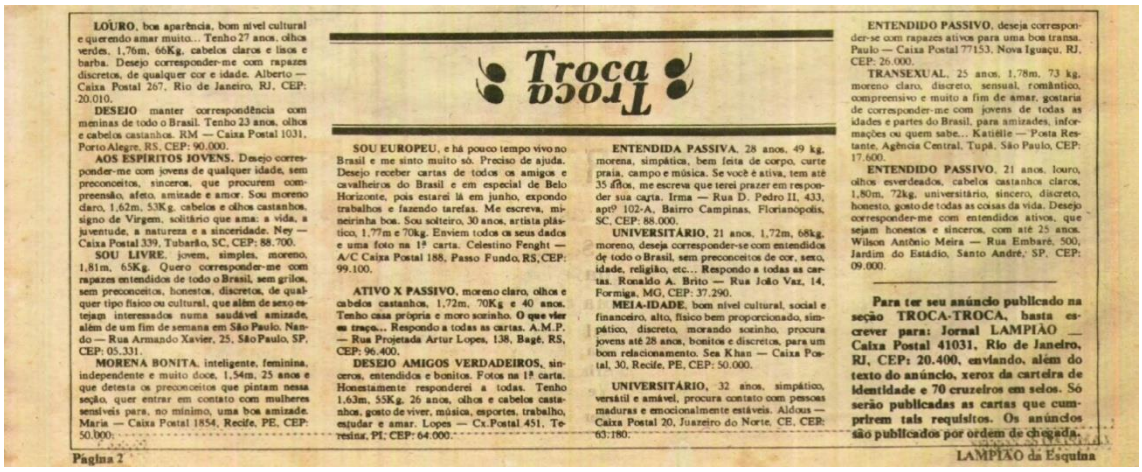
com o crescimento do ciberespaço" (LÉVY, 1999, p. 14). O autor ainda afirma que a cibercultura é a expressão de uma nova forma cultural universal, sendo diferente das que a precederam – como os direitos humanos, as religiões ou a ciência – sendo constituída sob a indeterminação de qualquer sentido global ou totalizante. Isto é o que o autor chama de "universalidade sem totalidade", ou seja, a cibercultura é apresentada como um sistema aberto, onde não há um modelo a ser seguido, mas sim a ausência de modelos. O que há é a mudança constante e acelerada, tornando imprevisíveis os efeitos desse processo.

Mais do que preocupados em nomear uma nova área do conhecimento, os dois estudiosos propunham oferecer uma gama de conceitos que permitissem um certo exercício intelectual. Enquanto Escobar propunha uma antropologia da cibercultura, Lévy pensava a cibercultura de uma forma um tanto quanto entusiástica, reconhecendo seu potencial criativo e democrático, mas deixando de lado seu aspecto comercial (PELÚCIO, 2019). Ambos falavam de um movimento nascente, ainda circunscrito a certos grupos que tinham acesso as conexões de internet, geralmente moradores de grandes centros urbanos e com determinado poder aquisitivo.

4.3 **Um breve histórico da busca por parceiros para encontros e das apropriações das relações pelo mercado.**

Dos anúncios destinados a encontros em jornais ou revistas dos anos 70 e 80 - como no jornal Lampião da Esquina e suas seções Cartas na Mesa ou Troca-Troca, ou no jornal O Balcão, passando pelos serviços de tele-amizade, tele-namoro ou tele-sexo, até o surgimento das salas de plataformas como o mIRC, bate-papo e Messenger, estes espaços veem acompanhando as mudanças introduzidas pelo avanço da internet e também ditando novas formas de se comunicar e se relacionar com outros, exercendo profundo impacto nas mudanças sociais da contemporaneidade.

Figura 19 – Seção Troca-Troca Jornal Lampião da Esquina. Ed 36. Maio de 1981



Troca Troca

LOURO, boa aparência, bom nível cultural e querendo amar muito... Tenho 27 anos, olhos verdes, 1,76m, 66Kg, cabelos claros e lisos e barba. Desejo corresponder-me com rapazes discretos, de qualquer cor e idade. Alberto — Caixa Postal 267, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20.010.

DESEJO manter correspondência com meninas de todo o Brasil. Tenho 23 anos, olhos e cabelos castanhos. RM — Caixa Postal 1031, Porto Alegre, RS, CEP: 90.000.

AOS ESPÍRITOS JOVENS. Desejo corresponder-me com jovens de qualquer idade, sem preconceitos, sinceros, que procurem compreensão, afeto, amizade e amor. Sou moreno claro, 1,62m, 53Kg, cabelos e olhos castanhos, signo de Virgem, solitário que ama: a vida, a juventude, a natureza e a sinceridade. Ney — Caixa Postal 339, Tubarão, SC, CEP: 88.700.

SOU LIVRE, jovem, simples, moreno, 1,81m, 65Kg. Quero corresponder-me com rapazes entendidos de todo o Brasil, sem grilos, sem preconceitos, honestos, discretos, de qualquer tipo físico ou cultural, que além de sexo estejam interessados numa saudável amizade, além de um fim de semana em São Paulo. Nando — Rua Armando Xavier, 25, São Paulo, SP, CEP: 05.331.

MORENA BONITA, inteligente, feminina, independente e muito doce, 1,54m, 25 anos e que detesta os preconceitos que pintam nessa seção, quer entrar em contato com mulheres sensíveis para, no mínimo, uma boa amizade. Maria — Caixa Postal 1854, Recife, PE, CEP: 50.000.

SOU EUROPEU, e há pouco tempo vivo no Brasil e me sinto muito só. Preciso de ajuda. Desejo receber cartas de todos os amigos e cavalheiros do Brasil e em especial de Belo Horizonte, pois estarei lá em junho, expondo trabalhos e fazendo tarefas. Me escreva, mineirinha boa. Sou solteiro, 30 anos, artista plástico, 1,77m e 70kg. Enviem todos os seus dados e uma foto na 1ª carta. Celestino Fenght — A/C Caixa Postal 188, Passo Fundo, RS, CEP: 99.100.

ATIVO X PASSIVO, moreno claro, olhos e cabelos castanhos, 1,72m, 70Kg e 40 anos. Tenho casa própria e moro sozinho. **O que vier eu traço...** Respondo a todas as cartas. A.M.P. — Rua Projetada Artur Lopes, 138, Bagé, RS, CEP: 96.400.

DESEJO AMIGOS VERDADEIROS, sinceros, entendidos e bonitos. Fotos na 1ª carta. Honestamente responderei a todas. Tenho 1,63m, 55Kg, 26 anos, olhos e cabelos castanhos, gosto de viver, música, esportes, trabalho, estudar e amar. Lopes — Cx.Postal 451, Teresina, PI, CEP: 64.000.

ENTENDIDA PASSIVA, 28 anos, 49 kg, morena, simpática, bem feita de corpo, curte praia, campo e música. Se você é ativa, tem até 35 anos, me escreva que terei prazer em responder sua carta. Irma — Rua D. Pedro II, 433, apt? 102-A, Bairro Campinas, Florianópolis, SC, CEP: 88.000.

UNIVERSITÁRIO, 21 anos, 1,72m, 68kg, moreno, deseja corresponder-se com entendidos de todo o Brasil, sem preconceitos de cor, sexo, idade, religião, etc... Respondo a todas as cartas. Ronaldo A. Brito — Rua João Vaz, 14, Formiga, MG, CEP: 37.290.

MEIA-IDADE, bom nível cultural, social e financeiro, alto, físico bem proporcionado, simpático, discreto, morando sozinho, procura jovens até 28 anos, bonitos e discretos, para um bom relacionamento. Sea Khan — Caixa Postal, 30, Recife, PE, CEP: 50.000.

UNIVERSITÁRIO, 32 anos, simpático, versátil e amável, procura contato com pessoas maduras e emocionalmente estáveis. Aldous — Caixa Postal 20, Juazeiro do Norte, CE, CEP: 63.180.

ENTENDIDO PASSIVO, deseja corresponder-se com rapazes ativos para uma boa transa. Paulo — Caixa Postal 77153, Nova Iguaçu, RJ, CEP: 26.000.

TRANSEXUAL, 25 anos, 1,78m, 73 kg, moreno claro, discreto, sensual, romântico, compreensivo e muito a fim de amar, gostaria de corresponder-me com jovens de todas as idades e partes do Brasil, para amizades, informações ou quem sabe... Katiélie — Posta Restante, Agência Central, Tupã, São Paulo, CEP: 17.600.

ENTENDIDO PASSIVO, 21 anos, louro, olhos esverdeados, cabelos castanhos claros, 1,80m, 72kg, universitário, sincero, discreto, honesto, gosto de todas as coisas da vida. Desejo corresponder-me com entendidos ativos, que sejam honestos e sinceros, com até 25 anos. Wilson Antônio Meira — Rua Embaré, 500, Jardim do Estádio, Santo André, SP, CEP: 09.000.

Para ter seu anúncio publicado na seção TROCA-TROCA, basta escrever para: Jornal LAMPIÃO — Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20.400, enviando, além do texto do anúncio, xerox da carteira de identidade e 70 cruzeiros em selos. Só serão publicadas as cartas que cumprirem tais requisitos. Os anúncios são publicados por ordem de chegada.

Fonte: https://www.grupodignidade.org.br/. Acesso em: set. 2021.

Figura 20 -Anúncio de disque amizade, comum nos anos 90 do século passado

Fonte: https://www.facebook.com/profile.php?. Acesso em: set. 2021.

Figura 21- Imagem de página do mIRC

Fonte: https://www.techtudo.com.br/. Acesso em: set. 2021.

Figura 22 - Imagem de página do MSN Messenger

Fonte: https://www.osasconoticias.com.br/. Acesso em: set. 2021.

Embora haja uma certa tendência para que as pessoas usem as redes sociais para manter relacionamentos existentes, eles também são espaços usados para formar novos relacionamentos e estabelecer outros contatos. Haythornthwaite (2002) cunhou o termo *latente tie*, ou laço latente, para se referir a relacionamentos potenciais que são estruturalmente habilitados, mas que não foram ativados. Amigos de amigos no *Facebook* são um bom exemplo desses laços latentes. Ao tornar as listas de amigos visíveis e, em alguns casos, oferecendo recomendações automáticas de novas amizades em potencial, a arquitetura dos *sites* de redes sociais facilita a promoção de sugestões de amizades e futuros encontros ou amigos em potencial.

Nesta rede de laços e relações possíveis, os sites de encontros tornaram-se uma forte aposta da rede na busca por novos parceiros românticos ou sexuais através das redes. A realização de encontros não é novidade para a mídia digital, assim como outrora outros veículos também os promoviam. Jornais há muito tempo hospedam anúncios classificados para aqueles que buscam romance e, em publicações alternativas, companheiros para encontros afetivos e sexuais. A mídia se torna, desta forma, como que intermediária do mercado matrimonial, transitando entre os espaços da comunicação interpessoal e de massa, entre o público e o privado. Em um jornal, por exemplo, a partir do momento em que se publicava um anúncio na busca de um possível encontro, mas se assinava com um pseudônimo, esta dualidade entre público x privado se fazia presente. Em um *site* de encontros, a partir do momento em que se publica um perfil há uma certa exposição a outros

usuários que tenham perfis nos mesmos espaços – o que de certa forma é até desejável; altos índices de visualizações e sinalizações de aprovação indicam popularidade. O Scruff, por exemplo, exibe em destaque os usuários mais "woofeados", já que um dos indicativos de aprovação em relação a um perfil é clicar no "woof", simbolizado por uma pata de urso. O debate entre o público e o privado nestes espaços será feito ainda neste capítulo.

As plataformas voltadas para encontros e relacionamentos amorosos e sexuais, podem, portanto, ser entendidas como meios que permitem criar redes relacionais seletivas dentro de uma espécie de mercado amoroso e sexual, o qual ascendeu a partir da chamada Revolução Sexual e passou a ser visualizável por meio de *sites* e aplicativos (MISKOLCI, 2015).

Tantas mudanças nos modos de ser e de viver, além do advento de fenômenos como a globalização

> (...) também responde a um conjunto de transformações sociais e econômicas marcadamente neoliberais que, a partir de meados dos anos de 1980, incidiram diretamente na forma das pessoas constituírem relações. Individualismo exacerbado, competitividade, estímulo ao risco e às experimentações, precarizações das relações tidas como duradouras, seja no âmbito do mundo do trabalho ou das relações domésticas, são algumas dessas mudanças que acabam conformando um novo mercado afetivo, ao qual alguns sites e aplicativos para fins de encontros parecem corresponder". (PELÚCIO, 2015, p.85)

Essa nova ética romântica, que estimula a aventura, o prazer e a busca de pares para relações mais fluídas, parece corresponder à crescente oferta de tecnologias comunicacionais que proporcionam a portabilidade dos suportes, garantindo a "conectividade pérpetua" (CASTELLS, 2011).

Em suas obras, a professora e socióloga marroquina Eva Illouz oferece interessantes debates sobre a associação entre amor e mercado e busca analisar os mecanismos sociais que fazem com que as emoções sejam mobilizadas pelas esferas de consumo. Com formação em literatura e sociologia, Illouz, marroquina radicada na França tem como principais áreas de investigação a história da vida emocional, a teoria crítica aplicada à arte, a cultura popular, os significados morais da modernidade e o impacto do capitalismo sobre a esfera cultural. Suas obras foram traduzidas para numerosos idiomas. No Brasil, sua única obra traduzida, a partir do alemão, é O amor nos tempos do capitalismo, lançada pela Zahar em 2011. A obra foi publicada originalmente no Reino Unido em 2007 pela Polity Press, sob o título *Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism.* Só a título de curiosidade, enquanto por aqui temos só uma obra da autora já traduzida e publicada, na Argentina são oito dos onze livros da autora já disponíveis no mercado. 8 x 1 para *los hermanos*.

Na última conferência das três apresentadas no livro, ela parte de questões sobre como pensar a corporeidade nas relações afetivas na internet. Ela observa que os *sites* são empresas que exigem do usuário a elaboração de um perfil pessoal, ou seja, a representação pública do eu psicológico privado para um outro generalizado e abstrato, num campo de intensa competição. O perfil seria feito a partir de um exercício racional de autorreflexão e enquadre de si mesmo e do outro em categorias pré-definidas, com o propósito de gerar sociabilidade pela compatibilidade afetiva. Para a autora "nos sites de relacionamento na internet, a pessoa é simultaneamente solicitada a se descrever de forma objetiva e a evocar e refinar, na fantasia, os seus ideais (de amor, parceiro e estilo de vida)" (ILLOUZ, Kindle).

O argumento central de Illouz é que esse processo está baseado e mobiliza o eu a partir das lógicas psicológicas e do consumismo. Ambas são, para a autora, nesse contexto, ambivalentes, porém indissociáveis, pois foram constituídas sob o mesmo pano de fundo, dotadas das mesmas regras e linguagem. É a essa entrelace ambivalente entre capital e afeto que ela chama de capitalismo afetivo.

> A internet coloca toda pessoa que está à procura de outra num mercado, em franca competição com outras. Ao se inscrever no site, você se coloca imediatamente numa situação em que compete com outros que lhe são visíveis. Portanto, a tecnologia da internet posiciona o eu de maneira contraditória: faz o sujeito dar uma virada profunda para dentro, isto é, exige que se concentre em seu próprio eu para captar e comunicar a essência única que há nele, sob a forma de gostos, opiniões, fantasias e compatibilidade afetiva; por outro lado, a internet também faz do eu uma mercadoria em exibição pública. (ILLOUZ, Kindle)

Propõe, assim, que a internet seja uma tecnologia psicológica na qual o self se define exclusivamente através da linguagem (a criação de um eu descrito que precisa ser original para se destacar entre os demais) e da fetichização do corpo (o enquadre da aparência, através das fotos, em certa convencionalidade física). Illouz afirma que tanto a internet contribui para uma textualização da subjetividade, ou seja, uma forma de apreensão de si mesmo em que o eu é externalizado e objetificado através de meios visuais de representação e linguagem "(ILLOUZ, Kindle) como a uma concentração exacerbada "em si mesmo, na percepção que tem do seu eu e no seu ideal de eu, bem como no ideal de outro" (ILLOUZ, Kindle). Nesse ambiente tecnológico, portanto, o eu é feito por rótulos linguísticos e propicia um modo psicológico de sociabilidade, permeado pela homogeneidade.

Dentro deste modelo de rotinização, somos incitados a aprender técnicas padronizadas de administração da apresentação pessoal e do encontro romântico, bem como técnicas de

cálculo de custo-benefício e eficiência para lidar com a abundância de possíveis parceiros e, no final, encontrar o melhor negócio.

O encontro é organizado sob a égide da ideologia liberal da escolha. Nenhuma tecnologia que eu conheça radicalizou de maneira tão extrema a ideia do eu como selecionador e a ideia de que o encontro romântico deve resultar da melhor escolha possível. Em outras palavras, o encontro virtual é literalmente organizado dentro da estrutura do mercado. (ILLOUZ, Kindle)

Respondendo suas questões iniciais sobre corporeidade nos afetos buscados na internet, Illouz marca uma forte distinção relacionada ao tipo de imaginação que é propiciado pelo romance tradicional – que vincula os momentos de imaginação e encontro e põe o foco no corpo, na intuição e na percepção sensorial global do outro – e a imaginação da internet – que, calcada na preponderância dos processos verbais, se afasta da intuição, de um conhecimento tácito e contextual do outro, posto que temos a imaginação separada do encontro físico.

Illouz finaliza sua obra questionando o equilíbrio nas concepções do mercado e do afeto na modelagem dessa lógica ambivalente contemporânea que descreveu. Confessa sua tendência a crer que a lógica mercadológica, em sua influência na hiper-racionaliação das estratégias e técnicas de sociabilidade afetiva, estaria dando o tom desse processo e fazendo as interações afetivas menos românticas e mais econômicas.

As mídias digitais constituem, portanto, um complexo campo onde desejos, amor e afetos atravessam a criação de novas tecnologias, perfazendo uma estreita relação entre estas e os sentimentos. Tais tecnologias são cada vez mais ativas na forma de influenciar como experienciamos os sentimentos, modulando uma nova economia do desejo (MISKOLCI, 2013). Esta economia do desejo tem como características a urgência e agilidade dos encontros, fazendo com que sejam os mais otimizados possíveis, numa lógica praticamente matemática, guiada por algoritmos e combinações que venham a oferecer as parcerias mais proveitosas ou lucrativas. Há neste movimento a configuração de novas cartografias do encontro, que provavelmente não seriam possíveis fora do ambiente mediado pela tecnologia e pelo consumo.

> Compor um perfil nesses aplicativos exige que cada pessoa que adere aos serviços opere a partir de uma gramática enxuta ortograficamente e rica iconograficamente (...). Há nessa composição subjetiva toda uma pedagogia do mostrar-se, do olhar e da interação que deve ser apreendida e, desejavelmente, colaborar para que cada pessoa se singularize nessa economia emocional da abundância, regida pela escolha

> infinita, eficiência, racionalização, orientação para alvos seletivos e padronizados (PELÚCIO, 2015, p.89).

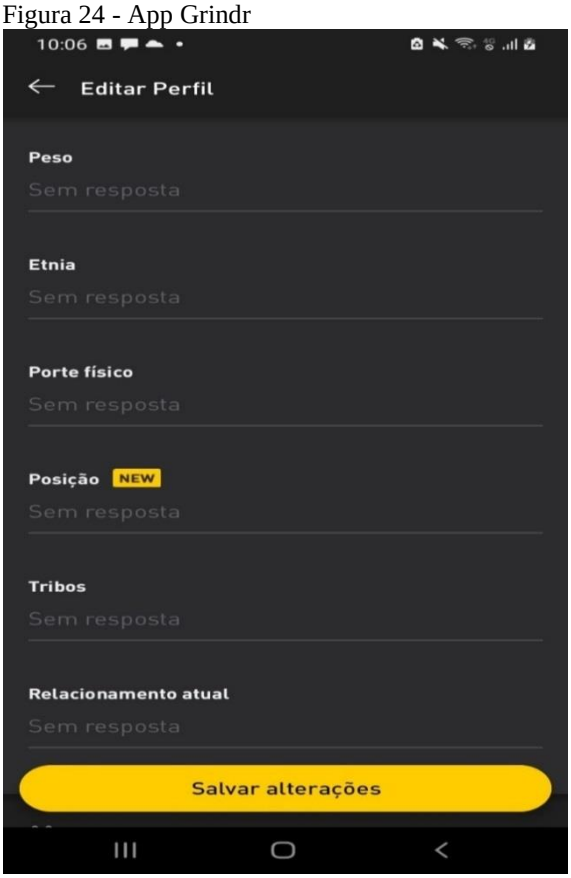
Como apresentado acima, por Pelúcio, sites e aplicativos propõem formas outras de operação. Os textos são geralmente curtos, com grande número de fotos e, na atualidade, emojis carregados de sentidos. Essa combinação protagoniza um etos de alguém que procura se mostrar em um "mercado" de ampla concorrência, onde "vende" mais – ou recebe mais "taps", "biscoitos" ou "woofs" aquele que produz a melhor imagem de si. A combinação dos enunciados aliados as fotos postadas vão despertar em quem vê o desejo do consumo, devorar o outro corpo. Comer.

Abaixo seguem algumas imagens sobre o preenchimento dos perfis em sites e apps. Comecemos com algumas do aplicativo Grindr

Figura 23 - App Grindr

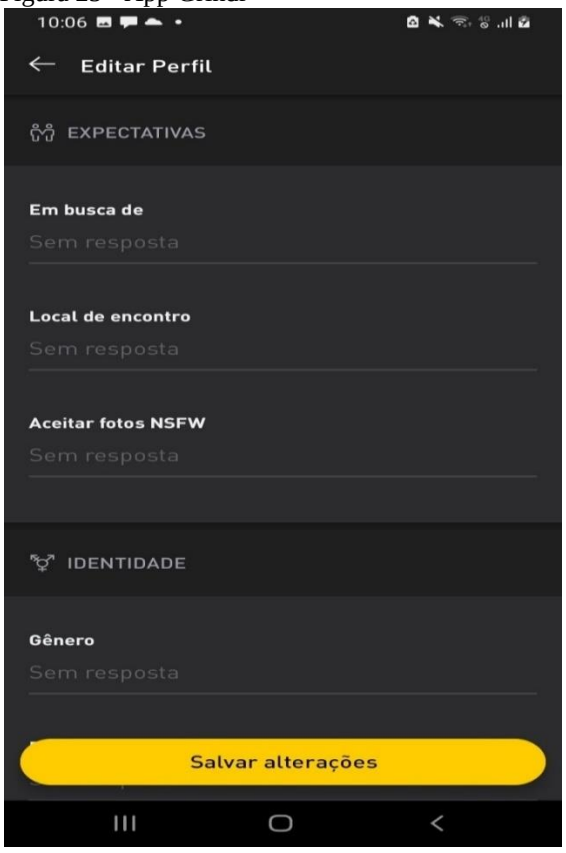
Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jun. 2022.

Figura 24 - App Grindr



Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jun. 2022.

Figura 25 - App Grindr



Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jun. 2022.

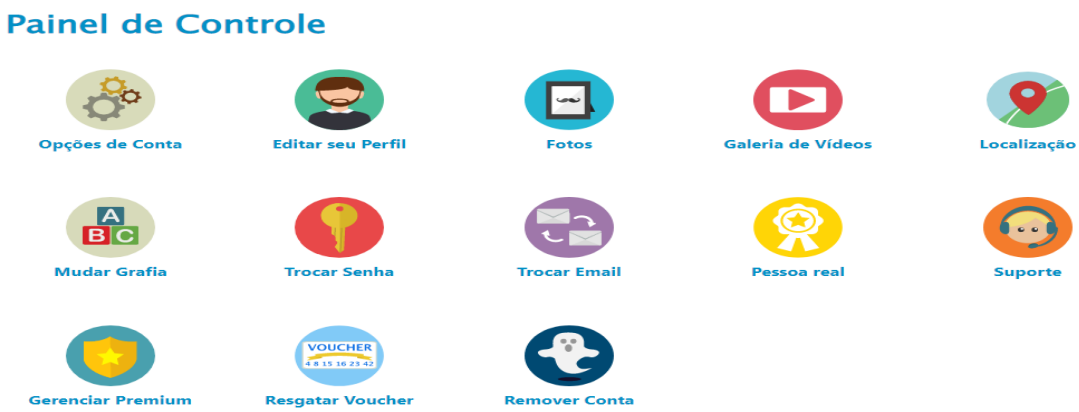
Chama a atenção o fato de, por seu uma plataforma de encontros mais voltada para o uso em celulares, o Grindr apresentar uma forma de preenchimento digamos, mais direta, onde o uso de palavras ou frases suscintas seja o foco, diferentemente do site que veremos a seguir. Essa economia da palavra, no sentido de realmente diminuir o texto escrito e ampliar o uso de imagens, dialogando com a velocidade da vida contemporânea promove um processo de consumo dos perfis rápido e palatável – assim como rápidos e palatáveis devem ser os encontros eróticos e afetivos. Uma curiosidade foi a inserção da opção "minhas tags", onde o usuário adiciona palavras-chave, o que, seguindo o *app*, proporciona melhor cruzamento de dados e possibilidade de encontros de sujeitos com perfis e buscas similares.

Outras observações estão no fato da absorção cada vez maior de termos ou expressões oriundas do ambiente da internet de países como os EUA, o que torna certos termos incompreensíveis, num primeiro momento, para quem não é familiarizado com o ambiente das redes. Um exemplo é o a opção "Aceitar fotos NSFW". Num primeiro momento, pelo contexto do app, podemos imaginar que tais fotos sejam de nu, os famosos nudes. Para alguns usuários, porém, talvez seja necessário fazer uma pesquisa para descobrir que NSFW seja abreviatura de *not safe for work*, ou seja, algum arquivo com conteúdo inapropriado para ser aberto em ambiente profissional.

De certa forma contrapondo-se ao preenchimento de perfis de um aplicativo, temos o preenchimento no site bears.com. Por ser inicialmente criado para ser preenchido vai computador ou laptop – o que não quer dizer que não possa ser acessado via celular – o site convida o usuário a preencher seu perfil com uma maior riqueza de detalhes, conforme pode ser visto nas capturas feitas abaixo diretamente do site.

Para preenchermos nossos dados, o primeiro passo é acessar o painel de controle:

Figura 26 - Bea.rs com



Fonte: https://pt-br.bea.rs. . Acesso em: jun. 2022.

Como curiosidade, o usuário ganha o título de pessoa real quando ao menos 10 usuários ou os organizadores do site atestam que o conhecem.

Temos agora o momento de preenchimento do perfil, onde se dá um título ao mesmo e há um espaço para que o usuário discorra sobre si.

Figura 27 - Bea.rs com

Fonte: https://pt-br.bea.rs. . Acesso em: jun. 2022.

Em seguida, há espaços para indicação de dados pessoais, como cidade e Estado em que vive e data de nascimento para o cálculo de idade.

Figura 28 - Bea.rs com.

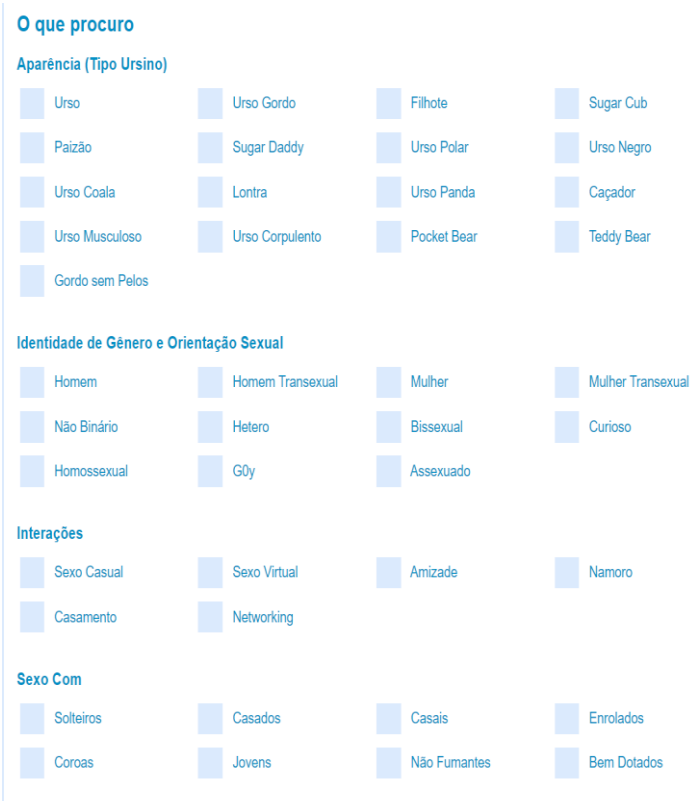
Fonte: https://pt-br.bea.rs. . Acesso em: jun. 2022.

Figura 29 - Bea.rs com.

Fonte: https://pt-br.bea.rs. . Acesso em: jun. 2022.

Me chamou a atenção a riqueza de opções para seleção nos itens “Quem você é” e “O que procuro”. Ao que parece, tanto nesse processo de preenchimento como no anterior – quando temos a opção “tribo” – há um direcionamento para uma necessidade de classificação, o que pode apontas dois direcionamentos: um positivo, no intuito de abrir maiores possibilidades de encontros, já que os sites e *apps* trabalham com cruzamentos de dados e gerenciamento de algoritmo. No âmbito negativo, entretanto, aparece uma necessidade cada vez maior de classificar e rotular pessoas, como se fôssemos produtos em uma prateleira, prontos para consumir e sermos consumidos. E como se alguns dos itens descritos ou assinalados não pudessem ser, em determinados momentos, efêmeros e transitórios.

Figura 30 - Bea.rs com



Fonte: https://pt-br.bea.rs. . Acesso em: jun. 2022.

4.4 **Sobre as escolhas relacionadas à constituição de dados e a relação público x privado nos espaços virtuais**

Já em minha dissertação, tendo como corpus as cartas dos leitores do jornal Lampião da esquina, trouxe à cena o debate entre a relação público x privado. Naquele contexto, um jornal do fim da década de 1970, em pleno período de enfraquecimento da ditadura militar no Brasil, escrever sob um pseudônimo ou sob a alcunha de anônimo, preservava o sujeito que escrevia, ao mesmo tempo que tornava seu desejo e suas ideias públicas, a partir do momento em que estavam estampadas na seção cartas na mesa do jornal (SIMÕES JR, 2006; 2011). Tal debate estava em consonância com obras como a de Souza (1997), por exemplo.

Com tantas possibilidades de investigação em torno das experiências homens homossexuais, ou que busquem encontros com outros nas redes sociais, muitas são as possibilidades e formatos possíveis de pesquisas que poderiam ser realizadas. Muitas delas

vem sendo desenvolvidas em especial na área das Ciências Sociais, Humanas e nas áreas de Estudos da Linguagem. Geralmente as técnicas de investigação nestas redes sociais são quase que totalmente qualitativas, sendo essa abordagem privilegiada em relação a outros métodos de levantamento de dados. Há uma certa lacuna em termos de definição, ou do estabelecimento de regras para o contexto da investigação de pesquisas envolvendo as redes sociais, devido às complexas questões de privacidade que estão relacionadas a estes ambientes. Boa parte dos trabalhos tem uma abordagem "multiperspectiva"(CASSIDY, 2013), que procura analisar as redes virtuais como textos, levando-se em conta a sua recepção entre o público a quem se dirige e as suas condições da sua produção. Com o contexto social e político em torno da produção das diversas masculinidades e do surgimento dos sites e aplicativos relevantes para este estudo abrangidos em outros momentos deste trabalho, a fase de constituição dos dados centrou-se, portanto, nos aspectos textuais e orientados para o público. A netnografia, enquanto etnografia desenvolvida em ambientes de redes sociais, consistiu no exame da infra-estrutura digital dos espaços onde foram selecionados o corpus, bem como as abordagens de auto-apresentação dos sujeitos nestes sítio. Em determinado momento da pesquisa, houve a possibilidade de realização de entrevistas individuais estruturadas com usuários destas redes, realizadas via e-mail ou whatsap.

Uma primeira fase da constituição do córpus para este estudo envolve, portanto, a exploração, análise e documentação dos meios técnicos e sociais que constituem os *sites* e *apps*, e, em particular, aspectos culturais em torno das masculinidades e das subjetividades produzidas entre os homens usuários destes espaços (CASSIDY, 2013). Em relação ao estabelecimento de critérios para o debate ético em relação à pesquisa sobre os perfis nestes ambientes, uma boa tática é averiguar como demais estudiosas e estudiosos desenvolveram ou vem desenvolvendo seus projetos. A fim de delimitar adequadamente o âmbito do estudo para efeitos de pesquisa, sigo o exemplo de outras pesquisas que entendem que, a partir do momento em que criam seus perfis, estes se tornam, de certa forma, públicos para outros que acessem estes mesmos espaços.

Os conceitos ontológicos de público e privado são atualmente tópicos de intenso debate no contexto das redes sociais (ver BOYD, 2008a; SVENINGSSON ELM, 2009). Desde a popularização das redes sociais, estudiosas e estudiosos vem debatendo sobre a natureza destas como espaços públicos ou privados, questionando se tais distinções deveriam ser feitas com base nas expectativas dos utilizadores em relação à privacidade nestes ambientes, o estado real dos dados, ou ambos. (TREPTE E REINECKE, 2011). Em livro organizado por Nancy Baym e Annette Markham's (2009), sobre pesquisa *on-line* - *Internet*

Inquiry: Conversa sobre o Método - Malin Sveningsson Elm fornece uma visão abrangente das principais questões de privacidade relativas à investigação na Internet e como estas têm impacto na tomada de decisões metodológicas em nestas pesquisas. Sveningsson Elm (2009, p. 135) argumenta que os investigadores "não são confrontados com uma dicotomia, mas sim com um continuum onde várias posições diferentes são possíveis entre a variável privada e pública", ou mais especificamente, que existem simplesmente diferentes "graus de espaços privados e públicos". Adaptando um quadro utilizado por Patton (1990) para descrever graus de abertura na observação tradicional dos participantes, Sveningsson Elm (2009, p.135) propõe uma abordagem em quatro vertentes da privacidade na Internet que engloba "ambientes públicos", "ambientes semi-públicos", "ambientes semi-privados" e "ambientes privados". Ela sugere isso:

1. Um ambiente público é aquele que está aberto e disponível para todos, é aquele a que qualquer pessoa com uma ligação à Internet pode aceder, e que não requer qualquer forma de adesão ou registo. Os ambientes públicos on-line podem, por exemplo, ser representados por salas de chat abertas ou páginas web;

2. Um ambiente semi-público é aquele que está disponível para a maioria das pessoas. É, em princípio, acessível a qualquer pessoa, mas requer primeiro a adesão e o registo. Nesta categoria encontramos a maioria das comunidades web, ou sites de redes sociais, como por exemplo www.lunarstorm.se *ou www.myspace.com;*

3. Um ambiente semi-privado é um ambiente que está disponível apenas para algumas pessoas. Requer filiação e registo, e é ainda mais restringido por requisitos formais anteriores à filiação, tais como pertencer à organização que criou o ambiente on-line. Exemplos nesta categoria são as intranets das empresas e organizações;

4. Um ambiente em linha privado é aquele que está oculto ou indisponível à maioria das pessoas, e onde o acesso é restrito ao criador do conteúdo e aos seus convidados. Nesta categoria encontramos, por exemplo, salas privadas dentro de salas de chat, álbuns de fotografia online, ou as áreas dentro de comunidades web onde o remetente especifica quem está autorizado a aceder ao conteúdo, por exemplo, apenas aqueles que são classificados como 'amigos íntimos'. (SVENINGSSSON ELM 2009, p. 136).

Determinando o que pertence em cada uma destas quatro categorias com base na acessibilidade de dados em vários cenários on-line, Sveningssson Elm (2009, p. 136) coloca os sítios de redes sociais na categoria "ambiente semi-público". Ao contrário do material que

pode ser categorizado como parte de um ambiente online totalmente privado ou totalmente público, ela observa que determinar se o consentimento informado é necessário e/ou apropriado num "ambiente semi-público" requer maior consideração. Isto deve-se ao facto de que os ambientes baseados na Web capazes de serem descritos como semi-públicos ou semi-privados, como as redes sociais, são frequentemente espaços multifacetados com vários modos e arenas de comunicação diferentes disponíveis simultaneamente para interação do utilizador. Sob o guarda-chuva de um ambiente de redes sociais, por exemplo, podem existir grupos de discussão e salas de conversação que estejam mais próximas de um fim público, e perfis pessoais, álbuns de fotografias, livros de visitas e diários, que podem ser pensados como estando mais próximos do fim privado.

Em casos como estes, Sveningsson Elm (2009, p. 137) sugere que o foco deve ser retirado da definição do espaço como privado ou público e deslocado para responder se, "o ambiente [é] público o suficiente para o estudarmos sem obter o consentimento informado". A fim de determinar se um site é "suficientemente público" para ser estudado sem consentimento informado, a pesquisadora sueca recomenda que os investigadores considerem as expectativas dos utilizadores em relação à privacidade e tentem fazer comparações com os espaços off-line, de modo a que as diretrizes éticas destes espaços possam ser utilizadas como ponto de partida para a investigação on-line (Sveningsson Elm, 2009, p. 140). Olhando atentamente para as características da maioria dos sites de redes sociais, poder-se-ia então argumentar que estas redes se assemelham a espaços quase públicos, tais como centros comerciais, onde alguns elementos do ambiente são prontamente acessíveis e capazes de serem observados discretamente, enquanto outras áreas se assemelham mais a espaços privados, nos quais seria necessário demonstrar uma maior consideração pela privacidade dos indivíduos. No entanto, a forma exata de determinar que partes são quais e como os investigadores devem aceder a elas, ainda está em grande parte em debate. Entre os estudiosos da lista de discussão da Associação de Pesquisadores em Internet (Association of Internet Researchers - AoIR[52]), por exemplo, o tema da privacidade nas redes sociais on-line tem sido um tema recorrente desde 2006 (CASSIDY, 2013).

Boa parte das estudiosas e estudiosas utilizam técnicas de investigação baseadas no que se chama de observação discreta – criam seus próprios perfis em sites e aplicativos para fins de investigação, em alguns casos acessam os "amigos de amigos" de potenciais

[52]Segundo o site da Association of Internet Researchers (aoir.org), a associação é formada por membros e tem o objetivo acadêmico de promover pesquisa acadêmica na internet de forma crítica e independente, para além das disciplinas tradicionais e de fronteiras acadêmicas existentes. Fonte: http⁄⁄aoir.org, acesso em novembro de 2021.

participantes ou então simplesmente buscam perfis de acesso aberto, o que, após contato, pode gerar ou não entrevistas. Me parece que as entrevistas são um recurso bem utilizado, em especial nas pesquisas no campo da Antropologia e, em alguns trabalhos da Comunicação e da Linguística.

Danah boyd, por exemplo, que há muito tempo é um dos principais investigadores mundiais em redes sociais, muitas vezes não faz qualquer menção no seu trabalho sobre como obtém acesso aos muitos perfis que examina a fim de recolher os seus dados. Em vez desses detalhes, boyd fornece geralmente aos leitores uma estimativa do número de horas que ela passou em determinadas redes sociais, ou simplesmente lista o número real de perfis que ela examinou (BOYD, 2007, p. 136; 2008b, p. 120). Nos principais espaços de socialização entre HEH na internet, observa-se não estar muito clara a definição da delimitação entre o espaço público e o privado. Em alguns deles, como o bea.rs, o grindr ou scruff, os usuários são responsáveis por qualquer conteúdo que postem. Estes não podem ter cunho ofensivo, homofóbico ou difamatório. Não podem conter conteúdo que faça apologia a práticas como a zoofilia, a pedofilia, venda de drogas ou terrorismo. Geralmente é proibido o oferecimento de serviços, embora em alguns espaços encontremos o oferecimento de serviços sexuais. É comum, também, em áreas turísticas de grandes cidades o início de alguma abordagem que culmina com o pedido de alguma "ajuda" ou "agrado" em troca de sexo ou companhia. É terminantemente proibida a divulgação de dados pessoais de outras pessoas. Uma pergunta que me perpassa é: Quem faz o controle destas transgressões? Seria possível detectar algum tipo de fuga às regras dentre os milhares de perfis disponíveis? Vejamos alguns dos pontos:

> - Os Termos de Uso visam tornar a convivência entre todos os usuários uma experiência agradável, privilegiando a educação e a tolerância. Nenhuma forma de discriminação será permitida no Serviço;
> - (...)
> - Você entende e concorda que não temos nenhuma responsabilidade pelas ações de outros usuários do Serviço. Nós sempre tentaremos manter um ambiente saudável e cordial no BEA.RS, sem que isto implique em qualquer obrigação ou responsabilidade de nossa parte;
> - É terminantemente proibido a exibição e distribuição de qualquer conteúdo contendo pedofilia, zoofilia, apologia a drogas ilícitas, apologia a vandalismos, apologia ao terrorismo, apologia a qualquer discriminação quer seja de sexo, raça ou crença. Enfim, é proibido qualquer conteúdo ilegal tanto perante as leis brasileiras, americanas ou do país de onde o usuário esteja acessando os serviços;
>
> (...)
>
> - É proibido expor, difamar, perseguir, fazer bullying, molestar, ameaçar, impersonar ou intimidar qualquer pessoa ou entidade (quer seja participante do site ou não), usando qualquer parte do Serviço, independente dos motivos. Você também não pode divulgar informações confidenciais de outras pessoas ou entidades, como telefones, endereços, documentos ou cartões de crédito, entre outros.
>
> Fonte: https://pt-br.bea.rs, acesso em novembro de 2021

Os problemas para investigadoras e investigadores que desejam realizar estudos sobre redes sociais surgem porque, para a maioria dos Conselhos Institucionais ou Comitês de Ética, a observação de indivíduos sem o seu consentimento - particularmente num ambiente privado - seria uma prática inaceitável, e, como acima referido, se tais espaços devem ser classificados como espaços privados ou públicos ainda é uma questão de intenso debate. Sem um protocolo metodológico claro já estabelecido para a forma como o trabalho baseado na observação qualitativa deve ser feito nas redes sociais, esta pesquisa segue a mesma lógica empregada por pesquisar como as de Danet, Ruedenberg-Wright e Rosenbaum-Tamari (1997), que, no seu estudo sobre o IRC, argumentaram que os canais acessíveis a qualquer pessoa ligada à rede IRC eram essencialmente espaços "públicos" e, portanto, prontamente admissíveis para a investigação das ciências sociais. Assim, quaisquer partes de *sites* e aplicativos acessíveis a todos os usuários destes serviços podem ser, de certa forma, considerados públicos - ou nos termos de Sveningssson Elm (2009) "suficientemente públicas" - para serem observadas para os fins de estudo, desde que, claro, não exponham os usuários nem permitam sua identificação. Por conseguinte, todas as investigações efetuadas durante a fase de observação ou análise dos espaços on-line ocorrerão:

I. Apenas em áreas dos sites e apps acessíveis a todos os membros comuns destes espaços;

II. De uma forma que poderia ser replicada por qualquer outro membro comum. Ou seja, todas as análises nos sites e *apps* serão realizadas de forma discreta, sem exposição ou identificação dos usuários, como foco no texto escrito ou emojis, sem a divulgação de outras fotos ou imagens, ou ainda de partes do texto que levem a uma possível identificação.

No Brasil, e mais recentemente na última década e meia, trabalhos como o de Zago, em sua dissertação de mestrado, defendida em 2009, na faculdade de Educação da UFRGS. O autor considerou este trabalho como “contemplativo”, a partir de uma observação não participante (diferentemente de sua tese de doutorado, desta vez com observação participante), trazendo importantes reflexões sobre a dinâmica público x privado nos ambientes das redes virtuais. Zago reflete sobre o fato de, como no trabalho de Cassidy na Austrália, certos aspectos em relação a pesquisas acadêmicas tendo como campo a internet, ainda necessitarem de muitas delimitações. Tanto no seu trabalho, como no meu “o campo de estudo desta pesquisa é a internet, em torno da qual existem acalorados debates sobre seu caráter público ou privado” (ZAGO, 2009, p.35). Ainda de acordo com o pesquisador, retomo

as suas palavras de que “só vejo o que me é permitido ver”, sendo atravessado nesta constituição por diversos fatores, como o fato de ser homem, gay, branco, de classe média, com certa trajetória acadêmica, na casa dos quarenta anos, morador de uma cidade média relativamente próxima a uma grande capital. O lugar que histórico e social que ocupo me permite um certo modo de olhar, uma certa ética de pesquisa, um determinado modo de trabalhar na constituição deste córpus, de estabelecer o que vai e o que não vai nesta análise, num movimento rizomático e de muitas idas e vindas.

> Portanto, a ética em pesquisa perpassa toda a formulação e produção do conhecimento aqui colocado, desde minha posição de pesquisador até a gramática que seleciono e que crio para analisar meu objeto. Inclusive nas perguntas que faço para meu objeto está colocado um aspecto ético de pesquisa, uma vez que pergunto *algumas* coisas e silencio sobre *outras*, da mesma forma que vejo e saliento algumas coisas e permaneço cego em relação a outras várias (ZAGO, 2009, p. 36).

Finalizando, os conteúdos dos *sites* e apps podem ser acessados por qualquer pessoa maior de idade que entre nestas redes. O marco regulatório da internet, aprovado em 2014 sob o número 12.965 estabelece “a inviabilidade da intimidade e da vida privada”, e o não fornecimento a terceiros de seus dados pessoais, mas informa também que a coleta de dados ou armazenamento pode ser praticado, desde que por finalidades que “justifiquem sua coleta”. (www.planalto.gov.br)

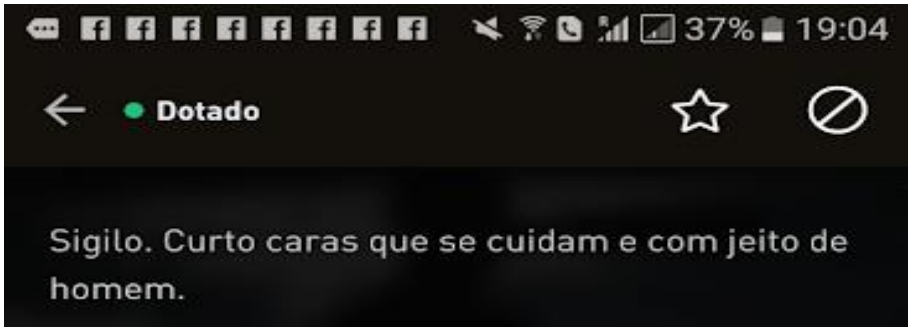
Desta forma, acredito que, assim como outras e outros pesquisadores e pesquisadoras no passado, usemos dos dados coletados estritamente para fins acadêmicos e de produção de conhecimento não há infração de nenhuma norma regulatória oficial ou das redes sociais. Atente-se para isso o fato de que o córpus constituído não possibilite a divulgação de informações pessoais ou meios de identificação dos usuários, seguindo o que se faz em outras pesquisas realizadas no Brasil e no exterior.

5 **POR UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA DOS DISCURSOS DAS MASCULINIDADES**

> (...)a escrita (...) não é um produto acabado, mas um processo. À luz da análise do discurso, pode-se entender um processo como algo em movimento, que não se fecha. Ele pode ser suspenso, pode ser pausado, pode ser interrompido, mas não tem um fim. Pensar a escrita como processo implica dizer que ela pode sempre ser retomada e receber continuidade. Trata-se de um processo que o ponto final não pode deter, ao contrário do que ocorre com o ponto final de um texto, que marca simbolicamente seu término (INDURSKY, 2016, p.32).

> (...)escrever é enfiar um dedo na garganta. Depois, claro, você peneira essa gosma, amolda-a, transforma. Pode sair até uma flor. Mas o momento decisivo é o dedo na garganta (ABREU, 2005, p.341).

Figura 31 - Perfil selecionado do app Grindr



Fonte: www.grindr.com. Acesso em: dez. 2021.

Confesso que este é um dos momentos mais desafiadores de todo o processo. Tendo contato com o processo cartográfico apenas durante o período do doutorado, e me interessando bastante pelo seu viés transgressor da escrita acadêmica, ainda trago velhos ranços- talvez pela idade, talvez pela passagem por outras instituições e espaços -, como uma certa necessidade de escrever de forma linear, capítulo a capítulo, trecho a trecho, e, com um trabalho desta dimensão, o receio de me perder ou de que as coisas não façam muito sentido.

Neste capítulo, porém, não consegui que as coisas seguissem de forma tão organizada. Confesso que fui tomado de uma certa esquizofrenia, onde ia criando arquivos e escrevendo linhas, parágrafos, conforme ia e voltava do contato com os perfis, evocando também conceitos e debates que trouxe em momentos anteriores. Neste movimento de ir e vir, como quem dá voltas no quarteirão buscando um endereço, ia observando a paisagem dos perfis, e, assim, identificando similaridades ou diferenças, que me fizeram, como leitor, graças às

marcas linguísticas deixadas – como pistas, não classificá-los, pois creio ser o termo muito rígido, dando uma noção de imutabilidade, mas lê-los, como quem mapeia. Afirmo, portanto, que esta é a minha leitura, a partir do arcabouço teórico e dos dispositivos que construí. Por isso preferi o termo leitura de mapas, já que dependendo de quem lê, de suas experiências, do caminho que vem trilhando, os mapas podem ser outros.

Antes, porém, da leitura de mapas, faz-se necessário o debate e a explanação de alguns conceitos, que podem já ter sido apresentados brevemente em outros momentos deste trabalho e que funcionam como verdadeiras lupas neste movimento dos mapas.

5.1 **Cartografia enquanto perspectiva**

O ato de cartografar constrói-se num movimento de transitar sobre uma forma nova e inovadora de fazer pesquisa nas ciências humanas e sociais. Trata-se de trafegar por outros caminhos possíveis em termos de metodologia.

Entendendo a realidade como um campo de conhecimentos heterogêneos e em níveis diversos de evolução, a cartografia prima mais pelo acompanhamento dos processos do que pelos resultados propriamente ditos. Temos, desta forma, o objetivo primordial da cartografia: "acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas." (PASSOS, KASTRUP, ESCÓCIA, 2009, p.10).

Antes de tudo, faz-se necessário atentar para o fato e que a cartografia tradicional, como a conhecemos, é ligada ao campo de conhecimento da geografia. Tem como objetivo ser um conhecimento preciso, fundado em conceitos estatísticos e matemáticos, além de instrumentos precisos e técnicas sofisticadas. Seu foco principal é traçar mapas, representando no papel territórios, regiões, fronteiras, acidentes geográficos. Pode tratar ainda de aspectos populacionais, industriais, econômicos, de saúde, educação, dentre outros. Porém, não é esta abordagem tradicional que faz sentido para este texto. Prado Filho e Teti afirmam que:

> a cartografia (...) liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas,

> a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência. (2013, p.47).

Desta forma, essa abordagem não se preocupa em desenhar mapas, se tomamos este ato de desenhar como processo topográfico, mas se interessa sim, muito mais pelos movimentos e pelos rastros deixados no decorrer do processo. Pela maneira como quem pesquisa afeta e é afetada⁄o por seu objeto.

O processo de afetar e ser afetado expõe uma topografia dinâmica neste processo cartográfico: lugares de fala, de silenciamento, relações de poder, construções de memórias. É o espaço do entre, onde sentidos são constituídos, reelaborados ou apagados.

Isto posto, a cartografia enquanto processo de pesquisa já se apresenta subversiva em sua própria concepção. Não é um sistema cêntrico, delimitando-se num processo linear de mapeamento, com início, meio e fim, culminando com o encontro de respostas claras e bem-acabadas, mas permitindo sempre a abertura para um outro. Poderia afirmar que o método cartográfico é também um método *queer* de pesquisa[53], já que desestrutura o establishment tão caro à academia, nos oferecendo novos lugares nesse amplo espaço topográfico. Ainda Passos, Kastrup & Escóssia, discorrendo sobre a cartografia enquanto metodologia nos lembram que

> Em um sistema acêntrico, como conceber a direção metodológica? A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: metá-hódos. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (hódos) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-metá. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção (2009, p. 10-11)

Algumas questões, portanto, devem ser levadas em consideração neste processo de trajetória de pesquisa. Uma delas, seria a constatação de que o processo de investigação cartográfico segue sempre num sentido micropolítico (o desejo, a proposta inicial da pesquisa, a constituição do objeto) para o macropolítico (os resultados, as conclusões, embora falar de conclusão não seja falar de término, mas de determinado platô alcançado, com possibilidade de alcance de novos), num eterno embate de forças permeando a produção das realidades.

[53]Sobre os estudos ou teoria *queer*, fiz revisão do quadro teórico no capítulo 1.

Pode-se entender, portanto, que o ato micropolítico de envolver-se e conduzir uma pesquisa está relacionado às

> (...) questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva (ROLNIK, 2016, p.11)

Inseridos neste campo de forças que nos afetam, a constituição de um objeto de pesquisa, o arcabouço teórico com o qual dialogo, sua condução e os resultados que apresentam estão intrinsicamente atrelados ao corpo do cartógrafo. Um corpo vivo e vibrátil, entendendo este vibrar como capaz de captar forças que operam além do visível, por onde atravessam uma mistura de afetos - resultados de encontros, por onde reverberam.

Este processo vibratório, portanto, enquanto parte de um corpo (organismo) vivo, está também atrelado ao desejo. Ou seja, para pesquisar, é preciso desejar. Criar uma relação com o objeto pesquisado onde uma rede de afetos é estabelecida. Ouso afirmar que esta relação de afetos – onde afetamos e somos afetados pelo nosso objeto – também se estabelece nos encontros: com colegas, nos eventos, com professores e orientadores, com as instituições. A elaboração de uma pesquisa dá-se, acima de tudo, numa grande rede afetiva. O processo de escrita pode até ser solitário, mas muitas das reflexões feitas na trajetória ocorrem no âmbito do coletivo. Rolnik nos lembra que

> O desejo, nesta concepção, consiste no movimento de afetos e de simulação desses afetos em certas máscaras, movimento gerado no encontro dos corpos. (...) O desejo, aqui, consiste também num movimento contínuo de desencantamento, no qual, ao surgirem novos afetos, efeitos de novos encontros, certas máscaras tornam-se obsoletas (...) afetos que já não existem e máscaras que perdem o sentido.(...) E o movimento do desejo – ao mesmo tempo e indissociavelmente energético (produção de intensidades) e semiótico (produção de sentidos) – surge dos agenciamentos que fazem os corpos, em sua qualidade de vibráteis: o desejo só funciona em agenciamento. (2016, p.36-37)

Desta forma, a pesquisa cartográfica é conduzida nesse movimento de atração e repulsa, onde não há a predominância de um modo certo ou errado de se conduzir um trabalho, mas o modo que melhor dialoga com o processo de estar e devir no mundo.

O que se pode depreender deste movimento de pesquisa é a constatação de que esta faz parte de dois processos extremamente importantes: 1) Os afetos: afetos entre os colegas nas aulas e nos grupos de pesquisa, afeto com o nosso objeto e com todo o processo que envolve o ato de mapear a trajetória, afetos nas várias formas de suporte que são compartilhados quando muitas vezes achamos que não daremos conta ou de que o caminho é muito árduo, e o solo, infértil e sem vida. 2) Os desejos: Intimamente ligados aos afetos, é

resultante dos movimentos e simulações destes (ROLNIK, 2016, p.36), onde encontros, desencontros, encantamentos e desencantamentos se intercalam, gerando mudanças de rumo, alterações nos percursos e novos mapas. Um processo cartográfico nunca é igual a outro, bem como os mapas obtidos a partir destes processos. Faz-se necessário deixar de lado alguns apetrechos teóricos, abrindo mão de certos aparatos que antes poderiam ser considerados fundamentais neste curso.

> O desejo, aqui, consiste também num movimento contínuo de desencantamento, no qual, ao surgirem novos afetos, efeito de novos encontros, certas máscaras tornam-se obsoletas; movimentos de quebra de feitiço; afetos que já não existem e máscaras que já perderam o sentido (ROLNIK, 2016, p.36)

Percebo, portanto, que, em consonância com Rolnik (2016), o movimento do desejo é energético – produtor de intensidades – e semiótico – produtor de sentidos – surgindo "dos agenciamentos que fazem dos corpos, em sua qualidade de vibráteis: o desejo só funciona em agenciamento" (ROLNIK, 2016, p.37). Desta forma, no processo de cartografar, do desenvolvimento de uma pesquisa, este se dá, em grande parte, por um contínuo de produção e agenciamento de sentidos, envolvendo forte processo de subjetivação e a relação de quem mapeia com o seu entorno político, social, cultural e econômico. Enfim, o ato de pesquisar não se dá de forma isolada. Está inserido em um movimento do micro para o macro.

5.2 **No início era o rizoma**

Gilles Deleuze e Félix Guattari produziram, em trabalho conjunto, a coleção de livros que compõem os *Mil Platôs.* Nos cinco volumes voltados à filosofia, mas não separados de outras áreas do conhecimento, procuram apresentar certos conceitos como formas de compreender a realidade. Neste ponto, me interessa o primeiro capítulo do primeiro volume, onde é apresentado o conceito de rizoma.

Tal como uma partitura - e esta é a imagem que abre o capítulo – o texto destaca mais as possibilidades do que uma sequência narrativa linear. O texto é escrito a dois – ou a quatro mãos – desta forma propõe a ideia da junção, do uno em vários, ou seja:

> Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somo mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados." (DELEUZE; GUATTARI, 1995 p. 17)

Os autores estabelecem um diálogo, ao elaborar sua narrativa tomando como exemplo a escrita de um livro. Eles entendem que o livro é movimento, com diferentes velocidades e diferentes noções de tempo. Escrito por dois, por quatro mãos, por vários, no sentido que aquilo que escrevem dialoga com outros escritos diversos. Desta maneira, o livro é apresentado como um agenciamento, no sentido de ser um conjunto de relações. O agenciamento é múltiplo, não direcionado ou estratificado. Um livro não deve ser observado isoladamente, mas nas suas relações e transformações. Da mesma forma assim também a pesquisa e a produção da escrita acadêmica. O texto que escrevo é uno em relação a necessidade de apresentar um trabalho físico, impresso em folhas, relacionado a um programa de pós-graduação, com título, objetivos, dentre outros. Mas é também múltiplo pois meu texto é constituído à várias mãos – com os autores com quem dialogo, com os colegas com quem compartilho minha pesquisa, nos eventos onde apresento partes do meu trabalho e acolho comentários, dicas ou sugestões.

Deleuze e Guattari comparam esse processo de escrita de um livro com a cartografia. Um livro-raiz, com formato arbóreo, em um processo constante da arte imitando a vida e vice-versa. Tantos os galhos como as raízes seguem direções diversas. Logo, consideram a multiplicidade, não seguem uma lógica binária. Como as raízes seguem trajetórias diversas, assim também um texto pode seguir com inúmeras direções, e dialogar com diferentes áreas do conhecimento. Desta forma, Deleuze e Guattari postulam o conceito de rizoma.

Rizoma vem do grego. No contexto dos estudos botânicos é muitas vezes tomado como sendo sinônimo de "raiz". Neste aspecto, um rizoma é uma estrutura vegetal que cresce no subsolo, ou acima dele, se forem raízes aéreas. Na filosofia, o conceito está associado aos teóricos pós-modernos Gilles Deleuze e Felix Guattari, que usam o rizoma para descrever um processo de existência e crescimento que não vem de um único ponto central de origem e não segue uma trajetória firmemente delineada. Na obra Mil Platôs, os filósofos nomeiam a arborescência ou o modelo da árvore como paradigma para o conhecimento e a prática no mundo ocidental moderno; neste modelo, uma pequena ideia — como uma semente — cria raízes e cresce em uma árvore com um tronco resistente que suporta numerosos ramos, todos ligados e rastreáveis de volta à semente original. Assim, a semente é o ponto de partida de um sistema orgânico coerente que cresce vertical e progressivamente. Os ramos e raízes são parte do movimento de idas e vindas que a própria pesquisa acadêmica nos propicia – num ato de movimentar entre conceitos e textos, dialogando com autores e áreas os mais diversos. Essa arborescência, Deleuze e Guattari argumentam, é a forma como a lógica e a filosofia

ocidentais têm funcionado: neste caso, Platão pode ser a semente original e todas as filosofias subsequentes são oriundas do pensamento platônico.

No mundo pós-moderno, entretanto, argumentam Deleuze e Guattari, a grande narrativa da arborescência desmorona. Eles oferecem ao invés disso o conceito de rizoma, que é um organismo de fibras vivas interligadas que não tem nenhum ponto central, nenhuma origem e nenhuma forma ou estrutura ou unidade particular. Um rizoma não começa de qualquer lugar ou termina em qualquer lugar. Ele cresce de qualquer lugar, e é o mesmo em qualquer ponto. Como tal, um rizoma não tem centro, o que dificulta o desenraizamento ou a destruição; não tem um eixo central, mas pode se reproduzir a partir de qualquer célula. A cultura pós-moderna se assemelha mais a este rizoma do que à árvore, de acordo com Deleuze e Guattari. Um exemplo disso pode ser a Internet, a *World Wide Web*, que tem uma estrutura rizomática, como já apresentado no capítulo 4. Ela não tem nenhum ponto de origem, nenhum *locus* central, nada que a controle, modele ou organize: a *web* simplesmente cresce. Pode-se acessar qualquer *link* ou qualquer *website*, a partir de qualquer navegador.

O rizoma caracteriza-se por ser não linear, múltiplo, espalhado, proliferando em várias direções, sem centro, margens ou limites. Isto é o que Deleuze denomina de horizontalidade do pensamento. Para além, Deleuze e Guattari argumentam que não há distinção entre o individual e o coletivo. Tradicionalmente, o indivíduo sempre esteve associado ao desejo e o coletivo à lei. Deleuze e Guattari, ao invés disso, propõem um desejo social, ou o desejo enquanto construção social. Isto sugere que o desejo está sempre em movimento, sempre constituído por diferentes elementos, dependendo da situação.

Desejo não é falta, o que sugere negativismo. Ele é afirmativo em seu estado de movimento e mudança. Assim, tal como um "corpo sem órgãos" está constantemente em processo de formação, deformação e reforma. O corpo sem órgãos é em si mesmo rizomático, que perde um ponto/canal de desejo (desterritorialização) apenas para começar por um novo caminho como o de um rizoma, espalhado (reterritorialização).

Um rizoma apresenta algumas características ou princípios, segundo os autores. Uma delas seriam os princípios da conexão e da heterogeneidade, oferecendo uma considerável gama de pontos de contato, como a variedade de caminhos possíveis em um labirinto, por exemplo. Um rizoma não precisa de um ponto específico para se conectar com outro ponto, mas de qualquer ponto para conexão. Como um texto tem a capacidade de me levar a outro texto, um autor de me conduzir a outro. Assim, as ideias se formam a partir deste conectar, das cadeias semióticas preexistentes e das que vão se construindo neste movimento. Assim

também a pesquisa apresenta inúmeros caminhos possíveis, de diálogos com autores de diferentes correntes teóricas, de pontos de ligação no decorrer desse processo.

> Num rizoma, ao contrário, cada não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de todas as naturezas são conectadas de modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatuto de estado das coisas (DELEUZE; GUATTARI, 1995 p. 22).

Em relação ao princípio de multiplicidade, deve-se entender que o rizoma não tem sujeito ou objeto, mas é constituído por diretrizes que mudam e se transformam, a partir das combinações da multiplicidade. Sendo assim, ele se recodifica, ao passo que se expande, num eterno processo cartográfico. A multiplicidade é plana, estabelecendo conexões diversas. "As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras." (DELEUZE; GUATTARI, 1995 p. 25). Os autores comparam o princípio da multiplicidade como os fios de uma marionete

> Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta una de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras. Os fios ou as hastes que movem as marionetes — chamemo-los a trama. Poder-se-ia objetar que sua multiplicidade reside na pessoa do ator que a projeta no texto (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.15)

Em se tratando do princípio de ruptura assignificante, este destaca a importância de não realizar cortes ou rupturas significantes que separam ou interceptam a estrutura, já que "Todo rizoma compreende linhas de segmentariedade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar." (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.25). Isso não significa que o rizoma não possa ser quebrado, pois ele pode, mas, ao mesmo tempo, ele se transforma a partir de outras linhas e conexões. Desta maneira, o rizoma pode se romper e formar linhas de fuga, pois estas remetem-se umas às outras, havendo a possibilidade de se encontrarem novamente. Assim sendo:

> Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito ((DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.17)

Assim, de acordo com os autores, o rizoma é mapa. Possui entradas múltiplas, diferentes, sendo uma performance em si. O mapa permite sair e entrar tanto quanto

necessário. Permite que sejam feitas novas conexões. Todavia, deve-se colocar o decalque sobre o mapa, mesmo que o decalque não reproduza o mapa em toda sua complexidade, é uma tradução, onde o movimento e o fluxo do rizoma se estabilizam. Entretanto, os autores salientam que fazer isto é perigoso, afinal não é uma reprodução do mapa em si. Mas sim uma reprodução que se crê reproduzir algo, quando este é outra coisa, ou ainda, ele mesmo. "O que o decalque reproduz do mapa ou do rizoma são somente os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou os pontos de estruturação." (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.32)

Os filósofos ainda destacam que o pensamento arborescente é hierárquico, logo, pode-se entender que neste sistema hierárquico existe certa dependência entre os níveis/estratos. E que mesmo uma multiplicidade pode ser falsa, quando utilizada como fachada para um sistema hierárquico. Porém de um sistema hierárquico pode vir a surgir um rizoma, assim como um rizoma pode se tornar um sistema hierárquico/arbóreo. Ainda mais se considerarmos que o pensamento/sistema arbóreo, foi predominante no Ocidente em diversas áreas. (DELEUZE, GUATTARI, 1995). Assim o rizoma não é simplesmente um movimento, mas sim gerador de possibilidades, de transições e de conexões, de ressignificação e de autonomia; bem como gerador de um mapa que se entra por onde se necessita entrar, mas permanece aberto.

No ato de mapear os perfis de HEH, dentre os milhares disponíveis, "printei", ou seja, fiz a captura de tela de 521, os quais considerei que dialogavam com esta pesquisa. Para além destes, copiei 6 perfis, em um total de 527. Na sequência explicarei o motivo de alguns perfis terem sido "printados" e outros "copiados". Após a leitura de todos, considerei que 54 apresentavam possibilidades de mapeamento e contribuição dentro do debate que venho propondo. A redução entre a quantidade de perfis "printados" e "copiados" e os que seguiram para esta versão final, como córpus de análise, dá-se pelo fato de alguns apresentarem textos repetitivos, ou apenas emojis, por exemplo. Para além, não se pode deixar de mencionar que a constituição do córpus passou pelo afeto, ou melhor, de como fui afetado pelos enunciados, enquanto gay e pesquisador, quando os li – inclusive no momento de fazer os recortes que impediam a identificação dos sujeitos.

Ainda em relação à constituição do córpus, não elegi um dia ou hora para entrar nos aplicativos ou sites com o intuito de observar X perfis em uma data A e outros Y perfis em uma data B. Como já conhecia esses espaços, apenas alterava meu perfil para invisível, caso o *site* ou app me possibilitasse, ou para o *nick*[54] Estudante, com a frase de chamada –

[54]De *nickname*, apelido em inglês. Palavra relacionada aos termos que os usuários usam para se denominar ou se designar nos *sites*, apps ou salas de bate papo.

Conduzindo pesquisa de pós-graduação. Como o fornecimento de dados é variável de um espaço para outro, inseria informações como idade, tipo físico, altura, peso. Em relação a localização, esta era condicionada a posição do GPS (*global positioning system* ou sistema de posicionamento global) do próprio celular. Em muitos apps, o processo de geolocalização é feito automaticamente, a partir do momento em que se acessa o aplicativo. Nos sites, geralmente o processo de localização é feito de maneira manual.

O GPS, portanto, é um interessante facilitador – se posso considerar assim - em termos de constituição de córpus em uma pesquisa como essa, já que, desde que possua um celular conectado à internet e acesse os aplicativos, posso observar perfis de inúmeros usuários, não só das redondezas do lugar onde moro, mas em qualquer lugar para onde vá – o que me possibilitou neste processo a constituição de corpus com perfis de outros Estados do Brasil e outros países. Como a pesquisa dentro de uma metodologia cartográfica é constituída por afetos, onde somos afetados pelo nosso objeto de pesquisa e afetamos o nosso redor também com a nossa pesquisa, considero para este trabalho os perfis que de uma ou outra maneira mais me afetaram em relação às performances de masculinidades na contemporaneidade. Boa parte, ou a maioria dos perfis considerados foram visualizados entre 2018 e 2022, período de elaboração e escrita deste trabalho. Alguns poucos foram coletados em 2011, período em que cursei a Pós-Graduação em Gênero e Sexualidade no CLAM/IMS/UERJ, quando me surgiu o interesse por pesquisa envolvendo esta temática. Destaco também que alguns dos textos publicados nos perfis está transcrita no corpo deste trabalho – ou seja, foram copiados - a fim de evitar ao máximo a identificação dos sujeitos, sendo estes, em sua maioria, os observados por volta de 2011 e alguns no início da pesquisa para esta tese, em 2018. Para a maioria dos perfis (527), observados entre 2018 e 2022, foi usado o recurso captura de tela para constituir o banco de dados para esta pesquisa, gerando um número final de 54 perfis na constituição do córpus. Vale observar que desse total, 6 perfis foram transcritos. Como já mencionado em outros momentos o intuito é preservar ao máximo a identificação dos usuários.

5.3 **Que imagens de si criam os usuários de sites e *apps* de encontros?**

Algumas questões relativas ao conceito de etos foram debatidas no capítulo 2, quando escrevi sobre as características dos etos veiculados em sites e *apps* de encontros. Para

entender um pouco mais sobre o processo de elaboração dessa autoimagem, precisamos conhecer um pouco mais desses espaços, que acabaram por constituir meu córpus de análise.

Um dos aplicativos mais populares entre HEH é o Scruff. Foi lançado nos EUA em 2010 e chegou ao Brasil em 2013. Segundo reportagem veiculada no site da Revista Exame[55], o aplicativo tinha no país o 2º maior número de usuários. Segundo seus criadores, o aplicativo diferenciava-se de outros pela possibilidade de encontrar parceiros em nichos específicos como coroas, universitários, militares ou transgêneros, além da opção do item "quero conhecê-lo", onde se demonstra o interesse por um potencial parceiro apenas ao clicar num círculo ao lado desta frase.

O Scruff, bem como outros aplicativos, também apresenta algumas diretrizes em relação aos perfis dos usuários explicitando que "reserva-se o direito de remover qualquer foto e/ou texto se percebemos que esteja fora das diretrizes abaixo, a nosso critério." Dentre as fotos que não se enquadrariam nos critérios do aplicativo, temos, por exemplo, fotos dos órgãos genitais, fotos do órgão sexual ereto, fotos tiradas no banho, fotos onde se visualize a cueca, sunga ou jockstrap, além de fotos consideradas perturbadoras pelos avaliadores do aplicativo, ou que sugiram a violência. Vale ressaltar que realmente o aplicativo não apresenta fotos de nudez, mas há imagens com sugestões do órgão sexual ereto ou com destaque em partes do corpo, o que contraria – pelo menos inicialmente – as diretrizes do mesmo.

Em relação aos textos – sendo este o nosso foco – são considerados inapropriados textos que incitem o ódio, intolerância, racismo ou dano físico; textos considerados obscenos ou profanos ou com intuito intimidatório, bem como aqueles que façam apologia a drogas, que forneçam bens ou serviços ou que contenham números de telefone. Mais uma vez, em alguns momentos temos textos contraditórios em relação a política de diretrizes do aplicativo. Não é incomum que usuários ofereçam serviços sexuais pagos e muitos deles fazem referência ao uso de drogas através de siglas, símbolos ou números.

Outro aplicativo que merece destaque em relação a frequência de acesso por HEH é o Grindr. Anterior ao Scruff, completou 10 anos de existência em março de 2019, em meio a críticas e a revisão das regras de condutas dos usuários. Criado pelo israelense Joel Simkhai, o Grindr apresentava um componente inovador para a época. Graças ao sistema de geolocalização, era possível acessar outros homens que estivessem por perto, transformando o processo de socialização extremamente dinâmico.

---

[55] RUIC, Gabriela. https://exame.abril.com.br/tecnologia/scruff-app-de-paquera-para-o-publico-gay-chega-ao-brasil/, publicado na edição de novembro de 2013. Acessado em julho de 2019.

Com a inovação da época, o Grindr destrona o site mais popular até então – o Gaydar – e se torna o precursor do que se tem hoje em termos de aplicativos para encontros. Vendido em janeiro de 2018 para a empresa chinesa Kunlun Group por £ 185 milhões, estima-se que hoje tenha 4 milhões de usuários em 200 países.

Conforme reportagem publicada no site da BBC em 2019[56], uma das grandes polêmicas em relação a aplicativos como o Grindr é, segundo seus usuários, a proliferação de atitudes consideradas homofóbicas e racistas, além de ofensas desnecessárias entre seus usuários. Há também relatos de oferecimento de drogas, e no exterior, relatos de golpes, estupros e assassinatos envolvendo pessoas que estariam usando o aplicativo como meio de captação de vítimas. Enquanto espaços de socialização gays, como bares, estão se adaptando ao universo tecnológico para não perder tantos clientes – já que agora bastam alguns cliques e tem-se um encontro à mão – os novos proprietários do aplicativo apostam num modelo de tolerância zero para atitudes consideradas ofensivas e homofóbicas, considerando que o Grindr tem uma responsabilidade social junto à comunidade LGBTQIA+[57].

Os anúncios de encontros em revistas e jornais marcaram época para uma geração, nos anos 70, 80 e 90 do século passado, que usava estes espaços em busca de socialização e relacionamentos, e não era diferente para a comunidade LGBT. Os textos eram veiculados de maneira breve, com siglas curtas, já que o pagamento era feito por palavra. Interessados ou interessadas escreviam geralmente para uma caixa postal. Muitos relacionamentos e também casamentos iniciaram desta forma. O advento da internet trouxe as salas e as plataformas de bate papo[58]. No Brasil, a sala de bate papo do uol, por exemplo, bem como as plataformas IRC e MSN marcaram toda uma geração que começava a ter computador em casa e usava destes benefícios que a internet discada trazia.

Hoje, graças e velocidade da internet e do celular sempre à mão, bem como os feitios das relações on-line, os *profiles* – ou perfis – se apresentam como um novo gênero textual, geralmente com frases curtas, indicadoras de ação ou nominais, acompanhadas, em muitos casos, de emojis carregados de sentidos.

---

[56]FOX, Chris. https://www.bbc.com/news/technology-47668951, acesso em julho de 2019

[57] A expressão LGBTQIA+ tem sido veiculada com o sinal (+) ao lado das letras na tentativa de representar as múltiplas formas de manifestação da sexualidade não contempladas pelas letras iniciais de L (=Lésbicas), G (=Gays), B (=Bissexuais), T(=Travestis e/ou Transgêneros, embora estas sejam categorias distintas), Q(=Queer), I (=Intersexo), A (=Assexual). Algumas letras vêm sendo acrescentadas como P, para designar Pansexuais e N, para pessoas que se identificam como não-binárias. Algumas linhas abaixo optei por usar o termo LGBT por ser o comumente usado em relação à época histórica a qual me refiro.

[58]Agradeço a lembrança e a correlação feita entre os anúncios de jornal e as salas de bate papo com os perfis na atualidade, feita pelo colega Hanno Beck, da Universidade Estadual de Nova York – Buffalo, após a apresentação de minha pesquisa no Curso de Verão Speech Acts, que ocorreu na Universidade de Göttingen, Alemanha, em julho de 2019.

Nancy Baym (2010) relata que as relações on-line trouxeram novos aspectos em termos de contatos com o outro. São diferentes relações de espaço e de tempo. Há a possibilidade da pessoa que está no outro lado da tela do computador (ou do smartphone ou do tablet) ser uma fraude, embora haja também a possibilidade de um número maior de "amigos virtuais", já que as redes nos apresentam sugestões de amizades graças a algoritmos recolhidos de nossas interações, bem como o maior número de amigos dos amigos, o que a autora chama de amizade latentes, mas não ativadas.

As relações on-line também apresentam algumas características. Por um lado, diríamos um menor risco social, no sentido de que não é mais necessário preparar-se, vestir-se e sair de casa para encontrar outra pessoa. Outro fato é que em diversos sites, por exemplo, alguém pode descrever-se em vários aspectos e há um cruzamento de dados entre um perfil e o de outros em potencial, o que possibilitaria o contato entre indivíduos com buscas semelhantes, talvez possibilitando maior sucesso num futuro encontro e possível relacionamento. Por outro lado, comparando-se com o relato de casos de golpes ou agressões verbais vivenciadas por usuários que não se encaixam em determinados padrões, poderíamos considerar que o tal "menor risco social" não é tão pequeno assim. São recorrentes os casos de violência em relação às minorias e casos que terminem em agressão física e extorsão, embora o número de denúncias seja ínfimo.

Desta forma, o anonimato do estar atrás de uma tela dá a possibilidade de que os indivíduos criem performances diversas e distintas, verdadeiras ou não, o que pode acabar ocasionando situações inusitadas num encontro real. Não há, de primeiro momento, contato físico. Na maioria dos casos, o que se tem é a palavra e algumas imagens. Evidentemente, quando alguém escolhe uma foto para colocar em um perfil de relacionamento ou até mesmo nas redes sociais, vai escolher as suas melhores fotos.

Em muitos destes aplicativos, há um número limitado de perfis passíveis de visualização para não assinantes. O número de perfis possíveis de serem visualizados e, principalmente, contatados aumenta se o usuário for assinante. Em outro aspecto o fato de ser ou não assinante aumenta a quantidade de mensagens que podem ser enviadas ou lidas por dia, ou dependendo, é possível só visualizar perfis, mas não mandar mensagens, ou mandá-las e não ler as respostas. Portanto, o acesso a diferentes usuários e recursos dos sites e aplicativos também é atravessado por um viés capitalista e mercadológico, conforme exposto no capítulo 4.

Desta forma, sigamos com a leitura dos mapas identificados nos sites e *apps*, bem como a reflexão que caminhos tal cartografia propõe. Importante mencionar que nos casos em que as imagens aparecem mais de uma vez, cataloguei apenas a sua primeira aparição.

5.4 **Leitura de Mapa 1: No feos.**

Figura 32 - Perfil selecionado do app Grindr

Fonte: www.grindr.com. Acesso em: 2019.2

Quão carregada de sentido pode ser um perfil com apenas duas palavras a título de chamada? Com quem ou com o que dialoga? Com o ideário de beleza corporal masculino que apresento no capítulo 2, atravessado pelo capital? Com o conceito de masculinidade hegemônica que debato no capítulo 3, ou seja, para ser considerado "não feio" seria necessário corresponder a um ideal de masculinidade?

Em primeiro, há que se levar em conta que a partir do momento em que um sujeito entra em um site ou app de encontros e visualiza um perfil, não temos apenas e tão somente o encontro de duas pessoas. Na verdade, temos o encontro de sistemas de valores, crenças, ideologias que se materializam e se manifestam a partir do que se enuncia. A prática enunciativa, para além de um encontro um a um, constitui-se num encontro de vários com vários. Como afirmam Deusdará e Rocha:

> Se nos constituímos como sujeitos na relação com o outro, é preciso dizer que essa relação não se realiza diretamente entre um indivíduo e outro indivíduo, como se a relação fosse a mera soma de duas partes já formadas. São várias as razões que concorrem para isso, talvez a mais evidente dela seja a de que o que vejo como "indivíduo" já é efeito de processos históricos complexos e não mero dado da natureza (2021, p.152).

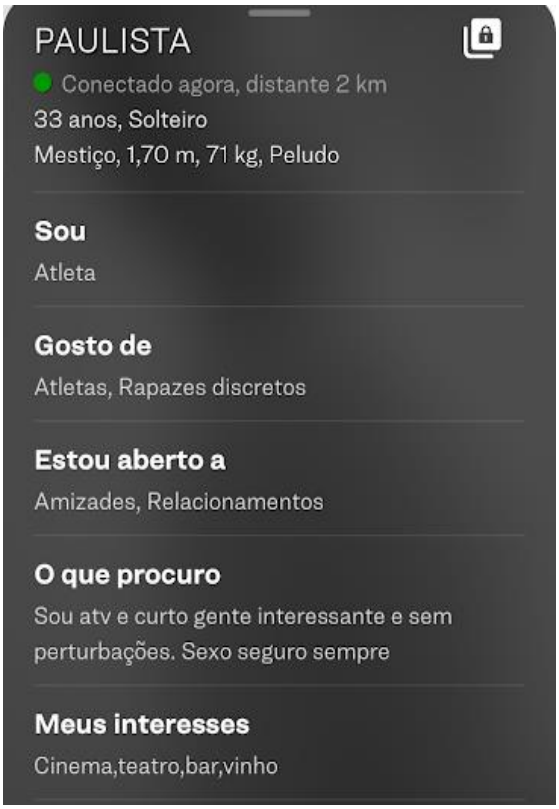
Assim, ao buscar por um parceiro não feio, este sujeito traz em seu enunciado muito mais do que apenas uma frase com duas palavras. Carrega, nestas duas palavras, todo um sistema de princípios e padrões que um possível parceiro para relacionamento, amizade ou sexo deve possuir – ele não especifica que tipo de encontro procura, mas provavelmente será o de alguém com aparência valorizada socialmente e que simbolize status dentro do capital cultural. Dentro desta hierarquia de poder, provavelmente homens com corpos sarados/malhados – valorizados socialmente, o que denota certa condição socioeconômica – bem como aspectos relacionados ao que pode ser considerada uma vida saudável (lembremo-nos do afastamento de homens gays dos corpos doentes causados com o advento da aids), além da busca por parceiros de aparência masculina, ou que estejam próximos do modelo da masculinidade hegemônica.

Figura 33 - Perfil selecionado app Grindr

Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jan. 2019.

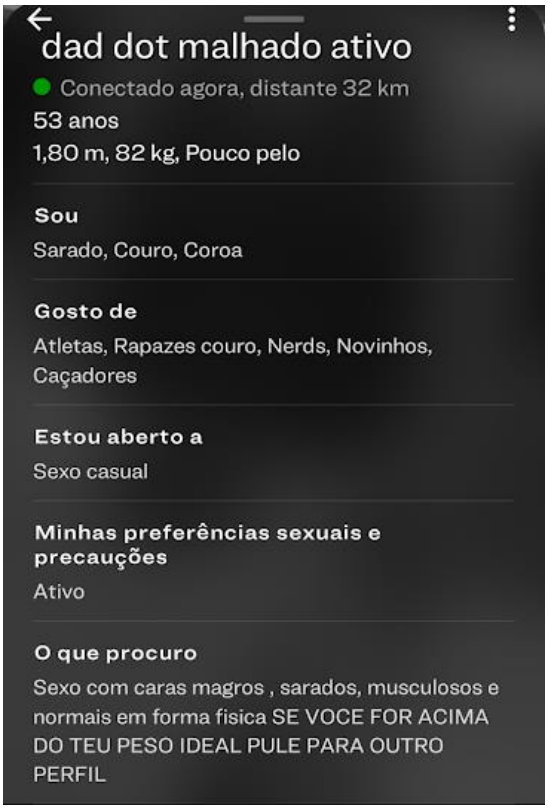
Na imagem acima já podemos observar a busca por corpos dentro deste padrão quando o sujeito constrói desta forma o seu etos, ao afirmar que "Macho, malho, bem na minha, curto cara normal malhadinho como eu", o que pode nos levar a confirmação que, dentro da formação discursiva compartilhada por este usuário, ser normal é ser malhadinho. Convido o leitor a observar mais alguns exemplos onde se ratificam estas práticas discursivas em relação aos corpos. Antes, convém mencionar que, até por conta da metodologia cartográfica, alguns perfis aparecem mais de uma vez, num movimento de idas e vindas, conforme a elaboração do texto e dos diálogos com ele estabelecidos.

Figura 34 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

Figura 35 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

Um dos processos mais importantes para qualquer pesquisa é a constituição do córpus, momento em que são confrontados estratégias e dispositivos, e se delimita a materialidade a ser investigada, segundo Deusdará e Rocha (2021).

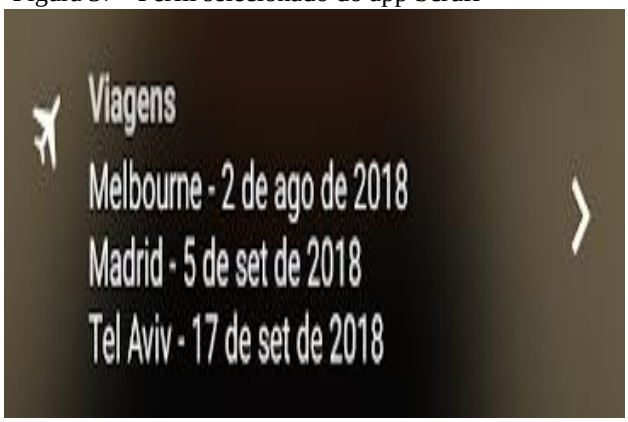
Os enunciados trazem forte referência a questão do corpo, que já foi apresentada no capítulo 3, e que também terá seu retorno em outra leitura de mapas. Enunciados que contam com vocábulos como atleta, sarado, musculosos ou normais em forma física mostram o reforço de um ideário de beleza que não é atingido por todos, gerando um processo de exclusão daqueles que não se encaixam em determinados padrões físicos. O próprio uso da expressão "normais em forma física" dá a ideia do fato de que existiram, portanto, os que teriam forma física "anormal" – embora seja importante mencionar que o normal seria uma idealização – o que existiria é a construção social do que é normal e a sua aceitação e manutenção (SILVA, 2015).Outros fatos a serem levados em consideração são as frases em caixa alta, que no universo do internetês, a linguagem da internet, corresponderia a um grito (SE VOCÊ FOR ACIMA DO TEU PESO IDEAL, PULE PARA OUTRO PERFIL), bem como o fato do enunciador ser um *dad* malhado. No meio gay, *dad* ou *dadd*y são homens mais velhos que buscam parceiros mais jovens, o que é confirmado pelo fato de gostar de, entre outros, novinhos. No título de seu perfil, não há menção a questões monetárias, mas há no senso comum a noçõa de que o s*ugar daddy* é o parceiro mais velho que sustenta financeiramente um outro mais jovem. Ele também busca relação com caçadores, o que no universo *bear* são pessoas mais magras que tem interesse pelos chamados ursos (sobre a relação de corpos gordos e *bears*, discorrerei mais adiante). Fecho essa reflexão de volta ao título, como uma forma de compensação: ele é mais velho (*dad*) e a juventude é um forte referencial de valor no universo gay. Como ele não tem a juventude para oferecer ou exibir nessa grande vitrine de potenciais parceiros em desfile ao toque dos dedos, esse sujeito oferece outros requisitos tão bem cotados quanto: o fato de ter um órgão sexual grande, ser malhado e ativo – três atrativos consideráveis neste mercado de afetos, tão influenciado, por exemplo, por mercados como o da pornografia, conforme será discutido em um dos próximos tópicos.

5.5 **Leitura de Mapa 2: Reiterando o gay-padrão - Sou culto, viajado e visitei 24 países.**

Figura 36 - Perfil selecionado do app Grindr

Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jan. 2019.

Figura 37 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

Figura 38 - Perfil selecionado do app Scruff

Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

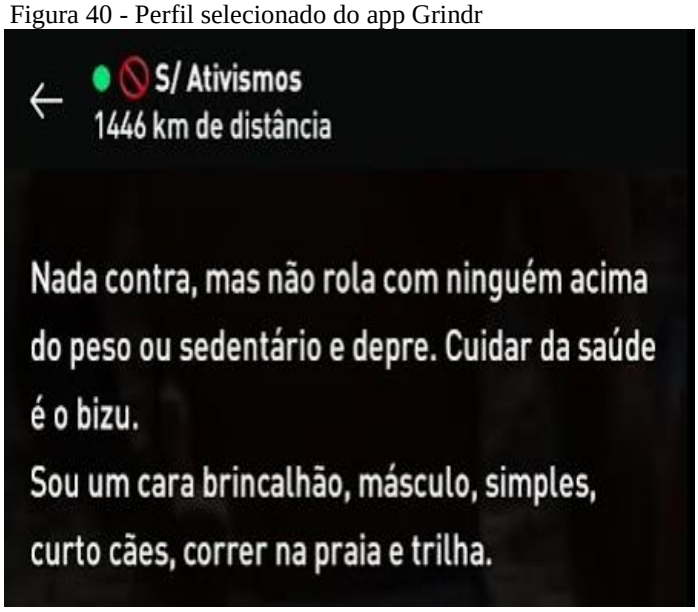
Figura 39 - Perfil selecionado do app Grindr

Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jan. 2019.

Inicio esta leitura de mapa com alguns perfis, dentre os muitos encontrados nos sites e *apps* que fazem menções à viagens. Para além das fotos de roteiros internacionais, junto a símbolos icônicos ou a neve – algo que não é muito comum em um país cortado pela linha do Equador, como o nosso – perfis escritos em línguas estrangeiras, em especial o inglês, ou com referências a outros idiomas falados pelos usuários, são marcadores que os destacam da grande maioria dos cidadãos. Como no caso da primeira imagem dessa série onde o enunciador comunica que já visitou 24 países ou como na última imagem, onde o sujeito relata todas as viagens de 2018 e 2019 para lazer, já que no perfil ele não lista as viagens a trabalho. A primeira pergunta que faço ao me deparar com enunciados como este é: Precisa disso tudo?!

Uma das respostas possíveis é: sim! Precisa disso tudo a partir do momento de construção de um etos glamouroso, afastado das classes sociais menos favorecidas e altamente atrelado ao capital, bem como os perfis que se associam somente com usuários que morem próximos de seus bairros, em áreas nobres das grandes capitais, ou de outros usuários que tenham acesso a determinados bens de consumo e cuidados com o corpo: homens que curtam a vida ao máximo, viagem, malhem, cuidem do corpo e da mente, tenham bom nível social, e, quiçá, também acadêmico, como visto no perfil abaixo.

Figura 40 - Perfil selecionado do app Grindr

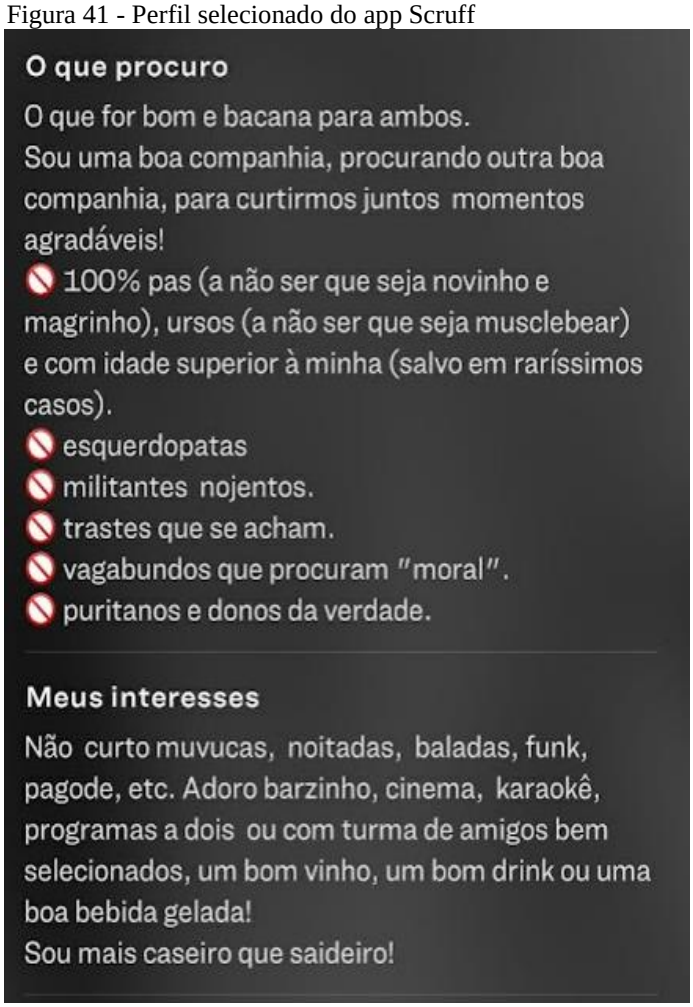


Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jan. 2019.

Uma pausa nesse momento pode ser interessante para refletirmos um pouco sobre as várias vezes em que nos perfis dos usuários temos a presença de não: "não rola com ninguém acima do peso", ou "a não ser que seja magrinho" e " a não ser que seja muscle bear", como no perfil abaixo. A noção de negação pode carregar certa ambiguidade e relacionar-se à interdiscursividade e a universos polifônicos de enunciação. Afinal, até mesmo uma negação descritiva pode não apenas "descrever um estado de coisas", mas também envolver contestação ou oposição a asserções anteriores (explícitas ou não), aproximando-se do que se costuma chamar de negação polêmica. Esta última se dá em rejeição e em contradição em relação a um enunciado (Maingueneau, 1997). Desta forma as negativas podem ser frequentemente usadas com finalidades polêmicas. Com efeito, o enunciado "Eu não sou homofóbico!" não constitui uma simples descrição, mas pressupõe uma proposição contrária, que também funciona intertextualmente. Mesmo frases que não sejam gramaticalmente negativas podem sê-lo semanticamente. "A violência homofóbica é um mito" é a paráfrase de "Não existe violência homofóbica".

No perfil abaixo, por exemplo, o "não" em "a não ser que..." pode estar vinculado ao que mais se busca. Ao ler "a não ser que seja musclebear", ou " a não ser que seja novinho e magrinho" encontro justamente a manifestação do desejo por estes tipos de perfis e de corpos. Mais sobre esse perfil será apresentado no item 5.12

Figura 41 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http⁄⁄www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

Desta forma, tomar parte em atividades valorizadas como sinônimo de vida saudável – ou de construção de um corpo saudável - como ir à praia, fazer trilha ou correr, bem como frequentar espaços como cinemas, teatros, shows – os considerados bons ambientes – são aspectos valorizados nesse mercado dos encontros. Denotam determinado poder aquisitivo e pertencimento a certo grupo social. Observemos que, no segundo perfil, por exemplo, o usuário descarta funk e pagode, geralmente associados às camadas mais populares da população. A respeito deste mesmo perfil também dissertarei um pouco mais adiante, ao escrever sobre a questão política.

Nunan, em sua dissertação de mestrado e posterior livro, já no início deste século, retrata a relação entre homossexualidade e os bens de consumo. Em primeiro, a autora retrata em sua pesquisa o fato de homossexuais terem renda, no geral, um pouco maior do que a maioria da população, já que, se falarmos de casais, em sua maioria e relação é de duas pessoas, sem filhos - a adoção de crianças por casais homoafetivos tem sido um fato recente e ainda não alcança a maior parte dos lares. Na busca também por sua independência financeira,

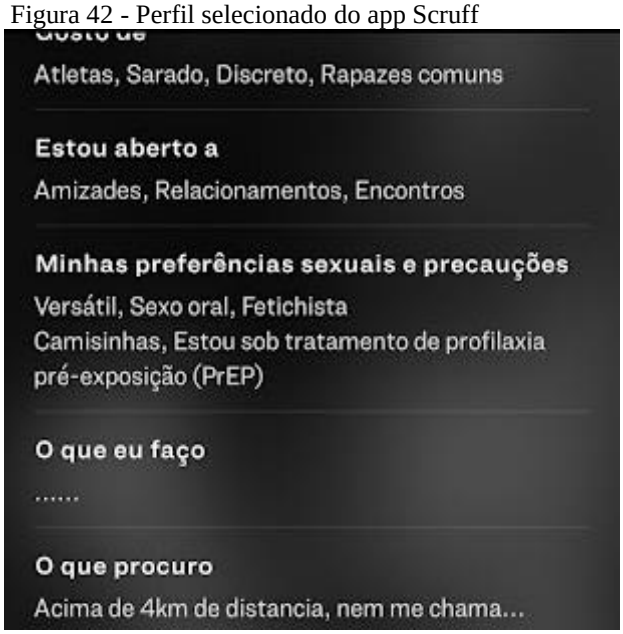
já que muitos deles passam a viver em grandes cidades e boa parte não conta com o apoio da família, a pesquisa também comprovou um ligeiro nível de escolaridade acima da população em geral. Tais aspectos estão na base do chamado *Pink Money*, ou o dinheiro rosa, que o mercado capitalista descobriu rapidamente e vem buscando com avidez, o que já promove outro debate: a aceitação não é tão sincera e generosa assim – passa pela apropriação de bens e pela capacidade de consumir. Em relação a situação de uniões gays sem filhos, cunhou-se a sigla DINK que significa *double income, no kids*, ou renda dobrada, sem filhos, em tradução livre, o que garantiria mais gastos em artigos supérfluos e de luxo (NUNAN, 2003, p.159). Segundo reportagem da revista Exame, de 2012, com uma população estimada em 18 milhões de pessoas no Brasil (aproximadamente 10 % da população), 78% dos gays têm cartão de crédito e gastam até 30% mais em bens de consumo do que os heterossexuais. A renda elevada se explica pelas classes sociais nas quais estão inseridos: 36% pertencem a A e 47% a B, embora, aparentemente, o mercado ainda esteja despertando de forma um tanto quanto tímida em relação a essa população, se comparado com os EUA, o Canadá, ou a Europa Ocidental, por exemplo[59]. No Brasil, o potencial financeiro do segmento LGBTQIA+ é estimado em US$ 133 bilhões, o equivalente a R$ 418,9 bilhões, ou 10% do PIB nacional, segundo reportagem do jornal O Globo veiculada em 2015[60].

Em sua pesquisa, Nunan apresenta o fato de que o excessivo consumismo – e eu adiciono, da necessidade de expor viagens realizadas ou a realizar, ou a explanação de que fala línguas estrangeiras – seria uma forma de lidar com o estresse e a estigmatização, ou seja, uma tentativa de ignorar sentimentos de inferioridade.

> (...)muitos homossexuais dariam importância excessiva ao luxo e à aparência externa devido ao preconceito da sociedade, que faz com que estes indivíduos se sintam constantemente cobrados a mostrar que, apesar do estigma, eles são superiores aos heterossexuais (NUNAN, 2003, p.312)

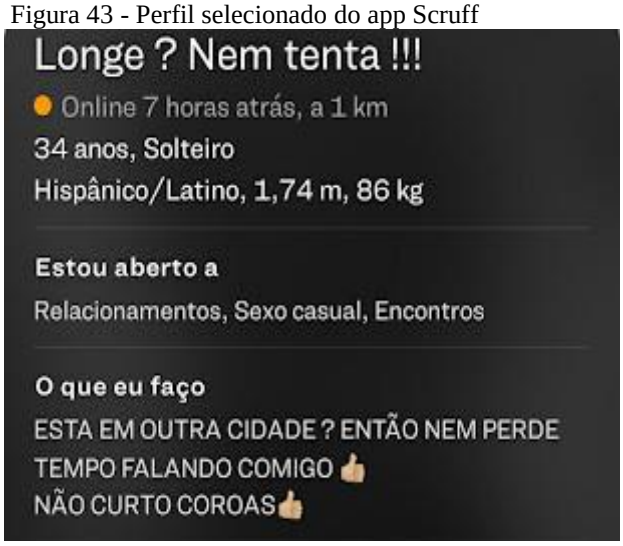
[59] https://exame.com/marketing/. Acesso em: jun. 2022..
[60] https://oglobo.globo.com/economia/. Acesso em: jun. 2022..

Figura 42 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http⁄⁄www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

Figura 43 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http⁄⁄www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

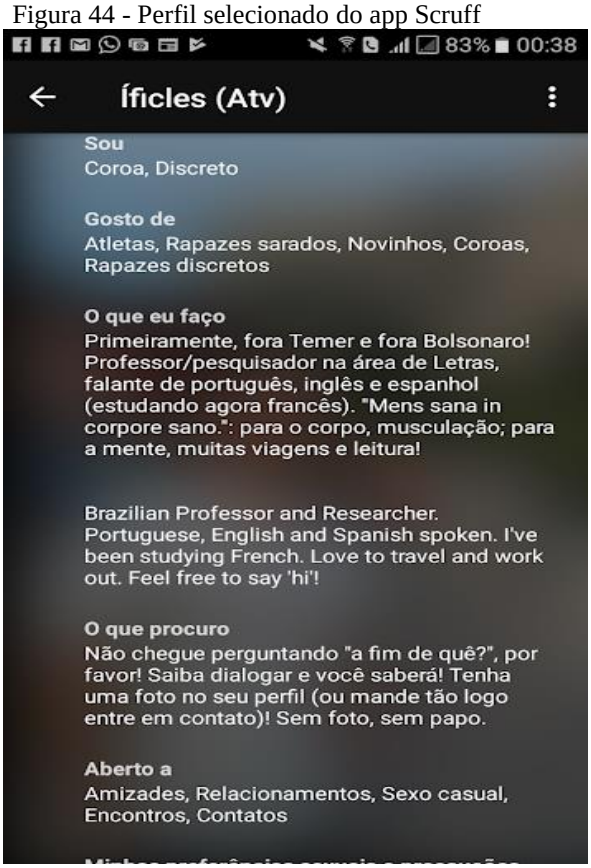
Um outro aspecto que merece atenção nesse quesito social é a questão distância, nesses dois casos também com a negação “nem” – nem tenta, nem chama, nem perde tempo, caso você more longe, ou não more “na mesma bolha que eu”. Há uma certa necessidade dos usuários de se manterem em suas “zonas de conforto” – ou seja, mesmo bairro ou mesma cidade – daí temos a possibilidade de duas reflexões: 1) Se o sujeito busca encontro imediato, o fato de estar perto viabilizaria mais rapidamente tal fato. É um reflexo da rapidez e efemeridade contemporâneas, onde até os gozos precisam ser rápidos; 2) Se pensarmos em alguém de certo poder aquisitivo, morando em bairros nobres de grandes cidades, não ter

encontros com pessoas que estão mais distantes seria a possibilidade de minimizar contatos com pessoas de outras classes sociais, geralmente de bairros mais populares ou da periferia. Como já apresentado há pouco, a necessidade de autoafirmação faz com que seja indispensável, para muitos desses sujeitos, exibir o pertencimento a determinada classe social.

Sigo o mapeamento com mais alguns perfis, atentando para o fato, mais uma vez, de que alguns podem aparecer em mais de algum momento, de acordo com os diálogos estabelecidos com outros perfis. É como se neste mapeamento, me deparasse novamente com a mesma bifurcação, e agora decidisse por outro caminho, a fim de ver até onde consigo ir. Este movimento de ir e vir, seguir e voltar, também dificulta a colocação dos perfis em caixinhas, em classificações imutáveis. As leituras de mapas se dão como uma tentativa de facilitar o ato de cartografar, mas muitos perfis podem perfeitamente fazer parte de outras leituras, conforme a tomada, a direção para onde quem lê ou quem pesquisa aponta sua lupa.

Outro fato importante a se destacar é que, em muitos dos exemplos os perfis foram cortados. O objetivo foi de retirar qualquer possibilidade, por mínima que seja, de identificação dos usuários. Como debatido no capítulo 4, o viés da análise dos perfis é puramente acadêmico. Dito isso, sigamos.

Figura 44 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

O perfil acima, por exemplo, mostra parte de seu texto de apresentação em inglês. Professor é um termo inglês usado para professor universitário, a qual deve ser provavelmente a profissão deste sujeito, já que ele também é *researcher*, atividade típica da academia – a pesquisa. Além disso, denota-se um razoável poder aquisitivo, já que ele fala, além do português, mais dois idiomas e vem aprendendo mais um. Viajar e malhar (*travel and work out*) são atividades valorizadas no meio homossexual. Viajar em nosso país não é algo acessível a boa parte da população – ainda mais se levarmos em conta viagens ao exterior. Malhar relaciona-se ao imaginário de construção de um corpo jovem e saudável, uma espécie de busca de uma juventude eterna. Evidentemente, não quer dizer que não reconheçamos os excelentes benefícios que trazem a prática de exercícios regulares, mas entre a comunidade homossexual a construção corporal está além disso, constituindo uma verdadeira moeda de troca. Convém sinalizar que essa busca pelo corpo másculo e perfeito vem, em boa parte, pela influência do movimento gay americano no fim dos anos 70 do século passado, com o advento do modelo do gay-macho americano[61], que procurava dissociar a imagem do homossexual aquela de um homem afeminado – embora uma boa discussão seja necessária para se estabelecer o que significa ser ou não afeminado, a que referentes culturais está atrelada[62], e a quem interessa a manutenção desse sistema hierárquico. Importante também ressaltar que a construção de modelo corporal másculo e saudável ganha ainda mais impacto com o advento da AIDS na década seguinte. O câncer gay, enviado por Deus para punir aqueles que tivessem práticas sexuais desviantes. Ter um corpo másculo e saudável significava estar fora do grupo daqueles condenados socialmente, associados a imagens terrivelmente chocantes. Era uma forma de estar protegido. No armário.

Desenvolvo com mais detalhes as noções de masculinidades e corpo no capítulo 3. Posso, desta maneira afirmar que exibir um corpo que se encaixa neste modelo socialmente privilegiado, como quem exibe um troféu, geralmente indica alguém que tem tempo para cuidar de si – de sua aparência, de sua alimentação, de estar uma boa parte do dia em uma academia ou fazendo atividades físicas ao ar livre. Para uma cidade às margens do mar, como o Rio de Janeiro, isso também se refere a um estilo de vida. Aqueles que moram perto da praia – nos bairros mais privilegiados – tem mobilidade facilitada entre a casa e o trabalho,

[61]Desenvolvo texto mais detalhado sobre este advento em minha dissertação de mestrado e posterior livro. (Simões Jr, 2006, 2011.)

[62] Foi em um enriquecedor bate papo durante um café, entre as aulas, que o colega Sergio Monforte, da Universidade do País Basco (Espanha), me chamou a atenção sobre como a questão da masculinidade hegemônica é diferente de país para país e como os homens de determinado país consideram os de outro afeminados. Esta conversa deu-se durante um intervalo do Curso de Verão Speech Acts, já mencionado anteriormente.

tem acesso a determinados espaços, sendo aqueles que podem exibir corpos bronzeados pelo sol, bem talhados, cuidados por horas gastas em academias (que, diga-se de passagem, são hoje fortes espaços de socialização entre uma parcela da população e também de propagação de ideias, mas isto é outro debate), reforçam o pertencimento a determinado grupo social e o acesso a certos bens e serviços valorizados pelo *status quo*. Geralmente um homem gay que more no subúrbio, que precise enfrentar o trânsito pesado para se locomover para suas atividades, terá dificuldades para manter esse corpo bem construído e valorizado – para além do fato de que manter uma dieta com os suplementos e alimentação necessárias para ter um corpo malhado⁄sarado é bastante caro para boa parcela da população. Esse sujeito acabará gastando mais tempo de deslocamento se quiser frequentar uma academia dentre as mais badaladas. Terá de se esforçar mais do que os outros para conquistar o tal corpo e estar presente em tais espaços, numa tentativa de ser aceito num meio social superior ao seu.

Na observância da próxima imagem, que apareceu em 5.1, percebe-se que se tomamos os textos enquanto gênero, podemos considerá-los, sendo já mencionado anteriormente, como

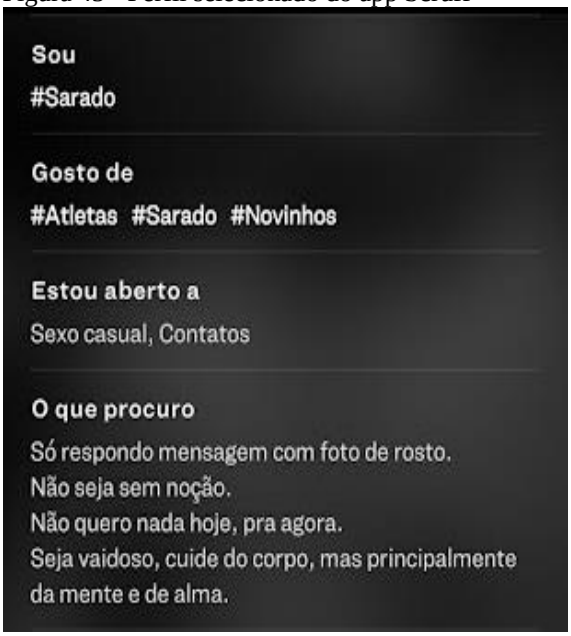
perfis em aplicativos e sites de encontro e relacionamentos. Nestes perfis – anúncio do eu - o enunciador objetiva criar o melhor etos possível, já que seu objetivo é exibir uma imagem positiva de si, ou "vender" a si mesmo. Quanto mais positiva a sua imagem, mais sucesso nos *apps* – seja através de mensagens ou acessos. O Scruff, por exemplo, em sua página inicial mostra os perfis mais "woofeados", que é um sistema que permite uma espécie de sinalização (uma pata de urso – indica que aquele que vê o perfil quer puxar papo ou tem interesse) e que fica ao lado direito da imagem do usuário. Como o Scruff foi um app criado com o intuito de atender os "ursos", o "woof" seria a estabilização de um primeiro contato. Estar entre os mais woofeados, garante a alguns usuários o etos de celebridades. Em termos de comparação, o Grindr tem o ícone da chama – indicando que talvez o sujeito que visualiza e clica pode estar queimando por dentro, ou o de um biscoito, associado ao termo "biscoiteiro" – aquele que vive tirando selfies, geralmente em frente a espelhos e na academia.

Desta forma, o coenunicador se torna como que um jurado, um cliente que seleciona o que serve ou não para atender as suas necessidades de encontros. Partindo, em sua maioria das vezes, da imagem e/ou da frase de chamada, o coenunciador aciona seu etos pré-construído em relação a que enunciador deve estar por trás daquela imagem ou frase. Como meu foco dá-se sobre o que está escrito, ao me deparar com perfis que tem uma única frase, como o da página seguinte (que já apareceu na seção 5.4), uma pergunta que me surge é a quais práticas discursivas se filiam os perfis destes usuários através de seus etos mostrados e o que é validado nestes enunciados? Que memórias discursivas constroem? Para um usuário como o de acima, por exemplo, o encontro com qualquer sujeito, desde que não seja feio no quesito estético, seria válido. Provavelmente seja alguém que valoriza muito a beleza física, ou apenas e tão somente isso, já que é a uma das únicas informações presentes em seu perfil, ao lado da idade.

Pensando a memória discursiva enquanto suporte semântico de um discurso, seu funcionamento se dá através da repetição de enunciados, que vão formando uma regularidade discursiva, conforme também se pode perceber nos enunciados da página seguinte e em vocábulos como *atleta*, *sarado*, *vaidoso* e *exigente*. O que se aproxima de um desses sujeitos sem corresponder ao perfil demandado é um *sem noção*, bem como quem não apresenta com foto, afinal é preciso ver analisar se o rosto e o corpo se enquadram no capital mercadológico dos sujeitos aceitos e valorizados. Curiosamente os autores dos perfis não apresentam fotos.

Essas regularidades discursivas invocam, por sua vez, significados pré-construídos estabelecidos nas séries enunciativas (Pêcheux, 1999). Reiteram-se assim discursos de que gays tem de ser belos, atléticos, vaidosos, e de que outros cuidados, como o do espiritual ou da mente, passam, acima de tudo pelos cuidados com o corpo. Corpo sarado, diga-se de passagem.

Figura 45 - Perfil selecionado do app Scruff



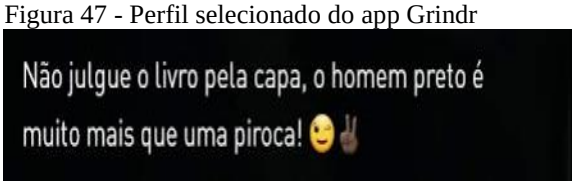
Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

Figura 46 - Perfil selecionado do app Grindr

Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jan. 2019.

5.6 **Leitura de Mapa 3: Precisamos discutir a questão do homem negro.**

Figura 47 - Perfil selecionado do app Grindr



Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jan. 2019.

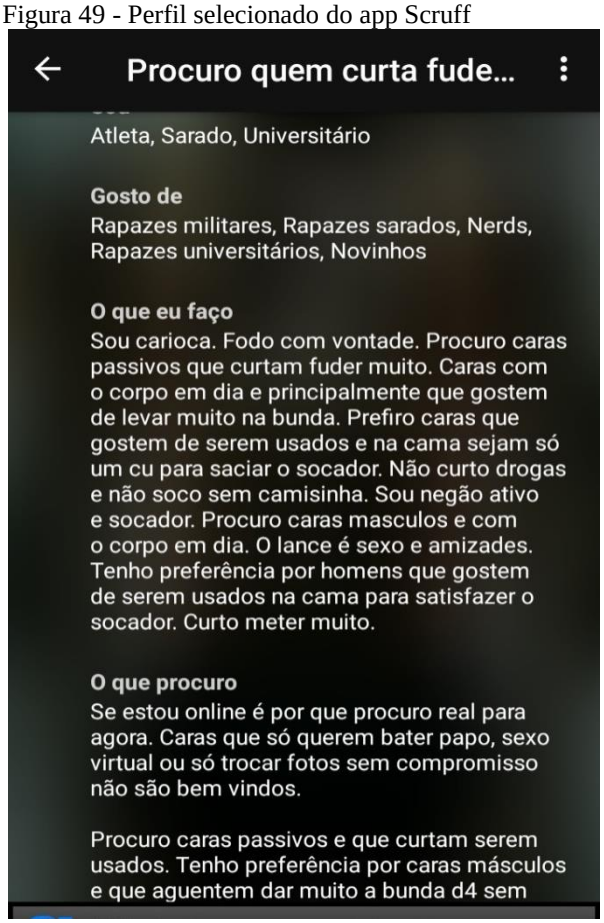
Figura 48 - Perfil selecionado do app Grindr

Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jan. 2019.

Embora não seja o foco específico deste trabalho analisar as práticas discursivas que implicam as questões raciais, há que se levar em conta como são representadas as questões das múltiplas negritudes.

Conforme já mencionei no capítulo 3, no topo da hierarquia das masculinidades está o homem cisgênero, branco, heterossexual, jovem, de classe média ou alta, com acesso a determinados bens do capital cultural. Em relação ao homem negro, objeto de desejo desde o período colonial, mitos foram criados em relação ao seu corpo e a sua sexualidade. Determinados etos foram criados em relação a como estes homens se enunciam e como são enunciados nos espaços dos sites e *apps*. Para comprovar, sigamos com alguns perfis como os apresentados abaixo, que estarão em diálogo com o primeiro perfil dessa seção. Achei pertinente também o segundo, não só pela chamada – o negro quente – mas também pelo fato de boa parte do perfil estar escrito em outros idiomas, acompanhados de *desculpe eu falo inglês e francês*, que, num falar coloquial soaria como deboche. Algo como *sinto muito se você não fala outras línguas. Não é problema meu*. Uma forma de se mostrar superior aos outros.

Figura 49 - Perfil selecionado do app Scruff



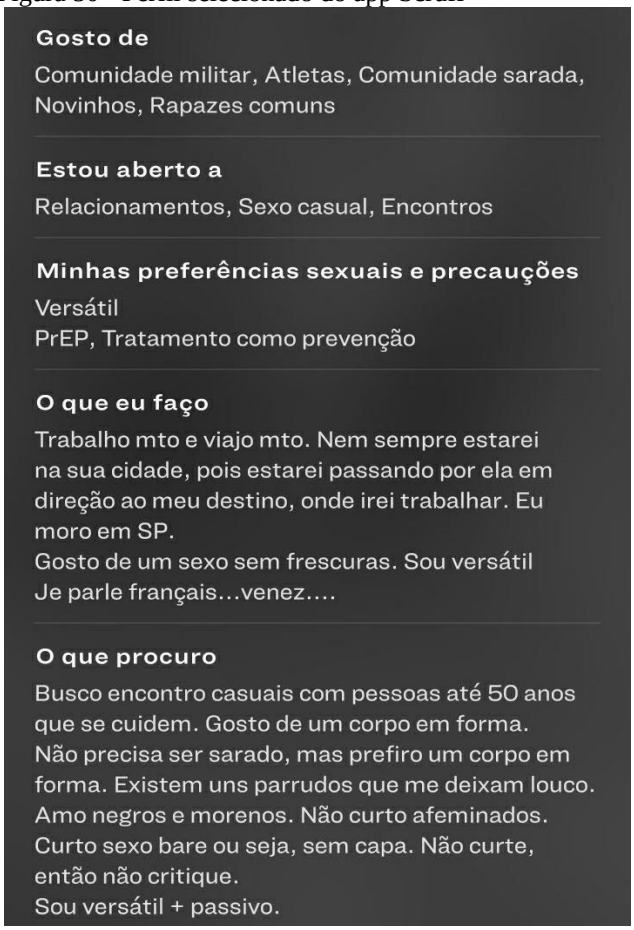
Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

Neste trecho, o sujeito apresenta-se como uma verdadeira "máquina de sexo", representação muitas vezes atribuída ao corpo do homem negro. Alguém disponível para o ato sexual quase que o tempo todo e de forma mecânica, que "usa" o parceiro. O próprio autor se descreve como "negão ativo", ou seja, daquele que não abre mão da sua posição de "superioridade", construída por expressões como "fodo com vontade", "socador" e "curto meter muito". Provavelmente, para esse sujeito, como muitos no universo dos HEH, "meter" em um homem másculo, ou ainda, que saia com mulheres, seria como ter a sua masculinidade potencializada. Afinal, ele é o homem que "mete" em outro homem que "mete" nas mulheres, ou que "usa" outro homem, que "usa" as mulheres. Dá-se um verdadeiro processo de hierarquização das masculinidades.

Para além, esse sujeito usa de seu discurso para ligar-se à masculinidade hegemônica, às representações das imagens do masculino mostradas no capítulo 1 e debatidas no capítulo 3, com um modelo de construção corporal valorizado pela sociedade e atravessado pelo

capital, conforme apresentei também no capítulo 3, já que ele menciona duas vezes que busca parceiros com o "corpo em dia". Mais um perfil segue:

Figura 50 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jan. 2019.

Algumas coisas chamam a atenção em relação a este perfil: voltamos a questão do corpo já que dentro de sua busca está a comunidade militar, atletas, comunidade sarada. Em relação a atletas e sarados, já debati em outros momentos a questão do corpo em relação às masculinidades e dentro da comunidade gay. Por outro lado, a busca por alguém da comunidade militar implica a busca por um parceiro que está inserido em um imaginário idealizado. Como exemplificado no capítulo 1, a imagem do militar está tradicionalmente associada a uma performance de gênero ultra masculina, valorizada na hierarquia das masculinidades.

Outro aspecto dá-se pela oração em língua estrangeira, neste caso o francês. Pode indicar o pertencimento a determinada classe social, afinal, dificilmente (não é impossível) uma pessoa de grupos sociais mais populares fala e escreve em francês. Ao que me parece, neste e em outros perfis, a busca por essa "internacionalização", com a escrita de trechos em

outros idiomas, ou o indicativo de viagens (como o indicado no perfil mais abaixo), passa mais pela indicação de pertencimento a determinado grupo e acesso a certos bens do que propriamente a necessidade de comunicação. Historicamente, em países como o Brasil, falar e escrever em outros idiomas geralmente indica acesso e inserção a determinados grupos e classes sociais.

Mais uma vez estruturas como "não...mas", "não...então", "não curto..." me falam daquilo que o sujeito mais quer. Algo como: Não precisa ser sarado, mas no fundo é o sarado que eu busco.

Ainda pode ser mencionada, na seção o que procuro, o fato de o autor retomar a questão do corpo em forma, citar que ama morenos e negros e em seguida destacar não curtir afeminados e praticar sexo bare (abreviatura de *bareback*), ou seja, sem preservativo. Pode ser prematuro afirmar, mas parece haver uma certa associação, uma certa cadeia semântica aqui:

homens morenos e negros → (são) não afeminados → (praticam) sexo bare

Na leitura que faço, portanto, há aqui a associação da imagem do homem negro ao imaginário do supermacho – máquina de sexo – reprodutor, ativo sexualmente falando, aquele que penetra, e sempre pronto para o ato sexual, etos reforçado no segundo perfil dessa seção, com a presença de marcas linguísticas que bestializam o corpo negro.

Como poderíamos pensar a masculinidade para um homem negro? Será que homens negros têm de se retratar de forma diferente dada a situação, em frente dos seus amigos, em âmbito privado e na sociedade? Aos jovens negros são ensinadas regras diferentes sobre o que é ser um homem?

Poderíamos ter diversas definições para masculinidade. Uma rápida busca on-line nos daria a definição de que masculinidade é "posse das qualidades tradicionalmente associadas ao homem". Qualidades associadas aos homens seriam ser fisicamente fortes e protetores, educados, líderes, cuidar do lar e esconder as suas emoções para mostrar o quão duro ou firme se é. Mostrar orgulho, ter e exprimir respeito e independência, são qualidades importantes que os homens associam à masculinidade, além de não apresentar comportamentos considerados femininos. Em relação a uma definição para masculinidade negra, um dos achados foi "um meio de manter a pertença cultural (...) a escolha consciente e inconsciente de participar noutras performances que situam a identidade racial" (Alexander, 2006).

Hooks (2019) nos apresenta a posição do homem negro como um entre. Deixado à margem pelo processo escravocrata no Ocidente, buscando corresponder às performances que

estão no topo da masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo esse homem encontra pouca representatividade no ideário das masculinidades como um todo; exceto como objeto de fetiche. Se volto, por exemplo ao capítulo 1, podemos observar que em boa parte das imagens apresentadas naquele capítulo de anúncios ou campanhas publicitárias, poucas tem representações de homens negro, exceto a referente a um anúncio de um cruzeiro gay no Caribe, onde homens sensuais, com corpos sarados e em clima tropical, próximo à linha do Equador, tem tudo para fazer deste cruzeiro algo quente, e não estou fazendo referência apenas ao clima.

Na cultura norte-americana, como retrata Hooks, a masculinidade negra é ao mesmo tempo idolatrada e punida, romantizada e vilanizada, ao mesmo tempo idealizada como objeto de fetiche, mas não como um modelo a ser seguido. No cinema, particularmente, em vários filmes, o homem negro é aquele que se alia ao branco para mostrar supremacia em relação às mulheres, ainda que sejam impedidos de alcançar o ideal patriarcal da masculinidade branca. As relações entre esses homens não se dão em um pé de igualdade. Na hierarquia do masculino, o homem branco sempre está acima.

Em um movimento de intertextualidade, discorro em seguida sobre que imagens foram e são produzidas sobre o homem negro no Brasil, e como tais imagens reverberam em nosso imaginário. Considero importante essa exposição para perceber como os enunciados colocados pelos usuários dos sites e *apps* vem de relações entre os homens negros e a sociedade elaborados através dos séculos, culminando, nos perfis, em vozes que bestializam o corpo negro, vendo-os como máquinas do sexo. Termino essa seção com algumas imagens de revistas voltadas para homens gays, onde cria-se no imaginário popular um tipo específico de corpo negro capaz de despertar desejo. Reitero que não é meu foco trabalhar com imagens, mas considerei pertinente trazer, nesse momento, o histórico e o imagético ao debate.

Me chamou a atenção um artigo publicado por Henrique Restier (SOUZA, 2017). Deixado a própria sorte a partir do momento pós-abolição, ao passo que as mulheres se empregavam nas casas de família, exploradas nas mais diversas formas nos trabalhos domésticos – como cozinheiras, lavadeiras, passadeiras, babás – aos homens foram relegadas as mesas dos bares, a cachaça e o desemprego ou subemprego. Desta forma, a Lei Áurea foi assinada em maio de 1888, porém não apresentou nenhum mecanismo afirmativo para a população negra. Ao contrário: abandonados pelo governo e sem políticas de Estado para sua inclusão enquanto membros da sociedade, estes homens e mulheres tornaram-se *personae non gratae.*

Inicia-se, no fim do século XIX, o processo de branqueamento da população brasileira. A abertura do país para a imigração, bem como a busca pelo apagamento de um passado escravocrata. Tal proposta fazia parte de modelos sociais pautados em enunciados científicos, que pregavam a supremacia da população branca. A chamada eugenia.

> A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos raças "mais adiantadas" e "menos adiantadas" e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial junta-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças, e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia "naturalmente" uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas (SKIDMORE, 1976, p. 81).

Neste processo, abrem-se as portas do país, em especial para que homens europeus se relacionem com as mulheres brasileiras, mas não necessariamente para que mulheres europeias se casem com homens negros (SOUZA, 2017). Dessa forma:

> Os homens negros se encontram necessariamente fora dessa equação, sobretudo por representarem o "Outro masculino" do homem branco e desse modo seu oponente e antítese. Dessa maneira, é necessário criar e acionar um vasto repertório de imagens e discursos visando desqualificar e subalternizar as masculinidades negras (SOUZA, 2017, p.7).

Figura 51 - A Redenção de Cam.

Fonte: https://upload.wikimedia.org/. Acesso em: jun. 2022.

A Redenção de Cam é uma obra feita em 1895 por Modesto Brocos, que resume muito bem como era vista a mestiçagem no Brasil. Nessa tela, é possível observar uma avó negra, uma mãe mestiça, um pai branco e um filho também branco. A avó está olhando para cima, agradecendo por seu neto que nasceu branco.

Ademais, outros elementos do quadro retratam o significado dessa mestiçagem. A avó está perto de uma planta, e pisando descalça em solo de terra, simbolizando que os negros eram vistos como selvagens, e pouco desenvolvidos. Já o pai está na frente de uma construção, e pisa de sapato em uma rua de pedras, mostrando como os brancos eram vistos como mais civilizados e avançados. Todos esses elementos nos ajudam a entender a história racial do Brasil, e nos indicam como a mestiçagem era vista como um caminho para embranquecer a tão diversa população brasileira.

Souza (2017) afirma que a literatura que se debruça sobre relacionamentos afetivo-sexuais, seja interracial ou não, postula em grande medida que as escolhas afetivas dos indivíduos não são aleatórias, antes, exprimem determinadas estruturas de normas e valores sociais que refletem a dinâmica das relações de poder, prestígio e status entre indivíduos e os

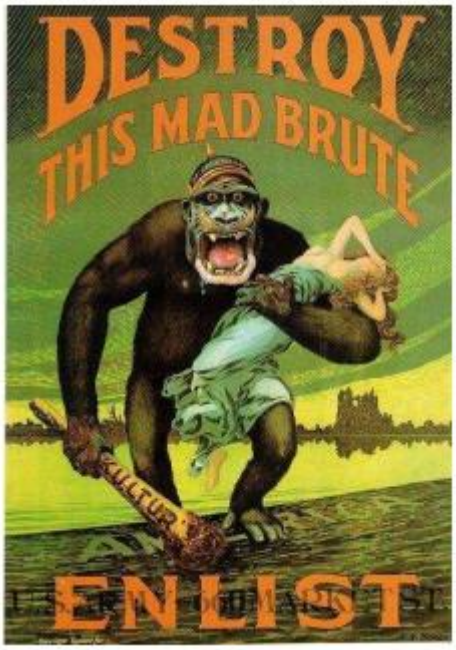
grupos sociais envolvidos em determinado contexto. Ademais, partindo de algumas noções como mestiçagem, assimilação e branqueamento, conceitos de forte conotação sexual, se tem um lugar privilegiado para se averiguar como funciona a falomaquia no âmbito das representações sociais. O conceito de falomaquia dá-se pelo embate entre masculinidades hegemônicas e subalternizadas, no caso, entre homens negros e brancos, pela disputa de recursos, prestígio, mulheres e poder. Para o antropólogo Rolf de Souza "as representações de homens negros e brancos fazem com que estes dois grupos se coloquem em posição antagônica pela disputa pelo prestígio da masculinidade" (SOUZA, 2013, p.40). Para o autor essa ininterrupta rivalidade é inerente aos processos de construção das masculinidades e que, portanto, produz desdobramentos concretos nas relações sociais entre esses grupos. Uma dessas repercussões são justamente as representações sociais produzidas pelos homens brancos visando a manutenção de sua hegemonia, uma vez que "os homens negros se tornaram um obstáculo ao projeto de embranquecimento da nação sonhado pela elite nacional" (SOUZA, 2013, p.40).

Tal embate gerou dois grandes projetos de linguagem intervenção da masculinidade negra, se posso fazer uma apropriação do título do texto de Rocha (2006) e entendendo a linguagem enquanto criadora de realidades: uma fortemente influenciada pelo cinema norte americano, que dita em grande parte o comportamento cultural do ocidente e outra, oriunda da pobreza, cooptação pelo tráfico e drogas e marginalização de uma população esquecida pelo Estado, que é maioria em termos numéricos no Brasil, pois que, segundo dados do IBGE, 54 % da população do Brasil é negra[63]. Em cidades como e Salvador e Rio de Janeiro, ex-capitais da colônia, do império e da república, que receberam um grande contingente de população escravizada, 82% da população se considera negra, morena ou parda em Salvador, enquanto no Rio de Janeiro este número está pouco acima de 50%[64].

Vejamos, portanto, um pouco mais dos movimentos de linguagem intervenção sobre corpos negros:

[63] https://jornal.usp.br/radio-usp/, acesso junho de 2022.
[64] https://www.acordacidade.com.br/noticias/ . Acesso em: jun. 2022..

Figura 52 - Cartaz “Destroy this mad brute”.



Fonte: https://br.pinterest.com/pin/435723332672960518. Acesso em: jun. 2022.

Na primeira imagem deste bloco, segundo a análise de Souza (2017) temos um cartaz de recrutamento da Primeira Guerra Mundial de 1917, onde um gorila com uma clava em uma das mãos, com a mensagem *kultur*, cultura em alemão. Na outra mão segura uma mulher indefesa, a pobre América. Com a mensagem *Destroy this mad brute* (Destrua esse bruto mau, em tradução livre), temos uma convocação contra a barbárie e a violência dos alemães e, no imaginário estadunidense um convite à população, em especial a masculina branca, para lutar por todos os valores que representam a América (nesse caso os Estados Unidos). Em relação aos valores que representam esta nação, não de forma arbitrária, temos a imagem do gorila – o animal imenso, com força avassaladora e irracional, que causa destruição por onde passa e coloca em perigo a indefesa mulher branca.

> Ao manusear o imaginário social estadunidense evocando essa figura segurando uma mulher branca, o que se pretende é estimular o recrutamento militar para o confronto, alimentando um medo já presente na população masculina branca da América: o roubo, estupro e domínio das mulheres brancas pelos homens negros. Medo de seu hipotético instinto animalesco, de sua suposta potência sexual e superioridade em força bruta, enfim, um medo biológico, um real perigo para a masculinidade hegemônica (SOUZA, 2017, p.8-9).

Desta forma, o inimigo não está só fora, mas também dentro do país. Não são só os alemães, mas também os homens negros, a não ser que permaneçam nos lugares a eles

destinados – submissos à hegemonia masculina branca – já que seriam uma ameaça em potencial. Seriam como bestas. Animais. Como afirma Fanon:

> O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste "diferente", isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será suporte de suas preocupações e de seus desejos" (FANON, 2008, p.147).

Em capa da revista Vogue, de 2008, temos mais uma vez a representação de corpos negros como animalescos. O jogador de basquete LeBron James aparece uniformizado, com os dentes à mostra, em uma posição agressiva, segurando a cintura da modelo Gisele Bündchen. Ambos são celebridades internacionais e é impossível não retornamos às imagens de King Kong do cinema que ameaçam a mocinha – A América. A liberdade. A masculinidade branca.

Figura 53 - Capa da Vogue com Lebron James e Gisele Bündchen

Fonte: http://g1.globo.com/Noticias/. Acesso em: jun. 2022.

Para além do imaginário do corpo negro de forma animalesca, temos também a representação de corpos negros como produtores da violência, como na Capa da Revista Newsweek abaixo:

Figura 54 – Capa da revista Newsweek

Fonte: https://periodicos.uff.br/antropolitica/. Acesso em: jun. 2022.

Os noticiários e os programas policiais são pródigos em apontar os jovens menores de 18 anos como o principal motivo para os altos índices de criminalidade nas grandes cidades do país. A capa da prestigiosa revista norte-americana Newsweek traz na sua capa da edição de abril de 2006 o seguinte título em letras garrafais: *Rio's ruin: Chaos and violence are destroying Brazil's Marvelous City* (A ruína do Rio: Caos e violência estão destruindo a Cidade Maravilhosa do Brasil). Para que não haja dúvida de quem é o agente deste caos e destruição, há uma foto onde vemos um rapaz negro sem camisa correndo descalço com uma pistola na mão. Para a revista, o motivo do "caos" e "ruína" da cidade não é a corrupção, a violência policial, muito menos a impunidade, mas os meninos e rapazes negros que vivem em bairros periféricos ou em favelas.

Em países que tiveram a experiência colonial, os africanos e seus descentes são os contrapontos dos padrões de masculinidade ideal que se criou no Ocidente. Eles são os principais adversários na disputa pela manutenção do prestígio conferido pela masculinidade. Eles são vistos como reais ameaças ao lugar de poder branco. Os vários mitos criados pelo Ocidente em relação aos homens africanos e sua sexualidade, em especial sobre o seu pênis, fez destes homens o pesadelo para o ideal hegemônico: "Eles são genitais. (...) Vamos ficar atentos. Tomar cuidado senão eles nos inundarão com pequenos mestiços" (FANON, 2008, p. 138). Para se prevenir desta ameaça, cada sociedade criou seus próprios mecanismos que, embora tivesse suas variações, tinham e mantinham a violência física e simbólica como mecanismo para manter os homens negros em posição subordinada. Se antes havia os

linchamentos, enforcamentos e castrações para tentar manter os homens negros afastados tanto das mulheres quanto da disputa pelo poder, hoje temos mecanismos legais, formais que fazem este papel, embora – nunca é demais lembrar – as outras formas ainda estão vigentes. Besta que vejamos quais são as vítimas das inúmeras situações de violência para nos lembrarmos de que estas práticas estão aí. Além dos aparatos repressivos para a manutenção do poder, há outros meios mais sutis, pois seria impossível a manutenção da hegemonia somente com a violência direta. Como afirma Souza:

> Há que se criar outros meios e compensações para que os grupos oprimidos não só tenham a sensação de que suas escolhas são livres e que o dominador seja o seu referencial, seu ideal, isto possibilita a pax romana; entretanto, se estes mecanismos falharem, o porrete sempre estará ao alcance das mãos para que as coisas voltem para o seu lugar.
> Assim, foram criadas as várias representações sobre a masculinidade negra para que estas coisas fiquem no lugar, que a ordem não seja ameaçada. Para que os homens negros sejam o bicho-papão que assuste, não só assuste as crianças, mas que mantenham as mulheres afastadas deles, assim como eles também se mantenham afastados da disputa pelo poder, entretanto, assim como as mulheres e os gays, os descendentes de africanos têm oferecido resistência, denunciando a ilegitimidade deste poder que se quer hegemônico e sem contestação (SOUZA, 2013, p.50)

Não pensava, de início, que o debate sobre masculinidades negras tomasse uma dimensão maior do que outros setores desse capítulo – ao que me parece - mas o texto vem evoluindo por si mesmo. Para finalizar esse tópico, volto a questão dos gays negros, e de como, por exemplo, para o imaginário homossexual, eles são, ou objeto de fetiche, com corpos super viris e pênis enormes ou são representados de forma embranquecida, sendo escolhidos como modelos os de pele mais clara. Passando rapidamente por capas de revistas voltados para esse público, lembrando também que elas não são o foco desta pesquisa, estando disponibilizadas apenas para acrescentar ao debate sobre as masculinidades negras, poucas são as que mostram homens negros. Reitero que não é esse objeto dessa pesquisa, portanto fiz um levantamento rápido pelo site de buscas Google. Em termos de Brasil, só encontrei homens negros como capas de duas publicações, ambas já fora de circulação. Pode ser que outros pesquisadores, com um olhar mais atento que o meu, possam achar mais exemplos. As revistas são a H Magazine, com 2 capas, ligada ao portal LGBTQIA+ Mix Brasil e a G Magazine, com 4 capas, que durante o fim da década de 90 e início dos anos 2000 foi a maior publicação gay do país.

Figura 55 – Capa da Revista H Magazine

Fonte: https://www.famousfix.com/topic/. Acesso em: jun. 2022.

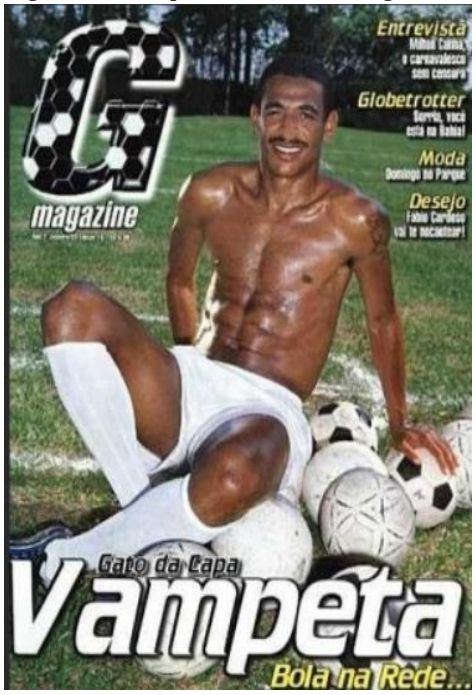
Figura 56 – Capa da Revista H Magazine

Fonte: https://www.famousfix.com/topic/. Scesso em: jun. 2022.

Na primeira capa não há nenhuma referência à raça, apenas um modelo com a pele levemente morena. Na segunda capa, temos a chamada *Cor do Brasil: Guilherme Rufino - A mistura que dá certo*, onde o modelo é moreno com a tez clara e traços brancos, inclusive a cor dos olhos é esverdeada. Ao que me parece, a cor do Brasil e a mistura que dá certo é a da pele levemente morena, afinal , precisamos manter o ideário dos corpos bronzeados ao sol, mas com a predominância de traços brancos – nariz afinado e olhos claros.

No caso da G Magazine, temos 4 capas, com maior diversidade de tons de negritude, mas ainda com a animalização do corpo negro em determinados enunciados.

Figura 57 – Capa da Revista G Magazine - Vampeta

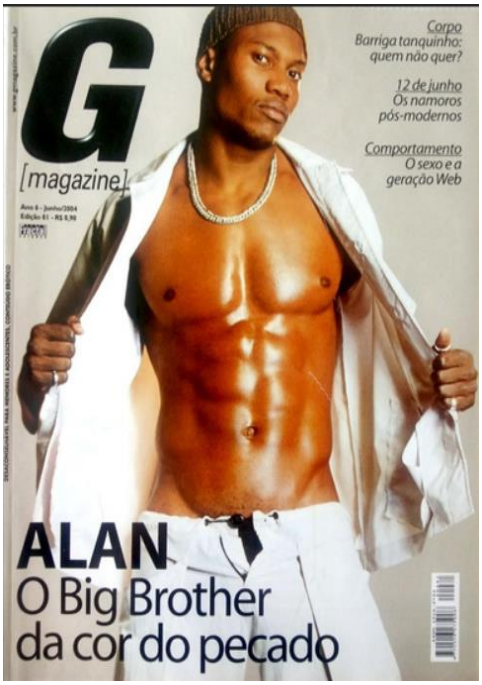


Fonte: https://www.bing.com/images/search, edição de 1999. Acesso em: jun. 2022..

Figura 58 – Capa da Revista G Magazine - Dinei

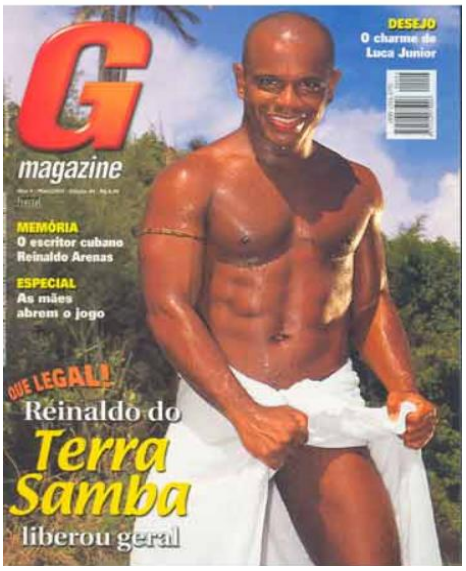
Fonte: https://www.bing.com/images/search, edição de 1999. Acesso em: jun. 2022..

Figura 59 – Capa da Revista G Magazine - Alan



Fonte: https://www.bing.com/images/search, edição junho de 2004. Acesso em: jun. 2022.

Figura 60 – Capa da Revista G Magazine – Reinaldo do Terra Samba



Fonte: https://www.bing.com/images/search, edição de 2001. Acesso em: jun. 2022..

Observamos em pelos menos duas dessas chamadas mais um movimento de exaltação do corpo negro enquanto objeto de fetiche para um público consumidor, provavelmente gay, já que é a este público que se destina a revista, além de pertencer a classe média ou alta, já que seria a parcela de pessoas com poder aquisitivo para comprar a revista.

Na capa relacionada ao ex-participante do Reality Show Big Brother, temos a chamada *Alan - O big brother da cor do pecado*, ideia que remete a enunciados religiosos e, de certa forma a um aviso: relacionar-se com um homem negro, em especial para uma mulher branca, seria um pecado, um tabu, seria transgredir os valores e normas da sociedade vigente. Seria entregar-se ao aspecto animalesco do sexo. Não ingenuamente, temos um anúncio como o abaixo, de um cigarro eletrônico no Reino Unido e que logo foi retirado de circulação devido às inúmeras críticas que recebeu**.**

Figura 61 – Anúncio cigarro eletrônico

Fonte: https://www.bluebus.com.br. Acesso em: jun. 2022.

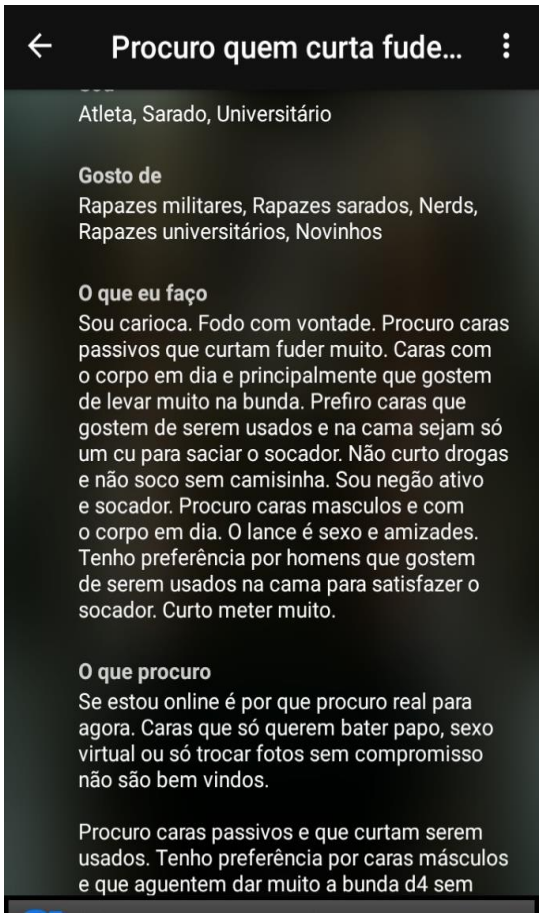
Vários grupos no Reino Unido se mobilizaram contra o anúncio por relacionarem o desejo de uma mulher branca, de mais idade, por um homem negro, mais jovem, como tabu, pecado, ou algo proibido e inaceitável. Mais uma vez, a mídia e o capital, embora busquem vender e atender a todas as parcelas da população – pelo menos as que podem pagar e consumir – demonstra que as pessoas são livres para viver, amar e gastar, desde que não transgridam certas regras pré-estabelecidas. A estranheza não seria a mesma se tivéssemos um homem idoso branco com uma mulher mais jovem, ou talvez um pouco menor (mais aceitável socialmente?!) se fosse um homem mais velho branco e uma mulher negra mais jovem.

Voltando às capas das revistas e finalizando esse tópico, na capa relacionada ao jogador de futebol Dinei, temos a chamada : *Dinei, o rei nu, mostra todo o seu poder – e que poder!* Mais uma vez, temos, portanto, a referência ao órgão sexual do homem negro. O pênis com tamanho acima da média, sempre ereto e pronto para a penetração. Já que tem seu corpo animalizado, o corpo negro é uma máquina de sexo incansável, vide a própria reprodução desses enunciados em perfis como os vistos no início dessa seção.

A título de curiosidade: na época de circulação da G Magazine, nenhum ou pouquíssimos dos convidados para os ensaios se considerava gay.

5.7 **Ainda relacionado ao mapa anterior: Sexualidade masculina e o universo do pornô.**

Faz-se importante uma parada nesse momento para refletirmos sobre como o ato sexual, para muitos homens, independente de orientação sexual, estar atrelado ao universo pornográfico. Para muitos sujeitos, a pornografia foi dos primeiros professores em relação a sexo, sexualidade e o ato sexual. Ao ler uma apresentação em um *app* como o primeiro de seção anterior, não pude deixar de me lembrar da objetificação da mulher/do feminino. Vou recolocá-lo aqui para visualização. A referência da figura está no item 5.6.



A pesquisa da antropóloga colombiana, radicada no Brasil, María Elvira Días-Benítez é esclarecedora em relação a alguns desses aspectos que envolvem as representações do pornô. Na busca por um "cara másculo", é muito latente a ligação a performances de gênero bastante vinculadas na produção da pornografia heterossexual, onde o ativo, aquele que penetra, assumiria o papel correspondente ao homem. O passivo, ao ser penetrado, abriria

mão do poder a ele conferido pelo pênis, conforme retratado por Nunan[65], assumindo todo o capital simbólico atribuído ao feminino no ato sexual.

> No pornô hétero (…) os sujeitos fazem uso repetidamente de signos corporais que colocam em cena marcas e estruturas normativas binárias do gênero e das relações sexuais. Se no sexo executado dentro do esquema pornô existe lugar para algumas transgressões dessa estrutura, o momento fotográfico, ao contrário, reitera as categorias e lembra que, nessa indústria, o gênero também se faz mediante a repetição de atos estilizados (DÍAS-BENÍTEZ, 2010, p.85).

Convém mencionar, evidentemente, que muitas mudanças vêm acontecendo em relação a visão sobre a atividade/passividade sexual, ou penetrar/ser penetrado, haja vista práticas sexuais sem penetração ou o gouine, por exemplo. Para além, ser passivo não significa, necessariamente, ter características femininas. Chama, porém, a atenção a forma como o usuário se apresenta, chegando a aparecer por três vezes o fato de procurar homens que gostem de ser "usados", o que caracteriza um aspecto muito latente do universo pornô.

Reiterando, portanto, categorias de gênero, o pornô é apresentado praticamente como um espetáculo, um show, com valor estético construído a partir do exagero e de uma superexposição de corpos e práticas, onde atores e atrizes performam atos sexuais grandiloquentes, e de espetacularização do ato sexual, tal como proposto pelo sujeito do perfil. A questão não é o ato sexual. É o espetáculo. É a imagem do supermacho.

> Nesses filmes (...) os discursos da masculinidade imbricam-se e constroem-se com a imagem de rudeza física que deve caracterizar um ser masculino (...) reproduz uma definição essencialista dos gêneros que é, ao mesmo tempo, normativa, por reiterar a equação masculinidade = atividade e feminilidade = passividade (...) e por avaliar os papéis sexuais como normas sociais no que se supõe que os homens devem ser. Assim, nessas estéticas, ser macho é ser rude e ser fêmea é ser indefesa, linda e alvo para humilhação. Vale a pena indagar (...) porque o corpo sujeito de violação é sempre feminilizado. Tal corpo pode não ser somente o de uma mulher, mas o de alguém representado simbolicamente pelo feminino (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p.120-121).

Assim, o ator de filmes pornográficos, geralmente de filmes heterossexuais, mas não somente, representa o homem que está no topo da masculinidade hegemônica, caso seja branco. Se for negro, para além do modelo ideal de homem a ser copiado, ainda tem o seu corpo representado como objeto de fetichização, numa prontidão sexual quase que animalesca.

Por outro lado, é crescente, principalmente em movimentos feministas nos EUA, a discussão sobre a representação das mulheres no universo pornográfico, onde afirma-se a ligação entre a representação da mulher neste universo e a grande quantidade de abusos

[65]Escrevo um pouco mais sobre as ideias de Nunan no item 3.5.

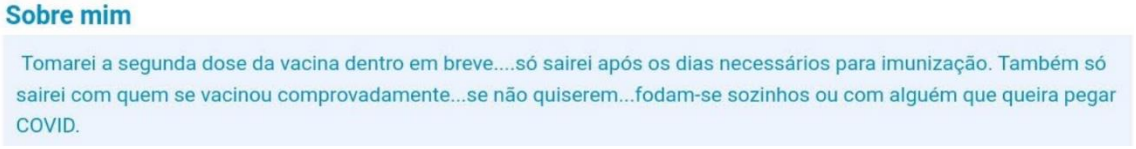
sexuais, estupros e até feminicídios. Dìaz-Benítez traz as reflexões de duas líderes do movimento feminista estadunidense, Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin. As autoras afirmam que pornografia é:

> A subordinação das mulheres apresentadas graficamente de forma sexualmente explícita, seja em retratos ou em palavras, e inclui um ou mais dos seguintes elementos: 1) as mulheres apresentam-se desumanizadas como objetos sexuais, coisas ou bens; 2) como objetos sexuais que desfrutam a dor e a humilhação; 3) como objetos sexuais que experimentam o prazer na violação; 4) como objetos sexuais, amarradas, cortadas, mutiladas, espancadas ou feridas fisicamente; 5)em posturas de submissão sexual, servilismo ou exibição; 6) exibem-se partes do corpo feminino – incluindo, mas sem limitar-se a vaginas, seios e nádegas – de maneira que as mulheres fiquem reduzidas a essas partes; 7)as mulheres ficam representadas como prostitutas por natureza; 8) são penetradas por objetos ou animais; 9) e situações de degradação, dano, tortura, sujas ou inferiores (...) em um contexto que converte estas condições em sexuais (MACKINNON e DWORKIN *apud* DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p.118).

Desta forma, faz parte de um certo fetiche, tanto do corpo negro como em muitas relações homossexuais a reprodução deste modelo de objetificação do corpo do outro, como se corpos que são penetrados ou feminilizados tivessem uma única função – serem usados e dar prazer a quem penetra.

5.8 **Leitura de Mapa 4: Os vacinados e higienizados - Sou viado, mas sou limpinho.**

Figura 62 – Perfil selecionado do site Bea.rs

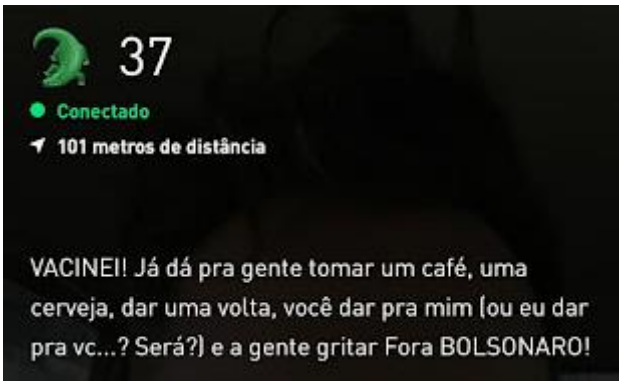


Fonte: http://www.bea.rs.com. Acesso em: jun. 2019.

Figura 63 - Perfil selecionado do app Scruff

Fonte: www.scruff.com. Acesso em: jun. 2019.

Figura 64 - Perfil selecionado do app Grindr



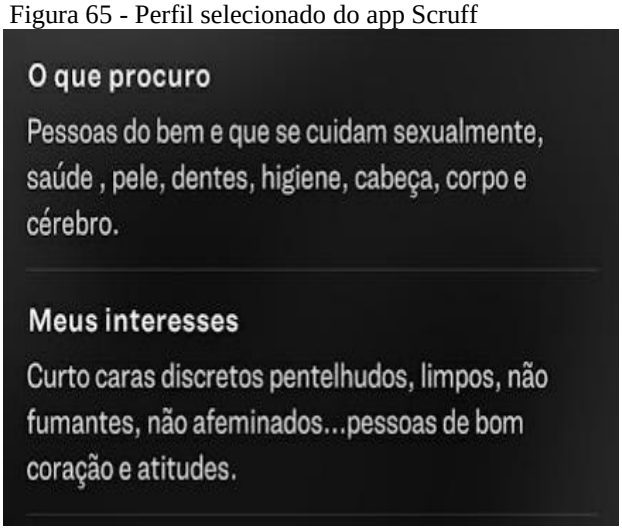
Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jun. 2019.

A Rosas de Ouro, tradicional escola de samba da capital paulista, fez um desfile na madrugada do domingo, 24 de abril de 2022, no Carnaval do Sambódromo do Anhembi marcado pela exaltação à ciência, às culturas tradicionais e todas as formas de cura. O protesto político também deu o tom da apresentação, com uma referência irônica ao presidente Jair Bolsonaro.

O último carro alegórico a passar pela avenida trazia um homem que representa o presidente, sendo vacinado pela *drag queen* Salete Campari, que estava caracterizada com uma enfermeira**.** Após receber a dose, o Bolsonaro da Rosas de Ouro **se** transformou em um jacaré, em referência à fala negacionista feita pelo presidente, em 2020, de que a dose da vacina contra a Covid-19 da Pfizer poderia transformar a pessoa no réptil– além dessa, outras pérolas presidenciais seria que a vacina faria nascer barba em mulher ou um homem falar fino. O chefe do executivo realmente tem algo muito mal resolvido com as questões de gênero.

A aparição, portanto, de emojis de jacarés nos perfis dos usuários, bem como o enunciado já na frase de chamada *vacinado*, ou no corpo do texto, *vacinado com 3 doses*, demonstra, em primeiro, uma posição política: o fato de que na atual conjuntura política o presidente e muitos seguidores declararem que não iriam se vacinar, não tomar a vacina torna-se uma forma de corroborar com a fala do chefe do executivo. Vacinar-se, portanto, seria símbolo de assumir uma postura pró-ciência e pró-saúde. Em segundo, declarar-se vacinado repercute enunciados de higienização, tão caro à comunidade LGBTQIA+, em especial aos gays, desde o advento da AIDS. Seria como dizer: Estou limpo. Sem doenças. Posso sair e me encontrar com quem quiser.

Figura 65 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: www.scruff.com. Acesso em: jun. 2019.

Como já apresentado por outros perfis desse texto, há uma reiteração em determinados perfis enunciados como *venha limpo*, *escove os dentes*, *tome banho*. Essa fixação pela higiene talvez esteja arraigada a um processo de homofobia interna, onde os sujeitos, bem lá em seu íntimo e de forma inconsciente, vejam seu ato sexual e seu desejo como sujos. Levando-se em conta que no ato sexual são liberados fluidos corporais e odores próprios do ser humano, além do fato de que a penetração homossexual se dá via anal – algo propagado pelos guardiões da moral alheia como sujo e pecaminoso.

Como somos em todos os momentos atravessados pelos enunciados e constituídos por e através deles, estar vacinado – o que é uma obrigação social – e, em especial "limpo" seriam formas de mitigar uma prática afetivo e sexual "condenável". Uma espécie de passaporte, de aceitação para a vida em sociedade.

5.9 **Leitura de Mapa 5: Os posturados**

Figura 66 - Perfil selecionado do app Scruff

Fonte: www.scruff.com. Acesso em: jun. 2019.

Um termo vem surgindo nos últimos anos nos perfis de usuários neste espaços on-line: Posturado. Confesso uma certa dificuldade em entender o sentido desse termo inicialmente, mas algumas pistas são possíveis.

Em uma conversa informal com minha sobrinha, Carmen Vitória, minha referência para a pesquisa de gírias de jovens, ela, do alto de seus 16 anos, me trouxe a ideia de que posturado estaria relacionado a postura ou alguém que tem determinado tipo de postura perante a sociedade. Fazendo uma busca em dicionários de gírias on-line, encontrei realmente o significado de posturado como aquele que tem postura, embora em Moçambique o termo signifique censurar de forma áspera, insultar.

Continuando em minhas buscas, cheguei a uma entrevista do jornal Extra, com o cantor de funk Lukinhas, publicada em fevereiro de 22, onde o jovem descreve o que é uma mulher posturada:

> No caso da música, a mulher posturada é uma menina que em quatro paredes fazemos todas as loucuras, e na rua gente finge que não tem nada. Ela simplesmente passa e nem olha na minha cara. A gente finge que não tem nada na rua e a gente prefere manter uma relação em segredo. Essa é a menina posturada da música, mas, no geral, a mulher posturada é a que não depende de ninguém e que tem coragem de ser o que ela quiser independentemente do que qualquer um vai achar (EXTRA, edição de 13/02/22, versão on-line).

Em um vídeo do tiktok, plataforma de vídeos curtos com pequenas cenas ou estórias, temos também a representação de dois jovens, com a sentença *posturado na frente dos amigos*, onde os dois estão bebendo com postura próxima ao ideário do masculino. Em um segundo momento, com o enunciado *em casa*, os dois aparecem abraçados a um cachorro, fazendo voz de bebê, como quem conversa com o animal. Infelizmente não consegui recuperar o *link* para colocá-lo nesse texto.

Se voltarmos às plataformas de buscas, em especial aquelas relacionadas a vídeos, vamos encontrar mais referências ao termo posturado, geralmente voltado ao universo dos

jovens e do funk. Predominantemente cantado por meninos da periferia, com ostentação e luxo, carros, cordões grossos e joias, além de referência a muito dinheiro no bolso.

Podemos chegar, assim, a duas conclusões: 1) O gay posturado é alguém independente, com boa situação financeira, pelo menos assim aparentemente, e que dá valor a objetos de luxo: correntes, jóias, carros, além de baladas. Apresenta performances próximas, ou pelo menos busca performances próximas da masculinidade hegemônica. 2) O gay posturado busca encontros furtivos e em segredo, como a mulher da letra da música de Lukinha. Ainda que seja independente, libere suas fantasias no sexo e não se importe com o que vão achar, esta independência deve ser mantida em segredo, no armário. Daí voltamos a importância dessas duas palavras para os usuários dos sites e apps e para muitos gays em geral. Discutirei o armário e o segredo um pouco mais adiante.

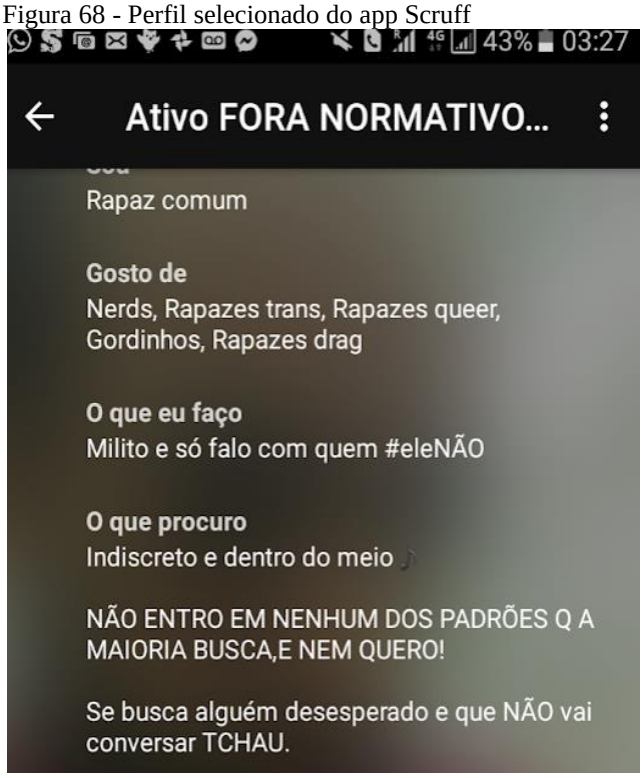
Resumindo e fazendo uso de uma expressão popular: Sou posturado! Sou independente! Faço o que quero! Até a página 2. O que nos mostra que não somos tão livres e tão libertários assim. Ainda estamos atrelados a instituições, regras e enunciados que ditam o que vivemos e como vivemos, e uma parcela muito pequena da população está disposta a viver à margem. E mesmo os que assim vivem, ainda estão sujeitos e fortes regras institucionais, sociais e enunciativas.

5.10 **Leitura de Mapa 6 : As afeminadas - Movimentos de resistência**

Figura 67 - Perfil selecionado do app Grindr

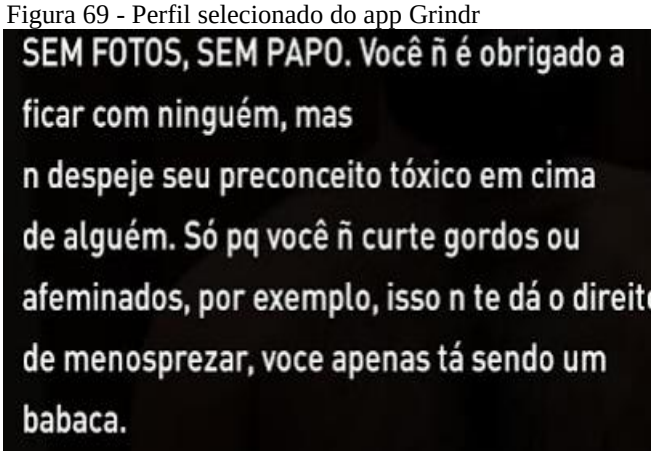
Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jun. 2019.

Figura 68 - Perfil selecionado do app Scruff



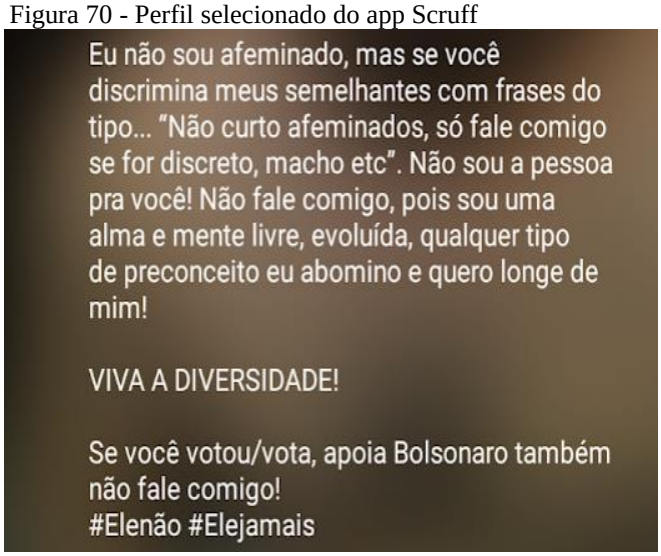
Fonte: www.scruff.com. Acesso em: jun. 2019.

Figura 69 - Perfil selecionado do app Grindr



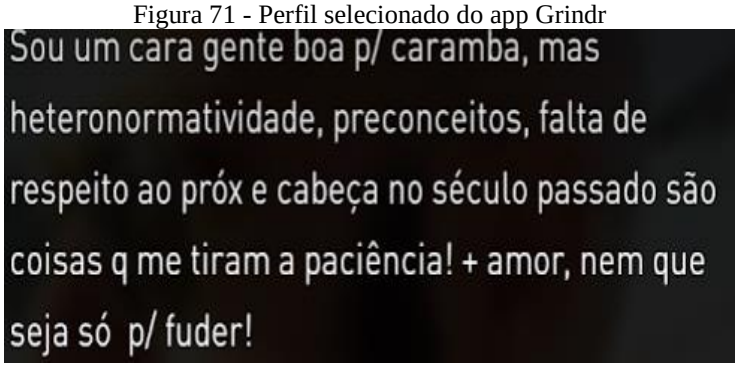
Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jun. 2019.

Figura 70 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: www.scruff.com. Acesso em: jun. 2019.

Figura 71 - Perfil selecionado do app Grindr



Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jun. 2019.

Não curto afeminados! Esta é, provavelmente, uma das frases mais comuns em aplicativos, como visto em alguns perfis aqui apresentados. Tal ideia provoca sensações diferentes em quem as lê, do incômodo ao consentimento. Enfim, nada contra, é só uma questão de gosto é gosto. E não gostar não é ser ofensivo ou desrespeitar. Não verdade, deixar só por conta da questão de gosto pessoal seria uma forma confortável de deixar tudo como está e não problematizar. Não enfrentar mais estes enunciados que intervém e constitui forma de sujeitos que não seguem as performances da masculinidade hegemônica serem e estarem no mundo.

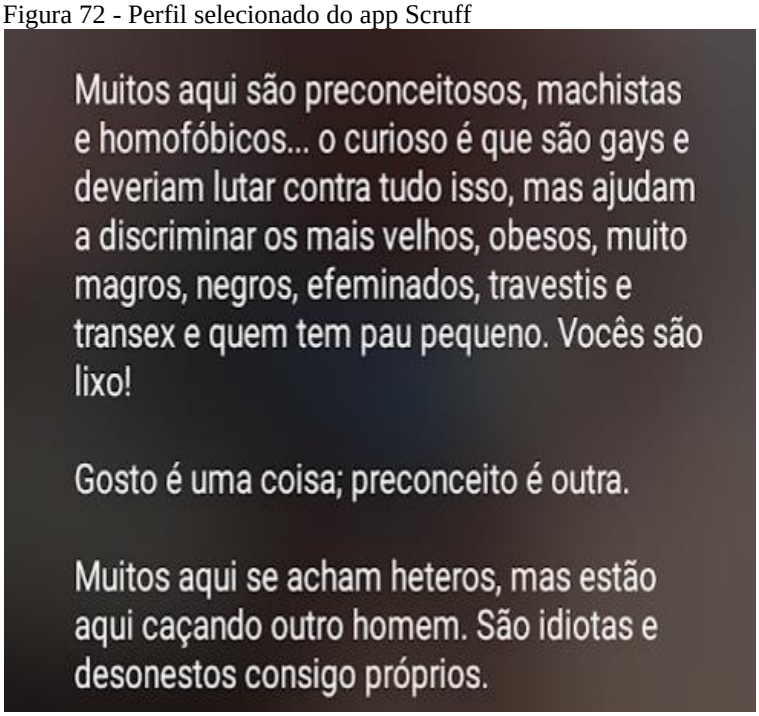
Em artigo publicado na internet, em 2016, Coletto propõe que os que empregam tal afirmação estão se submetendo e reproduzindo a homofobia, homofobia internalizada e misoginia, tão presentes em nossas sociedades. Para além, o autor afirma que o esconder-se atrás do enunciado questão de gosto é uma forma clean, se podemos dizer assim, de esconder

a repulsa que temos por corpos afeminados. A questão é muito mais complexa, e, como se diz popularmente, está alguns níveis abaixo.

> Vivemos numa dada cultura, que não é abstrata ou ideal. E ela pode ser diferenciada, ainda que hoje bem menos em função da globalização e do multiculturalismo, de outras culturas em muitos aspectos. Assim que, por exemplo, o antropólogo Peter Fry fez a primeira teorização sobre a homossexualidade brasileira nos anos 1970, identificando certa estrutura hierárquica de homens/bofes e bichas, que, para ele, não era a mesma do mundo anglo-saxão de onde vinha (Fry é britânico). Os primeiros, ativos, não perdiam necessariamente seus status de homens e o acesso a uma masculinidade heteronormativa; os segundos, passivos, não eram mais homens, tampouco mulheres; eram bichas, e o acesso à masculinidade "ISO 9001" não era mais possível. Eram bichas (COLETTO, 2016, versão on-line).

A citação acima serve para reiterar a discussão feita alguns parágrafos atrás. Estamos inseridos em uma dada cultura, que não é abstrata ou ideal e é nesta cultura que enunciados e imagens funcionam, se consolidam e reverberam. O que é importante é considerar como esses enunciados operam, que ideologias refletem e que relações de poder ajudam a construir e a manter. Essa cultura, portanto, tem atributos muito fortes e é bem-marcadas: ela é machista, ela é heteronormativa e ela é racista. Ela é formada por um sistema de "anti": antimulheres, antifeminilidade, antifeminização (COLETTO, 2016). Esse sistema "anti" opera na construção de estruturas hierárquicas que colocam certas vivências, afetos e sexualidades como superiores aos outros.

Figura 72 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: www.scruff.com. Acesso em: jun. 2019.

Tais hierarquias são bem visíveis: tudo que for entendido como feminino ou que lembre o feminino é inferior ao que é entendido como masculino ou que lembre o masculino. Assim teríamos uma síntese dessa hierarquia, como visto abaixo:

hétero viril → gay viril → gay afeminado

De fato, em vários momentos as questões de gosto aparecem nos perfis dos usuários. É comum observarmos e enunciados como "adoro ruivos", "parrudos me deixam louco" ou "negros tem preferência". Mas não temos, ou pelo menos não é comum enunciados como "não curto homens machos" ou "não curto homens viris". Qual é, portanto, a diferença de pesos entre esses e enunciados? Para além do debate sobre corpos negros e gordos, o primeiro feito no item 5.6 e o segundo será feito em 5.11, enunciar de sobre homens afeminados está, para além da questão de gosto pessoal, a serviço de estruturas de poder que oprimem e rechaçam o feminino, em especial se observado no corpo de homem. Tais enunciados reiteram também estruturas que "autorizam" que corpos femininos ou feminilizados sejam explorados, usados, maltratados e mortos – basta observarmos a quantidade de mulheres travestis e trans mulheres mortas por companheiros/homens. Neste mercado hierárquico, corpos feminilizados teriam menos valor do que corpos masculinos. Coletto afirma que:

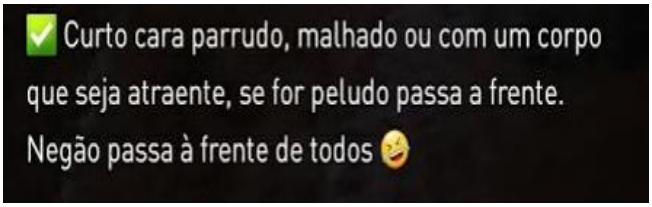
> Dito tudo isso, uma expressão como "*não curto afeminados*" não reflete apenas mera questão de gosto. Antes de discuti-la em si, deve estar claro que ela traz consigo toda esta cultura, estes discursos, estas imagens e hierarquias que comentei acima. Já deveria ter sido digno de "pulga na orelha", enquanto algo socialmente relevante, o fato de muitos discursos como estes existirem, e não seus opostos. Ou seja, deve ser digno de observação o fato de a afeminação ser tão repulsiva entre homens gays; a estratégia fácil de atribuir a isso "questões de gosto" (que não sabemos bem como esmiuçar, e por isso é confortável) é apenas uma máscara para o tema, e para o quanto formas de expressão de gênero são tão centrais para a sexualidade em nossa cultura (COLETTO, 2016, versão on-line).

Trago o debate sobre masculinidade hegemônica no capítulo 3, bem como o debate proposto por Nunan (2003) no item 3.5. Afirmo que a gay afeminada incomoda tanto, em primeiro, por desestabilizar as noções de gênero, conforme já debatido nos estudos de gênero e queer. Em segundo, em consonância com Nunan, o gay afeminado também afeta a ordem social das masculinidades pois o homem afeminado estaria "abdicando" do poder "naturalmente" conferido a ele, somente por nascer com um órgão sexual masculino. Apresentar performances de gêneros des-viadas é uma das grandes assombrações e medos daqueles que buscam o topo da hierarquia em termos de masculinidades. Por outro lado, alguns perfis vêm questionando os modelos de masculinidade hegemônica, questionando a

própria homofobia, o racismo e a gordofobia destes espaços. São enunciados de resistência que propõem possibilidades outras para as relações e os afetos.

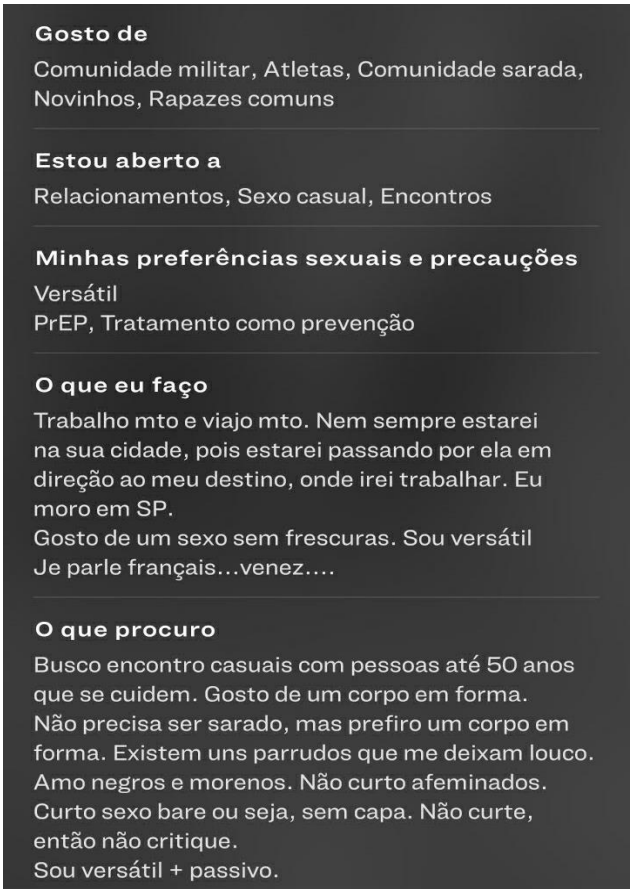
5.11 **Leitura de Mapa 7 : Sobre os corpos gordos ou precisamos falar do universo *bear*.**

Figura 73 - Perfil selecionado do app Grindr



Fonte: www.grindr.com. Acesso em: jun. 2019.

Em inúmeros perfis analisados no decorrer deste trabalho, podemos observar a relação enunciados produzidos por usuários desses espaços x corpos gordos. Como visto no perfil acima onde se busca um parceiro parrudo ou com corpo atraente e, de preferência peludo, há um embate no universo dos homens acima do peso. Eles são "aceitos", mas só dentro de um padrão. Apenas uma nota: o "negão", no aumentativo, "passa à frente de todos" – mas sobre o negão já discuti no item 5.6.



Como também neste perfil, apresentado na seção anterior, há uma certa associação semântica em relação a estes homens parrudos, já que estão associados a corpo em forma, que se cuidam ou a corpo atraente, no perfil anterior. A obsessão pela imagem corporal tem sua origem na necessidade de validação e de se sentir desejado. Em pessoas com mais peso, a tensão de não ser aceito por ser gay soma-se ainda ao medo de não ser aceito por ser gordo. Essa ameaça constante aumenta sobremaneira as taxas de baixa autoestima, depressão e transtornos alimentares. De forma geral, os homens gays temem mais o ganho de peso que homens héteros.

Mais recentemente, a cultura gay transformou as redes sociais num instrumento para medir o grau de validação dos sujeitos. Seja no Grindr ou Instagram, homens gays mostram seus corpos para conseguir atenção e desejo. É difícil não se comparar, não só com corpos que bombardeiam as telas dos celulares, mas também com números de curtidas e seguidores. E para quem já internalizou a gordofobia – sentindo-se valer menos por seu peso - essa comparação é quase uma confirmação de seus medos.

Não bastassem todas essas tensões internas, a pressão que vem dos outros e a estigmatização sobre a gordura são ainda uma dura realidade no meio gay. Nossa sociedade valoriza a tríade “beleza, juventude e saúde”, em que os indivíduos são considerados

responsáveis pelo desenvolvimento desses "valores" em seus corpos, e responsabilizados caso não consigam atingi-los. Obesidade passa a ser então sinônimo de falta de controle, preguiça e feiura.

Dentro ainda da cruel lógica do oprimido que quer ser opressor, homens gays que atingiram os sonhados corpos "padrão", passam ainda a desprezar pessoas gordas e fora do "ideal" de beleza.

Questionar a fantasiosa ideia de que o meio gay é unido, politizado e sem preconceitos é atiçar num vespeiro. Q*uestão de gosto* é a resposta mais comum que se recebe quando se questiona o porquê de pessoas gordas serem tão preteridas, especialmente para relacionamentos afetivos. Há muitos que realmente acham que a formação de gostos e preferências se dá sob um ambiente de neutralidade. Mas não é bem assim! Há uma trama social complexa que age sobre nossas subjetividades desde muito cedo e que ajuda a moldar nossos gostos e preferências. Para além, o mercado das academias, suplementos nutricionais e dietas movimenta bilhões de dólares ao ano.

Em relação a homens gordos e gays, a primeira vez que o conceito de Bear (urso) apareceu publicamente, foi no artigo de George Mazzei**,** Who's who at the Zoo? (Quem é quem no zoológico), para a revista The Advocate em 26 de julho de 1979. Trazia ilustrações do cartunista Gerard Donelan e categorizava tipos de gays e lésbicas relacionando-os com animais comumente vistos em zoológicos, segundo informações do site chilliwiki.com.br, em publicação de janeiro de 2015.

O termo começa a ser associado a gay acima do peso e, em 1987, Richard Bulger e seu parceiro Chris Nelson criaram a revista Bear Magazine. A publicação acabou por dar ainda mais força para a tipificação proposta por Mazzei em seu artigo.

Desse modo, a cultura ursina abriu para muitos homens gays a possibilidade de vivenciar sua sexualidade sem ter que mudar radicalmente sua aparência, gostos ou atitudes. Na época de sua ascensão, por exemplo, o mundo ursino democratizou e abriu novas opções para homens americanos ruralistas, que não se achavam dentro do mundo gay urbanizado.

Contudo, a questão principal do da comunidade ursina ainda está na aceitação do seu corpo em oposição aqueles ideais de estética que vemos diariamente, ou seja, homens magros, musculosos e sem pelos.

O conceito chegou ao Brasil no final da década de 1990, formando seus primeiros clubes e eventos em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Recife. Hoje a cultura dos ursos é bem difundida e cresce ainda mais neste momento em que há uma busca na moda por homens com barba, item fundamental na cultura ursina.

Aliás, o recente movimento estético do lumberssexual, inspirado no lenhador americano, já está presente na cultura ursina desde seu início, sendo que muitos ursos se inspiraram na estética do lenhador para compor seu visual e comportamento.

De modo geral, podemos entender o homem urso como o indivíduo que mantém seus pelos corporais e a barba. Alguns podem ser bem gordos e pesados, porém dentro da cultura ursina também existem os mais magros.Com o crescimento deste movimento, seus adeptos foram ganhando alguns códigos para defini-los melhor dentro da cultura.

O movimento ursino no Brasil hoje tem o seu próprio site, a famosa festa Ursound, em São Paulo e teve sua revista eletrônica - a Ambear. Em seu site, o bea.rs.com há uma maior circulação de perfis de homens gordos e de mais idade, e daqueles que buscam encontros ou relacionamentos com homens mais velhos. Porém, um tanto quanto velada (ou não) nos enunciados dos usuários daquele site, e explícita nos outros sites e *apps*, de busca por um tipo específico de gordo. Ou seja, gordos são aceitos, mas não todos os gordos. Não é incomum lermos, nos enunciados em um site criado e voltado para atender a homens gordos, perfis que não querem relações com gordos. Em outros apps, em geral, são comuns as expressões "não curto gordo", "não curto acima do peso", ou "não curto corpos acima do IMC", ao passo que são desejáveis os parrudos. Tais enunciados fazem parte de uma construção presente no meio gay de que o urso admirado pode ser acima do peso, mas não muito, com performance de gênero bem próxima da masculinidade hegemônica, alimentando a fantasia do homem do campo ou lenhador norte-americano, ou, segundo a frase de chamada de uma das capas exibidas abaixo, *masculino e natural*, já que esse é o homem *muito macho.*

Mais uma vez busco apoio nas capas de revistas para homens gays – embora não seja o meu foco o trabalho com imagens – a título de mostrar que homens gordos ou bears são aceitos, mas não todos.

Figura 74 - Capa da revista H Magazine

Fonte: https://br.pinterest.com.br. Acesso em: jun. 2022

Figura 75 - Capa da revista H Magazine

Fonte: https://www.famousfix.com/tag/h-magazine. Acesso em: jun. 2022

As representações de outros modelos de corpos gordos e gays, apresentados de forma atraente ou desejável, são quase inexistentes no Brasil. Não encontrei, para essa pesquisa, por exemplo muitas capas de publicações gays com corpos gordos, ou, para além, corpos gordos e negros. Na verdade, encontrei duas capas da extinta revista AmBear, uma delas só com a foto do rosto do modelo. Outra com uma imagem do modelo sentado, onde aparece o peito e a barriga pela camisa entreaberta. Para além, apresentei acima duas capas de homens que poderiam ser considerados ursos, mas que poderiam ser chamados de musclebear (urso musculoso).

Em relação a representações sobre corpos gordos LGBTQIA+ na imprensa e mídia no exterior, com grata surpresa localizei uma capa de The Advocate, de julho de 2011, revista norte-americana destinada a esse público trazendo Chaz Bono na capa.

Chaz Bono é ativista, escritor e ator norte-americano, Nasceu Chastity, de sexo biológico feminino, em março de 1969. É o único filho do famoso casal Cher e Sonny Bono, astros da TV e da música nos EUA nos anos 60 e 70. Tem outros meios irmãos e irmãs. Após assumir-se lésbica em 1990 e em 2006, reconheceu-se como homem trans. Em 2010 realizou a cirurgia de redesignação sexual e retificação de seus documentos pessoais. Em 2013 voltou à mídia por perder mais de 50 kg e passar por cirurgias de remoção de pele. Independentemente de ser alguém da mídia ou filho de famosos – Sonny se afastou da mídia, ingressou na política e faleceu em 1998. Cher está ativa na carreira até os dias de hoje – é bastante representativo o fato de uma reconhecida revista destinada ao público LGBTQIA+ norte-americana trazer um homem trans em sua capa.

Figura 76 - Capa da revista The Advocate – Chaz Bono

Fonte: https://www.bing.com/images/search. Acesso em: jun. 2022.

Em outras mídias, a presença de um gay gordo na série *Modern Family*, um sitcom[66] de humor que traz famílias que fogem ao modelo tradicional, mostra um casal homoafetivo, sendo um deles o personagem Cameron Tucker, interpretado pelo ator Eric Stonestreet. No Brasil, creio que nos próximos anos ou décadas as coisas mudem com a safra de artistas assumidamente gays e gordos que declararam sua homossexualidade e seus afetos nos últimos anos, como Tiago Abravanel e Luís Lobianco.

Encerro a discussão sobre corpos gordos com a imagem da página de uma reportagem publicada na extinta H Magazine. Trata-se do depoimento de um homem que narrou a suposição de que, emagrecendo, seria mais aceito na comunidade LGBTQIA+. Desapontado, descobriu que não bastava emagrecer, mas ter um corpo dentro de determinados padrões, como já explanado no capítulo 3. Interessante é o fato de a reportagem já estar na chamada de capa da revista (a H Magazine #1, cuja imagem está na seção 5.6). Para além, o fato de que o autor precisava "construir um corpo para ser feliz", ou seja, sua felicidade estava em ter um corpo aceito, ideal dentro dos padrões masculinos.

[66]Séries que retratam situações de humor do dia a dia. Geralmente tem uma ou mais famílias como fundo. Abreviatura de *situation comedy*.

Figura 77 - Para ser invisível – Revista H Magazine

Fonte: http⁄⁄engrenagemeditorial.com.br. Acesso em: jun. 2022.

Como visto, as representações e intervenções– na linguagem e nas imagens – sobre homens gordos ainda está longe da dissociação de corpos gordos enquanto sinônimo de falta de cuidado e doença. E os enunciados dos usuários de sites e *apps*, em sua maioria, ainda corroboram fortemente para essa manutenção.

Concluo essa seção com mais um perfil, onde percebe-se a reiteração do que apresentei até aqui. Interessante notar que o sujeito destaca o tamanho do órgão sexual, mas logo em seguida afirma que é o que "menos importa", onde me parece mais uma vez que o que se nega é o que se quer destacar.

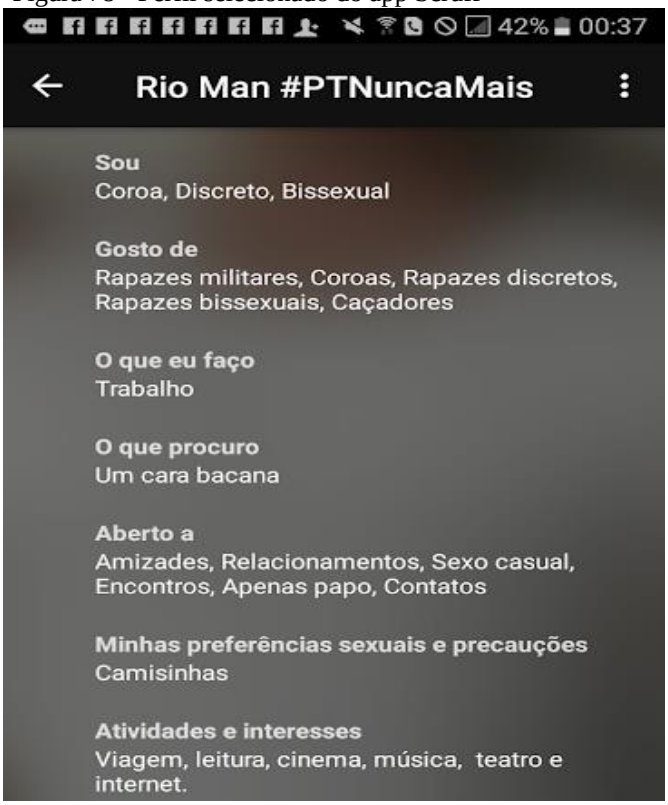
> Tenho 35 anos, 1:80, 110kg, bem dotado (isso é que menos importa), curto ser ATIVO mas se houver tesão, posso ser FLEX. Sou Leal e sincero e gosto de RESTAURANTES uma boa comida, carne gorda, um bom chope e um vinho em todas as ocasiões. NÂO SOU E NÂO CURTO AFEMINADOS com voz de veludo, curto pessoas inteligentes, sem neuras e o sexo na sua plenitude. Sempre com respeito, higiene e segurança. MINHA TARA é fazer amor com um casal de URSOS. Whatts, Skype Só se houver afinidade.
>
> (http⁄⁄www.bea.rs.com, acesso em nov. de 20)

Corpos gays e gordos são aceitos caso apresentem características atreladas à masculinidade hegemônica e que estejam dentro de determinado padrão corporal – parrudos

ou *muscle bears*. Corpos outros acabam por ser condenados, em sua maioria, ao ostracismo, relegados ao esquecimento como corpos não desejáveis ou apenas como objeto de fetiche.

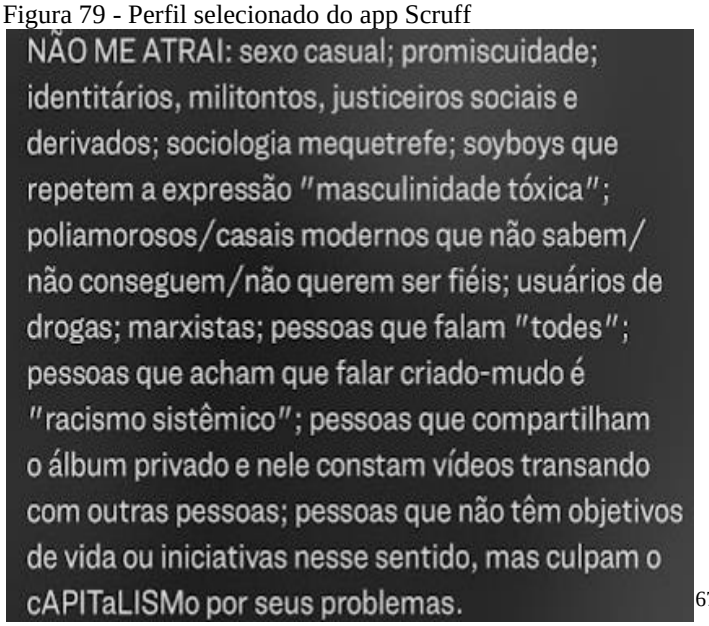
5.12 **Leitura de Mapa 8 : A questão política**

Figura 78 - Perfil selecionado do app Scruff



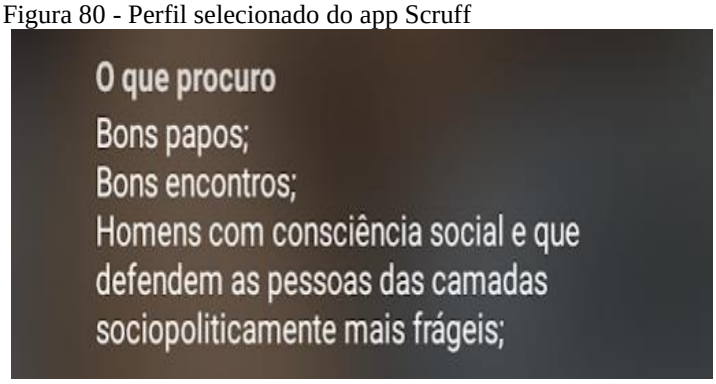
Fonte: www.scruff.com. Acesso em: jun. 2018.

Figura 79 - Perfil selecionado do app Scruff


[67]

Fonte: http⁄www.scruff.com. Acesso em: jun. 2018.

Figura 80 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http⁄www.scruff.com. Acesso em: jun. 2018.

Já na frase de chamada do primeiro perfil dessa seção, por exemplo, temos, antes de tudo um posicionamento político: É um homem do Rio de Janeiro, que não deseja a volta do PT (Partido dos Trabalhadores) e que esteve na presidência da República por 13 anos. Considerando-se um coroa, discreto e bissexual, ao nos depararmos com a frase de chamada de seu perfil, podemos imaginar que ele não queira vinculação a imagem que ser simpático ao governo do PT, ou a um governo de esquerda, possa representar. Associa-se, portanto, a outros modos de governar. De fato, com a divisão binária presente no Brasil também na política, em 2019 escrever frases de ordem como "PT nunca mais" criam no imaginário coletivo a associação ao presidente eleito em 2018, o que pode causar proximidade por parte

[67] *soy boy* é um termo pejorativo. Homem sem características masculinas. Expressão usada on-line.

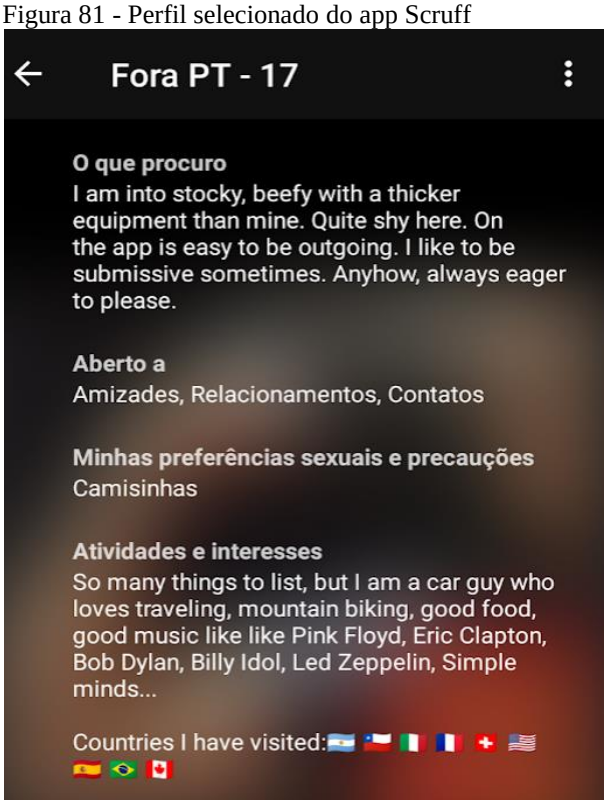
de alguns e afastamento por parte de outros. No decorrer do mandato do atual presidente, é comum que surjam mais perfis com referência a política e com frases de efeito como "Ele não", "Não me relaciono com esquerdistas", "Fora Bolsonaro genocida" dentre outras. Com o surgimento da pandemia de Corona Vírus em 2019-2020, passou a ser comum nos perfis a indicação de vacinado ou do número de doses tomadas, conforme o avanço da vacinação, como que um atestado de saúde. Explanei um pouco mais sobre a questão da vacina, saúde e higiene nos enunciados no item 5.8.

O segundo e o terceiro perfis dialogam com formações discursivas distintas. Enquanto o segundo relaciona o questionamento dos modelos da masculinidade hegemônica à esquerda, considerando que tais sujeitos são promíscuos, sociólogos mequetrefes, usuários de drogas ou marxistas, pessoas sem iniciativa e objetivos. É a reprodução de enunciados da extrema direita que está no poder atualmente na presidência e em diversas câmaras estaduais e municipais que alega que todo e qualquer questionamento do *status quo* vigente não passa de mi-mi-mi. O terceiro perfil, por outro lado, retoma as questões de preocupação social e defesa dos grupos menos favorecidos.

Abaixo retomo outro perfil que está relacionado ao Fora PT, escrito em língua estrangeira, mencionando os países que visitou, mostrando ser um sujeito que construiu um etos do gay atento às coisas boas da vida – isto é, que o capital pode comprar – como viagens e boa comida (Leitura de mapa 5.5). Para além, há o reforço da busca por parceiros parrudos, voltando a questão da aceitação de gordos, mas não todo o tipo de gordo, já que *stocky* ou *beefy* relaciona-se ao gordo musculoso ou parrudo[68].

[68]Seria injusto não mencionar que há perfis que buscam homens gordos ou bem gordos, especialmente no site www.bea.rs.com . Tal fato me faz questionar até que ponto querer se relacionar somente com homens acima dos 100, 120 ou 150 kg não seria uma questão de objetificação e fetiche dos corpos gordos como se dá muitas vezes em relação aos corpos negros.

Figura 81 - Perfil selecionado do app Scruff

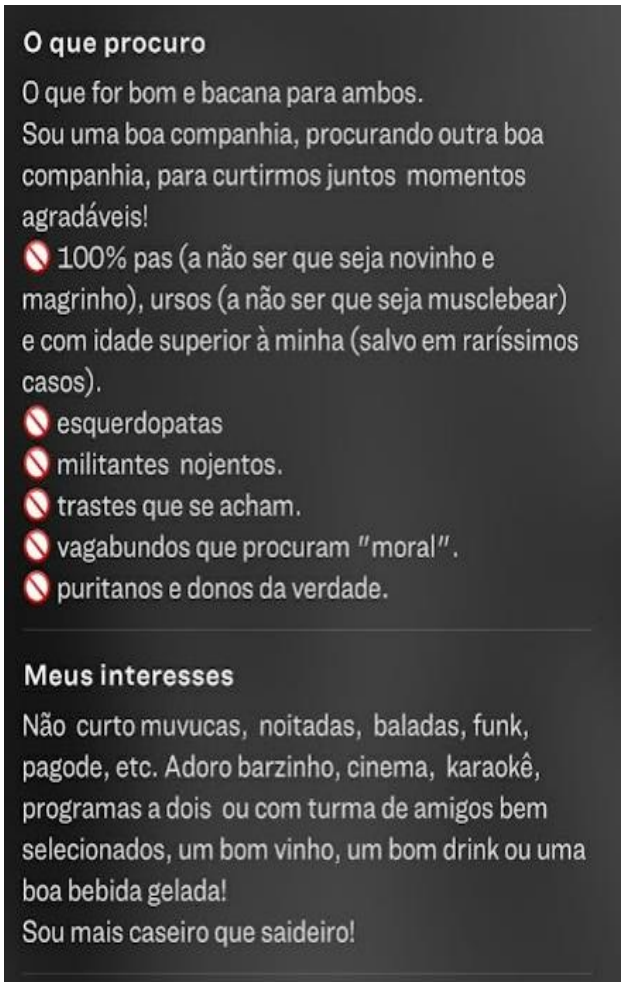


Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jun. 2019.

Retomo mais uma vez um perfil apresentado em 5.5 - 0 6º deles, reapresentado abaixo - onde a política é retomada nos enunciados. O sujeito, no perfil não procura contato com esquerdopatas ou militantes nojentos. O primeiro termo é bastante usado pelo movimento de direita ligado ao atual presidente, dando um sentido de doente para aqueles ligados à esquerda – esquerdopata viria de sociopata, incapaz de viver em sociedade. Militantes poderia ter dois sentidos: militantes de esquerda ou militantes do movimento LGBTQIA+. Pelo etos criado, dificilmente o criador do perfil estaria se referindo a militantes da direita, já que parece haver simpatia por essa corrente política. Chama a atenção também o fato da associação de militantes a nojentos, bem como de simpáticos à esquerda com doentes.

Nesse perfil também observo um movimento de subjetivação do outro através de seus próprios termos, ou de olhar o outro através de seus próprios olhos – o simulacro. Para quem enuncia nesse texto, toda pessoa com preferência pelo movimento de esquerda seria sociopata e todo militante - político ou de movimento de minorias - seria nojento. Ou ainda todo aquele que procura "moral" – ajuda financeira - seria vagabundo. É como se o enunciador apresentasse dois mundos possíveis: o daqueles que frequentam as muvucas, noitadas, baile funk e pagode e, de outro lado, os que frequentam karaokês, barzinhos,

cinemas, programas a dois, um bom vinho. Os gays bonzinhos e os malvados. As boas companhias e os vagabundos.



O que procuro

O que for bom e bacana para ambos.
Sou uma boa companhia, procurando outra boa companhia, para curtirmos juntos momentos agradáveis!
100% pas (a não ser que seja novinho e magrinho), ursos (a não ser que seja musclebear) e com idade superior à minha (salvo em raríssimos casos).
esquerdopatas
militantes nojentos.
trastes que se acham.
vagabundos que procuram "moral".
puritanos e donos da verdade.

Meus interesses

Não curto muvucas, noitadas, baladas, funk, pagode, etc. Adoro barzinho, cinema, karaokê, programas a dois ou com turma de amigos bem selecionados, um bom vinho, um bom drink ou uma boa bebida gelada!
Sou mais caseiro que saideiro!

Em meio a uma atmosfera de desconfiança por parte da população brasileira, as campanhas eleitorais presidenciais de 2018, tanto do primeiro turno, quanto a do segundo, foram alimentadas por vários temas, como a corrupção, as generalizações, as *fakenews*, e, por fim, o ataque físico e a facadas ao então candidato a época, Jair Messias Bolsonaro, em Juiz de Fora/MG. Este evento o retirou dos debates e levou seus defensores ardorosos a um movimento de idolatria. Chegando ao 2º turno, disputou com com Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores – PT.

Em um cenário de descrença, com a esquerda fragmentada e a direita unificada em torno de um conservadorismo exacerbado e identificado na pessoa do candidato Jair Messias Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL), considerado um político antissistema, nacionalista, populista e conservador. Mesmo tendo feito parte dos quadros da Câmara dos Deputados por sete mandatos e jamais ter apresentado um Projeto de Lei eficaz que pudesse ter sido aprovado em benefício da população, o ex-deputado torna-se vencedor do pleito

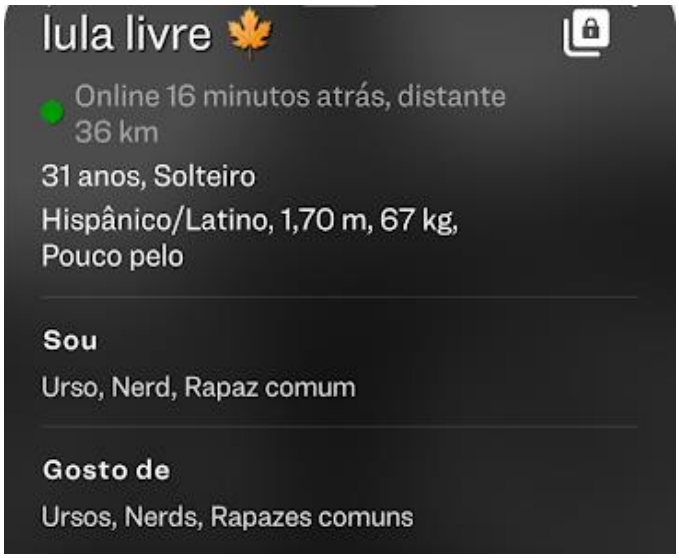
presidencial. Nesse contexto, as propagandas políticas de Jair Messias Bolsonaro, nas duas fases de campanha eleitoral presidencial, foram bastante agressivas, pautando assuntos como o Foro de São Paulo, a pretensa ligação dos governos de Cuba e Venezuela com o PT, a realização de discursos que tentavam atribuir a ideologia comunista ao espectro de esquerda, e a uma suposta doutrinação política nos espaços sociais, nas escolas e universidades públicas, no período de mandato dos governos Lula e Dilma.

Com a condenação e prisão do ex-presidente Lula, principal nome para um possível mandato em 2018, e o enfraquecimento da imagem do Partido dos Trabalhadores, o caminho se tornou praticamente aberto para a ascensão da extrema direita no país – ou, como comumente se diz, abriu as portas para o que uma parcela da população sempre acreditou, mas nunca teve coragem de dizer. A presença de enunciados machistas, misóginos, homofóbicos, racistas, contra a ciência tem como principal referente o atual presidente.

Seguimos, quando escrevo esse texto, em junho de 2022 para novas eleições presidenciais, o que promete uma disputa mais polarizada entre a direita e a esquerda, com *fake news*, grande apelo midiático, forte ataque às instituições e narrativas demolidoras de imagens. O embate agora tem como cenário as mídias sociais, grupos de whatsapp também os perfis dos usuários em site e *apps* de HEH.

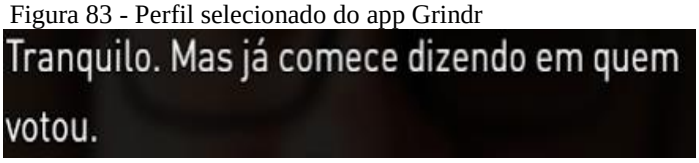
Encerro com dois perfis, mostrando que o encontro com possíveis parceiros também passa pela indicação de em quem se votou para presidente nas eleições de 2018, afinal, a construção do etos passa pela política, e passou pela convicção de que o ex-presidente Lula foi retirado injustamente da corrida presidencial em 2018.

Figura 82 - Perfil selecionado do app Grindr



Fonte: http⁄⁄ www.grindr.com. Acesso em: jun. 2018.

Figura 83 - Perfil selecionado do app Grindr



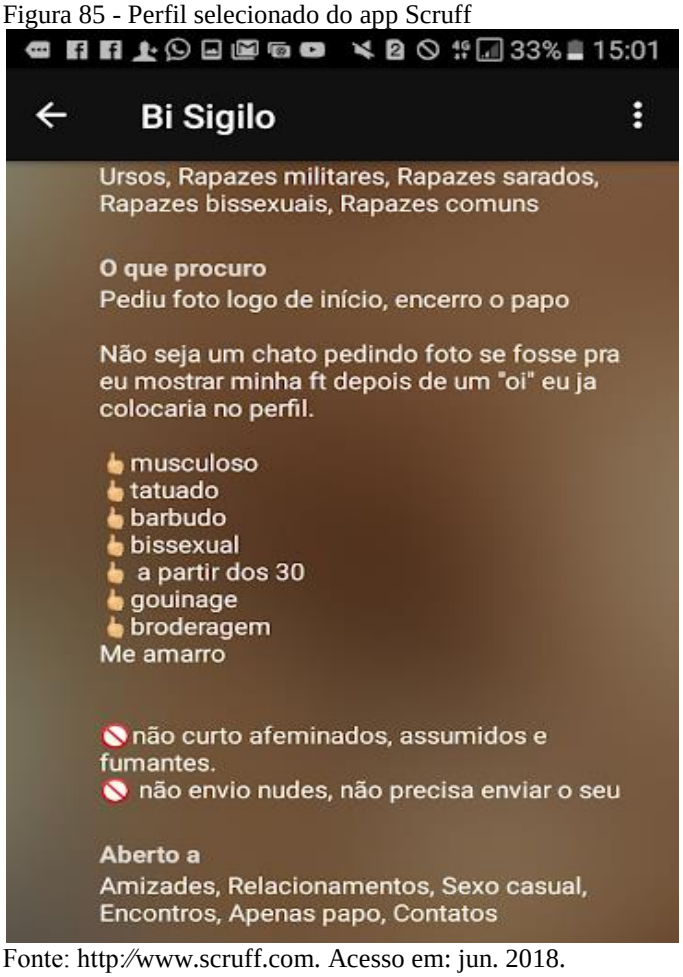
Fonte: http⁄ www.grindr.com.acesso em 2019.2

5.13 **Leitura de Mapa 9 : O armário digital - Sou discreto e procuro o mesmo...**

Figura 84 - Perfil selecionado do app Scruff

Fonte: http⁄www.scruff.com. Acesso em: jun. 2018.

Figura 85 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http⁄www.scruff.com. Acesso em: jun. 2018.

Eve Kosofsky Sedwick, teórica estadunidense nos campos de estudos de gêneros, teoria queer e teoria crítica, em sua clássica obra lançada em 1990, A epistemologia do armário (Epistemology of the closet), descreve ser o armário um certo regime de controle da sexualidade, mantendo a divisão binária hetero-homo nas sociedades desde o fim do século XIX. Este processo tem como característica fundamental um conjunto de normas, sendo estas nem sempre instituídas ou explícitas, mas austeramente instituídas, fazendo com que o espaço público se torne o espaço da heterossexualidade, e tornando o privado o espaço para relações entre pessoas do mesmo sexo, fazendo com que o movimento de sair do armário, ou *coming out*, não se dê apenas uma vez, mas constantemente. De acordo com as mais variadas situações, ou no encontro com os mais diversos interlocutores, pessoas gays entram e saem do armário por inúmeras vezes. Segundo a autora:

> Even at an individual level, there are remarkably few of even the most openly gay people who are not deliberately in the closet with someone personally or economically or institucionally importante to them. (...) Every encounter with a new classful os students, to say nothing of a new boss, social worker, loan officer, landlord, doctor erects new closets whose fraught and characteristics laws of optics and physics exact from at least gay people new surveys, new calculations, new draughts and requisitions of secrecy or disclosure [69](SEDWICK, 2008, p.67-68)

Sedwick argumenta que qualquer reflexão sobre a homossexualidade e o desejo entre pessoas do mesmo sexo estará incompleta se não atentarmos para um fato presente e marcante nessas relações: o segredo, argumento corroborado também por Miskolci (2017). Para a autora e o autor, este silêncio sobre o sexo moldou toda a nossa cultura como um todo, ao passo que muitos estudos no decorrer do século XX deslocaram a questão do desejo sexual para fora dos contextos históricos e culturais, enquadrando-os apenas na perspectiva médica, judicial ou psiquiátrica. O processo de refletir sobre a produção de desejo como um processo também oriundo da cultura é bem relativamente recente, algo dos últimos 50 ou 60 anos, e tem, no Brasil, aporte em estudos como os de Foucault e Butler, para citar em um âmbito mais geral.

[69] "Mesmo a nível individual, são notadamente poucos, mesmo os mais abertamente gays, que não se encontram deliberadamente no armário em contato com alguém pessoal ou economicamente ou institucionalmente importante para eles. (...) Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo patrão, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, cria novos armários cujas leis de ótica e física requerem, pelo menos para os gays, novos inquéritos, novos cálculos, novos silêncios e requisições de sigilo ou divulgação." Tradução minha.

Guy Hocquenghem em O desejo homossexual, afirma que, ao invés de problematizar o desejo por pessoas do mesmo sexo, seria mais óbvio explicar o porquê a sociedade ocidental tem tanto pavor e medo da homossexualidade. Para ele não existe desejo homossexual, mas existe desejo. Para o autor:

> Desejo homossexual: esses termos não são evidentes por si mesmos. Não há subdivisão do desejo entre homossexualidade e heterossexualidade. Não há tampouco nem desejo homossexual nem desejo homossexual em sentido próprio. O desejo emerge sob uma forma múltipla, cujos componentes são apenas separáveis a posteriori, em função das manipulações a que o submetemos. O desejo homossexual, assim como o heterossexual, é um recorte arbitrário em um fluxo ininterrupto e polívoco (HOCQUENGHEM, 2020, p.22).

Porém, o próprio surgimento do termo homossexual, na segunda metade do século XIX, acaba por colaborar para a manutenção de um modelo onde as únicas instituições consideradas capazes de enunciar sobre tal desejo seriam a médica e a jurídica. Considerado como uma anomalia relegada a indivíduos excêntricos e anormais, o desejo e as práticas sexuais passaram a ser chamados homossexualismo e criaram uma divisão binária, o que marcou boa parte da produção de enunciados sobre a sexualidade no decorrer do século passado. O modelo binário hetero-homo ditou, durante décadas, muito do que nossa cultura entende como práticas sexuais e desejo, sempre estabelecendo o primeiro como o padrão privilegiado a ser seguido e o seguindo, o desvio, a anormalidade, condenado à chacota e a danação eterna. Não é de se estranhar, portanto, a necessidade gritante que usuários tem de se esconder atrás de seus perfis, buscando apenas por discretos ou iguais. O imprescindível, portanto, é se afastar o máximo possível de uma aparência considerada feminina ou da possibilidade de parecer homossexual, já que dentro da hegemonia política da heterossexualidade, o desejo entre pessoas do mesmo sexo "só pode ser compreendido como uma ameaça à ordem social e simbólica, ao mesmo tempo obsceno e abjeto, portanto uma vergonha e um segredo" (MISKOLCI, 2017, p.65).

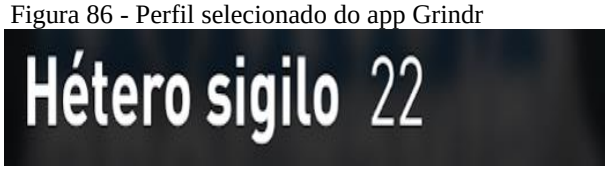
Evidentemente nas últimas décadas ocorreram avanços, e seria equivocado dizer que as relações entre pessoas do mesmo sexo são as mesmas de 40 ou 50 anos atrás. Há uma aparição maior das comunidades nas grandes cidades do mundo, comércios e anúncios voltados para o público LGBTQIA+ (embora atendendo em sua maioria à siglas G e um pouco a L, diga-se se passagem), bem como as grandes paradas em vários países do Ocidente. Entretanto, para Miskolci:

> De qualquer forma a demanda de heterossexualidade permanece na vida cotidiana – mesmo que atenuada – e, nos contextos em que seu caráter

> compulsório arrefeceu, ela se transformou em heteronormatividade, ou seja, a prescrição de que pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo não pareçam homossexuais aderindo aos modelos comportamentais, estéticos e até mesmo político-morais que vigem nas relações heterossexuais.
> Da perseguição aos atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo passamos a uma perseguição cultural a qualquer dissidência de gênero, que com relação à transitividade de gênero entre transexuais ou na demanda de que homens que se relacionam sexualmente com outros homens mantenham-se em acordo com relação à masculinidade como construída e propagada no regime político da heterossexualidade. A aparente incorporação social relativa da homossexualidade se configurou em um processo de cobrança de que o desejo homossexual não se expresse livremente, bem como de que aqueles que o vivenciam comprovem partilhar do padrão estético-político da masculinidade heterossexual. Um padrão até hoje assentado na reiteração da desigualdade entre homens e mulheres e na desqualificação do gênero feminino (MISKOLCI, 2017, p.88-89).

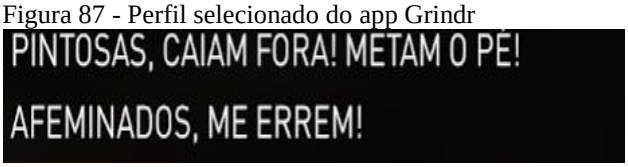
Essa cobrança de que a homossexualidade não se expresse em seus desejos e buscas e de que o padrão valorizado seja o da masculinidade homossexual faz com que boa parte das vivências daqueles que vivem atração por pessoas do mesmo sexo seja pautada por uma palavra : o armário (SEDWICK, 2008), ou o segredo, como afirma Miskolci, e como pode ser observado perfis como os trechos printados abaixo:

Figura 86 - Perfil selecionado do app Grindr



Fonte: http⁄⁄ www.grindr.com. Acesso em: jun. 2018.

Figura 87 - Perfil selecionado do app Grindr



Fonte: http⁄⁄ www.grindr.com.acesso em 2019.2

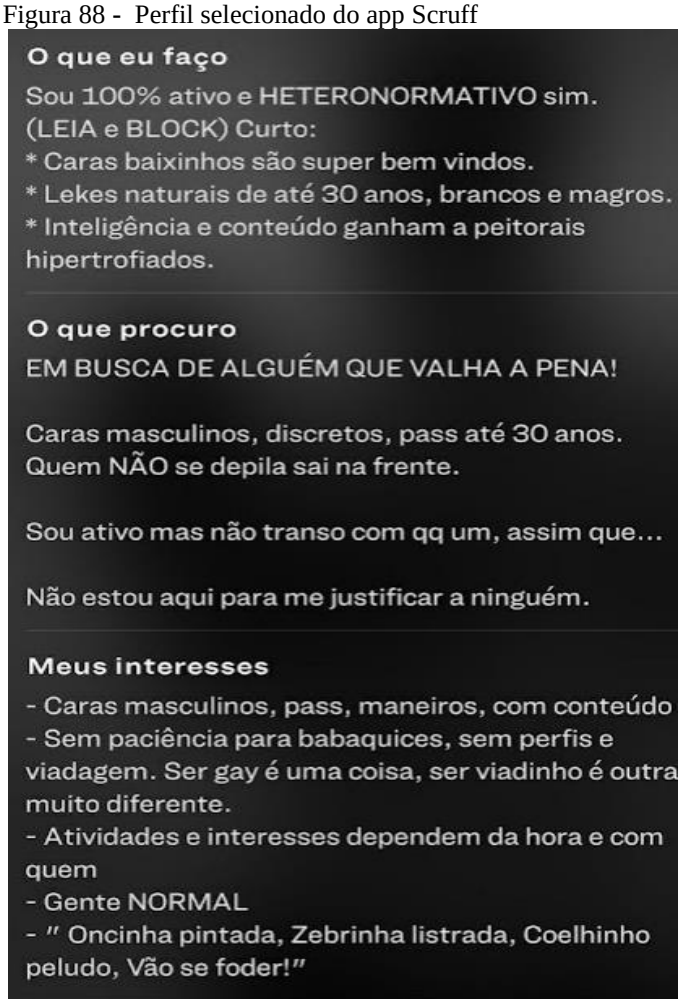
Por apresentar uma experiência sexual e afetiva considerada contrária e ameaçadora ao sistema, o armário acaba por ser tornar um elemento central e foco de negociação, fazendo com que cada sujeito o viva em um determinado grau, com maior ou menor poder de negociação durante vários momentos da vida.

Em boa parte dos contextos sociais, a visibilidade do desejo homoerótico torna o sujeito mais vulnerável sob diversos aspectos, o que nos faz adotar práticas diárias de manutenção do segredo, de mentir ou omitir sobre o desejo por pessoas do mesmo sexo. Independente de mais ou menos assumidos, todos nós vivemos, em algum momento, aspectos

de uma vida dupla, socialmente ou presumidamente heterossexual, com nossa vivência homossexual relegada à vida íntima e ao plano do privado.

> Até na perspectiva politicamente engajada do "sair do armário" ou se é "enrustido" ou "assumido", uma posição simplista que ignora o fato de que mesmo os sujeitos mais abertamente homossexuais são obrigados a reviver a saída do armário em novos encontros cotidianos (MISKOLCI, 2017, p.91).

Figura 88 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http⁄⁄www.scruff.com. Acesso em: jun. 2020.

Assim, o fasto de ser discreto e procurar o mesmo perpassa uma economia do desejo onde a visibilidade faz-se negociável a todo o tempo, em inúmeras situações. Acaba sendo uma tentativa de proteção, pois, como já mencionado nesse texto e como afirma Sedwick, quem nunca precisou negociar sua orientação sexual diante de um novo emprego, novos vizinhos, ou encontros familiares? O medo de ser apontado ou reconhecido com viado, bicha ou boiola, de ser considerado afeminado, de ser apontado no ambiente de trabalho ou acadêmico, faz com que o armário – e no caso dos ambientes on-line, o armário digital – seja

parte integrante da vivência homossexual. Um objeto que se carrega sobre os ombros, uns maiores, outros menores.

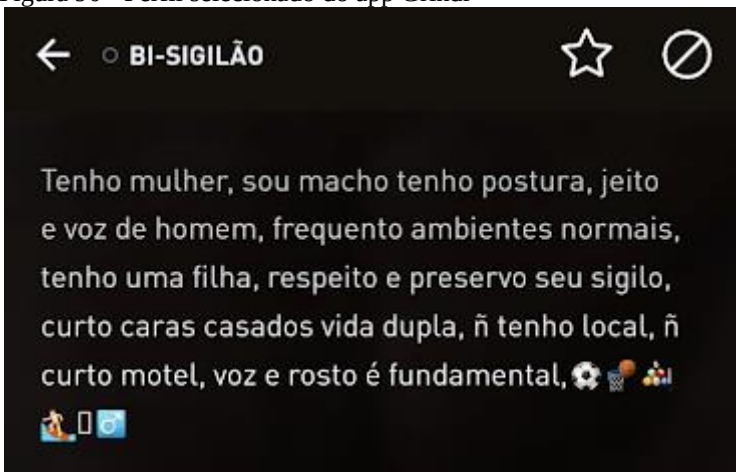
> A recusa social ao desejo homossexual ameaça a todos desde a mais tenra infância com formas as mais variadas de violência: preconceito, discriminação e até expurgo coletivo. A experiência social da injúria – quer seja a de ser xingado de homossexual ou presenciar a desqualificação pública de um conhecido pela suspeita ou constatação de sua homossexualidade – é apontada por diversos pesquisadores como a descoberta do estigma ou, na perspectiva queer, como uma das primeiras formas de violência simbólica (...) que nossa sociedade atribuiu ao desejo por pessoas do mesmo sexo (MISKOLCI, 2017, p.91-92).

O armário é tão importante e seguro que qualifica aquele que está inserido nele e desqualifica quem está fora – o assumido, ou o do meio. Como podemos observar no perfil da imagem #89, o sujeito também elabora, através de sua própria ótica, a imagem daqueles distantes da masculinidade hegemônica. Seriam os anormais, os viadinhos, ou seriam comparados a animais de forma jocosa ou pejorativa.

Figura 89 - Perfil selecionado do app Scruff

Fonte: http://www.scruff.com. Acesso em: jun. 2018.

Figura 90 - Perfil selecionado do app Grindr



Fonte: http⁄⁄ www.grindr.com. Acesso em: jun. 2018.

No universo dos discretos, aqueles que são casados ou tem relações com mulheres estão alguns pontos acima na hierarquia das masculinidades. No perfil de *Bi – Sigilão*, por exemplo, além de apresentar todas as posturas almejadas pela masculinidade hegemônica – macho, postura, jeito e voz de homem – ele tem mulher e filha, ou seja, está inserido no modelo performático do homem heterossexual pai de família. Chama também a atenção o fato de frequentar ambientes normais, o que me faz refletir sobre quais ambientes seriam não normais ou anormais. Além de curtir homens de vida dupla, ou seja, casados com mulheres e o mais dentro do armário possível, este sujeito não curte motel, já que seria impensável para um homem bi casado o fato de adentrar um motel com outro homem. No perfil logo acima, *Só para muito discretos*, o sujeito não identifica sua orientação sexual, mas assume que busca encontros com homens bissexuais, ao passo que no primeiro perfil dessa seção o usuário busca e assume ser bissexual. Há no imaginário de muitos HEH que homens bissexuais, em especial se foram casados, estariam acima de qualquer suspeita. Por manter uma família, geralmente com mulher e filhos, não "dariam pinta" ou levantariam suspeitas sobre sua sexualidade. Seriam mais homens que homens gays.

Miskolci alerta para os "riscos" de ter sua orientação exposta:

> A homossexualidade foi "inventada" como segredo e – em contextos culturais e históricos que a perseguem – tende a existir inserindo no armário aqueles que nutrem interesses por pessoas do mesmo sexo. Portanto, o closet não é uma escolha individual, e a decisão de sair dele tampouco depende da "coragem" ou "capacidade" individual. Em contextos heterossexistas, "assumir-se" pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte. Por isso, historicamente, a maioria de homens e mulheres que se interessavam por pessoas do mesmo sexo viveu em segredo, o que lhes legava uma sensação de serem

> únicos e viver o fardo de um desejo secreto sem ter com quem compartilhar temores e sofrimentos (2009, p.172)

A internet oferece então a possibilidade de um cenário distinto, no sentido de que, oferece, atrás de uma tela de um computador ou celular a possibilidade de certo anonimato. Mesmo que se postem fotos, por exemplo, há o recurso de que os álbuns sejam privados – só compartilhados após um tempo de conversa – bem como o fato de alguns *apps* oferecem a capacidade de se buscar apenas parceiros que estejam em outras regiões, cidades, Estados ou países, em especial se o usuário for assinante. Ainda em relação a identificação, há sempre a possibilidade de omissão ou mentir em relação a certos dados, a fim de se preservar o anonimato.

Desta forma, a web além de possibilitar o contato de pessoas que talvez nunca se encontrariam pessoalmente, permitiu também a inclusão de sujeitos que estão em cidades ou regiões mais distantes do país, e que dificilmente poderiam se expor ou frequentar um lugar gay. Por outro lado, muito que tem desejos homoeróticos também viram na web a possibilidade de encontros e/ou amizade com sujeitos "fora do meio", sem a preocupação de que seriam expostos em espaço público, conforme nos relata Miskolci.

> Vista dessa forma, a internet revela sua dupla face: facilitadora de contatos e constituição de redes, mas mantenedora da imagem dominante do espaço público como sinônimo de heterossexualidade. Se ela, de um lado, permitiu o rompimento do isolamento de homens e mulheres que tendiam a imergir em crises existenciais profundas pela falta de alguém para compartilhar temores, dores e sonhos, de outro, auxiliou a manter a visão dominante de que qualquer "meio" compartilhado por homo-orientados seria moralmente duvidoso. Em outras palavras, a internet tomou o lugar dos antigos guetos urbanos ou o "mito" cultural do "meio" e se tornou passagem quase obrigatória para sujeitos que nutrem desejos homoeróticos em sua autodescoberta, contatos sexuais ou amorosos (2009, p.176)

5.14 **Com quais discursos os enunciados dos sites e *apps* dialogam? Patriarcado, machismo e homofobia.**

Em um movimento subversivo, apresentei primeiramente os "mapas" de leitura que fiz, para em seguida apresentar que instituições reverberam nos enunciados produzidos pelos sujeitos em sites e apps de HEH. Como os enunciados são produzidos a partir dos encontros de múltiplas vozes, tem-se como inegável o fato de que as instituições exercem um papel importante nessa produção.

Ao falarmos de sexualidade, não podemos pensar em um corpo, ou uma sexualidade universal, mas em corpos e sexualidades marcados por experiências de classe, raça, gênero, geração, idade, enfim, contextos sociais e históricos. Para Gagnon (2006), a interpretação e significação da atividade sexual não está limitada tão somente ao corpo ou atividade corporal dos indivíduos, mas ao significado que tais atividades adquirem em determinada cultura. O significado não se encontra centrado no ato em si, mas em como se dá a representação e interpretação de tal ato na cultura, que pode variar segundo os atributos sociais dos sujeitos implicados. Gagnon, assim, nos oferece a teoria dos roteiros sexuais, entendendo que nos comportamos, perante a sexualidade, inicialmente como expectadores ou aprendizes, mas, à proporção que somos "convidados" a encená-los, assumimos papéis previamente esperados, ainda que beirando à improvisação, e ao mesmo tempo tangenciados pelo que o que a situação concreta nos demanda e a cultura requer. A teoria de Gagnon encontra respaldo no conceito de performance, proposto por Schechner (2013)[70], já apresentado anteriormente, no capítulo 1. As diversas atividades da vida social, públicas e privadas, visíveis e mascaradas, são performances. Aprendemos, ou nos é ensinado, quais comportamentos, gostos, modos de ser e atitudes são consideradas masculinas e devem ser copiadas por aqueles que pretender atingir o topo da masculinidade na hierarquia do macho.

Alguns podem chamar de regras sociais, outros de tradição. Mas a verdade é que várias instituições – igreja, família, mídia, escolas, medicina, governos, só para citar algumas – são agentes reguladores dos modelos "possíveis de ser", fazendo com que, ao realizarmos nossos atos performáticos cotidianos, reiteremos posturas dentro do "que aprendemos" ou do que "nos é dito para fazer", inclusive dentro daquilo que se espera de seres humanos dotados de órgãos genitais masculinos e de órgãos genitais femininos.

O fato está além do "menino veste azul, menina veste rosa[71]". Há uma perpetuação do *status quo* e das relações de poder que privilegiam o patriarcado e o machismo, difundido, reproduzido e veiculado – inclusive por muitos grupos subalternos, hierarquicamente – fazendo com que esse modelo onde o masculino é valorizado e tudo o que não é masculino (o seu outro) seja inferiorizado se naturalize.

Em relação ao mundo virtual, aos usuários de sites de relacionamento e aplicativos voltados para o público de HEH na internet, poderíamos inicialmente afirmar que, embora

[70]O livro base para os conceitos de performance desenvolvidos pelo autor – *Performance studies: an introduction* – não se encontra traduzido em português. Alguns trechos, porém, foram traduzidos por R. L. Almeida. Desta forma, caso as referências mencionadas já tiverem tradução em português, serão citadas neste idioma.

[71]Fala proferida pela Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, em discurso proferido em 2019, que gerou polêmica e controvérsia nas redes sociais.

muitos sejam homossexuais, apresentam “roteiros” ou “papéis” esperados por homens heterossexuais, que teriam aversão ao feminino em si, e também permeados por forte viés de classe, raça e *status* social. Vejamos o exemplo que segue:

> HOMEM, NO SENTIDO E ACEPÇÃO DA PALAVRA. Se acham que é discriminação o fato de não curtir caras afetados, TENHO ESSE DIREITO, pois não sou obrigado a ficar com quem não me agrada. Se você é do tipo que rebola mais que Júlia Robert no filme "UMA LINDA MULHER", ou que parece ter um GATO NA GARGANTA, QUE VAI PULAR AO CUSPIR, PASSEM DIRETO, POIS SE SENTISSE TESÃO POR MULHER, ESTARIA COM UMA DEVERDADE. AOS QUE SE ACHAM A ÚLTIMA BOLACHA DO PACOTE, NEM ME CONTACTE. COMO DISSE, AO FALAR SOBRE MIM, QUE ADMIRO INTELIGÊNCIA, POIS BELEZA NÃO SIGNIFICA BOA TRANSA, OU FELICIDADE PARA UM RELACIONAMENTO FUTURO. Espero que possamos nos dar bem, caso haja interesse de sua parte. Desde já, grato pelo contato. (https⁄⁄www.disponivel.com, acesso junho 2018)

Assim, ao afirmar inicialmente que as posturas dos usuários de sites de relacionamentos e aplicativos voltados para HEH na internet são discriminatórias, faz-se necessário refletir sobre as formações ideológicas que estão por trás do pensamento ocidental sobre sexo/sexualidade e que marcas “reguladoras” são constantes em seus discursos – talvez algumas pistas já possam ser percebidas no exemplo anterior, do que seria o “HOMEM, NO SENTIDO E ACEPÇÃO DA PALAVRA”. Para além, a relação de masculinidade hegemônica e a aversão aos corpos feminilizados já foram discutidos em outros momentos desse texto.

Rubin (1998) afirma que entre as formações ideológicas está a ideia de que a sexualidade deve conformar-se com um único padrão, que toda variação é negativa e perturbadora da ordem social, sendo o ato sexual detentor de diferentes valores e hierarquizador de sujeitos. A fim de se sujeitar a um roteiro pré-estabelecido e na tentativa de ser aceita, uma hipótese é de que a relação homossexual, para ser vista não mais como uma relação bicha x bofe, mas como uma relação de “iguais”, ou “entendidos”, acaba por reduzir-se à roteiros de masculinidade, virilidade, sociais e de raça pré-estabelecidos, onde todos aqueles que não se enquadram nos roteiros de “igualdade” são excluídos.

Ao refletir sobre o primado do interdiscurso conforme exposto por Maingueneau em várias de suas obras e apresentado no capítulo 2 desse trabalho, uma das perguntas formuladas na introdução dessa pesquisa foi: com quais instituições os enunciados de usuários e *apps* de HEH dialogam? Para responder a essa questão de acordo com a caminho por mim trilhado até aqui, faz-se necessário esclarecer um pouco melhor com que conceito de instituição trabalho, o que já adianto de início, não é um prédio fixo, como nome pomposo, CEO, endereço e CEP.

Deusdará e Rocha (2021) trazem o conceito de instituição mais faz sentido para esse texto. Da obra de Gregório Baremblitt trazem a concepção de que instituições são como árvores de composições lógicas, que dependendo do seu grau de formalização podem ser leis, normas e, ao não serem enunciados de forma manifesta, podem ser hábitos ou regularidades de comportamentos. Desta forma as sociedades são formadas por um tecido de instituições que se interpenetram e se articulam regulando a produção da vida e as relações entre as pessoas. (BAREMBLITT, 2002, *apud* DEUSDARÁ; ROCHA, 2021).

Dessa forma, necessário se faz refletir, já que a linguagem é produtora do real e também de constituição dos sujeitos, sobre a caracterização do funcionamento das instituições. É preciso, portanto, voltar ao percurso que Deusdará e Rocha fazem de outros autores. Os professores retomam uma citação de Cornelius Castoriadis sobre o modo como a instituição determina o que é ou não realidade para determinada sociedade

> A instituição do mundo comum é de cada vez, necessariamente, instituição daquilo que é e não é, vale e não vale, como do que é factível e não factível, tanto do "exterior" da sociedade (relativamente à "natureza") como no interior desta. Como tal ela deve necessariamente ser também "presença", para a sociedade, do não ser, do falso, do fictício, do simplesmente possível mas não efetivo. É mediante a sinergia de todos esses esquemas de significância que se constrói a "realidade" para uma sociedade dada (CASTORIADIS, 1982, p.416 *apud* DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p.177, 178).

Portanto, a abordagem de instituição que dialoga com a perspectiva deste trabalho é a que a concebe enquanto intrinsicamente ligada ao tecido social e produtora de realidades, daquilo que é gerado nas relações.

Com o objetivo de sair da noção de instituição enquanto organização ou mesmo aparelho – conforme empregado por Maingueneau (1997) em alguns momentos como sinônimo de instituição, seguimos até Lourau (2004) que nos apresenta a noção de análise das implicações, que considera mais importantes as relações que os indivíduos desenvolvem com as instituições – bem como sua desnaturalização - do que a instituição *per si*. Segundo Lourau, as implicações diferenciam-se em primárias e secundárias. As implicações primárias estão relacionadas às ligações entre o grupo analista e o grupo analisado. Já as secundárias são aquelas ligadas a todas as instituições que nos atravessam. Dentre essas últimas, podemos destacar suas diferentes naturezas como as implicações de ordem afetiva, existencial e profissional.

Para uma discussão em termos de AD, a análise das implicações torna-se um instrumento valioso pela possibilidade do deslocamento da noção de instituição bem como a

possibilidade de incluir uma observação dos lugares ocupados ou que se busca ocupar. Em relação à minha pesquisa, possibilita a reflexão sobre os lugares que se espera que ocupemos em termos de coletivo, de designação pela sociedade. E de como, ao resistir e não ocupar tais espaços, conscientes ou não, somos movimento de resistência. Acima de tudo, um movimento de recusa da neutralidade de quem pesquisa, assumindo, nesse contexto, a posição de alguém que afeta e é afetado pela sua pesquisa. Observar que redes discursivas são formadas pelos enunciados institucionais, e como sustentam e são sustentados pelos enunciados dos usuários dos sites e *apps*.

Desta forma, com quais instituições os enunciados dos perfis dialogam?

5.14.1 O patriarcado

Falar sobre patriarcado é falar sobre uma concepção de estrutura social que nos regula há vários séculos. As discussões sobre o conceito são complexas, mas o que basicamente define uma sociedade patriarcal são as relações de poder e domínio feita pelos homens sobre as mulheres ou corpos feminilizados. O movimento feminista tem forte presença nessa luta a favor da igualdade entre os gêneros e de um equilíbrio de oportunidades maior a homens e mulheres.

Nos últimos século de nossa história, a sociedade se baseou em um modelo que colocava os homens no papel de provedores do lar, destituindo algumas sociedades matriarcais ou mias igualitárias e deixando boa parte do poder em mãos masculinas. O deslocamento da caça e da coleta para a agricultura pôs fim gradualmente a um sistema de considerável igualdade entre homens e mulheres. As sociedades, então, se tornam patriarcais, baseadas na supremacia do homem nas relações sociais.

Badinter (1986) destaca que o patriarcado não se refere apenas a uma forma de família baseada no parentesco masculino e no poder paterno. O termo designa também toda estrutura social que nasça do poder do pai. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. De acordo com a autora, a supremacia masculina atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas, além de legitimar o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia feminina. A partir

daí, já não são mais os princípios feminino e masculino que governam juntos, mas vigora a lei do mais forte. As mulheres passam a ter sua sexualidade rigidamente controlada pelos homens e o casamento monogâmico traz a obrigação da mulher sair virgem das mãos do pai para o marido.

A população LGBTQIA+ também vive os reflexos do patriarcado e do machismo, sendo o segundo debatido pouco mais adiante. Entre os LGBTQIA+, alguns militantes usam o termo "gaytriarcado" para falar sobre a apropriação da narrativa do patriarcado por parte de homens gays brancos, o que poderia gerar certo espanto para alguém desavisada (o). Explica-se: Até mesmo em um contexto de minoria, como entre os LGBTQIA+, mulheres sentem o peso de terem suas vozes diminuídas ou invisibilizadas. Haja vista a pouca quantidade de publicações e⁄ou espaços destinados a lésbicas, travestis ou trans. Para além, entre casais homoafetivos, não é tão incomum ouvirmos de relatos de relações abusivas, ciúmes desmedidos, agressões verbais e físicas: tudo o que há de pior do patriarcado e do machismo presente em relações entre homens ou entre mulheres.

O debate sobre diversidade sexual acaba focando apenas em homens brancos e gays e ficam perdidas as narrativas de mulheres brancas lésbicas, mulheres negras lésbicas, mulheres trans, mulheres bissexuais e todos os outros recortes, o que demanda um debate urgente, também na academia, sobre outras manifestações afetivo sexuais.

Por trás da sociedade patriarcal se construiu o conceito do sexismo**,** da misoginia **e** do machismo**.** A ideia desse último é a de que, para ser "homem de verdade", é preciso cumprir certas cotas de virilidade e fazer⁄gostar de coisas de homem, como no perfil abaixo. É preciso prover os meios financeiros para a sua família. É preciso ser forte o tempo todo e nunca chorar. É preciso provar superioridade sobre as mulheres e também é preciso que eles sejam respeitados por elas. E se mutila e se mata corpos feminilizados, porque transgridem os roteiros de gênero esperados, afinal, para muitas e muitos, há coisas de homem e coisas de mulher.

> Sou macho, ativo, boa pinta e levo vida de hetero ativamente, mas tenho atração por homens maduros e bem macho. Estou afim de um Homem para chamar de pai. Sou HOMEM, e gosto de coisa de homem: Futebol, Formula1, cerveja e Sexo!
> Vamos que vamos....
>
> (http⁄⁄www.bea.rs.com. Acesso em: jun. 2020.)

Com base no que apresentei até então, é possível entender os absurdos números de violência contra a mulher. Homens que agridem e matam suas companheiras ou amigas por não aceitarem um não às suas investidas. Em países mais conservadores, famílias que matam

as filhas ou outros familiares do sexo feminino para preservar a honra. Nestes países, e em muitos lugares do Brasil, a mulher precisa se comportar de acordo com os interesses do homem e se submeter às suas vontades, mesmo nas menores questões.

A mesma construção é a que atinge homens gays e travestis e resulta em ataques homofóbicos contra a população LGBTQIA+. "Ele não é homem", dizem alguns homens sobre homens gays. Por ter sua sexualidade e afetos direcionados a alguém do mesmo sexo, o gay perde, aos olhos do machismo e da homofobia, seu direito de ser homem – o pior, o direito ao poder. Ele se torna menos, como que um cidadão de segunda classe.

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e do feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Com base no patriarcado, o masculino é visto como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade. Da mesma forma, o masculino é investido na posição social de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas, como relata Stearns:

> A força do patriarcado caiu sobre as mulheres, mas obviamente afetou também as definições de masculinidade. Os homens, independentemente da personalidade de cada um, deveriam assumir seus papéis de dominantes. Deviam evitar mimar as mulheres, especialmente em público. Com frequência, precisavam estar prontos a assumir deveres militares ou outro tipo de liderança e, em princípio, eram evidentemente responsáveis pela sobrevivência da família (2007, p. 34).

Entendemos, portanto, que o homem não é só beneficiário desse sistema, mas sobre os seus ombros também há um fardo pesado – mas não só ele. Outras instituições afetam a sociedade e as masculinidades como um todo. Vejamos em seguida.

5.14.2 O machismo

O machismo é algo complexo para se definir, mas é relativamente fácil de ser reconhecido. Sobretudo as mulheres o experimentam em diversas ocasiões, embora muitas vezes sejam minimizados, encarados como situações tais como briga de casal ou a desculpas como a de que o homem tem o temperamento forte ou de que os homens são naturalmente assim.

Há uma certa naturalização de condutas, comportamentos e performances que causa estranheza quando, de fato, homens e mulheres são confrontados com o fato de serem machistas. Castañeda (2006) nos mostra que o machismo se dá de forma sutil, sendo suas regras invisíveis, quase que tabus.

De início, a autora afirma que ser machista não é necessariamente ser um homem que bate em mulher, ou que a prende em casa, mas que tal se dá mais por atitudes como que automáticas, não apenas dos homens em relação às mulheres, mas de homens com outros homens, com crianças, com subordinados. Mas não apenas homens. Mulheres também exercem o machismo. Pode se manifestar por um olhar, por gestos, pela forma como se conversa, pelo apagamento do outro. Não há violência explícita, agressão física ou discussão, mas estabelece-se uma relação em que alguém fica em uma posição de superioridade e outra na de inferioridade. Assim:

> O machismo pode ser definido como um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas ideias básicas: por um lado, a polarização dos sexos , isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo o qual não são apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como toda uma forma de vida baseada nele (CASTAÑEDA, 2006, p.16).

No senso comum, o machismo estaria ligado apenas às relações homem x mulher, mas está muito além disso. Constitui toda uma constelação de valores, padrões e comportamentos que afetas as relações interpessoais, de trabalho, amorosas, sexuais, políticas. Inclui a pretensão de domínio sobre mulheres, sobre outros homens e a necessidade constante de exibir performances consideradas viris, além de uma certa desvalorização de comportamentos ou características tidas como femininas ou de corpos feminilizados.

Assim como não é necessário ser homem para ser machista, tampouco não é necessário ser heterossexual, ou estar numa relação assim para reproduzir o machismo. Não é incomum termos relatos onde um parceiro minimiza ou desqualifica o outro, onde um dita as regras e o outro obedece. Tal comportamento também passa pelas relações de poder econômico, capital cultural e nível de escolaridade. Dá-se muitas vezes de forma sorrateira, oculta. Mais uma vez, temos a análise da psicóloga:

> Ser do mesmo sexo não basta para assegurar uma relação igualitária. Existem muitas outras variáveis que podem dar suporte a uma relação hierárquica (...). As diferenças de idade, de nível socioeconômico e educacional, certos traços de caráter, a estrutura da família de origem, são apenas alguns dos fatores que podem promover, ou, ao contrário, impedir uma relação igualitária. (...) Quanto aos homossexuais, eles tendem em muitas ocasiões a copiar o modelo do casal heterossexual, simplesmente

> porque não existem modelos alternativos, e porque, afinal, foram educados dentro de um esquema heterossexual. Então, embora sejam do mesmo sexo, adotam (...) a relação hierárquica da sociedade machista (CASTAÑEDA, 2006, p.201,202).

Assim como o feminino, o masculino também é construído. Logo, há formas pelas quais o indivíduo se reconhece e é reconhecido como homem. A ideia de masculinidade é algo que supera o indivíduo homem. No sentido que este indivíduo não é, a priori, detentor dessa masculinidade. Na verdade, ele é, desde sempre, formado para atender aos ditames que essa ideia social estabelece. Não se tem apenas um tipo de homem, e, portanto, seria lógico não se ter apenas um formato de masculinidade. Entretanto, a prática cultural alicerçada em uma série de signos e significantes estrutura uma realidade na qual só é reconhecido e reverenciado como homem – detentor dessa ideia quase mítica de masculinidade – aquele que segue o perfil ou que mais se aproxima do padrão que esta masculinidade estabelece. No mercado das masculinidades, quanto mais próximo da masculinidade hegemônica, mais valorizado. O que também é uma realidade para as homossexualidades.

> A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 31).

Desse modo, o que se vivencia é uma masculinidade hegemônica que determina padrões muito fechados do "ser homem" e tais padrões passam não só por condutas dos homens em relação a si mesmos, mas especialmente no desprezo por tudo que faz referência ou contato com o feminino. É exatamente a ideia de uma inferioridade presumida da mulher em relação a todo e qualquer homem – e a própria ideia de masculino enquanto essência – que serve de base para se justificar a conduta perniciosa de homens em relação às mulheres. O homem não violenta, assedia, abusa e estupra por mero desejo ou inclinação sexual. Trata-se de um sentimento, uma certeza que está dentro de uma esfera de direito. Os homens se sentem como sujeitos de direito acerca do corpo da mulher ou de corpos feminilizados. Basta voltarmos ao universo do pornô – como já apresentado nesse trabalho - ou até mesmo a mídia para percebermos a objetificação do corpo da mulher.

Seguimos, portanto, para mais uma das instituições - a última desse debate.

5.14.3 A homofobia.

A homofobia não só manifesta hostilidade em relação à gays ou lésbicas, mas a qualquer indivíduo que não se adapte ao modelo "determinado" pelo sexo biológico, inclusive sendo diversas vezes praticada pelos próprios usuários de sites de HEH, ainda que busquem relações ou encontros com alguém do mesmo sexo. Sua raiz estaria no próprio processo cultural de origem e formação da socialização masculina. Borillo (2010) cita uma pesquisa que mostra a estreita ligação entre a homofobia e a dificuldade que boa parte dos indivíduos do sexo masculino tem de expressar ou estabelecer relações de intimidade. O autor discorre que tal barreira em relação à intimidade encontra origem em outro aspecto da socialização masculina: a competição. "A forte apreensão (...) à demonstração de vulnerabilidade, o controle dos sentimentos e a homofobia constituem os elementos que modelam o jeito de ser homem" (2010, p.58), dessa forma o ódio contra homossexuais aparece com um importante elemento na (auto)construção da masculinidade. O medo de ser considerado "viado" é parte importante na constituição da composição do papel masculino tradicional, sendo que aferir ao outro este título é, em muitas situações considerado extremamente ofensivo. Assim, o processo de tornar-se homem constrói-se em constante oposição ao que é feminino. Como teoriza a filósofa francesa Elisabeth Badinter

> Tradicionalmente, a masculinidade se define mais por evitar alguma coisa (...) do que por desejar alguma coisa. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres (BADINTER, 1993, p.117).

Baseado nessa reflexão, poder-se-ia considerar que o sentimento da homofobia é um mecanismo essencial do caráter masculino, já que recalcaria o medo enrustido do desejo homossexual. A angústia do homem heterossexual de confrontar-se com outro homem efeminado passa pela angústia em relação às características femininas de sua própria personalidade. Personalidade esta que busca sua construção em oposição ao feminino, ou às características do feminino. Borrillo faz também uma análise de como a homofobia permeia o meio homossexual, especialmente no tocante à dicotomia ativo x passivo:

> Nesse sentido, um grande número de homens que assumem um papel ativo na relação sexual com outros homens não se consideram homossexuais; na realidade, em vez do sexo do parceiro, a passividade é que, para eles, determina o pertencimento ao gênero masculino. O fato de ser penetrado, aparece, assim, como o caráter próprio do sexo feminino; essa passividade vivenciada como uma feminização, é suscetível de tornar o sujeito efetivamente homossexual. Em

> compensação, ao adotar o papel ativo, o indivíduo não atraiçoa seu gênero e, por conseguinte, não corre o risco de se tonar "pede[72]". No entanto, é insuficiente ser ativo: ainda é necessário que essa penetração não seja acompanhada de afeto, porque esta atitude poderia colocar em perigo a imagem de sua própria masculinidade. Eis, portanto, por um efeito de denegação, como vários homens, sem deixarem de ter relações homossexuais regulares, podem rejeitar qualquer identidade gay e sentir ódio homofóbico. Tal ódio serve, neste caso, à reestruturação de uma masculinidade frágil que, constantemente, tem necessidade de se afirmar pelo menosprezo do outro-não-viril(...).
> Sexismo e homofobia aparecem, portanto, como as duas faces do mesmo fenômeno social. A homofobia – e, em particular, a masculina – desempenha a função de "policiamento da sexualidade" ao reprimir qualquer comportamento, gesto ou desejo que transborde as fronteiras "impermeáveis" dos sexos (BORRILLO, 2010, p.90)

O preconceito contra a homossexualidade é geralmente desenvolvido durante a infância do indivíduo, sendo especialmente influenciado pela socialização de gênero. De acordo com diversos autores, homens heterossexuais tendem a ser mais preconceituosos contra gays do que mulheres heterossexuais. Uma explicação possível é que na sociedade ocidental existe uma forte correlação entre masculinidade e heterossexualidade, o que faz com que os homens sejam a todo tempo pressionados a rejeitar tudo o que não seja culturalmente definido com masculino. Outro fator gerador do preconceito contra os homossexuais seria o machismo, que na verdade, seria, acima de tudo, uma forma de estabelecimento de hierarquia e manutenção de um *statusquo* sempre a favor do macho. Como define Castañeda (2006):

> O machismo pode ser definido como um conjunto de crenças, atitudes e condutas sobre duas ideias básicas: por um lado a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como toda uma forma de vida baseada nele (CASTAÑEDA, 2006, p.16).

A necessidade de ser aceito pela sociedade faz com que cada vez mais homossexuais masculinos procurem desvencilhar-se de possíveis modelos ou estereótipos do feminino, a fim de serem acolhidos, buscando uma constante construção corporal e postural associada a um modelo másculo e viril, já que tal aparência externa estaria mais bem vinculada ao modelo de masculinidade hegemônica. Criam-se assim vários nichos e segregações dentro da própria comunidade, pois o desejo de parecer forte, másculo e jovem faz com fracos, efeminados e velhos sejam tratados, geralmente, com total desprezo, ocasionando um processo de homofobia dentro do próprio meio (Castañeda, 2007). Reflexo dessa análise são enunciados como os que seguem:

---

[72] *Pédé* é uma palavra francesa – língua original na qual foi escrita o livro – e é abreviatura de *pédéraste*, forma usada para se referir a gays, de forma pejorativa.

> Tenho um temperamento forte e persistente, embora muito desconfiado. Para conquistar a minha confiança é preciso, antes de tudo, demonstrar justiça e honestidade, virtudes que eu valorizo demais. Por outro lado, a minha grande característica é a de resolver as coisas por mim mesmo, sem procurar ajuda dos outros. Meu senso de justiça é muito rígido, bem como minha honestidade. No amor, posso ser sensível e surpreendente, com alguém a quem eu ame de verdade.
> SIM: Homens e machos
> NÃO: Metrossexuais, Efeminados, Gordos, Viciados em drogas e Pessoas com mente "gay"
>
> http://www.manhunt.net/home.php, acesso em junho de 2011

> Busco relacionamento com homem que, apesar de ser sexualmente passivo, não tenha aprendido a falar com a mãe, nem com a "ba", nem com a tia, mas sim com os machos da família. Não curto drogas, nem curto gente que faça uso delas.
>
> http://www.manhunt.net/home.php, acesso em junho de 2011

Em relação ao primeiro, caso, pode-se perceber o uso de palavras com sentido positivo que autopromovem o sujeito e dão a ele características valorizadas como masculinas e de bom caráter: *temperamento forte e persistente, justiça e honestidade, resolver as coisas por mim mesmo, honestidade, sensível, surpreendente*. Por fim, ele arremata seu discurso dividindo-o em dois grandes blocos, promovendo o simulacro do seu outro, daquele que não é semelhante a ele (MAINGUENEAU, 2005). É o reforço da construção de sua imagem através da depreciação da imagem do outro em seu discurso, já que, afinal, a construção da imagem de si passa também pela confrontação com a imagem do outro

No segundo caso, percebe-se claramente a dicotomia entre o masculino (positivo) e feminino (negativo), bem como o atravessamento de uma questão étnica, já que temos presente o termo "ba", referente a mulheres negras que eram babás de crianças brancas abastadas – tanto no período do império como em boa parte do século XX. "Apesar de sexualmente passivo", - e podemos tomar o termo *apesar* como uma ruptura ao que se espera de um homem dentro da masculinidade hegemônica, pois o passivo é o penetrado, o que por vontade abre mão da posição de poder- espera-se que ele seja representante de um modelo de masculinidade socialmente aceito, ou seja, tenha aprendido a falar com os machos da família.

Enfim, não pode deixar de ser mencionado o debate que já vem sendo travado há algum tempo, em especial no universo dos youtubers – precursores e sinalizadores de novas tendências na contemporaneidade – sobre o gay padrão, ou gay padrãozinho: um modelo de homossexual atrelado a uma representação e postura mais próxima a masculinidade hegemônica, que conseguiria assim, maior aceitação e respeito social. Naze (2017) e outros autores já vem promovendo um debate na França, de que essa normalização gay, ou essa necessidade de se encaixar em um modelo padrão ou normal também está atrelada a um forte cunho mercadológico, de acesso a bens e serviços. Como debatemos em vários momentos nas

leituras de mapa, nesse capítulo, se nos detivermos com atenção em relação aos gostos e atividades dos usuários, muitos perfis mencionam os mesmos interesses: viagens, músicas, línguas, cinema, teatro. Inclusive muitos dos perfis tem trechos ou são redigidos completamente em línguas estrangeiras, ou os autores mencionam as línguas que falam. Se atentarmos as fotos (não é este o nosso foco, mas vale mencionar), muitos usuários postam aquelas relacionadas a viagens, geralmente ao exterior. Há, desta forma, como que uma necessidade de homogeneização nas posturas e nos discursos, de pasteurização dos sujeitos.

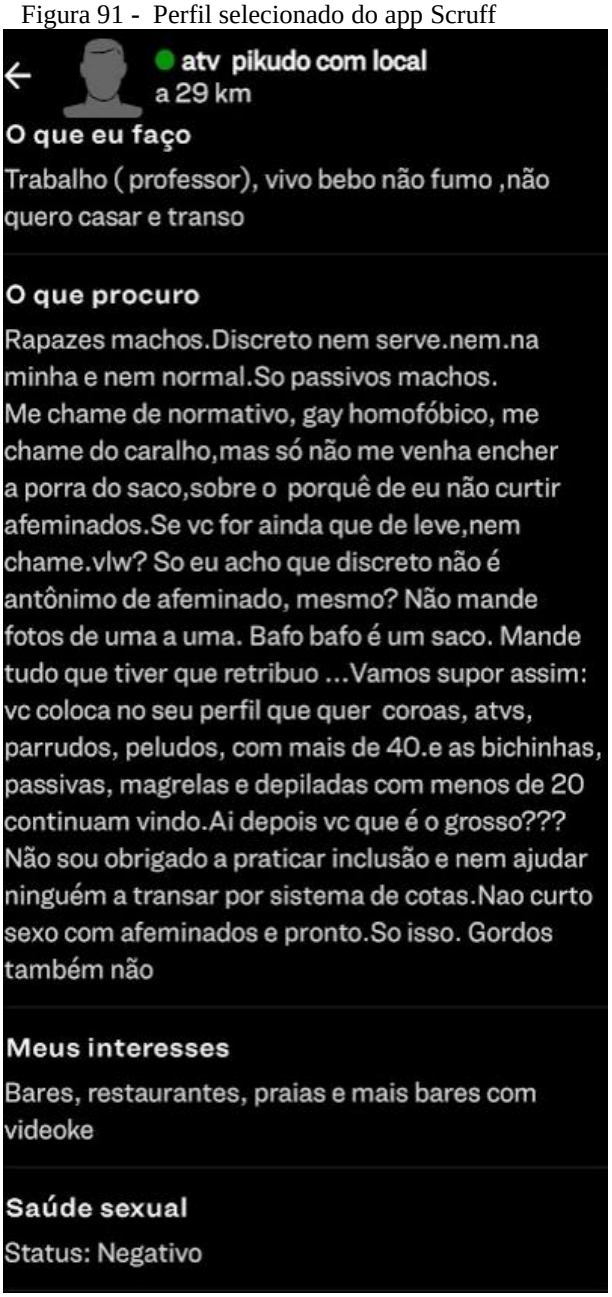
5.15 **Para finalizar sem concluir – Linguagem como intervenção, não apenas representação.**

No intuito de finalizar este capítulo, são necessárias algumas reflexões sobre o processo da linguagem enquanto elemento que não apenas reproduz o mundo – embora em muitos momentos desse texto tenha apresentado essa concepção, de performances de gênero representadas na e pela linguagem. Porém, para além do aspecto representativo, está mais do que claro, em diversas passagens também desse texto, que entendo a linguagem muito mais como processo que intervém no social e no mundo do que apenas o representa.

O que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar, sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

A interação de um indivíduo com o grupo social ao qual pertence ou em que se encontra inserido ocorre a partir do momento em que o mesmo passa a assimilar a cultura desse grupo social. Essa interação é possível, em grande parte pelo processo de se constituir sujeito através da linguagem. Da verbal em especial, mas não apenas ela. Temos uma infinidade de outras linguagens, como a de sinais, a gestual, corporal, além da própria linguagem através de imagens, também presentes nos sites e *apps* através de emojis, por exemplo.

Figura 91 - Perfil selecionado do app Scruff



Fonte: http⁄⁄www.scruff.com. Acesso em: jun. 2021.

Portanto, é preciso pensar a linguagem humana como lugar de interação, de constituição das subjetividades, de representação de papéis e de negociação de sentidos. Desta forma, cada indivíduo, ao utilizar a língua, não apenas diz o que pensa, ou expressa seu gosto, mas também age sobre a sociedade em que vive, em um processo de construção e manutenção do real - ou sua desestabilização, para a elaboração de novos reais. Enunciados como o do sujeito no perfil anterior cristalizam um modo de ser e estar no mundo e corroboram para um sistema que exclui, marginaliza e mata. Ao enunciar “não sou obrigado a praticar inclusão e nem a transar por sistema de cotas” – referência ao sistema de cotas quem inclui negros e

indígenas nas universidades, onde a UERJ foi uma das pioneiras no país – o autor inviabiliza o acesso daqueles que não cisgêneros, não brancos, não pertencentes a determinadas classes sociais, não moradores e frequentadores de certos espaços a possibilidades de afetos, encontros e vivências de suas sexualidades em plenitude.

Maingueneau (2005) propõe que o processo de analisar estes discursos, entendendo os discursos como práticas discursivas, conforme descrito no capítulo 2, não é apenas e tão somente um processo de interpretação, onde teríamos de um lado as palavras e do outro o mundo real. Ao produzirmos um texto, um enunciado escrito, como no caso dos enunciados deste córpus, as palavras são elemento fundamental do processo de construção de mundo e da realidade. Como afirma Rocha (2014):

> Discurso é tudo isso – simultaneamente produção textual e produção de uma comunidade –, então, não é possível supor que ele mantenha uma relação de mera representação com o mundo: o discurso não pode simplesmente representá-lo porque ele não está distanciado do mundo, ou seja, ele também participa desse mundo. Seria, talvez, preferível assumir que a linguagem tem, sim, algum poder de representação, mas o mundo já não coincidiria exatamente com a representação desse mundo por intermédio da linguagem, uma vez que, ao fazer referência a esse mundo, a linguagem congela o tempo, altera distâncias, oferecendo-nos um retrato – sempre parcial – de um dado momento, o retrato de uma realidade passada e/ou de uma nova paisagem que não coincide com as coordenadas geográficas de tudo o que pode ser verificado no "mundo ao vivo". (...) Os enunciados só representam o mundo no sentido de produzirem uma certa versão desse mundo, ou seja, de intervirem nesse mundo (ROCHA, 2014, p.624).

Dessa forma, se tomamos a linguagem como apenas representação, teríamos a realidade só reconhecível porque estabilizada de uma forma passível de ser comunicada, o que causaria um aprisionamento do real, daquilo que pode devir, correspondendo a apenas uma das facetas da linguagem – como as capturas de tela que fiz dos perfis. Um momento estático. Assim, a linguagem como intervenção nos propicia o mesmo poder de falar do mundo, de dizer que nele não encontramos apenas uma realidade em si mesma, mas algo que nos afeta e por meio do qual afetamos, que toca nossos interesses. Nesse movimento instável e transitório, somos convidados a conjugar forças em movimentos de exterioridade e interioridade, sendo muito tênue a linha que separa o dentro e o fora - sendo muitas vezes estas fronteiras difíceis de delimitar (ROCHA, 2006, 2014).

Encerro esse texto, num momento de pura ousadia, propondo que muitas vezes a linguagem também funciona como um momento de manutenção, ou que intervém no sentido de manter. Manutenção do *status quo*, de um modelo de masculinidade que oprime e massifica em nome do poder. Ou, que como no perfil da imagem # 92, divide as pessoas em duas categorias – o nós e o eles. Os discretos e os afeminados, esquecendo-se da riqueza que

há entre esses dois polos. Felizmente linhas de fuga e de escape apresentam outros devires, outras possibilidades de vir a ser.

PALAVRAS FINAIS, MESMO SEM UM FIM – PORQUE OUTROS CAMINHOS PRECISAM SER PERCORRIDOS

Quando chegares, não te esqueças de onde partiste
(Mensagem em um mural no aeroporto de Lisboa, setembro de 2019).

> À linguagem não cabe apenas a condição de representar um social anterior a ela, mas também (ou principalmente) possibilitar a inscrição das subjetividades no mundo (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p.51).

Cena 1 – Confundidos com casal gay, pai e filho são espancados em feira agropecuária no interior de São Paulo. O caso aconteceu em São João da Boa Vista. O pai, de 42 anos e o filho de 18, estavam abraçados, quando foram abordados por um grupo. Um dos suspeitos foi preso, confirmou a participação no ato, e alegou que ela ocorreu por achar que eles eram um casal gay. O agressor foi libertado poucas horas depois. O pai teve parte da orelha decepada a mordidas. O filho sofreu ferimentos leves[73]. O fato se deu em julho de 2011.

Cena 2 – Uma mulher trans e o namorado são agredidos e alvo de ofensas transfóbicas em um show da Expoagro, em Franca, SP. Em vídeo publicado pelo portal G1 é possível ver dois homens brigando no chão e a mulher tentando separá-los. Em seguida chega um homem e desfere um soco no rosto da mulher. Ao tentar ser impedido, por estar batendo em uma mulher, o agressor revida: Não, é travesti! Tem que apanhar! No momento em que perceberam que a agredida era uma travesti, deixaram a briga continuar[74].

É amplamente divulgado por várias ONGs, institutos e agências de notícias que o Brasil é um dos países que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIA+ no mundo, se sendo o primeiro no assassinato de travestis e trans, conforme relatório da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais (ILGA), publicado em 2021. O Brasil, que já foi referência internacional pela criação do Programa Brasil sem Homofobia em 2003, o primeiro programa de governo de políticas públicas para a população LGBTQIA+, continua sendo o país campeão no ranking de assassinatos contra a comunidade LGBTQIA+, de acordo com dados da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais).Em 2020, segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB),que há 41 anos divulga o Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBTI no Brasil. 237 pessoas, dentre lésbicas, gays,

[73]Segundo o portal UOL (https://noticias.uol.com.br/cotidiano/) pai e filho foram abordados por 7 homens. Segundo o G1, foram atacados por 20 pessoas (https://g1.globo.com/brasil/noticia/). Acessos em maio de 2022.
[74]https://g1.globo.com/brasil/noticia/, acesso em maio de 2022.

bissexuais, travestis e transexuais tiveram morte violenta relacionada à sua orientação sexual ou identidade de gênero: 224 homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%)[75].

É inegável o fato de que somos atravessados pela história, pelas ideologias, pelas instituições e pelos enunciados. Suas marcas estão nas relações, no que consumimos, no que vestimos (afinal, meninas vestem rosa e meninos vestem azul!) e nos parceiros que buscamos. As cartas enviadas para os correios sentimentais dos jornais ou revistas, cujas respostas eram esperadas com ansiedade nas caixas postais indicadas, deram origem ao mIRC, ICQ e as salas de bate-papo, sem deixar de mencionar os tele amizade. O advento da internet, a grande rede global que com seus algoritmos tudo vê e controla, como o Grande Irmão de George Orwell, fez com que hoje todos fôssemos produtores de conteúdo. Graças à web 3.0, todo o conhecimento produzido em rede se dá de forma inteligente e direcionada ao usuário, criando para cada sujeito uma experiência diferenciada. Afinal, nesse início do século XXI o foco está no EU, ou no SELF.A busca por aplauso, curtidas e a exibição de si também está presente nos perfis destes homens que buscam encontros com outros homens – já que nem todos se consideram gays. A construção de um etos o mais próximo possível da masculinidade tão ardentemente desejada, a masculinidade hegemônica, estabelece um mercado onde o capital é medido por *likes*, *woofs* ou *taps*, e onde alguns aplicativos estabelecem rankings dos usuários mais desejados, fazendo desses homens verdadeiros astros de uma constelação efêmera e te avisando, caso você não acesse o seu perfil com frequência. Afinal, quem acessa assiduamente é mais visualizado e perfis com fotos tem 10 vezes mais chances de serem vistos, como apregoa um famoso site de encontros.

Não desempenhar uma performance considerada masculina, desde em relação ao gestual, timbre de voz ou postura de um modo geral, é estar condenado ao ostracismo e à exclusão. Não à toa, temos cada vez mais nos enunciados dos perfis os homens "posturados", considerados assim por terem postura de "homem normal", ou comportamento de macho. Afinal, como afirmam muitos dos usuários desses espaços, "sou macho e busco um igual".

Tal busca está para além da questão dos gostos pessoais, mas atrelada ao que a sociedade capitalista dita e cultual como modelo a ser seguido de masculinidade. Não basta apenas ser masculino, é necessário ser culto e viajado. É necessário frequentar teatros, cinemas, falar língua e fazer viagens internacionais. É fundamental curtir a vida, vivê-la com intensidade. Se negro, é importante que seja ativo, comedor e que tenha órgão sexual considerado grande, afinal, o estereótipo animalesco e bestial precisa ser mantido, ideário que

---

https://www.anf.org.br/; https://catracalivre.com.br/, acessos em maio de 2022.

vem desde o período escravocrata. Se for gordo, deve sê-lo dentro de um determinado perfil, já que o universo gay não é para todo o tipo de gordo. Como escreveu um usuário no site dos ursos, teoricamente voltado para gordos ou aqueles que gostam de gordos, "Não curto URSATI (urso + travesti) nem pintosa peluda. Morei nos EUA, sei muito bem a definição de URSO"[76].

O corpo também é um item valorizado no universo dos encontros intermediados pela web. Em um processo que inicialmente buscava fugir das imagens de corpos esquálidos que surgiram com o advento da AIDS -o câncer gay, castigo por nossas práticas imorais e não reprodutivas–a busca por um corpo saudável, para além da saúde, buscou a dissociação da doença, e, por conseguinte, de levantar a suspeita de ser homossexual. No processo de afastar o máximo possível a possibilidade de ser associado a alguém que tem desejo pelo mesmo sexo, e inseridos em uma cultura altamente narcisista e midiática, percebe-se que não basta ter qualquer tipo de corpo: esse corpo deve ser sarado/malhado/atlético, deve ser exercitado constantemente em seus momentos de lazer (é bem comum lermos de usuários que, respondendo ao que mais gostam de fazer, não hesitam em escrever: treinar!), deve transitar entre as academias mais badaladas e postar, nas redes sociais, a foto do treino pago, preferencialmente com uma camiseta bem colada aos músculos, o que garante grande valorização no mercado dos encontros.

Assim, os usuários desses perfis estão sempre se esforçando para manter as performances de gênero esperadas em relação àqueles que tem pênis: não ter contato muito íntimo ou próximo com outros homens, estar sempre pronto para assediar as mulheres e não demonstrar qualquer sinal de afeminação. Schechner (2013) declara que nossa vida diária é constituída por anos de treino e prática, onde aprendemos como nos comportar. Para sermos e estarmos no mundo, repetimos comportamentos oriundos das mais variadas fontes, e entremeados pela cultura. As várias atividades que exercemos, públicas e privadas, são performadas. Ainda que em um primeiro momento pareçam inéditas, elas vêm de algum lugar, de experiências previamente vivenciadas. Aprendemos, pela cultura, pelo convívio social e pelas instituições que determinados comportamentos são considerados masculinos, coisa de homem, e outros não.

O elemento chave para a elaboração desse mapeamento das masculinidades e homossexualidades presentes nos perfis dos usuários é o discurso, embora o conceito de discurso tenha um espectro bastante amplo. Não é possível colocá-lo em uma camisa de força

[76] www.bea.rs.com, acesso em maio de 2022.

acadêmica nem, em relação a esse trabalho, considerá-lo de forma generalizante, já que o sema discurso tem uma gama de significados. Necessário se faz, portanto, se filiar a uma corrente, e, no caso dessa tese, aos conceitos de Dominique Maingueneau, conforme apresentados em diversas de suas obras. Comecei assim por explicar, inicialmente, o que não é discurso, já que é muito comum tomarmos texto, ou frase ou fala como sinônimo de discurso e não foi essa a abordagem com a qual trabalhei. Buscando nas fontes de Foucault e Pêcheux, o autor considera que outros aspectos influenciam o discurso além da relação entre a língua e a história. Na obra Gênese dos discursos, ele propõe o tratamento do discurso a partir de uma Semântica Global, onde reformula conceitos como o de etos e busca enfoque na compreensão das práticas intersemióticas, em especial na leitura do Outro na forma de simulacro. Para além, o autor implementa um conceito importante para analistas do discurso: antes dele, está o interdiscurso.

Assim, no espaço de troca entre os vários discursos, afirmo, em acordo com Maingueneau, que os discursos não nascem independentes uns dos outros e em seguida são comparados e analisados, mas se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso, num espaço de trocas, não fechado. Assim, o interdiscurso tornou-se espaço privilegiado de investigação, sendo o discurso construído na sua relação com o outro e com as instituições, o que se mostrou um caminho possível no mapeamento de percursos possíveis para a busca de respostas às perguntas apresentadas na introdução desse texto.

Em diversos momentos de sua obra, o autor prefere usar o termo prática discursiva com o intuito de fugir de conceitos e termos rígidos como o discurso religioso ou o discurso político. Maingueneau defende que, para além do discurso de X ou Y, estão em cena as instituições e as coerções produzidas nos entrelugares. Com o apoio de nosso grupo de pesquisa, procurei promover a ideia do discurso como construção coletiva, construído a partir do diálogo com muitas vozes.

Assim, posso dizer que desenvolvi essa tese aliado ao conceito de prática discursiva enunciativa, entendendo que meu objeto de análise encontrou seu foco inicial nos enunciados dos usuários de *sites* e *apps*.

Um fio condutor deveria unir todos esses conceitos, oriundos dos mais diversos campos do conhecimento, no intuito de produzir conhecimento e informação. Foi assim que me apropriei da cartografia, como elemento de afeto e capaz de significar minha pesquisa (ROLNIK, 2016). Diferentemente do processo geográfico, mas, de certa forma, mantendo certo diálogo com ele – afinal, falamos de mapeamento de territórios –esse movimento se

preocupa com os rastros deixados por quem pesquisa, ao constituir seu córpus e pelos afetos estabelecidos: tanto da pessoa que pesquisa emrelação a seu objeto como vice-versa.

O ato de cartografar, de avançar com uma pesquisa, se dá, em grande parte, por um contínuo de produção e agenciamento de sentidos. Envolve forte processo de subjetivação e as relações de quem mapeia com o seu entorno político, social, cultural e econômico. Afinal, o ato de pesquisar não se dá de forma isolada. Está inserido em um movimento que parte do micro para o macro.

Partindo do conceito de Rizoma, conforme proposto por Deleuze e Guattari (2011), entendo que, como um rizoma segue em direções diversas, em busca da terra mais fértil e dos melhores nutrientes, assim também se dá com a pesquisa, que não é unilateral nem segue uma lógica binária. Ela se ramifica por muitos caminhos, dialogando com áreas do conhecimento diversas e propiciando encontros múltiplos e inesperados.

O rizoma tem como características ser não linear, múltiplo, espalhado, proliferando em várias direções, sem centro, margens ou limites. Deleuze chama isso de horizontalidade do pensamento. Destarte, Deleuze e Guattari argumentam que não há distinção entre o individual e o coletivo. Inicialmente, o indivíduo sempre esteve associado ao desejo e o coletivo à lei. Deleuze e Guattari, em oposição, propõem um desejo social, ou o desejo enquanto construção social. Isto sugere que o desejo está sempre em movimento, sempre constituído por diferentes elementos e sentidos.

Nesse percurso de rizomas e mapeamentos, práticas discursivas e performances das masculinidades, corpos e evolução da web, mapeei 9movimentos que considerei relevantes nos enunciados dos usuários de espaços de homens que buscam encontros com homens nos sites e aplicativos de encontros. Já admito que essas possibilidades interdiscursivas e mapeamentos cartográficos partem da minha leitura e do arcabouço teórico por mim constituído neste movimento. Outras⁄os pesquisadores encontrarão e farão outros mapeamentos e outras leituras.

Concluo, portanto, afirmando que os enunciados cartografados nos sites e apps reverberam, majoritariamente, mas não unicamente, para três instituições fortemente arraigadas na nossa cultura. Não são instituições físicas, mas tem um poder muitas vezes maior que grandes conglomerados, agarrando, com seus tentáculos, nosso modo de ser, de estar e de viver. São elas: o patriarcado, o machismo e a homofobia.

É a força e o controle destas instituições que tão fortemente determina que corpos feminilizados sejam subjugados, que gays criem guetos dentro de guetos, já que se é julgado fora e dentro da comunidade – sim, o meio gay é um meio hostil! – e que promove cenas onde

um pai e filhos são espancados por estarem abraçados em um show e serem confundidos com um casal gay, ou um casal é agredido em outro show, por ser formado por um homem cis e uma mulher trans. São essas as instituições que fazem com muitos progenitores afirmem que preferem um filho morto a um filho gay, que humilham e expulsam seus filhos e filhas de casa, que se lamentam pelo que outros membros da família e os vizinhos e conhecidos irão dizer.

São essas as instituições que ferem e que matam, fazendo de nós um dos campeões de mortes da população LGBTQIA+ no mundo e que, no Brasil, dá permissão a líderes religiosos de julgar e nos condenar nos púlpitos de suas igrejas, de apresentadores de programas de baixo escalão nos comparar a bandidos e do presidente eleito da República de fazer chacota com a nossa orientação e nosso desejo.

Ainda há um longo caminho a ser percorrido, e, infelizmente, muitos ainda reverberam os enunciados destas instituições sob o manto do "nada contra, é só questão de gosto mesmo". Esse trabalho é apenas e tão somente uma possibilidade de refletirmos um pouco sobre o fato de que os enunciados não vêm de nós, mas encontram ecos em nós. Ecos que segregam , que desqualificam e que matam! E, para além, pelo direito de existir de bichas como aquela descrita na abertura desse trabalho, daquela que comprava a revista G Magazine, H Magazine ou outras sonhando com o boy da capa, daquela que quer performar de maneira cisheteronormativa, da bicha Barbie, mas também daquela que mora na periferia, da bicha negra ou gorda, das ativas, das passivas, das versáteis e das assexuadas, das afeminadas e das não-bináries.

Porque para que existíssemos hoje e para que um trabalho como esse pudesse ser apresentado ao meio acadêmico, muitas⁄os⁄es sofreram perseguição, apanharam, perderam casa, família e trabalho. Muitos perderam a vida. Ainda hoje temos um chefe do executivo e membros nas câmaras legislativas e no senado que fazem chacota de nós, além de líderes religiosos que, protegidos por seus púlpitos e em nome de um deus que não reconheço, nos condenam ao inferno. Se essa pesquisa servir como um ponto de reflexão e de transformação positiva para a comunidade LGBTQIA+, como possibilidade de promover o debate, de mostrar caminhos, cartografias e leituras outras sobre nossas vivências, terá cumprido o seu propósito.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. *Caio 3D*: O essencial da década de 1970. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ALEXANDER, Bryant Keith. *Performing Black masculinity:* race, culture, and queer identity. Lanham, MD. Alta Mira Press, 2006

ANDRÊO, Caio; PERES, William Siqueira; TOKUDA, André Masao; SOUZA, Leonardo Lemos de. Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. *Estudos e Pesquisas em Psicologia,* Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 46-67, 2016.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1996.

ARRUDA, João. Saiba o que é uma mulher posturada, a nova aposta do cantor Lukinhas. *Extra*, 13 de fev. de 2022. Disponível em: https://extra.globo.com/tv-e-lazer/papo-reto/. Acesso em junho de 2022

AUSTIN. John L. *How to do things with words.* Eastford, CT: Martino Fine Books, 2018 [1962].

AZNAVOUR, Charles. Comme ils disent: *On se reveillera* [1972]. Disponível em: https://www.letras.mus.br/charles-aznavour/62359/traducao.html. Acesso em: dez. 2018.

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BADINTER. Elisabeth. *XY*: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAYM, Nancy. *Personal connections in the digital age.* Malden: Polity Press, 2010.

BEARS. *Bears*, 2009. O seu ponto de encontro. Disponível em: https://pt-br.bea.rs. Acesso em: jun. 2022

BEAUMONT-THOMAS, Ben; BROWN, Mark. Abba reunite for Voyage, first new album in 40 years. *The Guardian*, Londres, 3 set. 2021. Disponível em: https://www.theguardian.com/music/. Acesso em: 17 set. 2021.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980

BERNERS-LEE, Tim; HENDLER, James; LASSILA, Ora. The semantic web. a new form of web content that is meaningful to computers will unleash a revolution of new possibilities. *Scientific American*, v. 284, p. 1-5, 2001.

BONFANTE, Gleiton Matheus. *Erótica dos Signos nos Aplicativos de Pegação*: processos multissemióticos em performances íntimo espetaculares de si. 2015. 220 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2015.

BONNAFOUS, Simone; KRIEG-PLANQUE Alice (2013). L'analyse du discours. *In:* OLIVESI, Stéphane. *Sciences de l'information et de la communication*: objets, savoirs, discipline. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, coll. La communication en plus, 2013. 302 p. p. 223-238.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2010.

BOYD, danah m.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Oxford, v 13, n. 1, p. 210–230, Oct. 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x. Acesso em: nov. 2021.

BOYD, danah m. Facebook's Privacy Trainwreck: Exposure, Invasion, and Social Convergence. *Convergence*: The International Journal of Researchinto New Media Technologies, London, Sage, v. 4, n. 1, p. 13-21, 2008a. Disponível em: http://www.danah.org/papers/FacebookPrivacyTrainwreck.pdf. Acesso em: nov. 2021.

BOYD, danah m. Why youth (heart) social network sites: the role of networked publics in teenage social life. *In:* BUCKINGHAM, David (ed.). *MacArthur Foundation Series on Digital Learning* – youth, identity, and digital media volume. Cambridge, MA: MIT Press, 2008b.

BRASIL. Presidência da República. *Secretaria-Geral*. Brasília, DF, 2014. Disponível em: planat/. Acesso em: jan. 2022.

BUTLER, Judith. *Excitable speech:* a politcs of the performatives. New York: Routledge, 1997.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do sexo . *In:* LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2007. p. 151- 172.

CARLSON, Marvin. *Performance*: uma introdução crítica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

CARMO JR., Wilson do. *Dimensões filosóficas da educação física*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2005.

CARRARA, Sérgio et al. *Curso de especialização em gênero e sexualidade*. Rio de Janeiro: Brasília: CEPESC; Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. v. 3.

CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia. *Educação física e Ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.

CASSIDY, Elija. *Gay men, social media and self-presentation*: managing identities in gaydar, facebook and beyond. PhD in Philosophy. [*S.l.*]: Queensland University of Technology, 2013.

CASTAÑEDA, Marina. *O machismo invisível*. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CASTAÑEDA, Marina. *A experiência homossexual*: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2011. v.1

COLETTO, Luiz Henrique. Sobre gostos e afeminações. *Revista o Viés*, 2009-2016. Disponível em: <https://www.revistaovies.com/2014/02/10/sobre-gostos-e-afeminacoes/>. Acesso em: jun. 2022.

CONNELL, Richard. *Masculinities***.** Berkeley, Califórnia: California University Press, 2005. 2nd ed.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 424, jan./abr. 2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero*: uma perspectiva global. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015

CONNELL, Raewyn. Gênero em termos reais. São Paulo: nVersos, 2016.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1992

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014.

DANET, Brenda; RUEDENBERG-WRIGHT, Lucia; ROSENBAUM-TAMARI, Yehudit. "Hmmm...Where's that smoke coming from?" Writing, play and performance on Internet Relay Chat. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Oxford, v. 2, n. 4, 1997. Disponivel em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00195.x. Acesso em: nov. 2021.

DAOLIO, Jocimar. *A cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Féllix. *Mil platôs* - capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de janeiro : Ed. 34, 1995. v. 1.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio; ARANTES, Poliana Coeli Costa. Do ’ethos’ ao etos: um conceito sem ’H’ e sem determinantes. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 61, p. 1–17, 2019.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *Análise cartográfica do discurso*: temas em construção. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2021.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. *Nas redes do sexo*: os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DISPONÍVEL. Disponível, 2008. Site de relacionamentos. Disponível em: https://www.disponivel.com. Acesso em jun. 2018.

DISQUE AMIZADE. *Facebook*, 2004. Rede social. Disponível em: https://www.facebook.com/. Acesso em: out. 2021.

DUBY, Georges. *A Idade Média na França*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

ESCOBAR, Arturo 1994. *Welcome to Cyberia*: notes on the anthropology of cyberculture. *Current Anthropology*, Chicago, v 35, p. 211-231, 1994.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo. 9. ed. Loyola, 2003a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: A vontade de saber. São Paulo. 15. ed. Edições Graal, 2003b.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOX, Chris. 10 years of Grind: A rocky relationship. *BBC*: Londres. 25 de março de 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/news/technology-47668951. Acesso em: jul. 2019.

FRY, Peter. *Para inglês ver*: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FURTADO, Rafael Nogueira; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 16, n. 3, p. 34-44, dez. 2016.

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo*: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Trad. Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. (Coleção Sexualidade, gênero e sociedade).

GALLO, Sílvio (org.). *Ética e cidadania:* caminhos da Filosofia. Campinas: Papirus, 1997.

GOLDENBERG, Miriam (org.) *Nu & vestido*: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da arte.* Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir, corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.

GRINDR. *Grindr*, 2010. Aplicativo de relacionamento. Disponível em: https:// www.grindr.com. Acesso em 2018-2022.

GUATARI, Felix. *Caosmose*: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALL, Rachel. Abba singles race to top of streaming charts in comeback triumph. *The Guardian*. Londres, 3 set. 2021. Disponível em: https://www.theguardian.com/music. Acesso em: 17 set. 2021.

HAYTHORNTHWAITE, Caroline. Strong, weak, and latent ties and the impact of new media. *The Information Society*, Liverpool, v.18, p. 385-401, 2002.

HELLER, H. *Urso gay*: quem são esses homens peludos, sensuais e fofos. Chilliwiki, 2015. Disponível em: https://www.chilliwiki.com.br/urso-gay-bear/. Acesso em: jun. 2022.

HEROLD, Carlos Junior. Do corpo treinado pela necessidade à necessidade do treino: uma análise histórica do corpo no processo de construção da antiga sociedade grega. *Revista da Educação Física*, Maringá, v.8, 1997.

HETEROG0Y. *Heterog0y.* Sâo Paulo, 2018. Disponível em: https://heterogoy.webnode.com/sera-que-sou-um-g0y-/. Acesso em: 24 jun. 2019.

HOBSBAWM, Eric J. *A era do capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOCQUENGHEM, Guy. *O desejo homossexual*. Rio de Janeiro: A Bolha, 2020.

HOOKS, Bell. *Olhares negros*: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Versão Kindle.

INDURSKY, Freda. As determinações da prática discursiva da escrita. *Revista Desenredo*, v. 12, n. 1, 22 set. 2016.

JAGOSE, Annamarie. *Queer theory* – an introduction. New York: New York University Press, 1996.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *In:* HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses:* o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEVY, Teresa. Crueldade e crueza do binarismo. *In:* CASCAIS, António Fernando. *Indisciplinar a teoria*: estudos gays, lésbicos e queer. Lisboa: Fenda edições, 2004.

LOURAU, René. Implicação: um novo paradigma? *In*: ALTOÉ, S. (org.), *René Lourau:* analista institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUGARINHO, Mário César. Crítica literária e os estudos gays e lésbicos: uma introdução a um problema. *In*: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (org.). *A escrita de adé*: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil. São Paulo: Xamã: NCC/SUNY, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. Formações discursivas, unidades tópicas e não-tópicas. *In:* BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do discurso*: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. *In:* MOTTA, A. R.; SALGADO, L. S. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008:11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. *In:* AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018: 69-92.

MANHUNT. *Manhunt*, 2011. Site de relacionamento. Disponível em : http://www.manhunt.net/home.php. Acesso em jul. 2011.

MENEZES, Thatiana Muylaert Siqueira. *Parece piada, mas não é*: análise cartográfica dos discursos em memes políticos na cena política brasileira. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MESSNER, Steven. A briefy history of MMO games. *PC Gamer*. Nova York, 28 jul. 2017. Disponível em: https://www.pcgamer.com/. Acesso em: set. 2021.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado - Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Revista Gênero,* Niterói, v.2, n. 9, p. 171-190, 1 sem. 2009.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas,* Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, abr. 2013.

MISKOLCI, Richard. "Discreto e fora do meio" - Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, Campinas , n. 44,p. 61-90, jun. 2015.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais*: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MOREIRA, Wagner Wey. *Século XXI:* a era do corpo ativo. São Paulo: Moderna, 2006.

MURNEN Sarah K.; DON, Brian P. Body image and gender roles. *In:* CASH, Thomas F., editor. *Encyclopedia of Body Image and Human Appearance*. San Diego: Academic Press; 2012. v. 1, p. 128–134.

NATIONS, Daniel. *What does Web 2.0 even means?* What Is Web 2.0 and How Has It Changed the Internet? Disponível em: https://lifewire.com. Acesso em: set. 2021.

NAZE, Alain. *Manifeste contre la normalisation gay*. Paris: La fabrique, 2017.

NEVES, Fernanda Pereira. Alagoano, adotado e rei do Instagram: Quem é Carlinhos Maia, brasileiro mais visto no Stories. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 4 de ago de 2018. Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/. Acesso em: 27 abr. 2019.

NOGUEIRA, Gilmaro. *Caças e pegações online*: Subversões e reiterações de gêneros e sexualidades. 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade:* do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

OLIVEIRA, Ana. Ficções porno-políticas do corpo (a partir) de Preciado. *Revista Estudos Feministas,* Florianópolis, v. 28, n. 3, 2020.

PARREIRAS, Carolina. *Sexualidades no ponto.com*: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. 2008. 209 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PATTON, Michael Quinn. *Qualitative evaluation and research methods*. 2nd ed. Newbury Park, CA: Sage, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. *In:* ACHARD, Pierre *et al*. *Papel da memória*. Tradução: José Horta Nunes. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PELÚCIO, Larissa. O amor em tempo de aplicativos: notas afetivas e metodológicas sobre pesquisas com mídias digitais. *In*: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago (org.). *No emaranhado da rede*: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume, 2015. p. 81–108.

PELÚCIO, Larissa. *Amor em tempos de aplicativos*: masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo. São Paulo: Annablume, 2019.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbaroi*, Santa Cruz do Sul , n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2022.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Revista Estudos Feministas,* Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

ROCHA, Décio. Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem. *Gragoatá*, Niterói, v. 21, p. 355-372, 2006.

ROCHA, Décio. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 619-632, set./dez. 2014.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia, ciência e profissão*, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

RODRIGUES, Alexsandro; MONZELI, Gustavo Artur; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da S. (org.). *A política no corpo*: gêneros e sexualidade em disputa. Vitória: EDUFES, 2016.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora UFGRS, 2016.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. *In:* NARDI, P. M.; SCHNEIDER, B.E. (ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies:* a reader. New York: Routledge, 1998.

RUIC, Gabriela. *Scruff, app de paquera para o público gay, chega ao Brasil.* Disponível em: https://exame.abril.com.br/tecnologia/scruff-app-de-paquera-para-o-publico-gay-chega-ao-brasil/. Acesso em: jul. 2019.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*.Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTIN, Silvino. *Uma abordagem filosófica da corporeidade*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

SCHECHNER, Richard. *Performance studies*: an introduction. 3rd ed. London: New York: Routlegde, 2013.

SCRUFF. *Scruff*, 2010. Aplicativo de relacionamento. Disponível em: https://www.scruff.com/. Acesso em: 2018–2022.

SEDWICK, Eve Kosofsky. *Epistemologyofthe closet*. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2008.

SIBILIA, Paula. *O show do eu*: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Ana Márcia. O corpo do mundo: algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual. *In:* GRANDO, José Carlos (org.). *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. *O corpo nu e as representações sociais do masculino*. São Paulo: Annablume, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SILVA. Luiz Felipe Andrade. *Cartografias da normalização*: discursos da heterossexualidade masculina. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. De sodomita a homoerótico: as várias representações para as relações entre iguais. *Revista Morpheus* – Estudos Interdisciplinares em Memória Social, [*S.l.*], v. 4, n. 7, mar. 2005. ISSN 1676-2924. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4758. Acesso em: 15 jan. 2019.

SIMÕES JR., Almerindo Cardoso. *E havia um lampião na esquina*: memória(s), identidade(s) e discurso(s) homossexual(ais) no Brasil do fim da ditadura – 1978/1980. 2006. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2006.

SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. Análise do discurso e Teoria Queer - dos diálogos possíveis ao lugar do outro. *In:* SEMINÁRIO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 3., 2008,

Uberlândia. *Análise do discurso*: sujeito e subjetividade. Uberlândia: Ileel UFU, 2008. p. 28-38.

SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. ...*E havia um lampião na esquina* – Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980). Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. Desconstruindo o discurso: encontros entre análise do discurso e teoria queer. *In:* LUGARINHO, Mario Cesar. (org.). *Do inefável ao afável*: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer. 1ed.Manaus: UEA, 2012, v. 1, p. 125-140.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco*: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. King kong (o rei do congo): representações e estereótipos sobre os homens negros. *In:* COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE HOMENS E MASCULINIDADES, 6, 2017, Recife. *Anais...* [Recife: *s.n.*, 2017]. Disponível em: www.masculinidades.org. Acesso em: maio 2022.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne*: o público e o privado na enunciação da sexualidade. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. *Revista Antropolítica*, n.34, p. 35-52, 2013.

SOUZA-E-SILVA, Cecília ; ROCHA, Décio. Enunciação em processo: dispositivos para a produção de uma memória discursiva. *Desenredo* (PPGL/UPF) , v. 8, p. 30-48, 2012.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília; ROCHA, Décio. Resenha de gênese dos discursos, de Dominique Maingueneau. *ReVEL*, v. 7, n. 13, 2009. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: jun. 2019.

STEARNS, Peter. *História das relações de gênero*. São Paulo: Contexto, 2007.

SVENINGSSON ELM, Malin. How do various notions of privacy influence decisions in qualitative internet research? *In:* BAYM, Nancy; MARKHAM, Annette (ed.). *Internet inquiry*: conversations about method. New York: Sage, 2009. p. 127-171.

TREPTE, Sabine; REINECKE, Leornard. (ed.). *Perspectives on privacy and self disclosure in the social web*. Berlin: Springer, 2011.

ZAGO, Luiz Felipe. *Masculinidades disponíveis.com*: sobre como dizer-se homem gay na internet. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.